



Estudo e Prática da
MEDIUNIDADE

PROGRAMA I



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



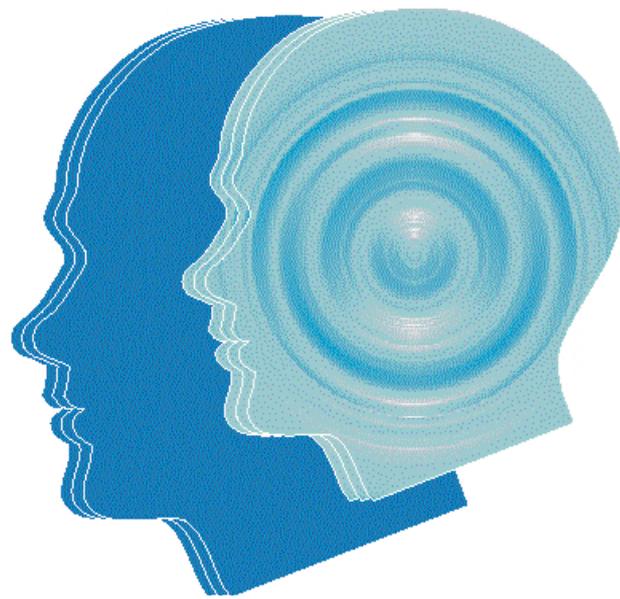
www.ebookespírita.org

Federação Espírita Brasileira

Estudo e Prática da MEDIUNIDADE

Estudo e Prática da M ediunidade

PROGRAMA I



Federação Espírita Brasileira

CATALOGAÇÃO DE APOSTILAS

Curso de Estudo e Prática da Mediunidade. Programa I.
4ª Tiragem Revisada. 27ª Tiragem. Brasília [DF]: Federa-
ção Espírita Brasileira, janeiro de 2010.

38.500 a 39.500 exemplares

Apresentação

Em março de 1998, atendendo a inúmeras solicitações de companheiros espíritas, colocamos à disposição do Movimento Espírita o Programa I do Curso de Mediunidade.

Elaboramos uma segunda edição em julho de 2001, substancialmente revisada, editada três anos após a primeira publicação.

Apresentamos, agora, aos espíritas, em geral, e aos estudiosos da mediunidade, em particular, a terceira edição do Programa I do Curso, utilizando nova denominação – *Estudo e Prática da Mediunidade*. Os seus conteúdos programáticos foram revisados e mais bem adequados à realidade cotidiana das atividades da Casa Espírita.

Nesta terceira edição destacamos os fundamentos – citados nos pontos abaixo relacionados – necessários ao desenvolvimento, sério e responsável do estudo e prática da mediunidade nas nossas instituições espíritas:

- a excelência do pensamento de Allan Kardec, evidenciado nas obras da Codificação Espírita e nas suplementares a estas, de autoria de Espíritos fiéis às orientações do Espiritismo;

- a necessidade do aprimoramento da conduta espírita, tendo como base a ética e a moral do Evangelho de Jesus;

- a importância de se resgatarem os conceitos de médium e de mediunidade, existentes em *O Livro dos Médiuns*, capítulo XIV, item 159: – *Todo aquele que sente num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo*. A correta compreensão deste ensinamento evita o encaminhamento de pessoas despreparadas aos grupos mediúnicos ou sem sintonia com as atividades aí desenvolvidas.

Brasília (DF), 4 de julho de 2005

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO - ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE - PROGRAMA I

MÓDULO INTRODUTÓRIO: PONTOS PRINCIPAIS DA DOCTRINA ESPÍRITA

Fundamentação Espírita

1. Conceito e objeto da Doutrina Espírita
2. O tríplice aspecto da Doutrina Espírita
3. Pontos principais da Doutrina Espírita
4. A perfeição moral

Atividade Complementar

- Resumo informativo de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, parte primeira e parte segunda. Edição FEB.
- Veja nas **Considerações Gerais**, 3ª parte, as orientações referentes à elaboração e apresentação de resumo informativo.

Culminância do Módulo

- Conduta Espírita: Princípios doutrinários espíritas
- Veja nas **Considerações Gerais**, as orientações referentes à aplicação dos exercícios de culminância.

Módulo n.º 1: INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA MEDIUNIDADE

Fundamentação Espírita

1. Espírito, matéria e fluidos
2. Perispírito e princípio vital
3. O passe espírita
4. A prece: importância, benefícios e a maneira correta de orar
5. A faculdade mediúnica: conceito e classificação da mediunidade
6. Fenômenos de emancipação da alma.

Prática

- Exercícios sobre prece.
- Veja, no anexo do Módulo, explicações e exercícios referentes à prece.

Atividade Complementar

- Resumo Informativo de:
 - *A Gênese*, de Allan Kardec, capítulos X e XIV. Edição FEB.
 - *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec, segunda parte, capítulos I a V e VII. Edição FEB.
- Veja nas **Considerações Gerais**, as orientações referentes à elaboração e apresentação de resumo informativo.

Culminância do Módulo

- Conduta Espírita: A formação do médium segundo os parâmetros ditados pelo Espírito de Verdade: *amai-vos e instruí-vos*.
- Veja nas **Considerações Gerais**, as orientações referentes à aplicação dos exercícios de culminância.

Fundamentação Espírita

1. Ecloração da mediunidade
2. O papel da mente e do perispírito nas comunicações mediúnicas
3. Trances psíquicos
4. Concentração mediúnica
5. A influência moral do médium e do meio ambiente nas comunicações mediúnicas
6. Educação e desenvolvimento da faculdade mediúnica

Prática

- Irradiação mental: Conceito e importância.
- Veja, no anexo do Módulo, explicações e exercícios referentes à irradiação mental.

Atividade Complementar

- Resumo Informativo de:
 - *O que é o Espiritismo*, de Allan Kardec, capítulo II, vide pág. 167. Edição FEB.
 - *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec, segunda parte, vide pág. 167, capítulos XIX, XX e XXI. Edição FEB.
- Veja nas **Considerações Gerais**, as orientações referentes à elaboração e apresentação de resumo informativo.

Culminância do Módulo

- Culminância do Módulo: A prática da caridade e do perdão como norma de conduta espírita.
- Veja nas **Considerações Gerais**, as orientações referentes à aplicação dos exercícios de culminância.

Módulo n.º 3: MEDIUNIDADE. OBSESSÃO. DESOBSESSÃO

Fundamentação Espírita

1. As manifestações mediúnicas de efeitos físicos
2. As manifestações mediúnicas de efeitos intelectuais
3. As manifestações mediúnicas de efeitos visuais
4. Obsessão: o obsessor, o obsidiado, o processo obsessivo
5. Obsessão: tipos e graus. Mediunidade e loucura
6. Desobsessão

Prática

- Harmonização psíquica: Importância e meios de auto-conhecimento e equilíbrio espiritual.
- Veja, no anexo do Módulo, explicações e exercícios referentes à harmonização psíquica.

Atividade Complementar

- Resumo Informativo de:
 - *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec, segunda parte, capítulos VI, XIV e XXIII. Edição FEB.
 - *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, capítulos XI, XII e XXVI. Edição FEB.
 - *A Gênese*, de Allan Kardec, capítulo XIV, itens 45 a 49. Edição FEB.
- Veja nas Considerações Gerais, as orientações referentes à elaboração e apresentação de resumo informativo.

Culminância do Módulo

- Conduta Espírita: O exercício gratuito e devotado da mediunidade como instrumento de progresso espiritual.
- Veja nas **Considerações Gerais**, as orientações referentes à aplicação dos exercícios de culminância.

Módulo n.º 4: A VIDA NO MUNDO ESPIRITUAL

Fundamentação Espírita

1. A desencarnação
2. A vida no além-túmulo: os Espíritos errantes
3. As regiões de sofrimento no plano espiritual
4. As comunidades espirituais devotadas ao bem

Prática

- Percepção psíquica: Desenvolvimento de percepções, com vistas à captação de sentimentos, idéias e imagens oriundas do Mundo Espiritual.
- Veja, no anexo do Módulo, explicações e exercícios referentes à percepção psíquica.

Atividade Complementar

- Resumo Informativo de:
 - *O Céu e o Inferno*, de Allan Kardec, capítulos I e II, da primeira parte e o capítulo I, da segunda parte. Edição FEB.
 - *Obreiros da Vida Eterna*, de Francisco Cândido Xavier, pelo Espírito André Luiz. Edição FEB.
 - *Voltei*, de Francisco Cândido Xavier, pelo Espírito Irmão Jacob. Edição FEB.
- Veja nas **Considerações Gerais**, as orientações referentes à elaboração e apresentação de resumo informativo.

Culminância do Módulo

- Conduta Espírita: O médium e a sua reforma moral.
- Veja nas **Considerações Gerais**, as orientações referentes à aplicação dos exercícios de culminância.



CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE O ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE

I. NECESSIDADE DO ESTUDO DA MEDIUNIDADE

As seguintes palavras de Allan Kardec justificam a necessidade de um estudo contínuo e sistematicamente organizado da mediunidade na Casa Espírita: *Todos os dias a experiência nos traz a confirmação de que as dificuldades e os desenganos, com que muitos topam na prática do Espiritismo, se originam da ignorância dos princípios desta ciência [...]. Se bem cada um traga em si o gérmen das qualidades necessárias para se tornar médium, tais qualidades existem em graus muito diferentes e o seu desenvolvimento depende de causas que a ninguém é dado conseguir se verifiquem à vontade. As regras da poesia, da pintura e da música não fazem que se tornem poetas, pintores, ou músicos os que não têm o gênio de alguma dessas artes. Apenas guiam os que as cultivam, no emprego de suas faculdades naturais. O mesmo sucede com o nosso trabalho. Seu objetivo consiste em indicar os meios de desenvolvimento da faculdade mediúnica, tanto quanto o permitam as disposições de cada um, e, sobretudo, dirigir-lhe o emprego de modo útil, quando ela exista. [...] De par com os médiuns propriamente ditos, há, a crescer diariamente, uma multidão de pessoas que se ocupam com as manifestações espíritas. Guiá-las nas suas observações, assinalar-lhes os obstáculos que podem e não de necessariamente encontrar, lidando com uma nova ordem de coisas, iniciá-las na maneira de confabular com os Espíritos, indicar-lhes os meios de conseguirem boas comunicações, tal o círculo que temos de abranger, sob pena de fazermos trabalho incompleto. [...] A essas considerações ainda aditaremos outra, muito importante: a má impressão que produzem nos novatos as experiências levianamente feitas e sem conhecimento de causa, experiências que apresentam o inconveniente de gerar idéias falsas acerca do mundo dos Espíritos e de dar azo à zombaria e a uma crítica quase sempre fundada. De tais reuniões, os incrédulos raramente saem convertidos e dispostos a reconhecer que no Espiritismo haja alguma coisa de sério. Para a opinião errônea de grande número de pessoas, muito mais do que se pensa têm contribuído a ignorância e a leviandade de vários médiuns. Desde alguns anos, o Espiritismo há realizado grandes progressos: imensos, porém, são os que conseguiu realizar, a partir do momento em que tomou rumo filosófico, porque entrou a ser apreciado pela gente instruída. Presentemente, já não é um espetáculo: é uma doutrina de que não mais riem os que zombavam das mesas girantes. Esforçando-nos por levá-lo para esse terreno e por mantê-lo aí, nutrimos a convicção de que lhe granjeamos mais adeptos úteis, do que provocando a torto e a direito manifestações que se prestariam a abusos.¹*

II. CONCEITO, OBJETIVO, PRÉ-REQUISITO E CONSEQÜÊNCIAS DO ESTUDO DA MEDIUNIDADE

O Curso de Estudo e Prática da Mediunidade, realizado na Casa Espírita, é uma reunião privativa que prioriza a participação efetiva dos inscitos, por meio de atividades grupais e plenárias. Tem como objetivo estudar de forma metódica, contínua e séria, a teoria e a prática da mediunidade, à luz da Doutrina Espírita e dos ensinamentos morais do Cristianismo. Os participantes do estudo da mediunidade devem ter concluído o Curso de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita/ESDE, proposta da FEB, ou cursos equivalentes.

O estudo da mediunidade tem, segundo Kardec, as seguintes conseqüências: [...] *provar materialmente a existência do mundo espiritual. Sendo o mundo espiritual formado pelas almas daqueles que viveram, resulta de sua admissão a prova da existência da alma e a sua sobrevivência ao corpo. As almas que se manifestam, nos revelam suas alegrias ou seus sofrimentos, segundo o modo por que empregaram o tempo de vida terrena; nisto temos a prova das penas e recompensas futuras. Descrevendo-nos seu estado e situação, as almas ou Espíritos retificam as idéias falsas que faziam da vida futura [...]. Passando assim a vida futura do estado de teoria vaga e incerta ao de fato conhecido e positivo, aparece a necessidade de trabalhar o mais possível, durante a vida presente [...] em proveito da vida futura [...]. A demonstração da existência do mundo espiritual que nos cerca e de sua ação sobre o mundo corporal, é a revelação de uma das forças da Natureza e, por conseqüência, a chave de grande número de fenômenos até agora incompreendidos, tanto na ordem física quanto na ordem moral.*²

III. ESTRUTURAÇÃO DO CURSO DE ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE NA CASA ESPÍRITA

DA ORGANIZAÇÃO

De acordo com a estrutura administrativa da Casa Espírita, poderá constituir um Departamento, ou um Setor de outro Departamento (comumente do Doutrinário) da Instituição. Em ambos os casos, sua organização segue um esquema administrativo-pedagógico básico.

1. ORGANIZAÇÃO DOUTRINÁRIA E PEDAGÓGICA DO CURSO

O programa doutrinário e pedagógico do Curso é, em geral, definido pela direção do Centro Espírita, ouvindo a coordenação do Curso. Este Programa deve ser, necessariamente, compatível com o objetivo e com as diretrizes da Doutrina Espírita. É importante também a definição de critérios para a avaliação das ações

desenvolvidas no Curso.

2. ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA DO CURSO

- Coordenador geral e coordenador adjunto
- Monitores
- Participantes
- Pessoal de apoio (secretaria, biblioteca etc.)

2.1 Atribuições do Coordenador Geral:

- Administrar as atividades do Departamento ou Setor (supervisão, acompanhamento e avaliação de tarefas).
- Coordenar as reuniões programadas para o Curso delegando-as ao coordenador adjunto, se necessário.
- Elaborar, em conjunto com o coordenador adjunto, o plano anual de atividades, cronologicamente especificadas.
- Acompanhar, em conjunto com o coordenador adjunto, a execução do plano anual de atividades, sugerindo medidas de avaliação e de replanejamento.
- Elaborar relatório anual das atividades do Curso, encaminhando-o à direção da Casa Espírita.
- Constituir o quadro de monitores de acordo com o número de turmas, em trabalho conjunto com o coordenador adjunto.
- Fazer parte de uma reunião mediúnica da Casa Espírita.
- Participar, junto com a equipe que coordena, dos cursos de capacitação doutrinário-pedagógica.

O *Coordenador Adjunto* trabalha em conjunto com o coordenador geral, em regime de parceria, substituindo-o nas suas ausências e impedimentos. Nas casas espíritas onde o Curso possui várias turmas, o coordenador adjunto é substituído por uma equipe ou conselho diretivo.

2.2 Atribuições dos Monitores:

- Executar o plano anual de atividades, com assiduidade e pontualidade, seguindo o programa doutrinário definido pela direção da Casa Espírita.
- Participar dos cursos de capacitação doutrinário-pedagógica e das reuniões programadas pela coordenação do Curso.
- Seguir as diretrizes doutrinárias, pedagógicas e administrativas do Curso, pré-estabelecidas.

-
- Manter atualizado o registro de frequência de sua turma, assim como anotar as causas de evasão dos participantes.
 - Fazer parte de uma reunião mediúnica da Casa Espírita.
 - Comunicar ao coordenador ou, na ausência deste, ao coordenador adjunto, as dificuldades encontradas na execução das suas atividades.
 - Comunicar impedimentos com antecedência.

2.3 Atribuições dos participantes:

- Frequentar as reuniões de estudo com assiduidade e pontualidade.
- Justificar, junto ao seu monitor, as faltas e os atrasos.
- Expor ao monitor as dificuldades de aprendizado.
- Seguir as orientações de funcionamento do Curso.
- Participar de atividades extraclasse.
- Participar de reuniões indicadas no plano anual de atividades.

2.4 Atribuições do Pessoal de apoio:

2.4.1 Secretaria

- Elaborar fichas de inscrição e efetuar a matrícula dos participantes.
- Manter atualizados os dados cadastrais e de frequência dos matriculados no Curso.
- Informatizar dados e arquivar documentos relativos ao Curso.
- Elaborar quadros demonstrativos de frequência dos participantes do Curso.
- Elaborar a listagem dos integrantes do Curso (coordenadores, monitores, pessoal de apoio e matriculados) com os seguintes dados: nome, endereço e telefone.
- Entregar ao coordenador, monitores e pessoal de apoio a listagem com os dados dos integrantes do Curso.
- Participar das reuniões indicadas pela coordenação.
- Atender às solicitações dos monitores, relativas à reserva e instalação de equipamentos, fotocópias de materiais, entre outros.

2.4.2 Biblioteca:

- Organizar o acervo bibliográfico, de acordo com as referências indicadas no programa do Curso.
- Organizar e manter atualizados os dados cadastrais dos usuários, elaborando, se for o caso, fichas de empréstimo.
- Arquivar materiais didáticos utilizados nas aulas, colocando-os à disposição da coordenação e dos monitores do Curso.

-
- Organizar espaço físico adequado, no caso de opção pelo sistema de consulta por parte dos usuários.

3. DA AVALIAÇÃO

É importante a definição de critérios para a avaliação das ações desenvolvidas no Curso. Como a avaliação não é um fim, mas um meio que permite verificar até que ponto os objetivos do Curso estão sendo alcançados, deve envolver coordenadores, monitores, pessoal de apoio e participantes (alunos). A avaliação do Estudo e Prática da Mediunidade deve ser concebida, tendo em vista as várias habilidades e competências envolvidas na aprendizagem: desenvolvimento motor, cognitivo, afetivo e social dos participantes. No processo de ensino-aprendizagem espírita, a avaliação focaliza também os aspectos moral e espiritual dos participantes do Curso. A avaliação é realizada por meio de instrumentos de avaliação, tais como: questionários, questões de múltipla escolha, instruções para escrever, resumir, desenhar; dissertações, relatos, ilustrações por meio de exemplos; estudo de caso, análise de situações-problema etc.

IV. CAPACITAÇÃO DE MONITORES DO CURSO DE ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE

Os monitores do Curso devem ser continuamente capacitados, tendo em vista a necessidade de atualização doutrinário-pedagógica e a execução de atividades decorrentes do replanejamento do Curso. As reuniões de capacitação de monitores têm como objetivos:

- Aprofundar o conhecimento de temas espíritas.
- Desenvolver o gosto pelo estudo espírita, integrando o conhecimento adquirido nas ações cotidianas.
- Identificar e corrigir erros e obstáculos à aprendizagem.
- Apoiar a construção, o planejamento e o replanejamento de dispositivos e seqüências didáticas necessárias à melhoria do Curso.
- Desenvolver projetos de atividades extraclasse; de avaliação do ensino-aprendizagem e de auto-avaliação; de seminários, simpósios, painéis, entre outras.
- Auxiliar a integração dos participantes dos cursos nas atividades da Casa Espírita.
- Saber dinamizar as aulas por meio da utilização de técnicas pedagógicas, de recursos audiovisuais e de instrumentos de multimídia.

As reuniões de capacitação de monitores são, basicamente, de duas mo-

dalidades: uma semanal, voltada para o aprendizado contínuo, outra semestral, decorrente do processo avaliativo e de replanejamento.

CAPACITAÇÃO SEMANAL DE MONITORES

Um dia na semana deve ser reservado para uma reunião de educação continuada com os monitores e estagiários dos Cursos, prevenindo, desta forma, os inconvenientes do ensino estereotipado ou padronizado. O programa desta reunião, previamente elaborado pela coordenação do Curso – atendendo, tanto quanto possível, às sugestões dos monitores –, deve abranger conteúdos espíritas, pedagógicos e administrativos, que serão abordados, seqüencialmente, em reuniões específicas.

CAPACITAÇÃO SEMESTRAL

A capacitação semestral dos monitores, em geral ocorrida no início do semestre letivo, é idealizada sob a forma de mini-cursos ou simpósios. São encontros direcionados para a resolução de dificuldades surgidas no processo de ensino-aprendizagem. Por exemplo, pode-se planejar a realização de um simpósio, ou de uma oficina pedagógica, para analisar e sanar dificuldades de relacionamento existentes entre monitores e participantes do Curso.

Os futuros monitores, na categoria de estagiários, são também capacitados nesses cursos.

V. CURSO DE ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE – PROGRAMA DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA / FEB

DOS FUNDAMENTOS

O Curso está assentado em dois fundamentos básicos, que constituem os seus referenciais: a) conhecimento doutrinário, extraído das obras codificadas por Allan Kardec, e, das suplementares a estas, de autoria de Espíritos fiéis às orientações da Doutrina Espírita; b) conduta espírita, ética e moral, segundo as orientações de Jesus, contidas no seu Evangelho. As suas diretrizes estão, pois, fundamentadas em Kardec e em Jesus, compreendendo-se que a prática mediúnica, sem orientação doutrinária espírita e sem o esclarecimento do Evangelho, não conduz aos objetivos propostos para o Curso.

DAS FINALIDADES

- Seguir, na medida do possível, a orientação de *O Livro dos Espíritos*, questão 685: *Não nos referimos, porém, à educação moral pelos livros e sim à que consiste na arte de formar os caracteres, à que incute hábitos, porquanto a*

-
- educação é o conjunto dos hábitos adquiridos.*
- Preparar o trabalhador para exercer a mediunidade de forma natural, como é preconizada pela Codificação Espírita, em qualquer situação e plano da vida, e não apenas nas reuniões mediúnicas. Neste sentido, é importante resgatar o seguinte conceito de médium, existente em *O Livro dos Médiuns: Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns.* ³

DOS OBJETIVOS

Programa I

- Propiciar conhecimento aprofundado da Doutrina Espírita, com enfoque no estudo da mediunidade.
- Favorecer o desenvolvimento natural das faculdades psíquicas do participante, por meio de exercícios específicos.

Programa II

- Ensejar um estudo mais aprofundado da mediunidade, tendo em vista a formação ética, moral e intelectual dos participantes.
- Favorecer o desenvolvimento e a educação das faculdades mediúnicas do candidato à prática mediúnica.

DA ORGANIZAÇÃO

O Curso do Estudo e Prática da Mediunidade, proposto pela FEB, está organizado em dois programas de estudo: Programa I e Programa II. O conteúdo teórico e prático dos dois programas está estruturado em “Módulos de Estudo”, subdivididos em quatro partes, didaticamente coordenadas entre si:

- a) Fundamentação Espírita
- b) Prática
- c) Atividade Complementar
- d) Culminância do Módulo

Esta subdivisão apresenta as seguintes características:

Fundamentação Espírita. Trata-se do referencial doutrinário em termos de conhecimento espírita, considerado necessário ao estudo e à prática da mediunidade, e ao desenvolvimento psíquico da pessoa.

Prática. No Programa I esta parte é constituída de exercícios voltados para o aperfeiçoamento afetivo, emocional e comportamental (maneira correta de orar, irradiação mental, harmonização e percepção psíquica). Como no Programa II há reuniões mediúnicas, propriamente ditas, a prática é supervisionada por monitores e colaboradores mais experientes neste gênero de tarefa.

Atividade Complementar (facultativa). É uma atividade desenvolvida pelos participantes com a finalidade de: a) ampliar o conhecimento doutrinário – por meio de apresentações que caracterizem o desenvolvimento do hábito de ler e estudar obras espíritas; b) aprender elaborar resumos de textos e livros.

Culminância do Módulo. É uma atividade de fechamento dos assuntos estudados no Módulo, procurando compatibilizar a fundamentação espírita estudada e os exercícios de desenvolvimento psíquico.

Os conteúdos teóricos e práticos dos Módulos de Ensino, em ambos os programas, podem ser observados na tabela abaixo.

Programa I	FUNDAMENTAÇÃO ESPÍRITA DOS MÓDULOS	PARTE PRÁTICA(EXERCÍCIOS)
Vide índice e texto pág. 259	Pontos Principais da Doutrina Espírita	—————
	Introdução ao estudo da mediunidade	Prece: conceito, benefícios e maneira correta de orar
	A prática mediúnica	Irradiação: conceito e benefícios
	Mediunidade, obsessão, desobsessão	Harmonização psíquica: importância e requisitos necessários para promover o equilíbrio espiritual
	A vida no mundo espiritual	Percepção psíquica de sensações, sentimentos e emoções
Programa II	As reuniões mediúnicas	São oferecidas condições para o desenvolvimento harmônico: a) da faculdade mediúnica, em quem possua condições naturais para tal; b) de outras faculdades psíquicas, tais como: percepção espiritual; irradiação do pensamento; concentração mental; sintonia com benfeitores; equilíbrio espiritual etc.
Allan Kardec e a Codificação Espírita		
A experimentação mediúnica		
Os tipos comuns de mediunidade		
Faculdades mediúnicas incomuns		
Os Espíritos comunicantes		

PRÉ-REQUISITOS PARA INSCRIÇÃO E FREQUÊNCIA AO CURSO

- Conhecimento doutrinário espírita básico, obtido em cursos sistematizados da Doutrina Espírita, ou em outros equivalentes.
- Idade acima de 18 anos.

ENTREVISTA

Todos os interessados em participar do Curso são, previamente, entrevistados pela Coordenação, para verificar se os pré-requisitos para a inscrição e frequência estão sendo atendidos. É também uma oportunidade para esclarecer os inscritos sobre os objetivos e as condições de funcionamento do Curso.



¹ *O Livro dos Médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 73. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Introdução, p. 13-16.

² *O Que é o Espiritismo*. 50. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. II (Noções Elementares do Espiritismo), item 100 (Conseqüências do Espiritismo), p. 186-189.

³ *O Livro dos Médiuns*. Tradução De Guillon Ribeiro. 73. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. XIV (Dos Médiuns), item 159, p. 203.

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE

PROGRAMA I

SUMÁRIO

Conteúdo Programático	6
Considerações Gerais	10
Módulo Introdutório	
Caracterização	25
Plano de Estudos	26
Fundamentação Espírita: Pontos Principais da Doutrina Espírita	27
Roteiro 1: Espiritismo ou Doutrina Espírita: conceito e objetivo.....	27
Roteiro 2: Tríplice Aspecto da Doutrina Espírita.....	31
Roteiro 3: Pontos principais da Doutrina Espírita	37
Roteiro 4: Da perfeição moral.....	41
Atividade Complementar: resumo informativo.....	47
Culminância	49
Módulo de Estudo nº 1	53
Caracterização	55
Plano de Estudo	56
Fundamentação Espírita: Introdução ao Estudo da Mediunidade	
Roteiro 1: Espírito, matéria e fluidos.....	57
Roteiro 2: Perispírito e princípio vital.....	67
Roteiro 3: O passe espírita	73
Roteiro 4: A prece: importância, benefícios e maneira correta de orar	79
Roteiro 5: A faculdade mediúnica: conceito e classificação da mediunidade	85
Roteiro 6: Fenômenos de emancipação da alma	91

Prática: Exercícios sobre prece.....	99
Atividade Complementar: resumo informativo.....	105
Culminância do Módulo	107
Módulo de Estudo nº 2	115
Caracterização	117
Plano de Estudo.....	118
Fundamentação Espírita: A Prática Mediúnica	
Roteiro 1: Eclusão da mediunidade.....	119
Roteiro 2: O papel da mente e do perispírito nas comunicações mediúnicas	123
Roteiro 3: Transes psíquicos.....	129
Roteiro 4: Concentração mediúnica	139
Roteiro 5: A influência moral do médium e do meio ambiente nas comunicações mediúnicas.....	149
Roteiro 6: Educação e desenvolvimento do médium.....	155
Prática: Exercícios sobre irradiação mental	163
Atividade Complementar: resumo informativo.....	167
Culminância do Módulo.....	169
Módulo de Estudo nº 3	177
Caracterização	179
Plano de Estudo.....	180
Fundamentação Espírita: Mediunidade. Obsessão. Desobsessão	
Roteiro 1: As manifestações mediúnicas de efeitos físicos.....	181
Roteiro 2: As manifestações mediúnicas de efeitos intelectuais.....	189
Roteiro 3: As manifestações mediúnicas de efeitos visuais	195
Roteiro 4: Obsessão: o obsessor, o obsidiado, o processo obsessivo....	199
Roteiro 5: Obsessão: tipos e graus	209
Roteiro 6: Desobsessão	221
Prática: Harmonização psíquica.....	233
Atividade Complementar: resumo informativo.....	243
Culminância do Módulo	245
Módulo de Estudo nº 4	255
Caracterização	257
Plano de Estudo	258

Fundamentação Espírita: A Vida no Mundo Espiritual

Roteiro 1: A desencarnação.....	259
Roteiro 2: A vida no além-túmulo: os Espíritos errantes.....	271
Roteiro 3: As regiões de sofrimento no plano espiritual.....	283
Roteiro 4: As comunidades espirituais devotadas ao bem.....	297
Prática: Conteúdo: Percepção psíquica.....	311
Atividade Complementar: resumo informativo.....	319
Culminância do Módulo.....	321

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE

MÓDULO INTRODUTÓRIO

OBJETIVO GERAL

Rever pontos principais do Espiritismo



PROGRAMA I

 **PONTOS PRINCIPAIS DA
DOCTRINA ESPÍRITA**

- * **Fundamentação Espírita:** Pontos Principais da Doutrina Espírita.
- * **Prática:** -----
- * **Atividade complementar:** Resumo de *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec, partes primeira e segunda.
- * **Culminância do módulo:** Princípios doutrinários espíritas.

 **OBJETIVO GERAL**

- **Rever os pontos principais do Espiritismo.**

 **TOTAL DE AULAS PREVISTAS**

Teóricas	4
Práticas	-
Atividade complementar	1
Culminância	1

TEMPO PARA APLICAÇÃO DAS AULAS

- Teóricas: até uma hora e trinta minutos.

REVISÃO DE PRINCÍPIOS ESPÍRITAS			
(1ª PARTE)	(2ª PARTE)	(3ª PARTE)	(4ª PARTE)
FUNDAMENTAÇÃO ESPÍRITA	PRÁTICA	ATIVIDADE COMPLEMENTAR	CULMINÂNCIA DO MÓDULO
<p>Pontos Principais da Doutrina Espírita</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Conceito e objeto da Doutrina Espírita. 2. O tríptico aspecto da Doutrina Espírita. 3. Pontos principais da Doutrina Espírita. 4. A perfeição moral. 	/	<p>Resumo e apresentação</p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ <i>O Livro dos Espíritos</i>, de Allan Kardec, partes primeira e segunda. ◆ Os alunos deverão elaborar e apresentar um resumo do conteúdo doutrinário selecionado em dia, hora e local pré-estabelecidos. ◆ A organização e a elaboração desse trabalho devem seguir as instruções dadas nas <i>Considerações Gerais</i>. 	<p>Conduta Espírita</p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ Os princípios doutrinários espíritas. ◆ Os alunos deverão ler os textos sugeridos e fazer os exercícios propostos.

FUNDAMENTAÇÃO ESPÍRITA: PONTOS PRINCIPAIS DA DOCTRINA ESPÍRITA

ROTEIRO 1

Espiritismo ou Doutrina Espírita: conceito e objetivo

Objetivo específico



- Conceituar Doutrina Espírita, destacando o seu objeto.



SUBSÍDIOS

1. CONCEITO DE ESPIRITISMO

O termo *Espiritismo* foi criado por Allan Kardec pelas razões que ele mesmo aduz na Introdução de sua obra *O Livro dos Espíritos*:

*Para se designarem coisas novas são precisos termos novos. Assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inerente à variedade de sentidos das mesmas palavras. Os vocábulos espiritual, espiritualista e espiritualismo têm acepção bem definida. Dar-lhes outra, para aplicá-los à doutrina dos Espíritos, fora multiplicar as causas já numerosas de anfibologia. Com efeito, o espiritualismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é espiritualista. Não se segue daí, porém, que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo invisível. Em vez das palavras espiritual, espiritualismo, empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos espírita e espiritismo, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo, apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo espiritualismo a acepção que lhe é própria. Diremos, pois, que a doutrina espírita ou o Espiritismo tem por princípio as relações do mundo material com os Espíritos ou seres do mundo invisível. Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas, ou, se quiserem, os espiritistas.*⁴

*O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as conseqüências morais que dimanam dessas mesmas relações. Podemos defini-lo assim: O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal.*⁵

*O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ele no-lo mostra, não mais como coisa sobrenatural, porém, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da Natureza, como a fonte de uma imensidade de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. [...] O Espiritismo é a chave com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil.*¹

2. OBJETO DO ESPIRITISMO

*Assim como a Ciência propriamente dita tem por objeto o estudo das leis do princípio material, o objeto especial do Espiritismo é o conhecimento das leis do princípio espiritual. Ora, como este último princípio é uma das forças da Natureza, a reagir incessantemente sobre o princípio material e reciprocamente, segue-se que o conhecimento de um não pode estar completo sem o conhecimento do outro. O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente, a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e comprovação. O estudo das leis da matéria tinha que preceder o da espiritualidade, porque a matéria é que primeiro fere o sentidos. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria abortado, com tudo quanto surge antes do tempo.*²

Mais adiante, na mesma obra, (A Gênese), acrescenta Kardec:

*A Ciência moderna abandonou os quatro elementos primitivos dos antigos e, de observação em observação, chegou à concepção de um só elemento gerador de todas as transformações da matéria; mas, a matéria, por si só, é inerte; carecendo de vida, de pensamento, de sentimento, precisa estar unida ao princípio espiritual. O Espiritismo não descobriu, nem inventou este princípio; mas, foi o primeiro a demonstrar-lhe, por provas inconcussas, a existência; estudou-o, analisou-o e tornou-lhe evidente a ação. Ao elemento material, juntou ele o elemento espiritual. Elemento material e elemento espiritual, esses os dois princípios, as duas forças vivas da Natureza. Pela união indissolúvel deles, facilmente se explica uma multidão de fatos até então inexplicáveis. O Espiritismo, tendo por objeto o estudo de um dos elementos constitutivos do Universo, toca forçosamente na maior parte das ciências; só podia, portanto, vir depois da elaboração delas; nasceu pela força mesma das coisas, pela impossibilidade de tudo se explicar com o auxílio apenas das leis da matéria.*³

Em suma, os [...] fatos ou fenômenos espíritas, isto é, produzidos por espíritos desencarnados, são a substância mesma da Ciência Espírita, cujo objeto é o estudo e conhecimento desses fenômenos, para fixação das leis que os regem. [...] ⁶



REFERÊNCIAS

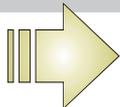
1. KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. I, item 5, p. 56-57.
2. _____. *A Gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 46. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. I, item 16, p. 21.
3. _____. Item 18, p. 22.
4. _____. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Introdução. Item I, p. 13.
5. _____. *O que é o Espiritismo*. 50. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Preâmbulo, p. 50.
6. BARBOSA, Pedro Franco. *Espiritismo Básico*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Segunda parte (Postulados e Ensinamentos). Item: O Espiritismo Científico, p. 103.

FUNDAMENTAÇÃO ESPÍRITA: PONTOS PRINCIPAIS DA DOCTRINA ESPÍRITA

ROTEIRO 2

Tríplice Aspecto da Doutrina Espírita

Objetivo específico



- Identificar os aspectos científico, filosófico e religioso do Espiritismo.



SUBSÍDIOS

1. O TRÍPLICE ASPECTO DA DOCTRINA ESPÍRITA

O tríplice aspecto da Doutrina Espírita ressalta da própria conceituação que lhe dá Allan Kardec:

*O Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática ele consiste nas relações que se estabelecem entre nós e os Espíritos; como filosofia, ele compreende todas as conseqüências morais que dimanam dessas mesmas relações.*⁷

*O Espiritismo se apresenta sob três aspectos diferentes: [é ainda Kardec quem afirma] o das manifestações, o dos princípios e da filosofia que delas decorrem e o da aplicação desses princípios. Daí, três classes, ou, antes, três graus de adeptos: 1º. Os que crêem nas manifestações e se limitam a comprová-las; para esses, o Espiritismo é uma ciência experimental; 2º. Os que lhe percebem as conseqüências morais; 3º. Os que praticam ou se esforçam por praticar essa moral. Qualquer que seja o ponto de vista, científico ou moral, sob que considerem esses estranhos fenômenos, todos compreendem constituírem eles uma ordem, inteiramente nova, de idéias que surge e da qual não pode deixar de resultar uma profunda modificação no estado da Humanidade e compreendem igualmente que essa modificação não pode deixar de operar-se no sentido do bem.*⁴

Assim, consoante as palavras de Kardec, podemos identificar o tríplice aspecto do Espiritismo: a) *científico* – concernente às manifestações dos Espíritos; b) *filosófico* – respeitante aos princípios, inclusive morais, em que se assenta a sua doutrina; c) *religioso* – relativo à aplicação desses princípios.

2. O ASPECTO CIENTÍFICO

O aspecto científico da Doutrina Espírita é enfatizado por Allan Kardec

quando assim define o Espiritismo:

O Espiritismo é uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal. ⁷

O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ele no-lo mostra, não mais como coisa sobrenatural, porém, ao contrário, como uma das forças vivas e sem cessar atuantes da Natureza como a fonte de uma imensidade de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso, relegados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. [...] ¹

Nenhuma ciência existe que haja saído prontinha do cérebro de um homem. Todas, sem exceção de nenhuma, são fruto de observações sucessivas, apoiadas em observações precedentes, como em um ponto conhecido, para chegar ao desconhecido. Foi assim que os Espíritos procederam, com relação ao Espiritismo. Daí o ser gradativo o ensino que ministram. ²

O caráter científico deflui ainda das seguintes conclusões de Allan Kardec:

O Espiritismo, pois, não estabelece com o princípio absoluto senão o que se acha evidentemente demonstrado, ou o que ressalta logicamente da observação. [...] Caminhando de par com o progresso, o Espiritismo jamais será ultrapassado, porque, se novas descobertas lhe demonstrassem estar em erro acerca de um ponto qualquer, ele se modificaria nesse ponto. Se uma verdade nova se revelar, ele a aceitará. ³

Gabriel Delanne, em sua obra *O Fenômeno Espírita*, também salienta o papel científico do Espiritismo, quando diz:

O Espiritismo é uma ciência cujo fim é a demonstração experimental da existência da alma e sua imortalidade, por meio de comunicações com aqueles aos quais impropriamente têm sido chamados mortos. ¹¹

Sendo assim, a [...] *Ciência Espírita se classifica [...] entre as ciências positivas ou experimentais e se utiliza do método analítico ou indutivo, porque observa e examina os fenômenos mediúnicos, faz experiências, comprova-os.* ¹⁰

3. O ASPECTO FILOSÓFICO

O aspecto filosófico do Espiritismo vem, primeiramente, destacado na folha de rosto de *O Livro dos Espíritos*, a primeira obra do Espiritismo, quando Allan Kardec classifica a nova doutrina de *Filosofia Espiritualista*.

Ainda, na conclusão dessa mesma obra, Kardec enfatiza:

*Falsíssima idéia formaria do Espiritismo quem julgasse que a sua força lhe vem da prática das manifestações materiais e que, portanto, obstando-se a tais manifestações, se lhe terá minado a base. Sua força está na sua filosofia, no apelo que dirige à razão, ao bom senso. [...]*⁵

De fato, o [...] *Espiritismo é uma doutrina essencialmente filosófica, embora seus princípios sejam comprovados experimentalmente, o que lhe confere também o caráter científico. Quando o Homem pergunta, interroga, cogita, quer saber o «como» e o «porquê» das coisas, dos fatos, dos acontecimentos, nasce a FILOSOFIA, que mostra o que são as coisas e porque são as coisas o que são. Em verdade, o Homem quer justificar-se a si mesmo e ao mundo em que vive, ao qual reage e do qual recebe contínuos impactos, procura compreender como as coisas e os fatos se ordenam, em suma, deseja conhecer sempre mais e mais. O caráter filosófico do Espiritismo está, portanto, no estudo que faz do Homem, sobretudo Espírito, de seus problemas, de sua origem, de sua destinação. Esse estudo leva ao conhecimento do mecanismo das relações dos Homens, que vivem na Terra, com aqueles que já se despediram dela, temporariamente, pela morte, estabelecendo as bases desse permanente relacionamento, e demonstra a existência, inquestionável de algo que tudo cria e tudo comanda, inteligentemente – DEUS. Definindo as responsabilidades do Espírito – quando encarnado (Alma) e também do desencarnado, o Espiritismo é Filosofia, uma regra moral de vida e comportamento para os seres da Criação, dotados de sentimento, razão e consciência.*⁹

4. O ASPECTO RELIGIOSO

*O Espiritismo [diz Allan Kardec] é uma doutrina filosófica de efeitos religiosos, como qualquer filosofia espiritualista, pelo que forçosamente vai ter às bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma e a vida futura. Mas, não é uma religião constituída, visto que não tem culto, nem rito, nem templos e que, entre seus adeptos, nenhum tomou, nem recebeu o título de sacerdote ou de sumo-sacerdote [...]*⁶

No discurso de abertura da Sessão Anual Comemorativa dos Mortos, na Sociedade de Paris, publicado na Revista Espírita de dezembro de 1968, Allan Kardec, respondendo à pergunta *O Espiritismo é uma Religião?*, afirma, a certa altura:

O laço estabelecido por uma religião, seja qual for o seu objetivo, é, pois, es-

sencialmente moral, que liga os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não somente o fato de compromissos materiais, que se rompem à vontade, ou da realização de fórmulas que falam mais aos olhos do que ao espírito. O efeito desse laço moral é o de estabelecer entre os que ele une como consequência da comunhão de vistas e de sentimentos, a fraternidade e a solidariedade, a indulgência e a benevolência mútuas. É nesse sentido que também se diz: a religião da amizade, a religião da família.

Se é assim, perguntarão, então o Espiritismo é uma religião? Ora, sim, sem dúvida, senhores! No sentido filosófico, o Espiritismo é uma religião, e nós nos vangloriamos por isto, porque é a Doutrina que funda os vínculos da fraternidade e da comunhão de pensamentos, não sobre uma simples convenção, mas sobre bases mais sólidas: as próprias leis da Natureza.

Por que, então, declaramos que o Espiritismo não é uma religião? Em razão de não haver senão uma palavra para exprimir duas idéias diferentes, e que, na opinião geral, a palavra religião é inseparável da de culto; porque desperta exclusivamente uma idéia de forma, que o Espiritismo não tem. Se o Espiritismo se dissesse uma religião, o público não veria aí mais que uma nova edição, uma variante, se se quisesse, dos princípios absolutos em matéria de fé; uma casta sacerdotal com seu cortejo de hierarquias, de cerimônias e de privilégios; não o separaria das idéias de misticismo e dos abusos contra os quais tantas vezes a opinião se levantou. Não tendo o Espiritismo nenhum dos caracteres de uma religião, na acepção usual da palavra, não podia nem devia enfeitar-se com um título cujo valor inevitavelmente se teria equivocado. Eis por que simplesmente se diz: doutrina filosófica e moral.⁸

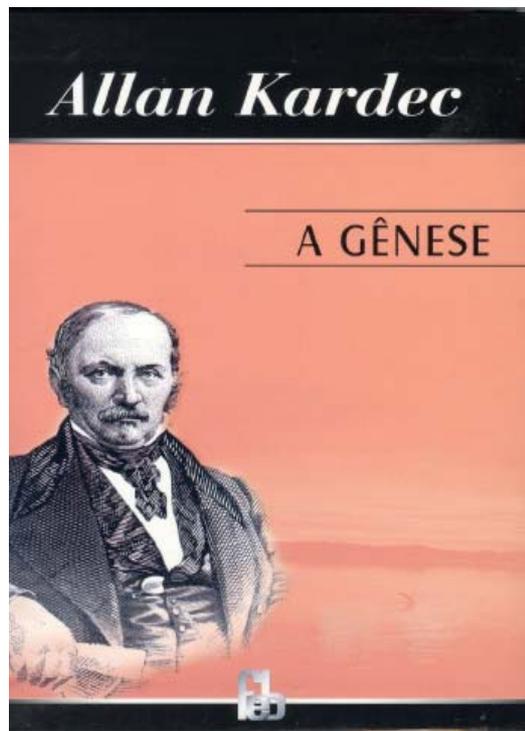
Em suma, concluímos com Emmanuel:

Podemos tomar o Espiritismo, simbolizado [...] como um triângulo de forças espirituais. A Ciência e a Filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, porém, a Religião é o ângulo divino que a liga ao céu. No seu aspecto científico e filosófico, a doutrina será sempre um campo nobre de investigações humanas, como outros movimentos coletivos, de natureza intelectual que visam o aperfeiçoamento da Humanidade. No aspecto religioso, todavia, repousa a sua grandeza divina, por constituir a restauração do Evangelho de Jesus-Cristo, estabelecendo a renovação definitiva do homem, para a grandeza do seu imenso futuro espiritual.¹²



REFERÊNCIAS

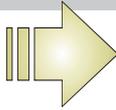
1. KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. I, item 5, p. 56-57.
2. _____. *A Gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 46. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. I, item 54, p. 42.
3. _____. Item 55, p. 44.
4. _____. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Conclusão VI, p. 484.
5. _____. Conclusão VII, p. 486-487.
6. _____. *Obras Póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Primeira parte. Item: Ligeira resposta aos detratores do Espiritismo, p. 260-261.
7. _____. *O que é o Espiritismo*. 50. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Preâmbulo, p. 50.
8. _____. *Revista Espírita*. Jornal de Estudos Psicológicos. Ano 1868. Tradução de Evandro Noleto Bezerra; poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Décimo Primeiro Volume, dezembro de 1868, nº 12. Item: Sessão Anual Comemorativa dos Mortos, p. 490-491.
9. BARBOSA, Pedro Franco. *Espiritismo Básico*. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Segunda Parte (Postulados e Ensinamentos). Item: O Espiritismo Científico, p. 101.
10. _____. p. 104.
11. DELANNE, Gabriel. *O Fenômeno Espírita*. Tradução de Francisco Raymundo Ewerton Quadros. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998. Prefácio, p. 13.
12. XAVIER, Francisco Cândido. *O Consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Definição, p. 19-20.



FUNDAMENTAÇÃO ESPÍRITA: PONTOS PRINCIPAIS DA DOCTRINA ESPÍRITA

ROTEIRO 3

Objetivo específico



Pontos principais da Doutrina Espírita

- Apresentar os pontos principais da Doutrina Espírita, de acordo com o resumo existente na Introdução de *O Livro dos Espíritos*.



SUBSÍDIOS

Allan Kardec, na Introdução de *O Livro dos Espíritos*, item VI, trata dos pontos principais dos ensinamentos transmitidos pelos Espíritos Superiores. Ressalta, primeiramente, que [...] *os próprios seres que se comunicam se designam a si mesmos pelo nome de Espíritos ou Gênios, declarando, alguns, pelo menos, terem pertencido a homens que viveram na Terra. Eles compõem o mundo espiritual, como nós constituímos o mundo corporal durante a vida terrena.*¹

Passa, em seguida, a resumir esses pontos principais:

*Deus é eterno, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom. Criou o Universo, que abrange todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais. Os seres materiais constituem o mundo visível ou corpóreo, e os seres imateriais, o mundo invisível ou espírita, isto é, dos Espíritos. O mundo espírita é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo. O mundo corporal é secundário; poderia deixar de existir, ou não ter jamais existido, sem que por isso se alterasse a essência do mundo espírita. Os Espíritos revestem temporariamente um invólucro material perecível, cuja destruição pela morte lhes restitui a liberdade. Entre as diferentes espécies de seres corpóreos, Deus escolheu a espécie humana para a encarnação dos Espíritos [...].*¹

A alma é um Espírito encarnado, sendo o corpo apenas o seu envoltório. Há no homem três coisas: 1º, o corpo ou ser material análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; 2º, a alma ou ser imaterial, Espírito encarnado no corpo; 3º, o laço que prende a alma ao corpo, princípio intermediário entre a matéria e o Espírito. [...] O laço ou perispírito, que prende ao corpo o Espírito, é uma espécie de envoltório semimaterial. A morte é a destruição do invólucro mais grosseiro. O Espírito conserva o segundo, que lhe constitui um corpo etéreo, invisível para nós no

estado normal, porém que pode tornar-se acidentalmente visível e mesmo tangível, como sucede no fenômeno das aparições. ²

O Espírito não é, pois, um ser abstrato, indefinido, só possível de conceber-se pelo pensamento. É um ser real, circunscrito, que, em certos casos, se torna apreciável pela vista, pelo ouvido e pelo tato. Os Espíritos pertencem a diferentes classes e não são iguais, nem em poder, nem em inteligência, nem em saber, nem em moralidade. Os da primeira ordem são os Espíritos superiores, que se distinguem dos outros pela sua perfeição, seus conhecimentos, sua proximidade de Deus, pela pureza de seus sentimentos e por seu amor do bem: são os anjos ou puros Espíritos. Os das outras classes se acham cada vez mais distanciados dessa perfeição, mostrando-se os das categorias inferiores, na sua maioria, eivados das nossas paixões: o ódio, a inveja, o ciúme, o orgulho, etc. ³

Os Espíritos não ocupam perpetuamente a mesma categoria. Todos se melhoram passando pelos diferentes graus de hierarquia espírita. Esta melhora se efetua por meio da encarnação, que é imposta a uns como expiação, a outros como missão. A vida material é uma prova que lhes cumpre sofrer repetidamente, até que hajam atingido a absoluta perfeição moral. ³

Deixando o corpo, a alma volve ao mundo dos Espíritos, donde saíra, para passar por nova existência material, após um lapso de tempo mais ou menos longo, durante o qual permanece em estado de Espírito errante. ³

Tendo o Espírito que passar por muitas encarnações, segue-se que todos nós temos tido muitas existências e que teremos ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, quer na Terra, quer em outros mundos. ⁴

A encarnação dos Espíritos se dá sempre na espécie humana; seria erro acreditar-se que a alma ou Espírito possa encarnar no corpo de um animal. As diferentes existências corpóreas do Espírito são sempre progressivas e nunca regressivas; mas, a rapidez do seu progresso depende dos esforços que faça para chegar à perfeição. [...] Os Espíritos encarnados habitam os diferentes globos do Universo. Os não encarnados ou errantes não ocupam uma região determinada e circunscrita; estão por toda parte no espaço e ao nosso lado, vendo-nos e acotovelando-nos de contínuo. É toda uma população invisível, a mover-se em torno de nós. Os Espíritos exercem incessante ação sobre o mundo moral e mesmo sobre o mundo físico. Atuam sobre a matéria e sobre o pensamento e constituem uma das potências da Natureza, causa eficiente de uma multidão de fenômenos até então inexplicados ou mal explicados e que não

encontram explicação racional senão no Espiritismo. ⁴

As relações dos Espíritos com os homens são constantes. Os bons Espíritos nos atraem para o bem, nos sustentam nas provas da vida e nos ajudam a suportá-las com coragem e resignação. Os maus nos impelem para o mal; é-lhes um gozo ver-nos sucumbir e assemelhar-nos a eles. ⁵

As comunicações dos Espíritos com os homens são ocultas ou ostensivas. As ocultas se verificam pela influência boa ou má que exercem sobre nós, à nossa revelia. Cabe ao nosso juízo discernir as boas das más inspirações. [...] Os Espíritos se manifestam espontaneamente ou mediante evocação. [...] Os Espíritos são atraídos na razão da simpatia que lhes inspire a natureza moral do meio que os evoca. Os Espíritos Superiores se comprazem nas reuniões sérias, onde predominam o amor do bem e o desejo sincero, por parte dos que as compõem, de se instruírem e melhorarem. A presença deles afasta os Espíritos inferiores que, inversamente, encontram livre acesso e podem obrar com toda a liberdade entre pessoas frívolas ou impelidas unicamente pela curiosidade e onde quer que existam maus instintos. Distinguir os bons dos maus Espíritos é extremamente fácil. Os Espíritos superiores usam constantemente de linguagem digna, nobre, repassada da mais alta moralidade [...]. A dos Espíritos inferiores, ao contrário, é incoseqüente, amiúde, trivial e até grosseira. ⁶

A moral dos Espíritos superiores se resume, como a do Cristo, nesta máxima evangélica: Fazer aos outros o que quereríamos que os outros nos fizessem, isto é, fazer o bem e não o mal. Neste princípio encontra o homem uma regra universal de proceder, mesmo para as suas menores ações. [...] Ensinam [os Espíritos Superiores] [...] que, no mundo dos Espíritos, nada podendo estar oculto, o hipócrita será desmascarado e patenteadas todas as suas torpezas; que a presença inevitável, e de todos os instantes, daqueles para com quem houvermos procedido mal constitui um dos castigos que nos estão reservados; que ao estado de inferioridade e superioridade dos Espíritos correspondem penas e gozos desconhecidos na Terra. Mas, ensinam também não haver faltas irremissíveis, que a expiação não possa apagar. Meio de consegui-lo encontra o homem nas diferentes existências que lhe permitem avançar, conformemente aos seus desejos e esforços, na senda do progresso, para a perfeição, que é o seu destino final. ⁷



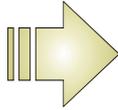
REFERÊNCIAS

1. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Introdução, item VI, p. 23.
2. _____. p. 23-24.
3. _____. p. 24.
4. _____. p. 25.
5. _____. p. 25-26.
6. _____. p. 26.
7. _____. p. 27.

FUNDAMENTAÇÃO ESPÍRITA: PONTOS PRINCIPAIS DA DOCTRINA ESPÍRITA

ROTEIRO 4

Objetivo específico



Da perfeição moral

- Dizer quais os caracteres da perfeição moral.
- Identificar os obstáculos que dificultam a conquista da perfeição moral, bem como dos recursos para vencer esses obstáculos.



SUBSÍDIOS

Os caracteres da perfeição, apresentados por Jesus, no Evangelho, desdobram-se em três pontos fundamentais: *amar os nossos inimigos; fazer o bem aos que vos odeiam, e orar pelos que vos perseguem e caluniam.*² E isso porque – explica o Mestre Divino – se somente amarmos os que nos amam, que recompensa teremos disso? Não fazem o mesmo os publicanos? Se somente saudarmos os nossos irmãos, que fazemos com isso mais do que outros? Não fazem o mesmo os pagãos? Concluindo o seu ensinamento, diz Jesus: *Sede, pois, vós outros, perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial.*²

Comentando esse ensino, assinala Kardec:

Pois que Deus possui a perfeição infinita em todas as coisas, esta proposição: Sede perfeitos, como perfeito é o vosso Pai celestial, tomada ao pé da letra, pressuporia a possibilidade de atingir-se a perfeição absoluta. Se à criatura fosse dado ser tão perfeita quanto o Criador, tornar-se-ia ela igual a este, o que é inadmissível. [...] Aquelas palavras, portanto, devem entender-se no sentido da perfeição relativa, a de que a Humanidade é suscetível e que mais a aproxima da Divindade. Em que consiste essa perfeição? Jesus o diz: Em amarmos os nossos inimigos, em fazermos o bem aos que nos odeiam, em orarmos pelos que nos perseguem. Mostra ele desse modo que a essência da perfeição é a caridade na sua mais ampla acepção, porque implica a prática de todas as outras virtudes. Com efeito, se se observam os resultados de todos os vícios e, mesmo, dos simples defeitos, reconhecer-se-á nenhum haver que não altere mais ou menos o sentimento da caridade, porque todos têm seu princípio no egoísmo e no orgulho, que lhes são a negação; e isso porque tudo o que sobreexcita o sentimento da personalidade destrói, ou, pelo menos, enfraquece os elementos da verdadeira caridade, que são: a benevolência, a indulgência, a abnegação e o devotamento. Não podendo o amor do próximo, levado até ao amor dos inimigos, aliar-se a nenhum defeito contrário à caridade, aquele amor é sempre, portanto, indício de

maior ou menor superioridade moral, donde decorre que o grau da perfeição está na razão direta da sua extensão. ³

Pode dizer-se, em decorrência disso, que a [...] *virtude, no mais alto grau, é o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Ser bom, caritativo, laborioso, sóbrio, modesto, são qualidades do homem virtuoso. [...] Não é virtuoso aquele que faz ostentação da sua virtude, pois que lhe falta a qualidade principal: a modéstia, e tem o vício que mais se lhe opõe: o orgulho. A virtude, verdadeiramente digna desse nome, não gosta de estadear-se. Advinham-na; ela, porém, se oculta na obscuridade e foge à admiração das massas.* ⁶

Entretanto, de todas as virtudes, qual a mais meritória? Os Espíritos Superiores respondem:

Toda virtude tem o seu mérito próprio, porque todas indicam progresso na senda do bem. Há virtude sempre que há resistência voluntária ao arrastamento dos maus pendores. A sublimidade da virtude, porém, está no sacrifício do interesse pessoal, pelo bem do próximo, sem pensamento oculto. A mais meritória é a que assenta na mais desinteressada caridade. ⁷

Freqüentemente, as qualidades morais são como, num objeto de cobre, a douradura que não resiste à pedra de toque. Pode um homem possuir qualidades reais, que levem o mundo a considerá-lo homem de bem. Mas, essas qualidades, conquanto assinalem um progresso, nem sempre suportam certas provas e às vezes basta que se fira a corda do interesse pessoal para que o fundo fique a descoberto. [...] O apego às coisas materiais constitui sinal notório de inferioridade, porque, quanto mais se aferrar aos bens deste mundo, tanto menos compreende o homem o seu destino. Pelo desinteresse, ao contrário, demonstra que encara de um ponto mais elevado o futuro. ⁸

Dizem os Espíritos Superiores que, dentre os vícios, é o egoísmo aquele que se pode considerar radical. [...] *Daí deriva todo mal. Estudai todos os vícios e vereis que no fundo de todos há egoísmo. Por mais que lhes deis combate, não chegareis a extirpá-los, enquanto não atacardes o mal pela raiz, enquanto não lhe houverdes destruído a causa.* ⁹

Note-se entretanto que, fundando-se o egoísmo no interesse pessoal, só poderá ser extirpado do coração à medida que o homem se instrui a respeito das coisas espirituais, o que o levará a dar menos valor aos bens materiais. ¹⁰

Com efeito, ensinam os Orientadores Espirituais que de [...] *da influência da matéria, influência de que o homem, ainda muito próximo de sua origem, não*

*pôde libertar-se e para cujo entretenimento tudo concorre: suas leis, sua organização social, sua educação. O egoísmo se enfraquecerá à proporção que a vida moral for predominando sobre a vida material e, sobretudo, com a compreensão, que o Espiritismo vos faculta, do vosso estado futuro, real e não desfigurado por ficções alegóricas. Quando, bem compreendido, se houver identificado com os costumes e as crenças, o Espiritismo transformará os hábitos, os usos, as relações sociais. O egoísmo assenta na importância da personalidade. Ora, o Espiritismo, bem compreendido, repito, mostra as coisas de tão alto que o sentimento da personalidade desaparece, de certo modo, diante da imensidade. Destruindo essa importância, ou, pelo menos, reduzindo-a às suas legítimas proporções, ele necessariamente combate o egoísmo.*¹¹

*O egoísmo é irmão do orgulho e procede das mesmas causas. É uma das mais terríveis enfermidades da alma, é o maior obstáculo ao melhoramento social. Por si só ele neutraliza e torna estéréis quase todos os esforços que o homem faz para atingir o bem.*¹⁴

Portanto, o [...] egoísmo, chaga da Humanidade, tem que desaparecer da Terra, a cujo progresso moral obsta. Ao Espiritismo está reservada a tarefa de fazê-la ascender na hierarquia dos mundos. O egoísmo é, pois, o alvo para o qual todos os verdadeiros crentes devem apontar suas armas, dirigir suas forças, sua coragem. Digo: coragem, porque dela muito mais necessita cada um para vencer-se a si mesmo, do que para vencer os outros.¹ Essa coragem, porém, vai sendo por nós adquirida à medida que despertamos para o sentimento do dever, inserto na própria consciência.

Todos nós trazemos gravados no íntimo do ser [...] os rudimentos da lei moral. É neste mundo mesmo que ela recebe um começo de sanção. Qualquer ato bom acarreta para o seu autor uma satisfação íntima, uma espécie de ampliação da alma; as más ações, pelo contrário, trazem, muitas vezes, amargores e desgostos em sua passagem.¹² Por sua vez, o [...] dever é o conjunto das prescrições da lei moral, a regra pela qual o homem deve conduzir-se nas relações com seus semelhantes e com o Universo inteiro. Figura nobre e santa, o dever paira acima da Humanidade, inspira os grandes sacrifícios, os puros devotamentos, os grandes entusiasmos. Risonho para uns, temível para outros, inflexível sempre, ergue-se perante nós, apontando a escadaria do progresso, cujos degraus se perdem em alturas incomensuráveis.¹³

Afirma o Espírito Lázaro, em comunicação inserida em O Evangelho segundo o Espiritismo que: O dever é a obrigação moral da criatura para consigo mesma, primeiro, e, em seguida, para com os outros. O dever é a lei da vida. Com ele deparamos nas mais ínfimas particularidades, como nos atos mais elevados. Quero aqui falar apenas do dever moral e não do dever que as profissões impõem. Na ordem

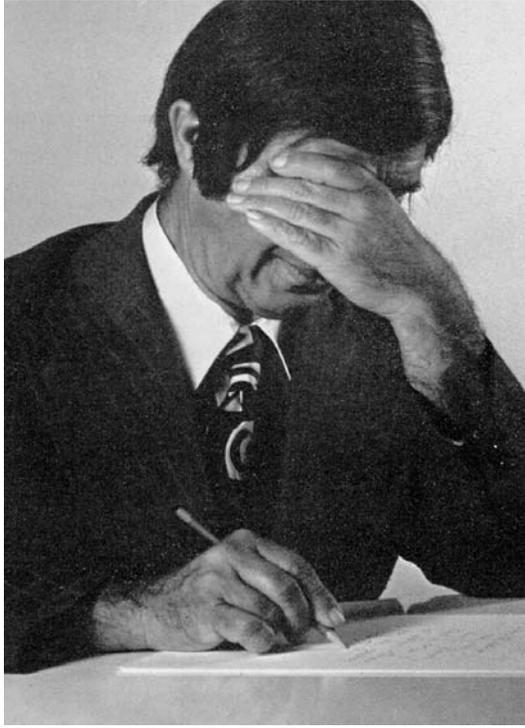
*dos sentimentos, o dever é muito difícil de cumprir-se, por se achar em antagonismo com as atrações do interesse e do coração. Não têm testemunhas as suas vitórias e não estão sujeitas à repressão suas derrotas. O dever íntimo do homem fica entregue ao seu livre-arbítrio. O agulhão da consciência, guardião da probidade interior, o adverte e sustenta; mas, muitas vezes, mostra-se impotente diante dos sofismas da paixão. Fielmente observado, o dever do coração eleva o homem; como determiná-lo, porém, com exatidão? Onde começa ele? Onde termina? O dever principia, para cada um de vós, exatamente no ponto em que ameaçais a felicidade ou a tranqüilidade do vosso próximo; acaba no limite que não desejais ninguém transponha com relação a vós.*⁴

Assim finaliza o referido Instrutor Espiritual: *O dever cresce e irradia sob mais elevada forma, em cada um dos estágios superiores da Humanidade. Jamais cessa a obrigação moral da criatura para com Deus. Tem esta de refletir as virtudes do Eterno, que não aceita esboços imperfeitos, porque quer que a beleza da sua obra resplandeça a seus próprios olhos.*⁵



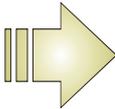
REFERÊNCIAS

1. KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. XI, item 11, p. 191.
2. _____. Cap. XVII, item 1, p. 271.
3. _____. Cap. XVII, item 2, p. 271-272.
4. _____. item 7, p. 278.
5. _____. p. 279.
6. _____. item 8, p. 279.
7. _____. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Questão 893, p. 411.
8. _____. Questão 895, p. 412.
9. _____. Questão 913, p. 418-419.
10. _____. Questão 914. p. 419.
11. _____. Questão 917, p. 420.
12. DENIS, Léon. *Depois da Morte*. Tradução de João Lourenço de Souza. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Quinta parte (O Caminho Reto), cap. XLII (A vida moral), p. 251.
13. _____. Cap. XLIII (O dever), p. 254.
14. _____. Cap. XLVI (O egoísmo), p. 268.



Resumo Informativo

Objetivos específicos



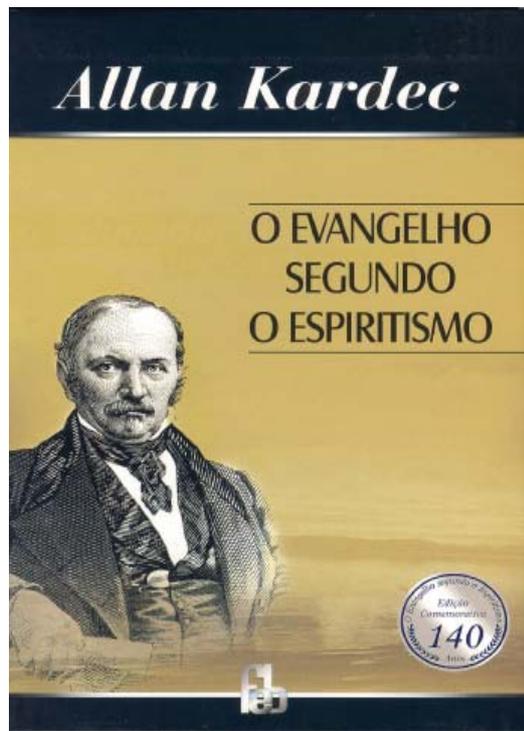
- Realizar resumo informativo da obra espírita selecionada.
- Fazer apresentação do resumo em dia, hora e local pré-estabelecidos.

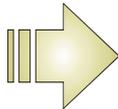


O resumo informativo da obra espírita abaixo relacionada deve seguir as *Considerações Gerais* para a realização das atividades complementares.

RESUMO INFORMATIVO DE:

- *O Livro dos Espíritos*, de Allan Kardec. Edição FEB.
 - > Parte Primeira: Das Causas Primárias. Questões 1 a 75.
 - > Parte Segunda: Do Mundo Espírita ou Mundo dos Espíritos. Questões 76 a 613.



Conduta Espírita: A importância dos princípios espíritas para a formação do médium.**Objetivo específico**

- Reconhecer a importância dos princípios espíritas para a formação do médium



Este roteiro representa a culminância da *Revisão de Pontos Principais da Doutrina Espírita*, do Programa I deste Curso. Por isso mesmo, deve ser aplicado após a conclusão dos estudos teóricos, dos exercícios sobre prece e da realização das atividades complementares.

Sugestões ao instrutor para aplicação do roteiro de conduta espírita

- a) Iniciar a aula fazendo uma síntese dos principais pontos da Doutrina Espírita estudados. Utilizar recursos audiovisuais para dinamizar a apresentação.
- b) Pedir aos participantes que leiam os textos constantes do anexo e realizem os exercícios propostos. O trabalho pode ser conduzido em grupo ou individualmente.
- c) Fazer a correção dos exercícios, esclarecendo possíveis dúvidas.



ANEXO

Estudo e Prática da Mediunidade Programa I - Módulo Introdutório Culminância do Módulo: Conduta Espírita Textos para estudo individual ou em grupo

Roteiro: A importância dos princípios espíritas para a formação do médium

TEXTO Nº 1

Já se disse que duas asas conduzirão o espírito humano à presença de Deus.

Uma chama-se Amor, a outra, Sabedoria.

Pelo amor, que, acima de tudo, é serviço aos semelhantes, a criatura se ilumina e aformoseia por dentro, emitindo, em favor dos outros, o reflexo de suas próprias virtudes; e, pela sabedoria, que começa na aquisição do conhecimento, recolhe a influência dos vanguardeiros do progresso, que lhe comunicam os reflexos da própria grandeza, impelindo-a para o Alto.

Através do amor valorizamo-nos para a vida.

Através da sabedoria somos pela vida valorizados.

Daí o imperativo de marcharem juntas a inteligência e a bondade.

Bondade que ignora é assim como o poço amigo em plena sombra, a desdentar o viajor sem ensinar-lhe o caminho.

Inteligência que não ama pode ser comparada a valioso poste de aviso, que traça ao peregrino informes de rumo certo, deixando-o sucumbir ao tormento da sede.

Todos temos necessidades de instrução e de amor.

Estudar e servir são rotas inevitáveis na obra de elevação. ()*

Exercício

1. Dê o sentido das palavras amor e sabedoria, constantes do texto.
2. A prática mediúnica pode ser considerada um serviço aos semelhantes? Explique.

(*) XAVIER, Francisco Cândido. *Pensamento e Vida*. Pelo Espírito Emmanuel 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 4 (Instrução), p. 23-24.

TEXTO Nº 2

*Ora, a missão da Doutrina dos Espíritos é precisamente essa: esclarecer, iluminar a mente do homem, de modo que ele descortine, com clareza, o roteiro que o conduzirá à realização do destino maravilhoso que lhe está reservado.*¹

*A finalidade da Doutrina Espírita é despertar na Humanidade as forças do bem, completar a obra de Jesus, regenerando os homens, ligando o mundo visível ao invisível, preparar a Terra para o advento da verdadeira era de fraternidade.*² Faz-se necessário, portanto, compreender que o verdadeiro espírita, assim definido, é aquele que vivencia o Evangelho, ou que se esforça para tal.

Exercício

Com base no texto lido, cite três problemas que poderão ocorrer ao médium espírita que não estuda a Doutrina, nem se esforça por combater suas imperfeições morais.



-
- 1) VINÍCIUS, Pedro de Camargo. *O Mestre na Educação*. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 17 (A necessidade do momento), p. 80.
 - 2) VALENTE, Aurélio A. *Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Cap. IV (Sessões práticas e Doutrinárias do Espiritismo), p.68.

TEXTO Nº 3

Céu com Céu

“Mas ajuntai para vós tesouros do céu, onde nem a traça nem a ferrugem os consomem, e onde os ladrões não penetram nem roubam.” — Jesus. (Mateus, 6:20)

Em todas as fileiras cristãs se misturam ambiciosos de recompensa que presumem encontrar, nessa declaração de Jesus, positivo recurso de vingança contra todos aqueles que, pelo trabalho e pelo devotamento, receberam maiores possibilidades na Terra.

O que lhes parece confiança em Deus é ódio disfarçado aos semelhantes.

Por não poderem açambarcar os recursos financeiros à frente dos olhos, lançam pensamentos de crítica e rebeldia, aguardando o paraíso para a desforra desejada.

Contudo, não será por entregar o corpo ao laboratório da natureza que a personalidade humana encontrará, automaticamente, os planos da Beleza Resplandecente.

Certo, brilham santuários imperecíveis nas esferas sublimadas, mas é imperioso considerar que, nas regiões imediatas à atividade humana, ainda encontramos imensa cópia de traças e ladrões, nas linhas evolutivas que se estendem além do sepulcro.

Quando o Mestre nos recomendou ajuntássemos tesouros no céu, aconselhava-nos a dilatar os valores do bem, na paz do coração. O homem que adquire fé e conhecimento, virtude e iluminação, nos recessos divinos da consciência, possui o roteiro celeste. Quem aplica os princípios redentores que abraça, acaba conquistando essa carta preciosa; e quem trabalha diariamente na prática do bem, vive amontoando riquezas nos Cimos da Vida.

Ninguém se engane, nesse sentido.

Além da Terra, fulgem bênçãos do Senhor nos Páramos Celestiais, entretanto, é necessário possuir luz para percebê-las.

É da Lei que o Divino se identifique com o que seja Divino, porque ninguém contemplará o céu se acolhe o inferno no coração.

Exercício

Identificar, no texto, caracteres da perfeição moral.

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE

MÓDULO I

OBJETIVOS GERAIS

Compreender os ensinamentos básicos da mediunidade, necessários à formação do médium. Esclarecer a respeito da importância e benefícios da prece, explicando a maneira correta de orar, segundo o Espiritismo. Refletir sobre a vivência do amai-vos e instruí-vos.



PROGRAMA I

 MÓDULO DE ESTUDO Nº 1

- * **Fundamentação Espírita:** Introdução ao Estudo da Mediunidade.
- * **Prática:** Exercícios sobre prece.
- * **Atividade complementar:** Resumo de *A Gênese* (capítulos X e XIV) e de *O Livro dos Médiuns, segunda parte*, (capítulos I, II, III, IV, V e VII).
- * **Culminância do módulo:** A formação do médium segundo os parâmetros ditados pelo Espírito de Verdade: *amai-vos e instruí-vos*.

 OBJETIVOS GERAIS

- **Compreender os ensinamentos básicos de mediunidade, necessários à formação do médium. Esclarecer a respeito da importância e benefícios da prece, explicando a maneira correta de orar, segundo o Espiritismo. Refletir sobre a vivência do *amai-vos e instruí-vos*.**

 TOTAL DE AULAS PREVISTAS

Teóricas	6
Práticas	6
Atividade complementar	1
Culminância	1

TEMPO PARA APLICAÇÃO DAS AULAS

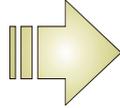
- Teóricas: até uma hora e trinta minutos.
- Práticas: até trinta minutos.

PLANO DE ESTUDO — MÓDULO Nº 1			
(1ª PARTE)	(2ª PARTE)	(3ª PARTE)	(4ª PARTE)
FUNDAMENTAÇÃO ESPÍRITA	PRÁTICA	ATIVIDADE COMPLEMENTAR	CULMINÂNCIA DO MÓDULO
<p>Introdução ao Estudo da Mediunidade</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Espírito, matéria e fluidos. 2. Perispírito e princípio vital. 3. O passe espírita. 4. A prece: importância, benefícios e a maneira correta de orar. 5. A faculdade mediúnica: conceito e classificação da mediunidade. 6. Fenômenos de emancipação da alma. 	<p>A Prece</p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ Esclarecer a respeito da importância e dos benefícios da prece. Explicar sobre a maneira correta de orar, segundo o Espiritismo. ◆ Realizar exercícios sobre prece nas reuniões, favorecendo a participação de todos. 	<p>Resumo e Apresentação</p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ <i>A Gênese</i>, de Allan Kardec, capítulos: X e XIV. ◆ <i>O Livro dos Médiuns</i>, de Allan Kardec, segunda parte, capítulos: I a V e VII. ◆ Os alunos deverão elaborar e apresentar resumo do conteúdo doutrinário selecionado, em dia, hora e local pré-estabelecidos. ◆ A organização e a elaboração deste trabalho devem seguir as instruções dadas nas <i>Considerações Gerais</i>. 	<p>Conduta Espírita</p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ A formação do médium segundo os parâmetros ditados pelo Espírito de Verdade: <i>amai-vos e instruí-vos</i>. ◆ Os alunos deverão ler os textos sugeridos e fazer os exercícios propostos.

FUNDAMENTAÇÃO ESPÍRITA: Introdução ao Estudo da Mediunidade

ROTEIRO 1

Espírito, matéria e fluidos

Objetivos
específicos

- Explicar, à luz da Doutrina Espírita, Espírito, matéria e fluidos.
- Reconhecer a importância desses conhecimentos para a prática mediúnica.



SUBSÍDIOS

Segundo *O Livro dos Espíritos*, há dois elementos gerais no Universo: *Espírito e matéria e, acima de tudo Deus, o Criador, o Pai de todas as coisas. Deus, Espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal. Mas, ao elemento material se tem que juntar o fluido universal, que desempenha o papel de intermediário entre o Espírito e a matéria propriamente dita, por demais grosseira para que o Espírito [desencarnado] possa exercer ação sobre ela.*¹⁰

1. ESPÍRITO

Segundo a Doutrina Espírita, o Espírito é o princípio inteligente do Universo, que tem como atributo essencial a inteligência.^{8, 9}

Os Espíritos são a individualização do princípio inteligente, assim como os corpos são a individualização do princípio material. São desconhecidos, porém, o modo e a época em que essa formação se operou, mas a criação dos Espíritos é constante.^{11, 12}

Muitas pessoas pensam que os Espíritos são seres vagos e indefinidos. No entanto, o Espiritismo nos explica que são seres humanos que vivem no plano espiritual, tendo como nós um veículo de manifestação, fluídico e invisível no estado normal, denominado perispírito.¹⁷ Este veículo serve de molde para a elaboração do corpo físico.

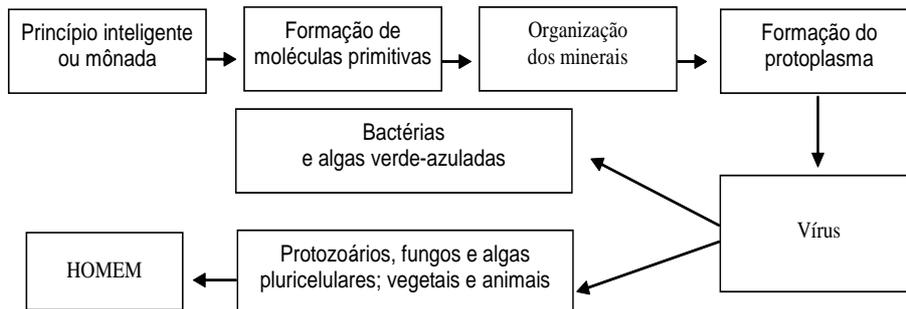
A existência dos Espíritos não tem fim, pois, a partir do momento em que fomos criados, viveremos eternamente.¹³ Todo Espírito tem uma forma definida, com coloração e brilho específicos, conforme o seu grau evolutivo.¹⁵ A matéria não oferece obstáculos ao Espírito, que passa através de tudo: ar, água, terra, fogo etc.¹⁷ Os Espíritos não estão todos num mesmo plano evolutivo, pertencem a *diferentes ordens, conforme o grau de perfeição que tenham alcançado.*¹⁶

É oportuno recordar que o Espírito, antes de atingir o estado de humanização, com pensamento contínuo, individualidade dotada de razão, transitou

pelos reinos da natureza onde, sob a forma de princípio espiritual (ou mônada), desenvolveu o aprendizado, lento e necessário, para cumprir a sua destinação. A evolução, nos dois planos da vida, ocorreu ao longo dos milênios, permitindo que o princípio inteligente pudesse transitar, livremente, nos reinos da natureza e se transformar em individualidade espiritual, dotada de razão.

Acredita-se que o princípio inteligente, sob ação dos Espíritos Angélicos, originou os elementos precursores da vida no Planeta. Surgem, então, as primeiras moléculas que produziram aglomerados microscópicos, estáveis e capazes de autoduplicar. A partir daí organiza-se a vida mineral sob o impulso do princípio espiritual, determinando os traços futuros da vida orgânica, uma vez que, nos cristais, as moléculas estão orientadas por uma ordenação geométrica indicadora dos primeiros vestígios de reprodução, necessários à formação dos microrganismos celulares, dos vegetais e dos animais.

As reações proporcionadas pelo princípio inteligente nas moléculas primitivas resultaram na formação do protoplasma, estrutura essencial à manifestação da vitalidade nos seres vivos.¹⁸ O protoplasma, constituído basicamente de proteínas, sendo de natureza geleificada, favorece o surgimento dos *vírus*, considerados o campo primacial da existência. Os vírus, formados de uma capa de proteína e de um código genético elementar, fornecem as bases para a organização unicelular de outros microrganismos. Surgem, então, as *bactérias* e as algas *verde-azuladas*, consideradas os primeiros microrganismos, formadas de *células primitivas* (procarionotas), que, num passo evolutivo seguinte, deram condições para o surgimento de seres possuidores de organização celular mais evoluída (seres eucariotas), uni e pluricelulares, tais como os microrganismos protozoários e fungos, as algas pluricelulares, os vegetais, os animais, inclusive o homem, de acordo com o esquema abaixo.



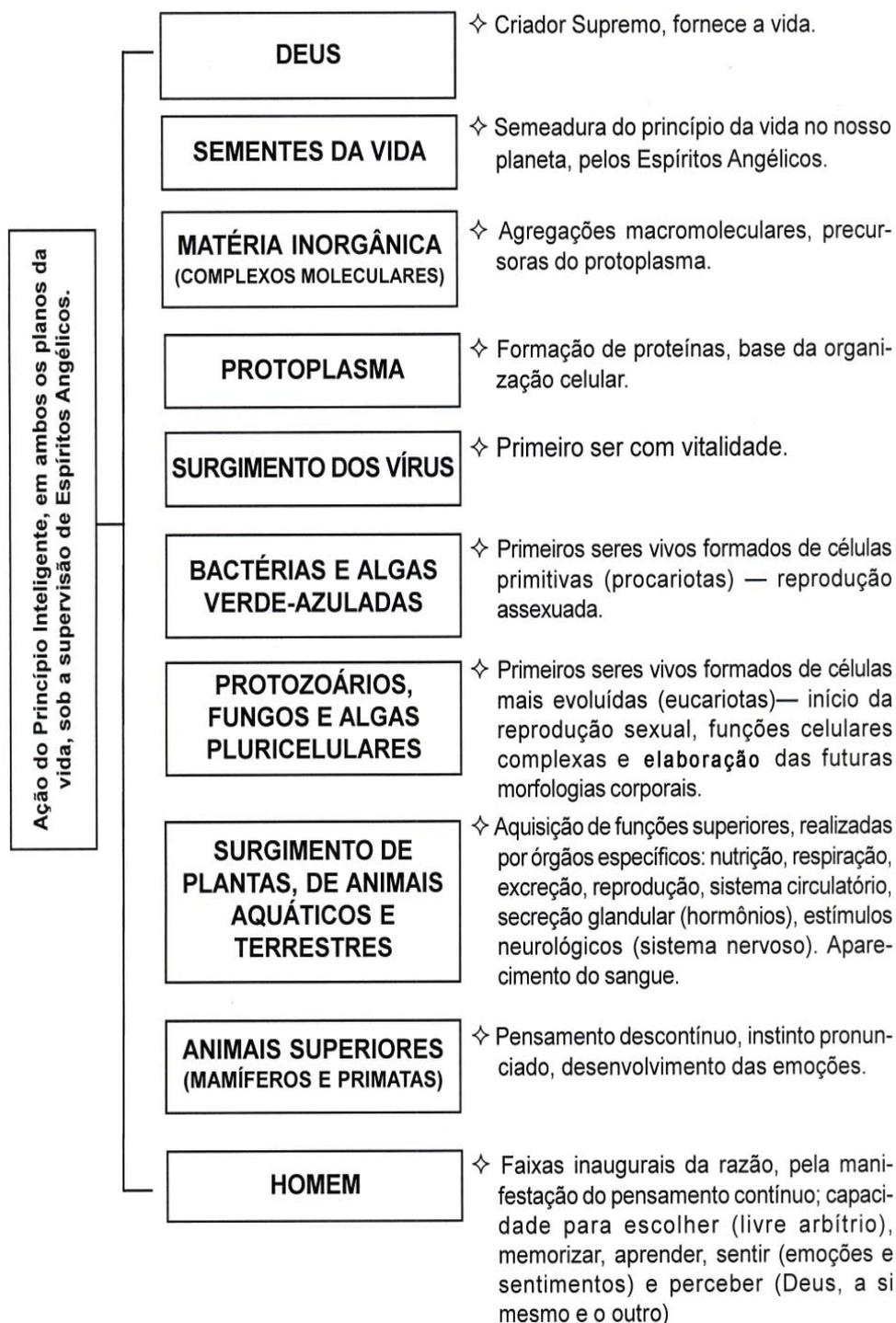
Fazendo uma breve análise do processo evolutivo do ser humano, podemos identificar aquisições evolutivas que marcam a passagem do princípio inteligente nos reinos da natureza, nos planos físico e espiritual. Os quadros, inseridos a seguir, nos fornecem melhor entendimento do assunto:

QUADRO 1: O Processo de Humanização *

Ação do Princípio Inteligente	Aquisição Evolutiva Resultante	Época aproximada
Reação entre os diversos gases da atmosfera primitiva.	Formação de minerais, cristais e rochas, resultante da atração química, base para a formação da matéria orgânica e do princípio de reprodução.	3,9 bilhões de anos
Organização de complexos moleculares nas águas mornas e salgadas necessária à formação do protoplasma.	Ação nas moléculas precursoras da vida (metano, amônia, hidrogênio e vapor d'água), inaugurando os princípios de variedade química e a futura diferenciação dos seres da natureza.	3,5 bilhões de anos
Estabilidade e capacidade de auto-duplicação dos complexos moleculares, devido à organização do protoplasma.	Surgimento dos vírus, marcando o nascimento do primeiro ser com vitalidade capaz de replicação.	3,0 bilhões de anos
Modificações significativas no protoplasma pela formação de células primitivas, contendo proteínas especializadas (enzimas), capazes de realizar funções específicas.	Aparecimento das bactérias e das algas verde-azuladas (seres celulares procariotas), marcando a formação do primeiro ser vivo celular e o início de funções elementares de digestão, reprodução, respiração, excreção e motilidade. Início do sentido de morte e de vida.	2,5 bilhões de anos
Evolução da célula procariota para célula eucariótica, contendo núcleo organizado e estruturas (organelas) especializadas no citoplasma (prómírdios dos órgãos e sistemas).	Aparecimento dos seres eucariotas, marcando o desenvolvimento de funções complexas, que serão realizadas por órgãos específicos nos seres mais evoluídos; delineamento das primeiras morfologias, encontradas nas plantas e nos animais.	2,0 bilhões de anos para os primeiros eucariotas e 1,0 bilhão de anos para os primeiros animais
Diferenciação significativa dos animais e plantas e formação de reinos, classes, famílias e espécies, devido à similitude ancestral. Surgimento de formas perispirituais primitivas.	Surgimento de diversos grupos de animais vertebrados, dentro e fora da água, e de plantas. Nascimento dos répteis, insetos e aves. As funções nutrição, respiração, circulação sanguínea e linfática, reprodução, excreção, secreção glandular (hormônios) e estímulo neural (sistema nervoso) passam a ser executadas por órgãos específicos. A constituição do sangue humano resulta da substituição de uma molécula de cobre – existente no sistema circulatório dos insetos – por uma de ferro, e da associação desta molécula a uma proteína (globina). O pensamento dos animais, mesmo que mamíferos, é descontínuo.	De 600 a 65 milhões de anos, sendo que os primatas surgem no final desse período
Desenvolvimento de funções neurológicas e endócrinas, cada vez mais complexas em seres humanizados (hominídeos). Organização mais complexa do perispírito.	Aparecimento das faixas inaugurais da razão, pela manifestação do pensamento contínuo e pela capacidade racional de saber escolher (livre arbítrio); o instinto é marcante nessa fase devido aos automatismos ancestrais, direcionados para a preservação da espécie. A memória é acionada para favorecer o raciocínio e o aprendizado. Desenvolvimento acentuado das emoções e dos sentimentos com percepções primitivas de Deus, de si mesmo (do <i>eu</i>) e do outro (o indivíduo diferente do <i>eu</i>). Verticalização da coluna vertebral, aumento das circunvoluções cerebrais e aquisição de funções especiais em nível do córtex do cérebro. A evolução humana ocorre, de forma sistemática, nos planos físico e espiritual, marcando as distâncias evolutivas existentes entre os primatas mais evoluídos e o homem.	Primeiros ancestrais do Homem (australopitecos): 3.800 milhares de anos <i>Homo habilis</i> : 1.800 milhares de anos <i>Homo erectus</i> : 1500 milhares de anos <i>Homo sapiens</i> (homem de Neandertal e Cromagnon): 200 milhões de anos <i>Homo sapiens, sapiens</i> da atualidade

* As informações constantes na coluna central deste quadro foram retiradas das obras citadas na bibliografia deste roteiro.

QUADRO 2: A Evolução Humana



2. MATÉRIA

O Espírito para atuar, para agir, precisa de *matéria*, mesmo que seja sob

2. MATÉRIA

O Espírito para atuar, para agir, precisa de *matéria*, mesmo que seja sob a forma de energia. *Matéria é o laço que prende o Espírito; é o instrumento de que este se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo, exerce sua ação. Desse ponto de vista, pode-se dizer que a matéria é o agente, o intermediário com o auxílio do qual e sobre o qual atua o Espírito.*⁷

Este conceito precisa ser devidamente entendido, porque a concepção que temos de matéria está fortemente relacionada com aquilo que os nossos sentidos corporais captam. No entanto, os Espíritos desencarnados, a despeito de não possuírem corpo físico, estão rodeados por matéria e atuam sobre ela. Trata-se de uma matéria cujas moléculas vibram em outra dimensão.

Mesmo no mundo físico observamos que há grande *dessemelhança, sob os aspectos da solidez, da compressibilidade, do peso e das múltiplas propriedades dos corpos, entre os gases atmosféricos e um filete de ouro, entre a molécula aquosa da nuvem e a do mineral que forma a carcaça óssea do globo! Que diversidade entre o tecido químico das variadas plantas que adornam o reino vegetal e o dos representantes não menos numerosos da animalidade na Terra! Entretanto, podemos estabelecer como princípio absoluto que todas as substâncias, conhecidas e desconhecidas, por mais dessemelhantes que pareçam, quer do ponto de vista da constituição íntima, quer pelo prisma de suas ações recíprocas, são, de fato, apenas modos diversos sob que a matéria se apresenta; variedades em que ela se transforma sob a direção das forças inumeráveis que a governam.*¹

A Doutrina Espírita nos esclarece que toda criação tem origem no fluido cósmico, que podemos entender como sendo *o plasma divino, hausto do Criador ou força nervosa do Todo-Sábio.*²⁰ A partir das modificações ocorridas no fluido cósmico é que surgem os corpos, substâncias e outras matérias existentes, tendo como origem uma matéria primitiva, também chamada de éter, cosmos, matéria cósmica ou matéria cósmica primitiva.^{2, 3}

Nessa substância original, ao influxo do próprio Senhor Supremo, operam as Inteligências Divinas a Ele agregadas, em processo de comunhão indescritível [...], extraindo desse hálito espiritual os celeiros da energia com que constroem os sistemas da Imensidade, em serviço de Co-criação em plano maior, de conformidade com os desígnios do Todo-Misericordioso, que faz deles agentes orientadores da Criação

*Excelsa. Essas Inteligências Gloriosas tomam o plasma divino e convertem-no em habitações cósmicas, de múltiplas expressões, radiantes ou obscuras, gaseificadas ou sólidas, obedecendo a leis predeterminadas, quais moradias que perduram por milênios e milênios, mas que se desgastam e se transformam, por fim, de vez que o Espírito Criado pode formar ou co-criar, mas só Deus é o Criador de Toda a Eternidade.*¹⁹

*Em análogo alicerce, as Inteligências humanas que ombreiam conosco utilizam o mesmo fluido cósmico, em permanente circulação no Universo, para a Co-criação em plano menor, assimilando os corpúsculos da matéria com a energia espiritual que lhes é própria, formando assim o veículo fisiopsicossomático em que se exprimem ou cunhando as civilizações que abrangem no mundo a Humanidade Encarnada e a Humanidade Desencarnada. Dentro das mesmas bases, plasmam também os lugares entenebrecidos pela purgação infernal, gerados pelas mentes desequilibradas ou criminosas nos círculos inferiores e abismais, e que valem por aglutinações de duração breve, no microcosmo em que estagiam, sob o mesmo princípio de comando mental com que as Inteligências Maiores modelam as edificações macrocósmicas, que desafiam a passagem dos milênios.*²⁰

3. FLUIDOS

*Há um fluido etéreo que enche o espaço e penetra os corpos. Esse fluido é o éter ou matéria cósmica primitiva, geradora do mundo e dos seres. São-lhe inerentes as forças que presidiram às metamorfoses da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo. Essas múltiplas forças, indefinidamente variadas segundo as combinações da matéria, localizadas segundo as massas, diversificadas em seus modos de ação, segundo as circunstâncias e os meios, são conhecidas na Terra sob os nomes de gravidade, coesão, afinidade, atração, magnetismo, eletricidade.*³ Essas forças produzem, em consequência, movimentos vibratórios e ondulantes, denominados energia, que se expressa sob forma radiante, luminosa, calorífica, sonora ou eletromagnética.

*Assim como só há uma substância simples, primitiva, geradora de todos os corpos, mas diversificada em suas combinações, também todas essas forças dependem de uma lei universal diversificada em seus efeitos e que, pelos desígnios eternos, foi soberanamente imposta à criação, para lhe imprimir harmonia e estabilidade.*⁴

O fluido universal, embora de certo ponto de vista seja lícito classificá-lo como elemento material, ele se distingue deste por propriedades especiais. Se o fluido universal fosse positivamente matéria, razão não haveria para que também o Espírito

*não o fosse. Está colocado entre o Espírito e a matéria; é fluido, como a matéria é matéria, e suscetível, pelas suas inumeráveis combinações com esta e sob a ação do Espírito, de produzir a infinita variedade das coisas [...]*¹⁰

O fluido cósmico universal, como princípio elementar do Universo, assume dois estados distintos:

a) o de *eterização* ou *imponderabilidade* [que não se pode pesar], considerando o primitivo estado normal;⁵

b) o de *materialização* ou *ponderabilidade* [que tem peso], que é, de certa maneira, consecutivo àquele. O ponto intermédio é o da transformação do fluido em matéria tangível. Mas, ainda aí, não há transição brusca porquanto podem considerar-se os nossos fluidos imponderáveis como termo médio entre os dois estados.⁵

Cada um desses dois estados dá lugar, naturalmente, a fenômenos especiais: ao segundo [fluidos ponderáveis] pertencem os do mundo visível [físico] e ao primeiro [fluidos imponderáveis], os do mundo invisível [espiritual]. Uns, os chamados fenômenos materiais, são da alçada da Ciência, propriamente dita, os outros, qualificados de fenômenos espirituais ou psíquicos, porque se ligam de modo especial à existência dos Espíritos, cabem nas atribuições do Espiritismo. Como, porém, a vida espiritual e a vida corporal se acham incessantemente em contato, os fenômenos das duas categorias muitas vezes se produzem simultaneamente. No estado de encarnação, o homem somente pode perceber os fenômenos psíquicos que se prendem à vida corpórea; os do domínio espiritual escapam aos sentidos materiais e só podem ser percebidos no estado de Espírito.⁵

Finalmente, é importante assinalar que, no estado de eterização [imponderabilidade], o fluido cósmico não é uniforme; sem deixar de ser etéreo, sofre modificações tão variadas em gênero e mais numerosas talvez do que no estado de matéria tangível. Essas modificações constituem fluidos distintos que, embora procedentes do mesmo princípio, são dotados de propriedades especiais e dão lugar aos fenômenos peculiares ao mundo invisível.⁶

Dentro da relatividade de tudo, esses fluidos têm para os Espíritos, que também são fluídicos, uma aparência tão material, quanto a dos objetos tangíveis para os encarnados e são, para eles, o que são para nós as substâncias do mundo terrestre. Eles os elaboram e combinam para produzirem determinados efeitos, como fazem os homens com os seus materiais, ainda que por processos diferentes.⁶

Concluindo, destacamos que o conhecimento da origem e da natureza do Espírito, do papel do perispírito, bem como das leis que regem a matéria e os fluidos, é de fundamental importância para a prática mediúnica. É que o médium, melhor entendendo os mecanismos da mediunidade, os fenômenos anímicos, as

GLOSSÁRIO

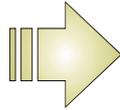
Algas	Seres celulares (procariotas e eucariotas), que vivem no fundo ou na superfície das águas doces e salgadas.
Bactérias	Organismos microscópicos (microrganismos), unicelulares, sem clorofila, possuidores de células sem organelas diferenciadas, daí serem chamadas procariotas. Estão relacionadas a doenças e saúde humanas, bem como à produção de alimentos e à despoluição da natureza.
Globulinas (globinas)	Classe de proteínas insolúveis na água, mas solúveis em concentrações fracas (diluídas) de sal de cozinha (cloreto de sódio). Possuem substâncias albuminóides podem ter ação protetora (imune) no organismo. Os anticorpos são imunoglobulinas.
Moléculas	Agrupamento de átomos, eletricamente neutros, formando menor quantidade possível de compostos (sólidos e líquidos) ou de elementos gasosos, em condições normais. É parte diminuta de uma substância, maior que o átomo.
Mônada	A mônada, princípio espiritual ou princípio inteligente, originou o Espírito.
Primatas	Ordem de mamíferos, que compreende o homem e os animais que se lhe assemelham (macacos).
Proteínas	Compostos nitrogenados, não cristalizáveis, semelhantes entre si e com elevado peso molecular. Formam os constituintes dos tecidos e líquidos orgânicos, constando de: carbono, oxigênio, nitrogênio e, às vezes, enxofre, fósforo e iodo. Suas unidades básicas são os aminoácidos.
Protoplasma ou bioplasma	Diz-se do líquido viscoso contido no interior das células vegetais e animais. Primeira substância química, formada a partir de elementos químicos dispersos na natureza, nos primórdios da vida. (Protoplasma, do grego protos = primeiro, plasma = formação).

Reprodução assexuada	Tipo de reprodução elementar, sem formação de gametas. A reprodução por fragmentação de partes do organismo (cissiparidade) é assexuada. Alguns organismos monocelulares têm reprodução assexuada como, por exemplo, as bactérias e os protozoários.
Reprodução sexuada	Forma em que a perpetuação das espécies se dá pela atuação conjunta dos gametas masculino e feminino. Na espécie humana, o espermatozóide é a célula masculina e o óvulo, o gameta feminino. A reprodução sexuada começa nos microorganismos (protozoários e alguns fungos).
Vírus	Os menores microrganismos, visíveis apenas por meio de microscópios eletrônicos. Grande parte dos vírus possui uma capa protéica que protege o seu material genético. Os vírus estão relacionados à produção de doenças no homem, nos animais e nas plantas.



REFERÊNCIAS

1. KARDEC, Allan. *A Gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 46. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. VI, A Matéria. item 3, p. 107.
2. _____. Item 7, p. 109.
3. _____. As Leis e as Forças, item 10, p. 111.
4. _____. p. 111-112.
5. _____. Cap. XIV (Os Fluidos), item 2, p. 273-274.
6. _____. Item 3, p. 274-275.
7. _____. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Dos Elementos Gerais do Universo. Questão. 22, p. 58.
8. _____. Questão 23, p. 59.
9. _____. Questão 24, p. 59.
10. _____. Questão 27, p. 59-60.
11. _____. Questão 78, p. 81.
12. _____. Questão 79, p. 81.
13. _____. Questão 83, p. 82.
14. _____. Questão 88, p. 83.
15. _____. Questão 91, p. 84.
16. _____. Questão 96, p. 86.
17. _____. *O Que é o Espiritismo*. 50. Ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. II (Noções elementares de Espiritismo - Observações preliminares), item 8 (Dos Espíritos), p. 154.
18. DELANNE, Gabriel. A força vital. *A Evolução Anímica*. Trad. de Manuel Quintão. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001. Segunda parte (Os Fatos), cap. IV (O Espiritismo Transcendental), item: Na Inglaterra, p. 185-186.
19. XAVIER, Francisco Cândido & VIEIRA, Waldo. *Evolução em Dois Mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 225. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Primeira parte, cap. I (Fluido Cósmico), item: Co-Criação em plano maior, p. 19-20.
20. _____. Item: Co-criação em plano menor.

Objetivos
específicos

- Relacionar as principais características, propriedades e funções do perispírito.
- Explicar a importância do perispírito nas comunicações mediúnicas.



SUBSÍDIOS

O estudo do perispírito representa um dos temas mais importantes para a compreensão dos fenômenos mediúnicos. A seguinte subdivisão facilita o entendimento do assunto.

1. CARACTERÍSTICAS GERAIS DO PERISPÍRITO

- *O perispírito e o corpo físico originam-se no fluido cósmico universal*

O perispírito, ou corpo fluídico dos Espíritos (encarnados ou desencarnados), é um dos mais importantes produtos do fluido cósmico; é uma condensação desse fluido em torno de um foco de inteligência ou alma [...]. O corpo carnal tem seu princípio de origem nesse mesmo fluido condensado e transformado em matéria tangível.⁷

No perispírito, a transformação molecular opera diferentemente, porquanto o fluido conserva a sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. O corpo perispíritico e o corpo carnal têm pois origem no mesmo elemento primitivo; ambos são matéria, ainda que em dois estados diferentes.⁷

- *O perispírito é o envoltório fluídico do Espírito, sendo de natureza semimaterial*

Para que o Espírito possa atuar no mundo espiritual, na categoria de desencarnado, ou no mundo físico, como encarnado, é-lhe indispensável revestir-se de um envoltório intermediário, de natureza fluídica.⁵

[...] É semimaterial esse envoltório; isto é, pertence à matéria pela sua origem e à espiritualidade pela sua natureza etérea. Como toda matéria, ele é extraído do fluido cósmico universal que, nessa circunstância, sofre modificação especial. Esse envoltório, denominado perispírito, faz de um ser abstrato, o Espírito, um ser concreto, definido, apreensível pelo pensamento. Torna-o apto a atuar sobre a matéria tangível.⁵

- *Como se processa a ligação do perispírito ao corpo físico do encarnado*

Quando o Espírito tem de encarnar num corpo humano em vias de formação,

*um laço fluídico, que mais não é do que uma expansão do seu perispírito, o liga ao gérmen [ou zigoto] que o atrai por uma força irresistível, desde o momento da concepção. À medida que o gérmen [ou zigoto, em linguagem atual] se desenvolve, o laço se encurta. Sob a influência do princípio vito-material do gérmen, o perispírito, que possui certas propriedades da matéria, se une, molécula a molécula, ao corpo em formação, donde o poder dizer-se que o Espírito, por intermédio do seu perispírito, se enraíza, de certa maneira, nesse gérmen, como uma planta na terra. Quando o gérmen chega ao seu pleno desenvolvimento, completa é a união, nasce então o ser para a vida exterior.*⁶

No processo de renascimento, é oportuno recordar que o útero representa um vaso anímico de elevado poder magnético ou um molde vivo destinado à fundição e refundição das formas, ao sopro criador da Bondade Divina, que, em toda parte, nos oferece recursos ao desenvolvimento para a Sabedoria e para o Amor. Esse vaso atrai a alma sequiosa de renascimento e que lhe é afim, reproduzindo-lhe o corpo denso, no tempo e no espaço, como a terra engole a semente para doar-lhe nova germinação, consoante os princípios que encerra.¹⁵

- Como ocorre o desligamento do perispírito, na desencarnação

*Por ocasião da morte, o perispírito se desprende mais ou menos lentamente do corpo.¹¹ Por um efeito contrário, a união do perispírito e da matéria carnal, que se efetua sob a influência do princípio vital do gérmen, cessa, desde que esse princípio deixa de atuar, em consequência da desorganização do corpo [...]. Então, o perispírito se desprende, molécula a molécula, conforme se unira, e ao Espírito é restituída a liberdade. Assim, não é a partida do Espírito que causa a morte do corpo; esta é que determina a partida do Espírito.*⁶

- A natureza do perispírito

Do meio onde se encontra é que o Espírito extrai o seu perispírito, isto é, esse envoltório ele o forma dos fluidos ambientais. Resulta daí que os elementos constitutivos do perispírito naturalmente variam conforme os mundos.⁸ A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do Espírito. Os Espíritos inferiores não podem mudar de envoltório a seu belprezer, pelo que não podem passar, à vontade, de um mundo para outro. [...] Nessa categoria se devem incluir aqueles cujo perispírito é tão grosseiro, que eles o confundem com o corpo carnal, razão por que continuam a crer-se vivos [encarnados]. [...] Os Espíritos superiores, ao contrário, podem vir aos mundos inferiores, e, até, encarnar neles. Tiram, dos elementos constitutivos do mundo onde entram, os materiais para a formação do envoltório fluídico ou carnal apropriado ao meio onde se encontram. Conforme seja mais ou menos depurado o Espírito, o seu perispírito se formará das partes mais puras ou das mais grosseiras do fluido peculiar ao mundo onde ele

*encarna [...]. Resulta disso este fato capital: a constituição íntima do perispírito não é idêntica em todos os Espíritos encarnados ou desencarnados que povoam a Terra ou o espaço que a circunda. O mesmo já não se dá com o corpo carnal, que [...] se forma dos mesmos elementos, qualquer que seja a superioridade ou a inferioridade do Espírito. [...] Também resulta que: o envoltório perispirítico de um Espírito se modifica com o progresso moral que este realiza em cada encarnação, embora ele encarne no mesmo meio [...].*¹⁰

Os elementos formadores do perispírito participam ao mesmo tempo da eletricidade, do fluido magnético e, até certo ponto, da matéria inerte. Poder-se-ia dizer que é a quintessência da matéria. É o princípio da vida orgânica, porém não o da vida intelectual, que reside no Espírito. É, além disso, o agente das sensações exteriores. No corpo, os órgãos, servindo-lhes de condutos, localizam essas sensações. Destruido o corpo, elas se tornam gerais.¹¹ Durante a vida, o corpo recebe impressões exteriores e as transmite ao Espírito por intermédio do perispírito, que constitui, provavelmente, o que se chama fluido nervoso. Uma vez morto, o corpo nada mais sente, por já não haver nele Espírito, nem perispírito. Este, desprendido do corpo, experimenta a sensação, porém, como já não lhe chega por um conduto limitado, ela se torna geral.¹² Assim, o perispírito desempenha importante papel em todos os fenômenos psicológicos e, até certo ponto, nos fenômenos fisiológicos e patológicos.¹⁴

- O perispírito e o fluido vital

Há, na matéria orgânica, um princípio especial, inapreensível e que ainda não pode ser definido: o princípio vital. Ativo no ser vivente, esse princípio se acha extinto no ser morto.¹ Será o princípio vital alguma coisa particular, que tenha existência própria? Ou, integrado no sistema da unidade do elemento gerador, apenas será um estado especial, uma das modificações do fluido cósmico, pela qual este se torne o princípio da vida, como se torna luz, fogo, calor, eletricidade?² A atividade do princípio vital é alimentada durante a vida pela ação do funcionamento dos órgãos, do mesmo modo que o calor, pelo movimento de rotação de uma roda. Cessada aquela ação, por motivo da morte, o princípio vital se extingue, como o calor, quando a roda deixa de girar. Mas, o efeito produzido por esse princípio sobre o estado molecular do corpo subsiste, mesmo depois dele extinto, como a carbonização da madeira subsiste à extinção do calor.³ Tomamos para termo de comparação o calor que se desenvolve pelo movimento de uma roda, por ser um efeito vulgar, que todo mundo conhece, e mais fácil de compreender-se. Mais exato, no entanto, houveramos sido, dizendo que, na combinação dos elementos para formarem os corpos orgânicos, desenvolve-se eletricidade. Os corpos orgânicos seriam, então, verdadeiras pilhas elétricas, que

funcionam enquanto os elementos dessas pilhas se acham em condições de produzir eletricidade: é a vida; que deixam de funcionar, quando tais condições desaparecem: é a morte. Segundo essa maneira de ver, o princípio vital não seria mais do que uma espécie particular de eletricidade, denominada eletricidade animal, que durante a vida se desprende pela ação dos órgãos e cuja produção cessa, quando da morte, por se extinguir tal ação. ⁴ *No plano espiritual, o homem desencarnado vai lidar, mais diretamente, com um fluido vivo [vital] e multiforme, estuante e inestancável a nascer-lhe da própria alma, de vez que podemos defini-lo, até certo ponto, por subproduto do fluido cósmico, absorvido pela mente humana, em processo vitalista semelhante à respiração, pelo qual a criatura assimila a força emanante do Criador, esparsa em todo o Cosmo, transsubstanciando-a, sob a própria responsabilidade, para influenciar na Criação, a partir de si mesma. Esse fluido é o seu próprio pensamento contínuo, gerando potenciais energéticos com que não havia sonhado.* ¹⁶

2. PROPRIEDADES E FUNÇÕES DO PERISPÍRITO ¹⁷

As principais propriedades do perispírito podem ser resumidas nas seguintes:

- *Plasticidade* — refere-se às alterações morfológicas que ocorrem em função dos contínuos comandos mentais do Espírito. Em decorrência desta propriedade, o perispírito é capaz de expandir e exteriorizar-se nos fenômenos de desdobramento e doações fluídicas.

- *Densidade* — é a propriedade que trata das medidas de peso (ponderabilidade) e de luminosidade (frequência vibratória mental), ambas relacionadas à evolução do Espírito.

- *Penetrabilidade* — trata-se da capacidade de atravessar barreiras físicas, se presentes as necessárias condições mentais.

- *Visibilidade* — o perispírito é normalmente invisível nos Espíritos encarnados; os desencarnados menos evoluídos percebem apenas o perispírito dos seus pares e dos Espíritos que lhe são inferiores. A visibilidade é, porém, comum, nos Espíritos Superiores.

- *Sensibilidade* — é a propriedade de perceber sensações, sentimentos e emoções. Estas percepções não são captadas por meio de órgãos específicos, mas por todo o corpo perispiritual.

- *Bicorporeidade* ou desdobramento — representa a propriedade em que o Espírito faz-se em dois, isto é, o corpo físico é visto em um local (geralmente dormindo em um leito) e o perispírito é visualizado em outro local.

- *Unicidade* — significa dizer que cada pessoa traz no próprio perispírito

a soma das suas conquistas evolutivas. Não há, portanto, dois perispíritos iguais.

- *Mutabilidade* — é a propriedade que permite mudanças no perispírito em decorrência do processo evolutivo. A mutabilidade ocorre no que se refere à substância, à forma e à estrutura perispirituais.

As funções do perispírito podem ser sintetizadas em quatro: *individualizadora, instrumental, organizadora e sustentadora*. 1) A função *individualizadora* permite que o perispírito seja o elemento de ligação entre o Espírito e o corpo físico. 2) A função *instrumental* permite a interação do Espírito com os mundos espiritual e físico. 3) A função *organizadora* diz respeito ao papel de molde que o perispírito exerce, determinando as linhas morfológicas e hereditárias do corpo físico. Esta função garante a manifestação da lei de causa e efeito. 4) A função *sustentadora*, sob o impulso da mente espiritual, permite que o perispírito transfira, paulatinamente, a energia vital para o corpo físico, sustentando-o desde a formação até o seu completo desenvolvimento. Por meio desta função, o corpo físico tem garantida a vitalidade que o sustentará durante o tempo previsto para a reencarnação.

3. O PERISPÍRITO E AS COMUNICAÇÕES MEDIÚNICAS

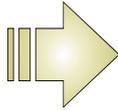
*O perispírito não se acha encerrado nos limites do corpo, como numa caixa. Pela sua natureza fluídica ele é expansível, irradia para o exterior e forma em torno do corpo, uma espécie de atmosfera que o pensamento e a força de vontade podem dilatar mais ou menos. Daí se segue que pessoas há que, sem estarem em contato corporal, podem achar-se em contato pelos seus perispíritos e permutar a seu mau grado impressões e, algumas vezes, pensamentos, por meio da intuição.*¹¹ De maneira semelhante, os Espíritos se comunicam com os encarnados, através da mediunidade. O médium e o Espírito comunicante entram em contato, um com o outro, pelos respectivos perispíritos e trocam impressões e sentimentos. O perispírito também tem papel fundamental *nas aparições vaporosas ou tangíveis*.¹² Nas comunicações mediúnicas corriqueiras, o Espírito sofredor ou necessitado pode encontrar-se em patamar, moral e intelectual, inferior ao do médium que lhe transmite a mensagem. Nessa situação, entre o médium e o Espírito comunicante estabelece-se uma ligação de ordem fluídica, em que o médium, à semelhança de um enfermeiro, permite que o Espírito retrate e transmita aos circunstantes suas dores, seus sentimentos, suas dificuldades, seu grau de entendimento moral-intelectual. Essa ligação do Espírito com o médium e a manifestação consecutiva do seu estado — via perispíritos — só são possíveis com a aquiescência do médium, que atende à solicitação (consciente ou não) do Espírito comunicante.

REFERÊNCIAS

1. KARDEC, Allan. *A Gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 46. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. X, item 16, p. 197.
2. _____. Item 17, p. 198.
3. _____. Item 18, p. 198-199.
4. _____. Item 19, p. 199.
5. _____. Cap. XI, item 17, p. 213-214.
6. _____. Item 18, p. 214-215.
7. _____. Cap. XIV, item 7, p. 277.
8. _____. Cap. XIV, item 8, p. 277-278.
9. _____. Item 9, p. 275-278.
10. _____. Item 10, p. 279.
11. _____. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Questão 257, p. 166.
12. _____. p. 167.
13. _____. *Obras Póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Primeira parte (Manifestações dos Espíritos - caráter e consequências religiosas das manifestações dos Espíritos), cap. I (O perispírito como princípio das manifestações), item 11, p. 45.
14. _____. Item 12, p. 45.
15. XAVIER, Francisco Cândido. *Entre a Terra e o Céu*. Pelo Espírito André Luiz. 21. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 28(Retorno), p. 229.
16. XAVIER, Francisco Cândido & VIEIRA, Waldo. *Evolução em Dois Mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Primeira parte, cap. XIII (Alma e fluidos), item: Fluido vivo, p. 95-96.
17. ZIMMERMANN, Zalmino. *Propriedades e Funções do Perispírito*. 1. ed. Campinas [SP]: CEAK, 2000. Cap. II (Propriedades do Perispírito), cap. III (Funções do Perispírito), p. 27 a 72.

ROTEIRO 3

O passe espírita

Objetivos
específicos

- Conceituar passe espírita.
- Prestar esclarecimento sobre os mecanismos, os tipos e os efeitos do passe.
- Explicar a utilização do passe nas reuniões mediúnicas.



SUBSÍDIOS

Como já foi visto, o *fluido universal* é o elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito, os quais são simples transformação dele. Pela identidade da sua natureza, esse fluido, condensado no perispírito, pode fornecer princípios reparadores ao corpo; o Espírito, encarnado ou desencarnado, é o agente propulsor que infiltra num corpo deteriorado uma parte da subsistência do seu envoltório fluídico.¹ Essas explicações de Kardec são necessárias para que se possa melhor compreender o que é o passe, qual o seu mecanismo, a maneira correta de aplicá-lo e os benefícios por ele proporcionados.

1. CONCEITOS DE PASSE ESPÍRITA

— É uma emanção controlada da força mental que, sob a alavanca da vontade e da ação da prece, atrai a Força Divina em nosso benefício.¹⁹

— [...] é a ação ou esforço de transmitir, para um outro indivíduo, energias magnéticas, próprias ou de um Espírito, a fim de socorrer-lhe a carência física e/ou mental, que decorre da falta dessa energia.⁷

— O passe é sempre, segundo a visão espírita, um procedimento fluídico-magnético, que tem como principal objetivo auxiliar a restauração do equilíbrio orgânico do paciente.¹³

— Assim como a transfusão de sangue representa uma renovação das forças físicas, o passe é uma transfusão de energias psíquicas [...] é a transmissão de uma força psíquica e espiritual, dispensando qualquer contato físico na sua aplicação.⁶

2. MECANISMO DO PASSE

O mecanismo do passe baseia-se na transmissão do fluido vital:

— O fluido vital se transmite de um indivíduo a outro. Aquele que o tiver em maior porção pode dá-lo a um que o tenha de menos e, em certos casos, prolongar a vida prestes a extinguir-se. ⁴

— A energia transmitida pelo passe atua no perispírito do paciente e deste sobre o corpo físico. O perispírito recebe a energia através de pontos determinados, que André Luiz chama de centros de força e certas escolas espiritualistas chamam de chacras. ⁸

— O nosso perispírito possui sete centros de força, que se conjugam nas ramificações dos plexos e que, vibrando em sintonia uns com os outros, ao influxo do poder diretriz da mente, estabelecem, para o nosso uso, um veículo de células elétricas, que podemos definir como sendo um campo eletromagnético, no qual o pensamento vibra em circuito fechado. ²⁰

Os centros vitais estão localizados, também, no duplo etérico, corpo fluídico que se apresenta como uma duplicata energética do indivíduo, interpenetrando o seu corpo físico ao mesmo tempo em que parece dele emergir. O duplo etérico emite, continuamente, uma emanção energética que se apresenta em forma de raias ou estrias que partem de toda a sua superfície. ¹⁰

Os principais centros de força são os seguintes: coronário, cerebral, laríngeo, cardíaco, esplênico, gástrico e genésico, de acordo com a sua localização, próximos aos órgãos do corpo físico. ⁹ Sabe-se que papel capital desempenha a vontade em todos os fenômenos do magnetismo [...]. A vontade é atributo essencial do Espírito, isto é, do ser pensante. Com o auxílio dessa alavanca, ele atua sobre a matéria elementar e, por uma ação consecutiva, reage sobre seus compostos, cujas propriedades íntimas vêm assim a ficar transformadas. ⁵ É assim que a água é fluidificada ou magnetizada, é assim que ocorrem as curas, conhecidas no meio espírita. [...] quanto mais forte for a nossa vontade e quanto mais positiva for a nossa confiança, tanto mais eficientes serão os efeitos da magnetização. Afirmamos, por igual, que quanto mais nos elevarmos espiritualmente, tanto maior será o poder de nossa irradiação. ¹⁴ O perispírito do necessitado recebe fluidos do médium de passe, os quais são transferidos ao seu corpo físico, uma vez que a transfusão fluídica se opera de perispírito a perispírito. O fluido magnético, que se nos escapa continuamente, forma em torno do nosso corpo uma atmosfera. Não sendo impulsionado pela nossa vontade, não age sensivelmente sobre os indivíduos que nos cercam; desde, porém, que nossa vontade o impulsione e o dirija, ele se move com toda a força que lhe imprimimos. ¹⁵

Outro fator importante no passe, além da vontade, é a ação da prece. A prece atrairá a assistência dos bons Espíritos, criando um clima de elevação e de

harmonia, favorável à cura. *A prece é um recurso de que todos podemos lançar mão, principalmente o passista, e que, quando corretamente executada, funciona como verdadeiro 'banho' de limpeza fluídica.*¹¹ *A prece tem um outro papel importantíssimo, que é o de higienização do ambiente fluídico em que se encontra aquele que ora. No momento em que o passista passa a receber fluidos de qualidade superior, passa também à condição de repulsor dos fluidos inferiores do ambiente.*¹²

3. TIPOS DE PASSE OU DE AÇÃO MAGNÉTICA³

A ação magnética pode produzir-se de muitas maneiras:

1ª. pelo próprio fluido do magnetizador; é o magnetismo propriamente dito, ou magnetismo humano, cuja ação se acha adstrita à força e, sobretudo, à qualidade do fluido;

2ª. pelo fluido dos Espíritos, atuando diretamente sem intermediário sobre um encarnado, seja para o curar ou calmar um sofrimento, seja para provocar o sono sonambúlico espontâneo, seja para exercer sobre o indivíduo uma influência física ou moral qualquer. É o magnetismo espiritual, cuja qualidade está na razão direta das qualidades do Espírito;

*3ª. pelos fluidos que os Espíritos derramam sobre o magnetizador [no caso, médium passista], que serve de veículo para esse derramamento. É o magnetismo misto, semi-espiritual, ou, se o preferirem, humano-espiritual. Combinado com o fluido humano, o fluido espiritual lhe imprime qualidades de que ele carece. Em tais circunstâncias, o concurso dos Espíritos é amiúde espontâneo, porém, as mais das vezes, provocado por um apelo do magnetizador.*³

4. OS EFEITOS DO PASSE

*Nem todos os homens são sensíveis à ação magnética, e, entre os que o são, pode haver maior ou menor receptividade, o que depende de diversas condições, umas que dizem respeito ao magnetizador e outras ao próprio magnetizado, além de circunstâncias ocasionais oriundas de diversos fatores. Comumente, o magnetismo não exerce nenhuma ação sobre as pessoas que gozam de uma saúde perfeita.*¹⁶

Os fatores que interferem nos efeitos do passe podem ser resumidos em: impedimento provacional (a pessoa tem que passar por aquela provação); condições físicas do passista (velhice, uso de certos medicamentos, doenças em geral, vícios etc); falta de cooperação do paciente (falta de fé ou rejeição à ação fluídica.)

O grande efeito ou benefício do passe é, naturalmente, a cura, física ou psíquica.

A cura se opera mediante a substituição de uma molécula malsã por uma molécula sã. O poder curativo estará, pois, na razão direta da pureza da substância inoculada; mas depende também da energia da vontade que, quanto maior for, tanto mais abundante emissão fluídica provocará e tanto maior força de penetração dará ao fluido [...]. Os fluidos que emanam de uma fonte impura são quais substâncias medicamentosas alteradas. ² As pessoas doentes do corpo ou da alma - presas a obsessões ou influências espirituais - devem buscar o lenitivo do passe para os seus males.

5. O PASSE NAS REUNIÕES MEDIÚNICAS

O passe é utilizado nas reuniões mediúnicas quando necessário. É uma forma de doar fluidos salutares ao Espírito sofredor comunicante, auxiliando-o na recuperação ou no equilíbrio do seu estado mental e emocional. Tem o poder de também auxiliar o médium durante a comunicação mediúnica, de forma que os fluidos deletérios sejam dissipados e não atinjam diretamente o equilíbrio somático do medianeiro. Naturalmente, não é uma conduta obrigatória, uma vez que o médium harmonizado com o plano espiritual superior encontra os recursos necessários para não se deixar influenciar pelas ações, emoções ou sentimentos do sofredor, que lhe utiliza as faculdades psíquicas para manifestar-se.

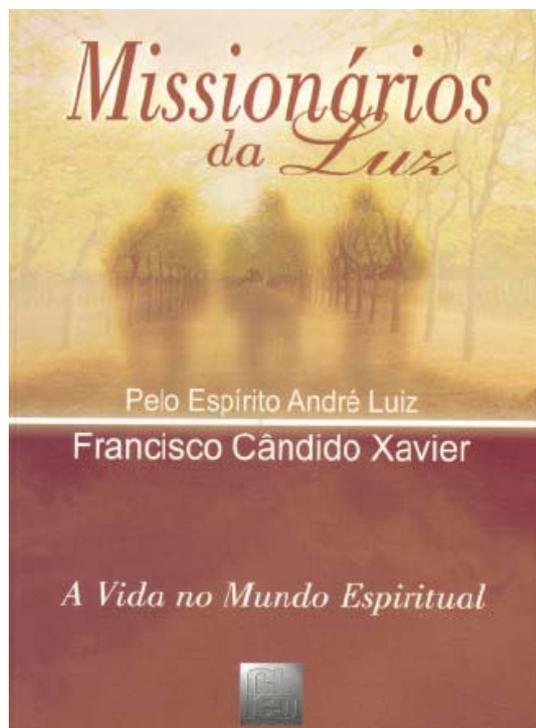
O passe é necessário no trabalho da desobsessão. ¹⁷

Jesus impunha as mãos sobre os enfermos e sofredores, inclusive os endemoniados (obsidiados), curando-os dos seus males. Os apóstolos adotavam também essa prática. ¹⁸ Nas reuniões mediúnicas, a aplicação do passe *deve ser observada regularmente, de vez que o serviço de desobsessão pede energias de todos os presentes e os instrutores espirituais estão prontos a repor os dispêndios de força havidos, através dos instrumentos de auxílio magnético que se dispõem a servi-los, sem ruídos desnecessários, de modo a não quebrarem a paz e a respeitabilidade do recinto.* ¹⁸ Os médiuns passistas, no entanto, aplicarão o passe, quando se fizer necessário, a pedido do dirigente da reunião.



REFERÊNCIAS

1. KARDEC, Allan. *A Gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 46. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. XIV, item 31, p. 294-295.
2. _____. p. 295.
3. _____. Item 33, p. 295-296.
4. _____. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Questão 70, p.77.
5. _____. *O Livro dos Médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 73. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, 2ª Parte. Cap. VIII, item 131, p. 172.
6. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. *Espiritismo de A a Z*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999, p. 377 (Passe).
7. GENTILE, Salvador. *O Passe Magnético*. São Paulo: IDE, 1994, p. 47 (O passe. Seus fundamentos).
8. _____. p. 62.
9. _____. p. 67.
10. GURGEL, Luiz Carlos de M. *O Passe Espírita*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996, p. 84-86 (Duplo Etérico).
11. _____. p. 109 (A Prece).
12. _____. p. 111.
13. _____. p.113 (O que é o passe).
14. MICHAELUS. *Magnetismo Espiritual*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, Cap. V, p. 37.
15. _____. Cap. VI, item 1, p. 46.
16. _____. Cap. VIII, p. 58.
17. NOBRE, Marlene RS. *O Obsessão e suas Máscaras*. São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1997. Cap. 17 (Terapêutica e profilaxia), p. 142.
18. XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo. *Desobsessão*. Pelo Espírito André Luiz. 25 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 52 (Passes), p. 183.
19. _____. *Evolução em Dois Mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 22 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Segunda parte, cap. XV (Passe magnético), p. 201.
20. XAVIER, Francisco Cândido. *Entre a Terra e o Céu*. Pelo Espírito André Luiz. 22 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 20 (Conflitos da alma), p. 163-164.

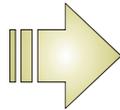


FUNDAMENTAÇÃO ESPÍRITA: Introdução ao Estudo da Mediunidade

ROTEIRO 4

A prece: importância, benefícios e a maneira correta de orar

Objetivos específicos



- Conceituar prece.
- Identificar os benefícios produzidos pela prece.
- Explicar, à luz do Espiritismo, a maneira correta de orar, os tipos de prece e a sua importância numa reunião mediúnica.



SUBSÍDIOS

1. O QUE É PRECE

A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nEle; é aproximar-se dEle; é pôr-se em comunicação com Ele. A três coisas podemos propor-nos por meio da prece: louvar, pedir e agradecer. ⁷ Pode-se dizer, também, que a prece é uma invocação, mediante a qual o homem entra, pelo pensamento, em comunicação com o ser a quem se dirige. ²

2. IMPORTÂNCIA DA PRECE

Pela prece, obtém, o homem o concurso dos bons Espíritos, que acorrem a sustentá-lo em suas boas resoluções e a inspirar-lhes idéias sãs. Ele adquire, desse modo, a força moral necessária a vencer as dificuldades e a volver ao caminho reto, se dele se afastou. Por esse meio, pode também desviar de si os males que atrairia pelas suas próprias faltas. ³ Está no pensamento o poder da prece, que por nada depende nem das palavras, nem do momento em que seja feita. Pode-se, portanto, orar em toda parte, e a qualquer hora, a sós ou em comum. ⁴

3. A MANEIRA CORRETA DE ORAR, SEGUNDO O ENTENDIMENTO ESPÍRITA

A verdadeira prece não deve ser recitada, mas sentida. Não deve ser cômodo processo de movimentação de lábios, emoldurado, muita vez, por belas palavras, mas uma expressão de sentimento vivo, real, a fim de que realizemos legítima comunhão com a Espiritualidade Maior. ¹⁶

A prece outra coisa não é senão uma conversa que entretemos com Deus, Nosso Pai; com Jesus, Nosso Mestre e Senhor; com nossos amigos espirituais. É diálogo

*silencioso, humilde, contrito, revestido de unção e fervor, em que o filho, pequenino e imperfeito, fala com o Pai, Poderoso e Bom, Perfeição das Perfeições. Quando o espírita ora, sabe, por antecipação, que sua prece não opera modificações na Lei, que é imutável; altera-nos, contudo, o mundo íntimo, que se retempera, valorosamente, de modo a enfrentarmos com galhardia as provas, que se atenuam ao influxo da comunhão com o Mundo Espiritual Superior.*¹⁵

Jesus definiu, claramente, a maneira correta de orar, que pode ser entendida como as qualidades que a prece deve ter. Ele nos recomenda que, quando orarmos, não nos devemos pôr em evidência, mas orar em secreto. Que não é pela multiplicidade das palavras que seremos atendidos, mas pela sinceridade delas. Recomenda-nos, também, perdoar qualquer coisa que tenhamos contra o nosso próximo, antes de orar, visto que a prece agradável a Deus parte de um coração purificado pelo sentimento de caridade. *Esclarece, por fim, que a prece deve ser revestida de humildade, procurando cada um ver os seus próprios erros e não os do próximo.*¹ Quando Jesus nos recomenda orar secretamente («entrai para o vosso quarto e, fechada a porta, orai ao vosso Pai em secreto», nas palavras de Mateus), não está estabelecendo um posicionamento ou postura especial, física ou mística, para entrar em comunhão com Deus. Afinal, não podemos esquecer que existe uma multidão de pessoas no planeta que não possui nem mesmo um modesto quarto para se recolher. O que Jesus pretende é que busquemos o recolhimento para, a sós, dialogarmos com Deus.¹⁷ *No insulamento, a oração flui com maior maturidade, sem interferências, sem preocupações com fórmulas e formas, favorecendo a comunhão legítima com a Espiritualidade [...] Nesses instantes, orienta Jesus, não nos preocupemos em falar muito, como se as respostas estivessem condicionadas à prolixidade, ou se fôssemos hábeis advogados empenhados em convencer o Céu a ajudar-nos.*¹⁷ *O essencial não é orar muito, mas orar bem.*⁸ *As preces muito longas, além de cansativas, podem revelar uma forma de ostentação, que é sempre contrária à humildade.*

Outra qualidade da prece é ser inteligível. Quem ora sem compreender o que diz, habitua-se a valorizar mais as palavras do que os pensamentos; [...] *para ele as palavras é que são eficazes, mesmo que o coração em nada tome parte.*⁹ A esse respeito o apóstolo Paulo nos fala com lucidez: *se eu, pois, ignorar a significação da voz, serei estrangeiro para aquele que fala e ele estrangeiro para mim [...].*¹⁰ A prece inteligível fala ao nosso Espírito. *Para isto não basta que seja dita em língua compreensível pelo que ora; há preces em língua vulgar que não dizem muito mais ao pensamento do que se o fossem em língua estranha, e que, por isso mesmo, não vão ao coração; as raras idéias que encerram são, às vezes, abafadas pela superabun-*

*dância de palavras e pelo misticismo da linguagem.*¹⁰ *A principal qualidade da prece é ser clara, simples e concisa, sem fraseologia inútil, nem luxo de epítetos, que não passam de vestimentas, de lantejoulas; cada palavra deve ter o seu alcance, despertar um pensamento, mover uma fibra; numa palavra, deve fazer refletir; só com esta condição a prece pode atingir o seu objetivo, do contrário não passa de ruído.*¹⁰

*A prece deve ser também espontânea, nascida do coração: A prece é sempre agradável a Deus, quando ditada pelo coração, pois, para Ele, a intenção é tudo. Assim, preferível lhe é a prece do íntimo à prece lida, por muito bela que seja, se for lida mais com os lábios do que com o coração. Agrada-lhe a prece, quando dita com fé, com fervor e sinceridade.*⁶

4. TIPOS DE PRECE

*O mais perfeito modelo de concisão, no caso da prece, é, sem contradita, a Oração Dominical [Pai Nosso], verdadeira obra-prima de sublimidade na simplicidade; sob a mais reduzida forma, ela resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo.*¹⁰ *O Pai Nosso deve ser visto não apenas como uma prece, mas também como um símbolo, que deve ser colocado em destaque acima de qualquer outra prece, seja porque procede do próprio Jesus (Mateus, 6:9-13), seja porque pode suprir a todas, conforme os pensamentos que se lhe conjuguem.*⁵ *O Pai Nosso encerra um pedido das coisas necessárias à vida e o princípio da caridade. Quem o diga, em intenção de alguém, pede para este o que pediria para si.*⁵

*Todas as preces podem ser definidas como sendo um apelo de nossa alma em ligação instantaneamente feita com o Mundo Espiritual, segundo os princípios de afinidade estabelecidos no intercâmbio mental.*¹⁴ *Sendo a prece um apelo, evidentemente somos levados a, de acordo com as instruções dos Benfeitores Espirituais, classificá-las de vários modos. Em primeiro lugar, temos a prece vertical, isto é, aquela que, expressando aspirações realmente elevadas, se projetam na direção do Mais Alto, sendo, em face dos mencionados princípios de afinidade recolhidos pelos Missionários das Esferas Superiores. Em segundo lugar, teremos a prece horizontal, traduzindo anseios vulgares [...]. Encontrará ressonância entre aqueles Espíritos ainda ligados aos problemas terrestres.*¹⁴ *Por fim, temos a descendente. A essa não daremos a denominação de prece, substituindo-a por invocação [...] Na invocação o apelo receberá a resposta de entidades de baixo tom vibratório. São os petitórios inadequados, expressando desespero, rancor, propósitos de vingança, ambições etc. A prece é vertical, horizontal ou descendente, em decorrência do potencial mental*

*de cada pessoa que ora, ou dos sentimentos que ela expressa.*¹⁴

*A prece, qualquer que ela seja, é ação provocando a reação que lhe corresponde. Conforme a sua natureza, paira na região em que foi emitida ou eleva-se mais, ou menos, recebendo a resposta imediata ou remota, segundo as finalidades a que se destina. Desejos banais encontram realização próxima na própria esfera em que surgem. Impulsos de expressão algo mais nobre são amparados pelas almas que se enobreceram. Ideais e petições de significação profunda na imortalidade remontam às alturas.*²¹

*Cada prece, tanto quanto cada emissão de força, se caracteriza por determinado potencial de freqüência e todos estamos cercados por Inteligências capazes de sintonizar com o nosso apelo, à maneira de estações receptoras.*²¹

5. A IMPORTÂNCIA DA PRECE NUMA REUNIÃO MEDIÚNICA

a) Preparação para a reunião mediúnica

*Pela prece, o homem atrai o concurso dos bons Espíritos, que vêm sustentá-lo nas boas resoluções e inspirar-lhe bons pensamentos. Assim, adquire ele a força necessária para vencer as dificuldades e entrar no bom caminho, se deste se houver afastado.*³ *Portanto, no dia da reunião mediúnica, pelo menos durante alguns minutos, horas antes dos trabalhos, seja qual for a posição que ocupe no conjunto, dedique-se o companheiro de serviço à prece e à meditação em seu próprio lar. Ligue as tomadas do pensamento para o Alto. Retire-se, em espírito, das vulgaridades do terra-a-terra, e ore, buscando a inspiração da Vida Maior. Reflita que, em breve tempo, estará em contato, embora ligeiro, com os irmãos domiciliados no Mundo Espiritual [...] e antecipe o cultivo da simpatia e do respeito, da compaixão produtiva e da bondade operosa para com todos aqueles que perderam o corpo físico sem a desejada maturação espiritual.*¹⁸

b) A prece durante a reunião mediúnica

*O Espiritismo aconselha o hábito da prece antes e após as suas reuniões: Se o Espiritismo proclama a sua utilidade, não é por espírito de sistema, mas porque a observação permitiu constatar a sua eficácia e o modo de ação.*¹¹ *Além da ação puramente moral, o Espiritismo nos mostra na prece um efeito de certo modo material, resultante da transmissão fluídica. Em certas moléstias, sua eficácia é constatada pela experiência, conforme demonstra a teoria.*¹²

Sobrevindo o momento exato em que a reunião terá começo, o orientador

*diminuirá o teor da iluminação e tomará a palavra, formulando a prece inicial. Cogitará, porém, de ser preciso, não se alongando além de dois minutos. [...] A prece, nessas circunstâncias, pede o mínimo de tempo, de vez que há entidades em agoniada espera de socorro, à feição do doente desesperado, reclamando medicação substancial.*¹⁹

*A oração final, proferida pelo dirigente da reunião [mediúnica], obedecerá à concisão e à simplicidade.*²⁰ A prece tem o poder de acalmar o Espírito comunicante desajustado, fornecendo-lhe fluidos salutareos para a sua harmonização íntima. O médium que busca refúgio na prece cria um ambiente, em torno de si, favorável ao amparo espiritual, livrando-o da ação nociva de certos Espíritos inescrupulosos.

*A mediunidade, na ordem superior da vida, esteve sempre associada à oração, para converter-se no instrumento da obra iluminativa do mundo.*²² *Como a oração é a expressão mais alta e mais pura do pensamento traça uma via fluídica, que permite às Entidades do Espaço descerem até nós e comunicar-se; nos grupos constitui um meio favorável à produção de fenômenos de ordem elevada, ao mesmo tempo que os preserva contra os maus Espíritos.*¹³

c) A prece e o vampirismo espiritual ()*

*A oração é o mais eficiente antídoto do vampirismo. A prece não é movimento mecânico de lábios, nem disco de fácil repetição no aparelho da mente. É vibração, energia, poder. A criatura que ora, mobilizando as próprias forças, realiza trabalhos de inexprimível significação. Semelhante estado psíquico descortina forças ignoradas, revela a nossa origem divina e coloca-nos em contato com as fontes superiores. Dentro dessa realização, o Espírito, em qualquer forma, pode emitir raios de espantoso poder.*²³

*Constantemente [...] cada um de nós recebe trilhões de raios de vária ordem e emitimos forças que nos são peculiares e que vão atuar no plano da vida, por vezes em regiões muitíssimo afastadas de nós. Nesse círculo de permuta incessante, os raios divinos, expedidos pela oração santificadora, convertem-se em fatores adiantados de cooperação eficiente e definitiva na cura do corpo, na renovação da alma e iluminação da consciência. Toda prece elevada é manancial de magnetismo criador e vivificante e toda criatura que cultiva a oração, com o devido equilíbrio do sentimento, transforma-se, gradativamente, em foco irradiante de energias da Divindade.*²⁴

*Vampirismo espiritual: forma de obsessão em que a entidade desencarnada se alimenta dos fluidos vitais do encarnado, desvitalizando-o.

REFERÊNCIAS

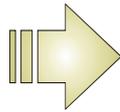
1. KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. XXVII, item 4, p. 370.
2. _____. Item 9, p. 373.
3. _____. Item 11, p. 373.
4. _____. Item 15, p. 377.
5. _____. Cap. XXVIII, item 2, p. 387.
6. _____. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, questão 658, p. 319.
7. _____. Questão 659, p. 319.
8. _____. Questão 660, p. 319.
9. _____. *Revista Espírita. Jornal de Estudos Psicológicos*. Ano 1864. Tradução de Evandro Noleto Bezerra; poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Sétimo Volume, agosto de 1864, nº 8. Item: Suplemento do capítulo das Preces da Imitação do Evangelho, p. 314.
10. _____. p. 315.
11. _____. Ano 1866. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Nono Volume, janeiro de 1866, nº 1. Item: Considerações sobre a prece no Espiritismo, p. 19.
12. _____. p. 20.
13. DENIS, Léon. *Espíritos e Médiuns*. Tradução de José Jorge. Rio de Janeiro, Centro Espírita Léon Denis, 1987, p. 55 (Espíritos e médiuns).
14. PERALVA, Martins. *Estudando a Mediunidade*. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. XXXIII (Definindo prece), p. 174-175.
15. _____. *O Pensamento de Emmanuel*. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000. Cap. 25 (Eficácia da prece), p. 160.
16. _____. p. 161.
17. SIMONETTI, Richard. *A Voz do Monte*. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Item: Ante a oração, p. 118-119.
18. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Desobsessão*. Pelo Espírito André Luiz. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 4 (Preparo Para a Reunião: Prece e Meditação), p. 33.
19. _____. Cap. 29 (Prece Inicial), p. 117.
20. _____. Cap. 56 (Prece Final), p. 197.
21. _____. *Entre a Terra e o Céu*. Pelo Espírito André Luiz. 21. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. I (Em Torno da Prece), p. 10.
22. _____. *Mecanismos da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. XXV (Oração), item: mediunidade e prece, p. 180.
23. _____. *Missionários da Luz*. Pelo Espírito André Luiz. 39. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 6 (A Oração), p. 83.
24. _____. p. 84.

FUNDAMENTAÇÃO ESPÍRITA: Introdução ao Estudo da Mediunidade

ROTEIRO 5

A faculdade mediúnica: conceito e classificação da mediunidade

Objetivos específicos



- Conceituar mediunidade sob a ótica espírita.
- Citar a classificação dos fenômenos mediúnicos, constantes da Codificação Espírita.
- Fazer breve comentário sobre essa classificação.



SUBSÍDIOS

1. CONCEITO ESPÍRITA DE MEDIUNIDADE

O esclarecido Espírito Emmanuel conceitua mediunidade de maneira simples e admirável, ao compará-la a uma cachoeira:

*A cachoeira é um espetáculo de beleza, guardando imensos potenciais de energia. Revela a glória da natureza. Destaca-se pela imponência e impressiona pelo ruído. Entretanto, para que se faça alicerce de benefícios mais amplos, é indispensável que a engenharia compareça, disciplinando-lhe a força. É então que aparece a usina generosa, sustentando a indústria, estendendo o trabalho, inspirando a cultura e garantindo o progresso. Assim também é a mediunidade. Como a queda d'água, pode nascer em qualquer parte. Não é patrimônio exclusivo de um grupo, nem privilégio de alguém. Desponta aqui e ali, adiante e acolá, guardando consigo revelações convincentes e possibilidades assombrosas. Contudo, para que se converta em manancial de auxílio perene, é imprescindível que a Doutrina Espírita lhe clareie as manifestações e lhe governe os impulsos. Só então se erige em fonte contínua de ensinamento e socorro, consolação e bênção.*¹⁵

É fundamental que tenhamos uma visão muito clara a respeito dos médiuns e dos fenômenos mediúnicos, visto que, se uma faculdade mediúnica é comum a um determinado número de médiuns, a forma ou nível de captação da mensagem mediúnica pode variar de intermediário para intermediário. Isso é muito fácil de se entender porque não estamos todos no mesmo patamar evolutivo, uma vez que a bagagem das experiências reencarnatórias é diferente entre as pessoas. Há ainda o problema de sintonia entre médium e Espírito comunicante. Os graus de percepção psíquica também não são iguais. Há por fim, o esforço individual, variável entre as criaturas, de se aperfeiçoar, moral e intelectualmente. Compreende-se, portanto,

que a mediunidade não é apenas um patrimônio evolutivo do Espírito, esteja ele encarnado ou não; representa uma força, em si neutra, apta a elevar ou rebaixar a criatura, de acordo com a direção que se lhe dê.

*Não existisse a mediunidade e inumeráveis problemas seriam insolucionáveis, permitindo que mais graves conjunturas conspirassem contra a criatura humana. Sem ouvir-se, nem sentir-se a realidade espiritual de que os implementos mediúnicos se fazem instrumento, certamente grassariam mais terríveis dramas e tormentosas situações injustificáveis.*¹²

*A mediunidade não é sinal de santificação, nem representa característica divinatória. Constitui, apenas, um meio de entrar em contato com as almas que viveram na Terra, sendo os médiuns, por isso mesmo, mais responsáveis do que as demais pessoas, por possuírem a prova da sobrevivência que chega a todos por seu intermédio. O respeito e a dedicação que imponham ao trabalho é o que irá credenciá-los, naturalmente, à estima e à admiração do próximo, como sucede com qualquer pessoa na mais obscura ou relevante atividade a que se dedique [...]. A mediunidade, [...] aplicada para o serviço do bem, pode converter-se em instrumento de luz para o seu portador, tanto quanto para todos aqueles que a buscam.*¹³ A mediunidade que promove e eleva a criatura humana é a proposta básica do Espiritismo, uma vez que, se por um lado a Doutrina esclarece e educa o médium, o Evangelho de Jesus, vivenciado, lhe faculta a reforma moral necessária para ascender aos planos elevados da vida. *Assim, tendo a mediunidade com o Cristo objetivo de abrir as portas das percepções gloriosas do Infinito, permitindo se erga a Humanidade para os píncaros do progresso, estaremos com o seu exercício salutar, impulsionando a nossa e a evolução geral, tão sonhada pelas criaturas.*¹⁶

*A mediunidade, em si mesma, não é boa nem é má, antes apresenta-se em caráter de neutralidade, ensejando ao homem utilizá-la conforme lhe aprouver, desse uso derivando os resultados que acompanharão o mediano até o momento final da sua etapa evolutiva no corpo.*¹⁴ *A mediunidade é, antes de tudo, uma oportunidade de servir, bênção de Deus, que faculta manter o contato com a vida espiritual. Graças ao intercâmbio [mediúnico] podemos ter aqui [no plano físico], não apenas a certeza da sobrevivência da vida após a morte, mas também o equilíbrio para resgatarmos com proficiência os débitos adquiridos em encarnações anteriores.*¹⁰ Finalmente, é oportuno recordar que não há uma mediunidade mais importante que a outra. Todas são úteis e necessárias. Nem há médium mais forte, mais poderoso que outro. Segundo o apóstolo Paulo de Tarso, os dons mediúnicos provêm de uma mesma fonte e de um mesmo Senhor.¹¹

2. CLASSIFICAÇÃO DE MEDIUNIDADE SEGUNDO KARDEC

Allan Kardec classifica os fenômenos mediúnicos em dois grandes grupos:

- os de efeitos físicos;
- os de efeitos intelectuais.

2.1 – Mediunidade de efeitos físicos

*Dá-se o nome de manifestações físicas às que se traduzem por efeitos sensíveis, tais como ruídos, movimentos e deslocação de corpos sólidos. Umas são espontâneas, isto é, independentes da vontade de quem quer que seja; outras podem ser provocadas [...]. O efeito mais simples, e um dos primeiros que foram observados, consiste no movimento circular impresso a uma mesa. Esse efeito igualmente se produz com qualquer outro objeto, mas sendo a mesa o móvel com que, pela sua comodidade, mais se tem procedido a tais experiências, a designação de mesas girantes prevaleceu, para indicar esta espécie de fenômenos.*¹

Um outro fenômeno, de ocorrência comum à época de Kardec, era o das pancadas e dos ruídos. Tais ruídos — *noises* em inglês — eram, às vezes, muito fracos, outras vezes muito fortes, se fazendo ouvir na superfície e no interior dos móveis, nas paredes e no forro das habitações.²

Chama-se *tiptologia* a manifestação espírita por meio de pancadas³: *Tiptologia, por meio de básculo*, consiste no movimento da mesa, que se levanta de um só lado e cai batendo um dos pés. Basta para isso que o médium lhe ponha a mão na borda.³ *A tiptologia alfabética* consiste em serem as letras do alfabeto indicadas por pancadas. Podem obter-se, então, palavras, frases e até discursos interiores.⁵

Sematologia é a linguagem através de sinais. Tendo convencionado, por exemplo, que uma pancada significará sim, e duas pancadas não, ou vice-versa, o experimentador dirigirá ao Espírito as perguntas que quiser.⁴

A tiptologia e a sematologia são formas lentas e fastidiosas de se obter a comunicação espírita. Praticamente estão em desuso. Uma variante dessas formas de comunicação, a chamada *sessão do copo*, é comumente utilizada por pessoas distanciadas do conhecimento espírita.

Existe, na mediunidade de efeitos físicos, outras manifestações que se caracterizam pela utilização de fluidos ectoplásmicos:

a) Voz direta (ou pneumatofonia) – são gritos de toda espécie e sons vocálicos que imitam a voz humana.⁷

b) Escrita direta (ou pneumatografia) – *é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem intermediário algum. Difere da psicografia, por ser esta a transmissão do pensamento do Espírito, mediante a escrita feita pela mão do médium.*⁶ Na época de Kardec, obtinha-se a escrita direta em pedras de ardósia, ou, também, em folhas de papel mantidas guardadas no interior de uma gaveta.

c) Materialização de Espíritos, transporte e levitação de pessoas e objetos – são fenômenos que predominaram após a desencarnação de Kardec (1869). Com as pesquisas científicas espíritas, de Willian Crookes, foi possível sistematizar, pela primeira vez, esses fenômenos (1870-73), com a materialização do Espírito Katie King (ou Anne Morgan), pela mediunidade de Florence Cook. (veja: *Fatos Espíritas*, de Willian Crookes, Editora FEB.)

2.2 – Mediunidade de efeitos intelectuais

É própria dos médiuns que são mais aptos a receber e a transmitir comunicações inteligentes.⁸ Na mediunidade de efeitos intelectuais vamos encontrar uma variedade enorme de médiuns, sendo, os seguintes, os tipos predominantes⁹:

a) Médiuns audientes – que ouvem Espíritos.

b) Médiuns falantes ou psicofônicos.

c) Videntes – vêem Espíritos em estado de vigília.

d) Médiuns inspirados – recebem idéias dos Espíritos (geralmente são bons oradores ou expositores).

e) Médiuns de pressentimentos ou prescientes — *são pessoas que, em dadas circunstâncias, têm uma intuição vaga de coisas vulgares que ocorrerão no futuro.*⁹

f) Médiuns proféticos – *variedade dos médiuns inspirados, ou de pressentimentos. Recebem, permitindo-o Deus, com mais precisão do que os médiuns de pressentimentos, a revelação de futuras coisas de interesse geral e são incumbidos de dá-las a conhecer aos homens, para instrução destes.*⁹

g) Médiuns sonambúlicos – os que, libertos do corpo físico, transmitem orientações de Espíritos.

h) Médiuns pintores ou desenhistas.

i) Médiuns músicos (executam um instrumento ou escrevem composições musicais).

j) Médiuns psicógrafos – os que escrevem sob a influência dos Espíritos.

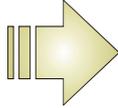
Segundo Kardec, a divisão da mediunidade em de *efeitos físicos* e de *efeitos intelectuais* não é absoluta, visto que, ao analisarmos os diferentes fenômenos, veremos que, em todos, há um efeito físico e um efeito inteligente. Difícil é, muitas vezes, determinar o limite entre os dois, mas isso nenhuma consequência apresenta.⁸

Em razão do exposto, compreende [...], *pouco a pouco, que o túmulo é a porta aberta à renovação, como o berço é acesso à experiência, e observa que o seu estágio no Planeta é uma viagem com destino às estações de Progresso Maior. E, na grande romagem, todos somos instrumentos das forças com as quais estamos em sintonia. Todos somos médiuns, dentro do campo mental que nos é próprio, associando-nos às energias edificantes, se o nosso pensamento flui na direção da vida superior, ou às forças perturbadoras e deprimentes, se ainda nos escravizamos às sombras da vida primitivista ou torturada.*¹⁷



REFERÊNCIAS

1. KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 73. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, 2ª Parte. Cap. II. item 60, p. 82-83.
2. _____. Item 64, p. 85.
3. _____. Cap. XI, item 139, p. 185-186.
4. _____. Item 140, p. 186.
5. _____. Item 141, p. 187-188.
6. _____. Cap. XII, item 146, p. 192-193.
7. _____. Item 150, p. 196-197.
8. _____. Cap. XVI, item 187, p. 230.
9. _____. Item 190, p. 233-235.
10. FRANCO, Divaldo Pereira e TEIXEIRA, José Raul. *Diretrizes de Segurança*. 7. ed. Niterói: RJ: FRÁTER, 1999. Pergunta 1, p. 15 (Mediunidade).
11. _____. Pergunta 2, p. 15.
12. _____. *Luz Viva*. Pelos Espíritos Joanna de Ângelis e Marco Prisco. Salvador: Alvorada, 1985, p. 30 (Ponte mediúnica).
13. _____. *Médiuns e Mediunidades*. Pelo Espírito Vianna de Carvalho. 2. ed. Niterói: Arte e Cultura, 1991, p. 9 (Médiuns e mediunidade).
14. _____. p. 39.
15. PERALVA, Martins. *Estudando a Mediunidade*. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, p. 7 (Palavra do autor - por Emmanuel).
16. TEIXEIRA, José Raul. *Correnteza de Luz*. Pelo Espírito Camilo. Niterói: FRÁTER, 1991, p. 37-38 (Mediunidade e Evolução).
17. XAVIER, Francisco Cândido. *Nos Domínios da Mediunidade*. Pelo André Luiz. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, p. 9 (Raios, ondas, médiuns e mentes - palavras introdutórias de Emmanuel).

**Objetivos
específicos**

- Conceituar fenômeno de emancipação da alma.
- Diferenciar fenômeno anímico de fenômeno mediúnico.



SUBSÍDIOS

A Doutrina Espírita nos esclarece a respeito da existência de dois tipos de fenômenos psíquicos, patrimônio do ser humano: os *anímicos* (de *anima*, alma) — produzidos pelo próprio Espírito encarnado, e os *mediúnicos* (de *médium*, meio) — decorrentes da intervenção de Espíritos desencarnados — que utilizam um veículo ou instrumento humano (médium) para se manifestar.²¹ Em *O Livro dos Espíritos*, Kardec denomina os fenômenos anímicos de fenômenos de emancipação da alma, porque, nessa condição o Espírito se revela mais livre, ou independente, do jugo do corpo físico.

Nos fenômenos anímicos, o Espírito encarnado desprende-se momentaneamente do seu corpo físico e entra em comunicação com outros Espíritos, desencarnados ou encarnados. Durante esse desprendimento — que pode ser mais ou menos duradouro — o Espírito encarnado desprendido ou desdobrado tem consciência das ocorrências desenvolvidas tanto no plano físico quanto no plano espiritual podendo participar ativamente delas.¹⁸

Os fenômenos anímicos podem ser facilmente confundidos com os de natureza mediúnica, por trazerem em si as impressões do medianeiro que os veicula. É oportuno lembrar que, *em todo e qualquer fenômeno mediúnico a presença do fator anímico é inevitável, pelo fato de o comunicante espiritual valer-se dos elementos biológicos, psicológicos e culturais do médium, para elaborar e exteriorizar a sua mensagem [...]. Espera-se que a interferência anímica não ultrapasse as linhas do admissível, digamos, do suportável [...].*²³

No estudo dos fenômenos psíquicos é importante saber distinguir fenômeno anímico de mistificação mediúnica. A mistificação mediúnica é intencional. Significa dizer que não há um Espírito comunicante, o pseudo-médium simula, conscientemente, uma comunicação mediúnica. Essa condição representa um dos

mais sérios *entraves encontrados na prática mediúnica, capaz de preocupar e mesmo perturbar a muitos seareiros.* ²³ Pode haver, no entanto, um Espírito comunicante, mas, devido a inexperiência ou despreparo do médium, este pode interferir na comunicação com suas idéias, mais do que é desejável.

A preponderância do fenômeno anímico está bem caracterizado em duas situações específicas:

a) No início da prática mediúnica, quando os *canais mediúnicos* estão sendo desobstruídos pelos Espíritos. Nessa situação, o médium principiante encontra barreiras físicas paulatinamente superáveis ao longo do tempo.

b) Nas desarmonias psíquico-emocionais geradas por erros ou crimes que a pessoa cometeu no passado, em outras existências. A pessoa imobiliza grande coeficiente de forças do seu mundo emotivo, em torno de uma experiência infeliz, a ponto de gerar cristalização mental não superada pelo choque biológico do renascimento, em novo corpo físico. ²⁴ Fixando-se nessas lembranças, passa a comportar-se qual se estivesse ainda no passado, que teima em ressuscitar, agindo como se fosse um espírito que se estivesse comunicando, ²⁶ num estado que simula o sonambulismo. ²⁵

Devemos, portanto, diferenciar fenômeno anímico propriamente dito, que é a manifestação de uma faculdade psíquica natural e que faz parte das conquistas evolutivas do ser humano, de mistificação do fenômeno mediúnico, de forma intencional, ou da evidenciação de um desequilíbrio psíquico originado em ações cometidas no passado, pela pessoa em questão. Os fenômenos anímicos autênticos, verdadeiros, entendidos como reveladores de uma atividade extracorpórea são variáveis. Estudaremos, a seguir, os mais conhecidos.

1. O SONHO

O sonho é a lembrança do que o Espírito viu durante o sono. [...] ³ A liberdade do Espírito é julgada pelos sonhos.

O Espírito jamais está inativo. Durante o sono, afrouxam-se os laços que o prendem ao corpo e, não precisando este então da sua presença, ele se lança pelo espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos. ¹ Quando o corpo repousa, acredita-o, tem o Espírito mais faculdades do que no estado de vigília. Lembra-se do passado e algumas vezes prevê o futuro. Adquire maior potencialidade e pode pôr-se em comunicação com os demais Espíritos, quer deste mundo, quer do outro. ¹ Estando entorpecido o corpo, o Espírito trata de quebrar seus grilhões e de

investigar no passado ou no futuro. ² O sono liberta a alma parcialmente do corpo. Quando dorme, o homem se acha por algum tempo no estado em que fica permanentemente depois que morre. ²

Os Espíritos adiantados, quando dormem, vão para junto dos que lhes são iguais ou superiores. *Com estes viajam, conversam e se instruem. Trabalham mesmo em obras que se lhes deparam concluídas, quando volvem, morrendo na Terra, ao mundo espiritual. O sonho deles traduz-se por lembranças agradáveis e felizes. ²*

Os Espíritos mais imperfeitos vão, *enquanto dormem, ou a mundos inferiores à Terra, onde os chamam velhas afeições, ou em busca de gozos quiçá mais baixos do que os em que aqui tanto se deleitam. ²* Os seus sonhos são pesados, confusos, atormentados, muitos deles sob a forma de pesadelos.

2. SONAMBULISMO

O sonambulismo é um estado de independência do Espírito, mais completo do que no sonho, estado em que maior amplitude adquirem suas faculdades. A alma tem então percepções de que não dispõe no sonho, que é um estado de sonambulismo imperfeito. No sonambulismo, o Espírito está na posse plena de si mesmo [...]. Quando se produzem os fatos do sonambulismo, é que o Espírito, preocupado com uma coisa ou outra, se aplica a uma ação qualquer, para cuja prática necessita de utilizar-se do corpo. Serve-se então deste, como se serve de uma mesa ou de outro objeto material no fenômeno das manifestações físicas, ou mesmo como se utiliza da mão do médium nas comunicações escritas. ⁹

Os fenômenos de sonambulismo natural se produzem espontaneamente e independem de qualquer causa exterior conhecida. Mas, em certas pessoas dotadas de especial organização, podem ser provocadas artificialmente, pela ação do agente magnético [hipnose]. O estado que se designa pelo nome de sonambulismo magnético apenas difere do sonambulismo natural em que um é provocado, enquanto o outro é espontâneo. ¹⁰ É importante não confundir sonambulismo, natural ou provocado, com mediunidade sonambúlica. No primeiro caso ocorre um fenômeno anímico de emancipação da alma, o Espírito encarnado obra por si mesmo. No segundo caso, os médiuns *em estado de sonambulismo, são assistidos por Espíritos. ¹⁷*

3. TELEPATIA

A *telepatia* ou transmissão do pensamento é um faculdade anímica que ocorre entre as pessoas, independentemente de estarem dormindo ou acordadas.

O Espírito comunica-se telepaticamente porque ele não se acha encerrado no corpo como numa caixa; irradia para todos os lados. Segue-se que pode comunicar-se com outros Espíritos, mesmo em estado de vigília, sem bem que mais dificilmente. ⁴ A telepatia, linguagem inarticulada do pensamento, é uma forma de comunicação que dá causa a que duas pessoas se vejam e compreendem sem precisarem dos sinais ostensivos da linguagem. Poder-se-ia dizer que falam entre si a linguagem dos Espíritos. ⁵

4. LETARGIA E CATALEPSIA

A letargia e a catalepsia derivam do mesmo princípio, que é a perda temporária da sensibilidade e do movimento, por uma causa fisiológica ainda inexplicada. Diferem uma da outra em que, na letargia, a suspensão das forças vitais é geral e dá ao corpo todas as aparências da morte; na catalepsia, fica localizada, podendo atingir uma parte mais ou menos extensa do corpo, de sorte a permitir que a inteligência se manifeste livremente, o que a torna inconfundível com a morte. A letargia é sempre natural; a catalepsia é por vezes magnética. ⁸

Alguém que estiver sob um estado letárgico, ou mesmo cataléptico, não consegue ver ou ouvir pelos órgãos físicos. O Espírito tem consciência de si, mas não pode comunicar-se. ⁶ Na letargia, o corpo não está morto, porquanto há funções que continuam a executar-se. Sua vitalidade se encontra em estado latente, como na crisálida, porém não aniquilada. Ora, enquanto o corpo vive, o Espírito se lhe acha ligado [...]. Desde que o homem aparentemente morto, volve à vida, é que não era completa a morte. ⁷ A letargia (*), segundo a Medicina é uma sonolência patológica ou estupor; torpor mental. A letargia pode manifestar-se também no estado de coma profundo, situação em que a pessoa não reage a qualquer estímulo (luminoso, verbal, de dor, de calor etc). Nota-se que até alguns movimentos involuntários foram comprometidos. A catalepsia (*) é entendida como uma doença cerebral intermitente, caracterizada pela suspensão mais ou menos completa da sensibilidade externa e dos movimentos voluntários, e principalmente, por uma extrema rigidez dos músculos.

5. ÊXTASE

O êxtase é o estado em que a independência da alma, com relação ao corpo,

* Dicionário Médico BLAKISTON. Edição Andrei. São Paulo.

se manifesta de modo mais sensível e se torna, de certa forma, palpável. *No sonho e no sonambulismo, o Espírito anda em giro pelos mundos terrestres. No êxtase, penetra em um mundo desconhecido, o dos Espíritos etéreos, com os quais entra em comunicação, sem que, todavia, lhe seja lícito ultrapassar certos limites, porque, se o transpusesse totalmente, se partiriam os laços que o prendem ao corpo. Cerca-o então resplendente e desusado fulgor, inebriam-no harmonias que na Terra se desconhecem, indefinível bem-estar o invade [...]. No estado de êxtase, o aniquilamento do corpo é quase completo. Fica-lhe somente, pode-se dizer, a vida orgânica. Sente-se que a alma se lhe acha presa unicamente por um fio [...].*¹¹

6. BICORPOREIDADE

Na bicorporeidade, o Espírito afasta-se do corpo, tornando-se visível e tangível. Enquanto isso, o corpo permanece adormecido, vivendo a vida orgânica.¹³

*Isolado do corpo, o Espírito de um vivo [encarnado] pode, como o de um morto, mostrar-se com todas as aparências da realidade. Demais [...] pode adquirir momentânea tangibilidade. Este fenômeno, conhecido pelo nome de bicorporeidade, foi que deu azo às histórias de homens duplos, isto é, de indivíduos cuja aparição simultânea em dois lugares diferentes se chegou a comprovar.*¹⁴ Antônio de Pádua, padre português canonizado pela igreja católica, e Eurípedes Barsanulfo, espírita mineiro de Sacramento, são dois grandes exemplos de Espíritos que, quando encarnados, possuíam, em grau de elevado desenvolvimento, esse tipo de fenômeno anímico.

7. DUPLA VISTA OU SEGUNDA VISTA

*É [...] a faculdade graças à qual quem a possui vê, ouve, e sente além dos limites dos sentidos humanos. Percebe o que existe até onde estende a alma a sua ação. Vê, por assim dizer, através da vista ordinária e como por uma espécie de miragem. No momento em que o fenômeno da segunda vista se produz, o estado físico do indivíduo se acha sensivelmente modificado. O olhar apresenta alguma coisa de vago. Ele olha sem ver. Toda a sua fisionomia reflete uma como exaltação. Nota-se que os órgãos visuais se conservam alheios ao fenômeno, pelo fato de a visão persistir malgrado à oclusão dos olhos.*¹²

8. TRANSFIGURAÇÃO

O fenômeno da transfiguração consiste na mudança do aspecto de um corpo vivo.¹⁶ A transfiguração, em casos, pode originar-se de uma simples contração muscular, capaz de dar à fisionomia expressão muito diferente da habitual, ao ponto de tornar

*quase irreconhecível a pessoa.*¹⁶ A mais bela transfiguração de que temos notícia foi, sem dúvida, a de Jesus, no Tabor, ocorrida em presença dos apóstolos Pedro, Tiago e João. (Mateus, 17:1-9) Segundo o texto evangélico, no momento da transfiguração, o rosto de Jesus *resplandeceu como o sol, suas vestes se tornaram brancas como a neve.* (Mateus 17: 1-9)²⁰

Concluindo, os fenômenos anímicos são tão importantes quanto os mediúnicos, uma vez que ambos fazem parte da estrutura psíquica da espécie humana. Se é certo afirmar que todo fenômeno mediúnico tem o seu componente anímico, é igualmente correto dizer que os fenômenos anímicos são secundados por ação mediúnica. É difícil, para não dizer impossível, estabelecer limites onde começa um e onde termina o outro. Devemos estar atentos para não dificultar ou, até mesmo inviabilizar a prática mediúnica, temerosos das mistificações ou do conteúdo anímico das mensagens mediúnicas. O médium bem-intencionado aprende, com estudo e perseverança, a interferir menos nas comunicações que veicula.

*A tese animista é respeitável. Partiu de investigadores conscienciosos e sinceros, e nasceu para coibir os prováveis abusos da imaginação; entretanto, vem sendo usada cruelmente pela maioria dos nossos colaboradores encarnados, que fazem dela um órgão inquisitorial, quando deveriam aproveitá-la como elemento educativo, na ação fraterna. Milhares de companheiros fogem trabalho, amedrontados, recuam ante os percalços as iniciação mediúnica, porque o animismo se converteu em Cérbero. Afirmações sérias e edificantes, tornadas em opressivo sistema, impedem a passagem dos candidatos ao serviço pela graduação natural do aprendizado e da aplicação. Reclama-se deles precisão absoluta, olvidando-se lições elementares da natureza. Recolhidos ao castelo teórico, inúmeros amigos nossos, em se reunindo para o elevado serviço de intercâmbio com a nossa esfera, não aceitam comumente os servidores, que não de crescer e a aperfeiçoar-se com o tempo e com o esforço.*²⁶

*Os fenômenos mediúnicos em suas múltiplas apresentações, no início dos grupos humanos, mostraram sua origem, praticamente, como resultado de ampliações anímicas. Os pensamentos, os sonhos, as lucubrações em face dos acontecimentos externos foram propiciando verdadeiras expansões de consciência, como que procurando sintonizar com o mundo espiritual. [...] Com a evolução da humanidade, os fenômenos mediúnicos se foram alargando e tornando-se mais consistentes; isto é, os fenômenos mediúnicos, bastante misturados com as fontes anímicas do mais sensíveis, se foram tornando mais independentes e cada vez mais apurados [...]. Assim, o médium, com o tempo, saberá perfeitamente avaliar, em suas mais íntimas sensações, as oscilações entre os fenômenos anímicos e os mediúnicos [...].*²⁰

GLOSSÁRIO

Cérbero	Guarda severo, intratável (expressão familiar); <i>Cerberus</i> : cão de três cabeças que, segundo a mitologia latina, guardava a porta do inferno.
Estupor	Estado de consciência ou de sensibilidade parcial, acompanhada por pronunciada diminuição dos movimentos espontâneos. Mutismo sem perda da percepção sensorial.
Histeria	Neurose resultante da repressão de conflitos emocionais da consciência. Caracteriza-se por um comportamento imaturo, dependente, impulsivo e que visa a chamar a atenção ou a provocar piedade, ou estima, impelido por uma ânsia extrema de afeto.
Mórbido	Patológico. Diz respeito às doenças ou ao que é anormal, insalubre.
Torpor	Anestesia local ou parcial com dormência; deficiência da sensação.

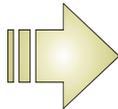


REFERÊNCIAS

1. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Questão 401, p. 221.
2. _____. Questão 402, p. 222.
3. _____. Questão 402, p. 223.
4. _____. Questão 420, p. 229.
5. _____. Questão 421, p. 230.
6. _____. Questão 422, p. 230.
7. _____. Questão 423, p. 230.
8. _____. Questão 424, p. 231.
9. _____. Questão 425, p. 231.
10. _____. Questão 455, p. 239.
11. _____. p. 243.
12. _____. p. 244.
13. _____. *O Livro dos Médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 73. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, 2ª Parte, cap. 7. Itens 114 a 118, p. 152-156.
14. _____. Item 119, p. 156-157.
15. _____. Item 122, p. 159-160.
16. _____. Item 123, p. 160-161.
17. _____. Cap. XVI, item 190, p. 234..
18. _____. Cap. XIX, item 223, perguntas 1 a 5, p. 268-270.
19. PERALVA, Martins. *Mediunidade e Evolução*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000,. Cap. 13 (Escolhos da mediunidade), item: Animismo, p. 55-56.
20. SANTOS, Jorge Andréa. *Lastro Espiritual nos Fatos Científicos*. Petrópolis, [RJ]: Espiritualista F. V. Lorenz, p. 125 (Forças anímicas e mediúnicas).
21. SCHUTEL, Caírbar. *Médiuns e Mediunidade*. 8. ed. Matão, SP: O Clarim, p. 103 (Fenômenos anímicos e espíritas).
22. TEIXEIRA, José Raul. *Correnteza de Luz*. Pelo Espírito Camilo. Niterói, RJ: FRÁTER, 1991, p. 99 (Mediunidade e animismo).
23. _____. p. 100.
24. XAVIER, Francisco Cândido. *Nos Domínios da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 31. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 22, (Emersão no passado), p. 246-247.
25. _____. p. 247.
26. _____. *No Mundo Maior*. Pelo Espírito André Luiz. 23. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap.(Mediunidade), p. 150 .

Conteúdo: Exercícios sobre prece

Objetivos específicos



- Identificar a importância da prece, no início e no término de uma reunião espírita.
- Exercitar a maneira correta de orar.



O exercício da prece visa a conduzir o participante a incorporar em sua formação doutrinária o hábito salutar de orar, não apenas nas reuniões espíritas, mas em todos os momentos da sua vida.

Para que ele aprenda a orar, segundo a orientação do Espiritismo, o exercício pode ser assim conduzido:

- 1º) Na primeira aula deste Módulo, devem ser dadas explicações gerais sobre a prece e sobre a maneira correta de orar.
- 2º) Em todas as reuniões deste programa, a partir desta primeira aula, os integrantes da reunião terão a oportunidade de exercitar a maneira correta de orar.
- 3º) É importante a participação de todos nos exercícios, a fim de que aprendam a vencer as inibições naturais e se habituem a orar em público.



ANEXO

Estudo e Prática da Mediunidade
Programa I - Módulo de Estudo nº 1
Prática: Conduta Espírita

PRECE: IMPORTÂNCIA, BENEFÍCIOS E MANEIRA CORRETA DE ORAR

Rever, se necessário, o roteiro 4 deste Módulo.

SUGESTÕES DE EXERCÍCIOS

1. A prece do publicano e do fariseu (Lucas, 18: 9-14). A maneira correta de orar

Também disse esta parábola a alguns que punham confiança em si mesmos, como sendo justos, e desprezavam os outros: Dois homens subiram ao templo para orar, um era fariseu, publicano o outro. — O fariseu, conservando-se de pé, orava assim, consigo mesmo: Meu Deus, rendo-vos graças por não ser como os outros homens, que são ladrões, injustos e adúlteros, nem mesmo como este publicano. Jejuo duas vezes na semana; dou o dízimo de tudo o que possuo. O publicano, ao contrário, conservando-se afastado, não ousara, sequer, erguer os olhos ao céu; mas, batia no peito, dizendo: Meu Deus, tem piedade de mim, que sou pecador. Declaro-vos que este voltou para a sua casa, justificado, e o outro não; porquanto, aquele que se eleva será rebaixado e aquele que se humilha será elevado.

Roteiro:

- Entregar aos participantes cópias da passagem evangélica para leitura.
- Propor troca de idéias, em plenária, analisando a postura orgulhosa e vaidosa do fariseu e a posição humilde e reverente do publicano, perante Deus.
- Correlacionar a mensagem do texto evangélico com a maneira correta de orar, segundo o Espiritismo.

2. A prece de Francisco de Assis. Importância da prece e a maneira correta de orar.

Senhor!

Fazei-me um instrumento de vossa paz.

*Onde houver ódio que eu leve o amor;
Onde houver ofensas que eu leve o perdão;
Onde houver discórdia que eu leve a união;
Onde houver dúvidas que eu leve a fé.
Onde houver erros que eu leve a verdade;
Onde houver desespero que eu leve a esperança
Onde houver tristeza que eu leve a alegria;
Onde houver trevas que eu leve a luz.*

Oh Mestre!

*Fazei com que eu procure mais
Consolar que ser consolado,
Compreender que ser compreendido,
Amar que ser amado.
Pois é dando, que se recebe,
É perdoando, que se é perdoado,
E é morrendo que se vive para a Vida Eterna...*

Roteiro:

- Projetar a prece de Francisco de Assis, lendo-a em voz alta.
- Promover a troca de idéias, em plenária, sobre os sentimentos que esta prece proporciona.
- Identificar a importância da prece e a maneira correta de orar, segundo o Espiritismo.
- Convidar a turma a cantar a prece.

3. A prece de Ismália (André Luiz / Francisco C. Xavier: Os Mensageiros, cap. 24). Conceito e benefícios da prece, maneira correta de orar.

Senhor! — Começou Ismália, comovidamente — dignai-nos assistir os nossos humildes tutelados, enviando-nos a luz de vossas bênçãos santificantes. Aqui estamos, prontos para executar vossa vontade, sinceramente dispostos a secundar vossos altos desígnios. Conosco, Pai, reúnem-se os irmãos que ainda dormem, anestesiados pela negação espiritual a que se entregaram no mundo. Despertai-os do sono doloroso e

infeliz. Acordai-os para a responsabilidade, para a noção dos deveres justos!... Magnânimo Rei apiedai-vos de vossos súditos sofredores. Criador compassivo, levantai as vossas criaturas caídas: Pai justo, desculpai vossos filhos desventurados! Permitted caia o orvalho do vosso amor infinito sobre o nosso modesto Posto de Socorro!... Seja feita a vossa vontade acima da nossa, mas se possível, Senhor, deixai que os nossos doentes recebem um raio vivificante do sol da vossa bondade!...

Temos, ao nosso lado, Senhor, infortunadas mães que não souberam descobrir o sentido sublime da fé, resvalando, imprudentemente, nos despenhadeiros da indiferença criminosa; pais que não conseguiram ultrapassar a materialidade do curso da existência humana, incapazes de ver a formosa missão que lhes confiastes; cônjuges desventurados pela incompreensão de vossas leis augustas e generosas; jovens que se entregaram, de corpo e alma, aos alvitres da ilusão!... Muitos deles atolaram-se no pantanal do crime, agravando débitos dolorosos! Agora dormem, Pai, à espera de vossos desígnios santos. Sabemos, contudo, Senhor, que este sono não traduz repouso do pensamento... Quase todos os nossos asilados são vítimas de terríveis pesadelos, por terem olvidado, no mundo material, os vossos mandamentos de amor e sabedoria. Sob a imobilidade aparente, movimenta-se-lhes o Espírito, entre aflições angustiosas que, por vezes, não podemos sondar. São eles, Pai, vossos filhos transviados e nossos companheiros de luta, necessitados de vossa mão paternal para o caminho! Quase todos se desviaram da senda reta, pelas sugestões da ignorância que, como aranha gigantesca dos círculos carnais, tece os fios da miséria, enredando destinos e corações! Deprecando vossa misericórdia para eles, rogamos, igualmente para nós, a verdadeira noção de fraternidade universal! Ensinai-nos a transpor as fronteiras de separação para que vejamos em cada infeliz o irmão necessitado do nosso entendimento! Ajudai-nos a compreensão, a fim de que venhamos a perder todo impulso de acusação nas estradas da vida! Ensinai-nos a amar como Jesus nos amou! Também nós, Senhor, que aqui vos rogamos, fomos leprosos espirituais, cegos de entendimento, paralíticos da vontade, filhos pródigos do vosso amor!... Também nós já dormimos, em tempos idos, nos Postos de Socorro da vossa misericórdia!... Somos simples devedores, ansiosos de resgatar débitos! Sabemos que vossa bondade nunca falha e esperamos confiantes a bênção de vida e luz!...

Roteiro:

- Dividir a turma em pequenos grupos.
- Entregar aos participantes cópias do texto para leitura e troca de idéias.
- Pedir aos participantes que façam a seguinte tarefa: a) um grupo retira do texto o conceito de prece, segundo o Espiritismo; b) outro grupo identifica o pedido e o louvor existentes na prece; c) um terceiro grupo analisa os sentimentos e a postura de Ismália no momento da oração; d) um quarto grupo indica os possíveis benefícios produzidos pela prece.

- Ouvir os relatos dos representantes dos grupos, em plenária, esclarecendo possíveis dúvidas.

4. Pai Nosso – a prece ensinada por Jesus (Mateus, 6:9-13). Conceito de prece, maneira correta de orar, elementos de uma prece.

Pai Nosso que estás nos céus, santificado seja o teu Nome!

Venha o teu Reino!

Faça-se a tua Vontade, assim na Terra como no Céu.

O pão nosso de cada dia dá-nos hoje.

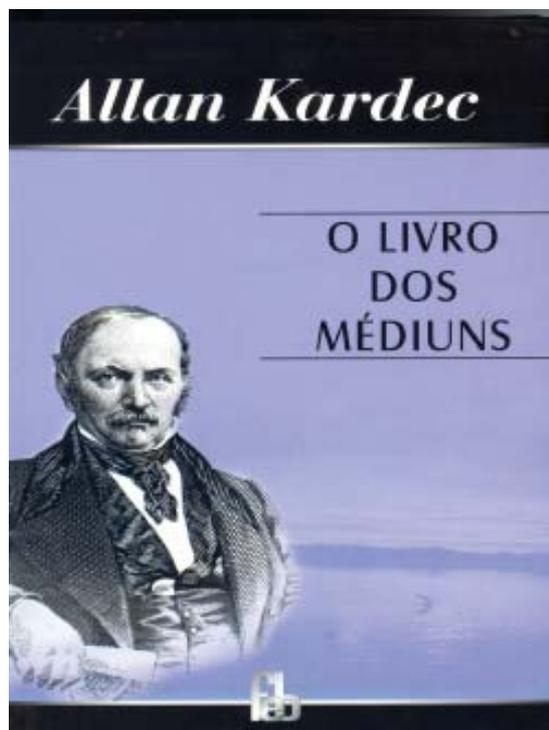
Perdoa-nos as nossas dívidas como nós perdoamos aos nossos devedores.

Não nos deixes entregues à tentação e livra-nos do mal.

Roteiro:

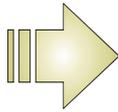
- Dividir a turma em seis grupos ou duplas.
- Entregar-lhes cópias do *Pai Nosso* e exemplares de *O Evangelho segundo o Espiritismo*.
- Esclarecer que cada dupla deve ler e, em seguida, resumir uma parte da análise que Kardec fez desta prece (veja, no *Evangelho segundo o Espiritismo*, o item 2, do capítulo XXVIII, partes I a VI, p. 388 a 393).
- Em seguida, pedir aos grupos que indiquem um relator para apresentação do resumo, em plenária.
- Identificar o significado de prece, a maneira correta de orar e os elementos constituintes de uma prece (louvar, pedir e agradecer) segundo os ensinamentos de Jesus, à luz do entendimento espírita.





Resumo Informativo

Objetivos específicos



- Realizar resumo informativo das obras espíritas selecionadas.
- Fazer sua apresentação em dia, hora e local pré-estabelecidos.



O resumo informativo das obras espíritas, abaixo relacionadas, deve seguir as *Considerações Gerais* para a realização das atividades complementares.

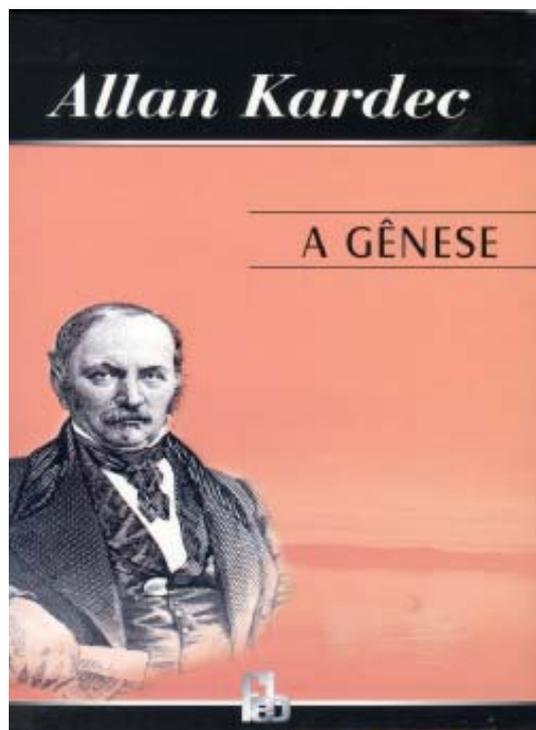
RESUMO INFORMATIVO DE:

A Gênese, de Allan Kardec. Edição FEB.

- Capítulo X: Gênese Orgânica. Itens 1 a 30.
- Capítulo XIV: Os Fluidos. Itens 1 a 49.

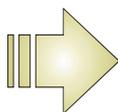
O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec, 2ª Parte. Edição FEB.

- Capítulo I: Da ação dos Espíritos sobre a matéria. Itens 52 a 59.
- Capítulo II: Das manifestações físicas - Das mesas girantes. Itens 60 a 64.
- Capítulo III: Das manifestações inteligentes. Itens 65 a 71.
- Capítulo IV: Da teoria das manifestações físicas. Itens 72 a 81.
- Capítulo V: Das manifestações físicas espontâneas. Itens 82 a 99.
- Capítulo VII: Da Bicorporeidade e da Transfiguração. Itens 114 a 125.



Conduta Espírita: A formação do médium segundo os parâmetros ditados pelo Espírito de Verdade: amai-vos e instruívos.

Objetivo específico



- Estabelecer correlação entre os assuntos teórico-práticos, estudados neste Módulo, e a necessidade de se praticar a lei de amor como norma de conduta espírita.



Sugestões ao instrutor para aplicação dos textos em anexo

- a) Pedir aos participantes que façam leitura atenta de cada texto.
- b) Esclarecer possíveis dúvidas que a leitura dos textos tenham suscitado.
- c) Solicitar-lhes realização dos exercícios.
- d) Fazer a correção dos exercícios.
- e) Realizar uma síntese geral dos assuntos estudados.



ANEXO

Estudo e Prática da Mediunidade Programa I - Módulo de Estudo nº 1 Culminância do Módulo: Conduta Espírita Textos para estudo individual ou em grupo

Roteiro: A formação do médium segundo os parâmetros ditados pelo Espírito de Verdade: amai-vos e instruí-vos

TEXTO Nº 1

ADVENTO DO ESPÍRITO DE VERDADE

Venho, como outrora aos transviados filhos de Israel, trazer-vos a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como o fez antigamente a minha palavra, tem de lembrar aos incrédulos que acima deles reina a imutável verdade: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinarem as plantas e se levantem as ondas. Revelei a doutrina divina. Como um ceifeiro, reuni em feixes o bem esparso no seio da Humanidade e disse: Vinde a mim, todos vós que sofreis.

Mas, ingratos, os homens afastaram-se do caminho reto e largo que conduz ao reino de meu Pai e enveredaram pelas ásperas sendas da impiedade. Meu Pai não quer aniquilar a raça humana; quer que, ajudando-vos uns aos outros, mortos e vivos, isto é, mortos segundo a carne, porquanto não existe a morte, vos socorraís mutuamente, e que se faça ouvir não mais a voz dos profetas e dos apóstolos, mas a dos que já não vivem na Terra, a clamar: Orai e crede! Pois que a morte é a ressurreição, sendo a vida a prova buscada e durante a qual as virtudes que houverdes cultivado crescerão e se desenvolverão como o cedro.

Homens fracos, que compreendeis as trevas das vossas inteligências, não afasteis o facho que a clemência divina vos coloca nas mãos para vos clarear o caminho e reconduzir-vos, filhos perdidos, ao regaço de vosso Pai.

Sinto-me por demais tornado de compaixão pelas vossas misérias, pela vossa fraqueza imensa, para deixar de estender mão socorredora aos infelizes transviados que, vendo o céu, caem nos abismos do erro. Crede, amai, meditai sobre as coisas que vos são reveladas; não mistureis o joio com a boa semente, as utopias com as verdades.

Espíritas! amai-vos, este o primeiro ensinamento; instruí-vos, este o segundo. No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram. Eis que do além-túmulo, que julgáveis o nada, vozes vos clamam: Irmãos! nada parece. Jesus-Cristo é o vencedor do mal, sede os vencedores da impiedade. — O Espírito de Verdade. (Paris, 1860.)

*KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. VI, item 5, p. 129-30.)

EXERCÍCIO

- Dê o sentido das palavras *verdade, orai, crede, amai-vos* e *instruí-vos*, constantes do texto.



TEXTO Nº 2

DIÁRIO DE UM MÉDIUM (*)

Quando, por solicitação de amigos, penetramos o quarto de Alfredo Lúcio, para acudi-lo no processo de desencarnação, o diário que o tempo amarelecera estava aberto e podíamos ler, em trechos curtos, a história de sua experiência.

22 de outubro – Nesta noite inesquecível de 22 de outubro de 1923, faço minha profissão de fé. Acompanhei reunião íntima no Centro Espírita Vicente de Paulo, na rua Tavares Guerra, 74, aqui no Rio, e pude ouvir a palavra de minha mãe que eu supunha morta. Ela mesma. Falava-me pelo médium, como se estivéssemos em nossa casa do Méier. Chorei muito. Estou transformado. Sou agora espírita. Peço a Deus me abençoe os votos solenes de trabalhar pela grande causa.

23 de outubro – Tentei a mediunidade escrevente e consegui. Maravilhoso! A idéia me escorria da cabeça com a mesma rapidez com que a frase escrita me saía da mão. Recebi confortadora mensagem assinada por D. Amélia Kartley Antunes Maciel, a Baronesa de Três Serros, que foi companheira de infância de minha mãe. Aconselhou-me a aperfeiçoar a mediunidade, a fim de cooperar na evangelização do povo. Sim, sim, obedecerei...

24 de outubro – Procurei o confrade Sr. Augusto Ramos, da Diretoria do Vicente de Paulo, na Ponta do Caju, e falei-lhe de meus planos. Encorajou-me. Foi para mim valioso entendimento espiritual. Quero servir, servir.

25 de outubro – Congreguei vários irmãos no Centro, em animada conversação sobre os desastres morais. A imprensa está repleta de casos tristes. Suicídios, homicídios. Comentamos o imperativo da mediunidade apostólica. É muito sofrimento nascido da ignorância! Deus de Bondade Infinita, darei minha vida pelo esclarecimento dos meus

irmãos em Humanidade!...

26 de outubro – Avistei-me hoje com o Sr. Leopoldo Cirne e sua estimada esposa, na residência deles próprios. Foram amigos de D. Amélia. Oramos. A baronesa comunicou-se, exortando-me ao cumprimento do dever. Convidou-me a estudos sérios. O Sr. Cirne falou-me, bondoso, quanto à necessidade do discernimento.

27 de outubro – Continuo a trabalhar ativamente na psicografia.

10 de novembro – O presidente de nossa casa espírita ponderou comigo que é importante não acelerar o desenvolvimento mediúnico. Entretanto, não concordei. A ignorância e a dor esperam por mensagens do Alto. Nas últimas seis noites, recebi páginas e páginas do Espírito que se deu a conhecer como sendo Filon, de Atenas, desencarnado na Grécia Antiga. Disse-me que tenho grande missão a cumprir.

2 de dezembro – É tanta gente a falar-me sobre estudo, que deixei de frequentar o Centro... Preciso trabalhar, trabalhar. Filon está escrevendo quatro horas diariamente, por meu intermédio. Está preparando dois livros, através de minhas faculdades. Sim, ele tem razão. O mundo espera, ansioso, a evidência do Plano Espiritual.

1º de janeiro – Entrei no Ano Novo psicografando.

29 de janeiro – Apresentei ao Sr. Leopoldo Cirne os frutos de meu trabalho. Dois livros assinados pelo Espírito Filon. Um romance e um manual de meditações evangélicas. O Sr. Cirne pediu-me procurá-lo na semana próxima.

5 de fevereiro – Grande decepção! O Sr. Leopoldo Cirne falou-me francamente. Admite que eu esteja sendo ludibriado. Reconhece as minhas qualidades mediúnicas, mas pede que eu estude, afirmando que os livros de Filon são fracos. Acha que é cedo para eu pensar em publicação de livros, que devo amadurecer em conhecimento e experiência para colaborar seriamente com os bons Espíritos. Despedi-me, desapontado...

6 de fevereiro – Procurei o Dr. Guillon Ribeiro, da Federação Espírita Brasileira, que me recebeu cortês, em sua própria casa. Entreguei-lhe os meus originais mediúnicos, rogando opinião.

20 de fevereiro – Voltei ao Dr. Guillon Ribeiro. Devolveu-me as mensagens, referindo-se, paternal, ao perigo das mistificações e à necessidade de critério, na apresentação de qualquer assunto espírita. Declarou que tenho promissora mediunidade, embora ainda muito verde, e asseverou que devo preparar-me à frente do futuro. Um rapaz, que se achava junto dele, falou em obsessão. Informou que um médium pode ser atacado, sem perceber, pela influência de Espíritos inferiores, assim como planta suscetível de ser assaltada por pragas silenciosas. Compreendi claramente que o moço me considerava obsidiado. Uma

ofensa! Saí revoltado. Começo a desiludir-me.

4 de abril – Estou desolado. Ouvi hoje o Sr. Ignácio Bittencourt, pela quarta vez numa semana. Já tenho quatro novos livros do Espírito Filon, mas o Sr. Bittencourt, que os leu, está do contra. Recomendou-me estudo. Deu-me conselhos. Parece que o homenzinho quer entrar em minha vida. Falou-me em reforma íntima, como se eu fosse um criminoso em regeneração.

6 de abril – Conversei com D. Retília, médium experiente, em casa de D. Francisca de Souza, depois de reunião familiar. Parece que ela me viu na conta de uma pessoa irresponsável, pois ofereceu-me longa lista de instruções, explicando que preciso reajustar-me. E falou também na necessidade de estudo...

8 de abril – Não aguento. Qualquer espírita que me encontra, ao invés de ajudar-me, só me fala em estudo e discernimento, em discernimento e estudo... Serei alguma criança? Arre com tanta ponderação!... Se mediunidade é serviço em que devemos atender as exigências de todo mundo, não nasci para ser cachorro de ninguém! Todos os espíritas se julgam com direito de me advertir e reprovar! Sou um homem sensível... Não posso mais!...

Via-se que o livro de notas fora abandonado por muitos anos. Entretanto, logo em seguida aos apontamento mencionados, estava escrito em tinta fresca:

6 de setembro de 1959 – Ó amado Jesus, quero abraçar agora a luz da mediunidade de que desertei, há mais de trinta anos! Quero cumprir a minha tarefa, Senhor! Perdoa-me o tempo perdido. Dá-me algum tempo mais! Preciso de mais tempo, Mestre! Socorre-me! Levanta-me as forças! Prometo servir à verdade durante o resto de minha vida!

Mas o veículo orgânico de Alfredo Lúcio não conseguira esperar pela concessão, pois, finda a nossa rápida leitura, mal tivemos tempo para ajudá-lo a sair do corpo, cujos olhos congestionados se fecharam pesadamente para o sono da morte.



(*) XAVIER, Francisco Cândido. *Contos Desta e Doutra Vida*. Pelo Espírito Irmão X. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, p. 85-89.

EXERCÍCIO

Após a leitura do texto, observe o quadro abaixo antes de responder aos exercícios que se seguem.

Resumo do Diário do médium Alfredo Lúcio

Conteúdo da mensagem fornecida ao médium	Origem da mensagem	Data
• Sobre a sobrevivência do Espírito.	– Mãe do médium*.	22.10.1923
• Sobre estímulo e conselho para aperfeiçoar a mediunidade.	– Amélia Hartley A. Maciel,* amiga da mãe do médium.	23.10.1923
• Encorajamento.	– Augusto Ramos, diretor do Centro Espírita Vicente de Paulo.	24.10.1923
• Exortação ao cumprimento do dever e convite a estudos sérios.	– Amélia Hartley Maciel.	26.10.1923
• Necessidade de discernimento.	– Leopoldo Cirne.	26.10.1923
• Não acelerar o desenvolvimento da mediunidade.	– Presidente do Centro Espírita Vicente de Paulo.	10.11.1923
• O médium teria grande missão a cumprir.	– Filon, de Atenas*.	16.11.1923
• Necessidade de estudo.	– Muitas pessoas.	Desde outubro de 1923
• Reconhecimento da existência de mediunidade em Alfredo, mas os livros assinados por Filon eram fracos. Recomendação de estudo.	– Leopoldo Cirne (ex-presidente da FEB).	05.02.1924
• Alerta sobre mistificações; existência de mediunidade promissora.	– Guillon Ribeiro (presidente da FEB na época).	20.02.1924
• Perigo das obsessões.	– Acompanhante encarnado de Guillon Ribeiro.	20.02.1924
• Recomendação de estudo e contra-indicação de publicar as mensagens de Filon.	– Ignácio Bittencourt (diretor da FEB).	04.04.1924
• Necessidade de reajuste espiritual.	– Médium D. Retília.	06.04.1924
Conclusão: Desencarnação do médium Alfredo Lúcio, em setembro de 1959, 36 anos após a eclosão da faculdade mediúnica, sem que tenha se dedicado à prática espírita da mediunidade.		

* Espírito desencarnado



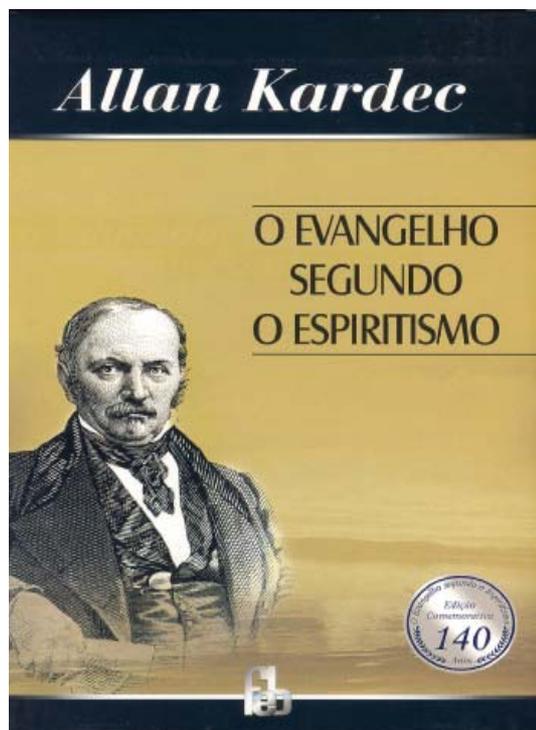
RESPONDA

1. O que você poderia dizer a respeito da conduta do médium Alfredo Lúcio, tendo em vista os ensinamentos espíritas que você está recebendo no Curso?

2. Por que as mensagens atribuídas a Filon não foram aceitas como verdadeiras por diversos espíritas daquela época?

3. Como interpretar as palavras do Espírito, que se denominava Filon, a respeito da grande missão que o médium teria que cumprir?

4. Muitas pessoas recomendam estudo ao médium. Relacione dois argumentos que destaquem a importância do estudo para a prática mediúnica.



ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE

MÓDULO II

OBJETIVOS GERAIS

Conscientizar-se da importância da irradiação mental, e da prática da caridade e do perdão, no exercício da mediunidade, sob a ótica espírita.



PROGRAMA I

 **MÓDULO DE ESTUDO Nº 2**

- * **Fundamentação Espírita:** A Prática Mediúnica
- * **Prática:** Irradiação mental
- * **Atividade complementar:** resumo de *O Que é o Espiritismo*. (capítulo I) e de *O Livro dos Médiuns*. Capítulos XIX, XX e XXI.
- * **Culminância do módulo:** *A prática da caridade e do perdão como norma de conduta espírita.*

 **OBJETIVOS GERAIS**

- **Conscientizar-se da importância da irradiação mental, e da prática da caridade e do perdão, no exercício da mediunidade, sob a ótica espírita.**

 **TOTAL DE AULAS PREVISTAS**

Teóricas	6
Práticas	6
Atividade complementar	1
Culminância	1

TEMPO PARA APLICAÇÃO DAS AULAS

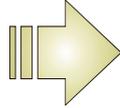
- Teóricas: até uma hora e trinta minutos.
- Práticas: até trinta minutos.

PLANO DE ESTUDO — MÓDULO Nº 2			
(1ª PARTE)	(2ª PARTE)	(3ª PARTE)	(4ª PARTE)
FUNDAMENTAÇÃO ESPÍRITA	PRÁTICA	ATIVIDADE COMPLEMENTAR	CULMINÂNCIA DO MÓDULO
<p>Introdução ao Estudo da Mediunidade</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Eclosão da mediunidade. 2. O papel da mente e do perispírito nas comunicações mediúnicas. 3. Transes psíquicos. 4. Concentração mediúnica. 5. A influência moral do médium e do meio ambiente nas comunicações mediúnicas. 6. Educação e desenvolvimento do médium. 	<p>A Prece</p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ Esclarecer a respeito da importância e dos benefícios da irradiação mental. ◆ Exercitar a irradiação mental em todas as reuniões, favorecendo a participação gradual dos componentes do grupo. 	<p>Resumo e apresentação</p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ <i>O que é o Espiritismo</i>, de Allan Kardec, edição FEB, capítulo I. ◆ <i>O Livro dos Médiuns</i>, de Allan Kardec, edição FEB, Segunda Parte. Capítulos: XIX, XX, XXI. ◆ Os alunos deverão elaborar e apresentar resumo do conteúdo doutrinário selecionado, em dia, hora e local preestabelecidos. ◆ A organização e a elaboração deste trabalho devem seguir as instruções dadas nas <i>Considerações Gerais</i>. 	<p>Conduta Espírita</p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ A prática da caridade e do perdão como norma de conduta espírita. ◆ Os alunos deverão ler os textos sugeridos e fazer os exercícios propostos.

FUNDAMENTAÇÃO ESPÍRITA: A Prática Mediúnica

ROTEIRO 1

Eclosão da mediunidade

Objetivos
específicos

- Identificar os sintomas que caracterizam a mediunidade iniciante.
- Explicar qual deve ser a conduta espírita perante alguém com mediunidade aflorada.



SUBSÍDIOS

A mediunidade, sendo uma faculdade natural, eclode ou surge na época apropriada, definida no planejamento reencarnatório do indivíduo.

*Natural, aparece espontaneamente, mediante constrição segura, na qual os desencarnados de tal ou qual estágio evolutivo convocam à necessária observância de suas leis, conduzindo o instrumento mediúnico a precioso labor por cujos serviços adquire vasto patrimônio de equilíbrio e iluminação, resgatando, simultaneamente, os compromissos negativos a que se encontra enleado desde vidas anteriores. Outras vezes surge como impositivo provacional mediante o qual é possível mais ampla libertação do próprio médium, que, em dilatando o exercício da nobilitação a que se dedica, granjeia consideração e títulos de benemerência que lhe conferem paz. Sem dúvida, poderoso instrumento pode converter-se em lamentável fator de perturbação, tendo em vista o nível espiritual e moral daquele que se encontra investido de tal recurso.*²

A eclosão mediúnica pode, então, ocorrer sob duas formas:

- *espontânea* – não causa maiores desconfortos, quer físicos quer emocionais, ao médium iniciante;
- *provacional* – o médium apresenta descompassos emocionais, que atingem a sua organização física. Podem ocorrer perturbações espirituais.

Esta última é a forma mais comum do surgimento da mediunidade no estado evolutivo em que ainda nos encontramos. O presente estudo se deterá mais nesse aspecto.

*O surgimento da faculdade mediúnica não depende de lugar, idade, condição social ou sexo. Pode surgir na infância, adolescência ou juventude, na idade madura ou na velhice. Pode revelar-se no Centro Espírita, em casa, em templos de quaisquer denominações religiosas, no materialista.*⁴ Os sinais ou sintomas que anunciam a

mediunidade variam ao infinito. Reações emocionais insólitas. Sensação de enfermidade, só aparente. Calafrios e mal-estar. Irritações estranhas. ⁴

Quando do aparecimento da mediunidade, surgem distúrbios vários, sejam na área orgânica, através de desequilíbrios e doenças, ou mediante inquietações emocionais e psiquiátricas, por debilidade da sua [do médium] constituição fisiopsicológica. Não é a mediunidade que gera o distúrbio no organismo, mas a ação fluídica dos Espíritos que favorece a distonia ou não, de acordo com a qualidade de que esta se reveste. Por outro lado, quando a ação espiritual é salutar, uma aura de paz e de bem-estar envolve o medianeiro, auxiliando-o na preservação das forças que o nutrem e sustentam durante a existência física. ³ O momento da eclosão da faculdade mediúnica no Espírito encarnado é de fundamental importância, uma vez que essa faculdade poderá proporcionar benefícios ao próprio encarnado e ao próximo, se bem orientada e amparada fraternalmente. Deve-se considerar, no entanto, que nem sempre a pessoa é convenientemente assistida logo que desabrocham suas faculdades mediúnicas; seja por ignorância a respeito do assunto, o que é mais comum, seja por desinteresse ou desatenção dos familiares ou dos amigos. Em outras ocasiões, os médiuns iniciantes, por se revelarem [...] *fascinados pelo entusiasmo excessivo, diante do impacto das revelações espirituais que os visitam de jato, solicitam o entendimento e o apoio dos irmãos experimentados, para que não se percam, através de engodos brilhantes.* ⁵

Assim, em questão de mediunidade, é importante conhecer bem o assunto para poder auxiliar, efetivamente, aquele que busca amparo na casa Espírita. Não esqueçamos que a [...] *maioria dos estudantes do Espiritismo situam na mediunidade a pedra basilar de todas as edificações doutrinárias, mas cometem o erro de considerar por médiuns tão-somente os trabalhadores da fé renovadora, com tantas tarefas especiais, ou os doentes psíquicos que, por vezes, servem admiravelmente à tarefa das manifestações fenomênicas.* ⁷

Auxiliar a educação e o desenvolvimento do médium não é tarefa fácil. Exige do dirigente espírita devotamento nesse gênero de tarefa, assim como disposição para orientar com bondade e paciência, sobretudo se o médium iniciante apresenta mediunidade provocacional. É importante compreender que, no início da prática mediúnica, os médiuns topam com o escolho [...] *de terem de haver-se com Espíritos inferiores e devem dar-se por felizes quando são apenas Espíritos levianos. Toda atenção precisam pôr em que tais Espíritos não assumam predomínio, porquanto, em acontecendo isso, nem sempre lhes será fácil desembaraçar-se deles. É ponto esse de tal modo capital, sobretudo em começo, que, não sendo tomadas as precauções necessárias, podem perder-se os frutos das mais belas faculdades.* ¹

A pessoa, cuja faculdade mediúnica eclodiu e que se dispôs a iniciar o seu exercício, deve ter consciência da importância e da significação dessa tarefa. *Por isso mesmo, os amigos desencarnados, sempre que responsáveis e conscientes dos próprios deveres diante das Leis Divinas, estarão entre os homens exortando-os à bondade e ao serviço, ao estudo e ao discernimento, porquanto a força mediúnica, em verdade, não ajuda e nem edifica quando esteja distante da caridade e ausente da educação.* ⁶ *É necessário, contudo, reconhecer que, na esfera da mediunidade, cada servidor se reveste de características próprias. O conteúdo sofrerá sempre a influência da forma e da condição do recipiente. Essa é a lei do intercâmbio. [...] Mediunidade, pois, para o serviço de revelação divina reclama estudo constante e devotamento ao bem para o indispensável enriquecimento de ciência e virtude. A ignorância poderá produzir indiscutíveis e belos fenômenos, mas só a noção de responsabilidade, a consagração sistemática ao progresso de todos, a bondade e o conhecimento conseguem materializar na Terra os monumentos definitivos da felicidade humana.* ⁸



REFERÊNCIAS

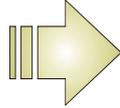
1. KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 73. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. XVII, item 211, p. 254.
2. FRANCO, Divaldo Pereira. *Estudos Espíritos*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999. Cap. 18 (Mediunidade), p. 138.
3. _____. *Médiuns e Mediunidade*. Pelo Espírito Vianna de Carvalho. 2. ed. Niterói, [RJ]: Arte e Cultura, 1991, p. 38 (Ser Médiun).
4. PERALVA, Martins. *Mediunidade e Evolução*. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000,. Cap. 3 (Ecloração mediúnica), p. 19.
5. XAVIER, Francisco Cândido, e VIEIRA, Waldo. *Estude e Viva*. Pelos Espíritos Emmanuel e André Luiz. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 37 (Médiuns iniciantes), p. 210.
6. _____. *Seara dos Médiuns*. Pelo Espírito Emmanuel. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Capítulo: Força mediúnica, p. 56.
7. _____. *Roteiro*. Pelo Espírito Emmanuel. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1982, cap. 27 (Mediunidade), p. 115.
8. _____. p. 116-117.

FUNDAMENTAÇÃO ESPÍRITA: A Prática Mediúnica

ROTEIRO 2

O papel da mente e do perispírito nas comunicações mediúnicas

Objetivo específico



- Identificar o papel da mente e do perispírito nas comunicações mediúnicas.



SUBSÍDIOS

1. O PAPEL DA MENTE

Sabemos que se acha a mente na base de todas as manifestações mediúnicas, quaisquer que sejam os característicos em que se expressem. [...] Refletimos as imagens que nos cercam e arremessamos na direção dos outros as imagens que criamos. E, como não podemos fugir ao imperativo da atração, somente retrataremos a claridade e a beleza, se instalarmos a beleza e a claridade no espelho de nossa vida íntima.¹⁹

Se o homem pudesse contemplar com os próprios olhos as correntes de pensamento, reconheceria, de pronto, que todos vivemos em regime de comunhão, segundo os princípios da afinidade. A associação mora em todas as coisas, preside a todos os acontecimentos e comanda a existência de todos os seres.²⁰ No plano da Vida Maior, vemos os sóis carregando os mundos na imensidade, em virtude da interação eletromagnética das forças universais. Assim também na vida comum, a alma entra em ressonância com as correntes mentais em que respiram as almas que se lhe assemelham. É que sentindo, mentalizando, falando ou agindo, sintonizando-nos com as emoções e idéias de todas as pessoas, encarnadas ou desencarnadas, da nossa faixa de simpatia.²¹ Pensando, conversando ou trabalhando, a força de nossas idéias, palavras e atos alcança, de momento, um potencial tantas vezes maior quantas sejam as pessoas encarnadas ou não que concordem conosco [...].²²

É dessa forma que podem ocorrer as comunicações mediúnicas.

É importante entender que percepção e sintonia ocorrem por intermédio das correntes ondulatórias do pensamento. Na verdade, a Terra, com tudo o que contém, está mergulhada num imenso mar de ondas. Ondas luminosas, sonoras, caloríficas, mentais. Uma frase que emitimos ou um instrumento que vibra criam ondas sonoras. Liguemos o aquecedor e espelharemos ondas caloríficas. Acendamos a lâmpada e exteriorizaremos ondas luminosas. Fazamos funcionar o receptor radiofônico

e encontraremos ondas elétricas.¹⁸

Em suma, todo movimento, toda agitação se realizam pela emissão de ondas, através dos inúmeros e diversos corpos da natureza.¹⁶ *As ondas são avaliadas segundo o comprimento em que se expressam, dependendo esse comprimento do emissor em que se verifica a agitação [agitação, aqui entendida como o foco propagador da onda, que produz a vibração]. Fina vara tangendo águas de um lago provocará ondas pequenas, ao passo que a tora de madeira, arrojada ao lençol líquido, traçará ondas maiores. Um contrabaixo lançá-las-á muito longas. Um flautim desferi-las-á muito curtas. As ondas ou oscilações eletromagnéticas são sempre da mesma substância, diferenciando-se, porém, na pauta do seu comprimento ou distância [...].*¹⁷ *As ondas eletromagnéticas, existentes no nosso mundo, são classificadas em longas, médias, curtas e ultra-curtas.*

Onda é uma oscilação ou vibração que se propaga no espaço ou num meio material, dentro de uma *frequência de tempo* (número de vibrações por segundo). As ondas longas têm comprimento maior que um quilômetro e menor que dez quilômetros, com frequência entre três e trinta *quilohertz* (1 *quilohertz* = 1000 *hertz*). As ondas *médias* apresentam comprimento entre cem metros e um quilômetro, e a frequência fica entre trezentos *quilohertz* e três *megahertz*. As ondas *curtas* têm comprimento situado entre um e dez metros, e a frequência está situada na região de 300 a 30 *megahertz*. As ondas *ultracurtas* não são percebidas pelo sistema auditivo humano, pois o comprimento fica abaixo de um metro e a frequência oscila em torno de duzentos *hertz* (1 *hertz* = 1 oscilação ou vibração por segundo).

Dessa forma, quanto maior for a frequência das nossas ondas mentais, menores serão o seu comprimento e, conseqüentemente, maiores as probabilidades de o nosso pensamento atingir as regiões superiores da vida.

A prece, sentida e verdadeira, é um exemplo de emissão mental de alta frequência. A idéia fixa — ou monoidéismo — desencadeia emanações mentais de baixa frequência, características das ondas longas.

Ao pensar, o ser humano emite ondas mentais que lhe caracterizam o grau evolutivo: ondas mais *longas*, de pequeno alcance, por certo resultantes das preocupações ou atividades corriqueiras; ondas *médias*, direcionadas para interesses menos imediatistas; ondas *curtas*, de frequência elevada, voltadas para assuntos espirituais nobres, e ondas *super-ultra-curtas*, em que se exprimem as legiões angélicas.^{17, 18}

Vamos relacionar o que acabamos de considerar com a prática mediúnica.

1) A mente do Espírito emite ondas mentais [idéias], que poderão ser captadas pelo cérebro do médium e transmitidas aos componentes da reunião mediúnica,

sob a forma de palavras grafadas ou verbalizadas, ou, ainda, de imagens de vidência. Nota-se que o cérebro do médium tem ação bivalente: capta e transmite ondas mentais de si próprio e de outros Espíritos.

2) Captado o pensamento do Espírito comunicante, pelo médium, inicia-se a comunicação mediúnica propriamente dita, devida à sintonia, fluídica e mental, estabelecida entre ambos.

O processo dessa comunicação pode sofrer interferências das ondas mentais dos integrantes encarnados do grupo mediúnico; do próprio médium; dos trabalhadores da equipe espiritual, e do Espírito comunicante.

3) Se os pensamentos dos trabalhadores encarnados são harmônicos, isto é, se a equipe se mantém ligada à comunicação do Espírito, ajudando mentalmente o médium, o dialogador e o próprio Espírito comunicante, o trabalho de atendimento ao Espírito sofredor flui com tranqüilidade. Se, no entanto, o pensamento da equipe dos encarnados e o dos médiuns vagueiam dispersivamente, de forma indisciplinada, a desarmonia se estabelece, tornando-se impossível a manifestação mediúnica dos Espíritos, ou, se esta ocorre, será distorcida, incoerente ou confusa.

Assim, todos os componentes do grupo mediúnico devem vigiar suas emissões mentais, durante o trabalho de intercâmbio espiritual, para que ocorram as comunicações previstas pelos orientadores espirituais.

2. O PAPEL DO PERISPÍRITO

Como sabemos, os Espíritos encarnados e desencarnados *têm um corpo fluídico, a que se dá o nome de perispírito. Sua substância é haurida do fluido universal ou cósmico, que o forma e alimenta* ¹¹.

O perispírito serve de intermediário ao Espírito e ao corpo. É o órgão de transmissão de todas as sensações. Relativamente às que vêm do exterior, pode-se dizer que o corpo recebe a impressão; o perispírito a transmite e o Espírito, que é o ser sensível e inteligente, a recebe. Quando o ato é de iniciativa do Espírito, pode dizer-se que o Espírito quer, o perispírito transmite e o corpo executa. ¹² *Sendo um dos elementos constitutivos do homem, o perispírito desempenha importante papel em todos os fenômenos psicológicos e, até certo ponto, nos fenômenos fisiológicos e patológicos.* ¹³ *Por meio do perispírito é que os Espíritos atuam sobre a matéria inerte e produzem os diversos fenômenos mediúnicos. [...] Não há, pois, motivo de espanto quando, com essa alavanca, os Espíritos produzem certos efeitos físicos, tais como pancadas e ruídos de toda espécie, levantamento, transporte ou lançamento de*

objetos [...].¹⁴ *Atuando sobre a matéria, podem os Espíritos manifestar-se de muitas maneiras diferentes: por efeitos físicos, quais os ruídos e a movimentação de objetos; pela transmissão do pensamento, pela visão, pela audição, pela palavra, pelo tato, pela escrita, pelo desenho, pela música etc. Numa palavra, por todos os meios que sirvam a pô-los em comunicação com os homens.*¹⁵ Citaremos, a seguir, a ação do perispírito nas comunicações mediúnicas.

2.1 O papel do perispírito nas manifestações físicas

*Um Espírito produz movimento de um corpo sólido combinando uma parte do fluido [cósmico] universal com o fluido, próprio àquele efeito, que o médium emite.*¹

O Espírito São Luís esclarece:

*Quando, sob as vossas mãos, uma mesa se move, o Espírito haure no fluido universal o que é necessário para lhe dar uma vida factícia. Assim preparada a mesa, o Espírito a atrai e move sob a influência do fluido que de si mesmo desprende, por efeito da sua vontade.*² [...] *O fluido próprio do médium [fluido vital] se combina com o fluido universal que o Espírito acumula. É necessária a união desses dois fluidos, isto é, do fluido animalizado (do médium) e do fluido universal para dar vida à mesa, mas, nota bem que essa vida é apenas momentânea, que se extingue com a ação e, às vezes, antes que esta termine, logo que a quantidade de fluido deixe de ser bastante para a animar.*⁵

Os Espíritos que provocam as manifestações físicas [...] são sempre Espíritos inferiores, que ainda se não desprenderam inteiramente de toda a influência material.³ Já foi explicado que a densidade do perispírito, se assim se pode dizer, varia de acordo com o estado dos mundos. Parece que também varia, em um mesmo mundo, de indivíduo para indivíduo. Nos Espíritos moralmente adiantados, é mais sutil e se aproxima dos Espíritos elevados; nos Espíritos inferiores, ao contrário, aproxima-se da matéria [...] Esta grosseria do perispírito, dando-lhe mais afinidade com a matéria, torna os Espíritos inferiores mais aptos às manifestações físicas [...].⁴

2.2 O papel do perispírito nas manifestações visuais

A explicação de como um Espírito se torna visível [...] reside nas propriedades do perispírito, que pode sofrer diversas modificações, ao sabor do Espírito.⁷

No estado material em que nos encontramos, isto é, de reencarnação, só podemos ver um Espírito, ou este só pode tornar-se visível à nossa visão mediúnica

por meio dos nossos respectivos perispíritos. ⁸ Os Espíritos da Codificação nos esclarecem que o perispírito é o invólucro intermediário, por meio do qual o Espírito desencarnado atua sobre os nossos sentidos. *Sob esse envoltório é que aparecem, às vezes, com uma forma humana, ou com outra qualquer, seja nos sonhos, seja no estado de vigília, assim em plena luz, como na obscuridade.* ⁸ Nos fenômenos visuais não ocorre uma condensação dos fluidos perispirituais, como acontece nos fenômenos físicos, de modo geral. A combinação dos fluidos do médium com os do Espírito apresenta uma disposição especial — sem analogia para nós encarnados — necessária à percepção mediúnica. ⁹ Todas as pessoas podem ver Espíritos durante o sono; no estado de vigília depende, porém, da organização física que lhes permite maior ou menor expansão perispiritual e combinação com o perispírito do desencarnado. ¹⁰

2.3 O papel do perispírito nas manifestações de efeitos intelectuais

Nesta categoria, o perispírito ocupa papel de intermediário das idéias e do processo de elaboração mental existente entre o Espírito comunicante e o médium. A ligação maior, entre as duas entidades, é no plano mental. A expressão das idéias, o teor da mensagem, contudo, são manifestados via perispírito.

O perispírito do médium transmite aos circunstantes de uma reunião mediúnica o pensamento do Espírito comunicante, os seus sentimentos o seu estado emocional, de alegria ou de tristeza, de dor ou de paz, de desarmonia ou de desequilíbrio.



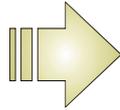
REFERÊNCIAS

1. KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 73. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, Segunda Parte. Cap. IV, item 74, pergunta 8, p. 93.
- 2._____. Pergunta 9, p.93.
- 3._____. Pergunta 11, p.94.
- 4._____. Pergunta 12.(Nota), p.94.
- 5._____. Pergunta 14 p.95.
- 6._____. Cap. V, item 96, p. 119.
- 7._____. Cap. VI, Item 100, pergunta. 21, p. 136.
- 8._____. Pergunta 22, p. 136.
- 9._____. Pergunta. 23, p. 136-137.
- 10._____. Pergunta. 26, p. 137.
- 11._____. *Obras Póstumas*. Tradução de Guillon Ribeiro. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Primeira Parte, cap. II (O perispírito como princípio das manifestações), item 9, p. 44-45.
- 12._____. Item 10, p. 45.
- 13._____. Item 12, p. 45.
- 14._____. Item 13, p. 46.
- 15._____. Item 14, p. 46.
16. XAVIER, Francisco Cândido, e VIEIRA, Waldo. *Mecanismos da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 1 (Ondas e percepções), p. 24.
- 17._____. Item: Tipos e definições, p. 24.
- 18._____. p. 23.
- 19._____. *Nos Domínios da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 31. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 1 (Estudando a mediunidade), p. 17-18.
- 20._____. *Pensamento e Vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 8 (Associação), p. 39.
- 21._____. p. 40
- 22._____. p. 42.

FUNDAMENTAÇÃO ESPÍRITA: A Prática Mediúnica

ROTEIRO 3

Trances Psíquicos

Objetivos
específicos

- Definir transe.
- Classificar transe quanto ao grau, duração e tipo.



SUBSÍDIOS

1. DEFINIÇÃO DE TRANSE

A palavra *transe* é genericamente entendida como qualquer alteração no estado de consciência. Etimologicamente, no entanto, significa momento crítico, crise, lance (dic. Contemporâneo da Língua Portuguesa, Caldas Aulete.) É um estado especial, entre a vigília e o sono, que de alguma sorte abre as portas da sub-consciência [...].⁵ O estado de transe não significa a supressão, mas a interiorização da consciência. Mesmo nos estágios mais profundos, 'algo' não se extingue e permanece vigilante, à maneira de sistema secundário, mas ainda ativo.⁷

2. GRAUS DO TRANSE

O transe pode ser superficial ou profundo. São dois estados ou graus extremos, devendo haver uma gradação entre um e outro. O transe parcial está situado entre o transe superficial e o profundo. No *transe superficial*, não há *amnésia lacunar*, o paciente se recorda de tudo e pode, inclusive, pôr em dúvida o ter permanecido em transe.⁸ O *transe profundo* ou *sonambulismo* é caracterizado pela extrema sugestibilidade e *amnésia lacunar*.⁸

Como no transe profundo a pessoa fica, em geral, inconsciente, alguns estudiosos julgam que ela entra em sono magnético ou hipnótico⁴. Nessas condições, o corpo fluídico exterioriza-se, desprende-se do corpo carnal, e a alma fica livre, ou emancipada. Naturalmente, não ocorre a separação absoluta, o que causaria a morte. No entanto, um laço invisível continua a prender a alma ao seu invólucro terrestre. Semelhante ao fio telefônico que assegura a transmissão entre dois pontos, esse laço fluídico permite à alma transmitir suas impressões pelos órgãos do corpo adormecido.¹³ Outros estudiosos, porém, entendem que o transe não é um estado de sono, independente de ser superficial ou profundo, natural ou sob ação

magnética. A dificuldade em associar o transe ao sono é o fato de a consciência não estar preservada neste último ⁶. No transe, há preservação da consciência. Mesmo no transe provocado por hipnose, não há como confundi-lo com o sono, sobretudo se o hipnotizador ordenar ao hipnotizado que aja normalmente, como se estivesse acordado. ⁷ *Acrescentamos que estudos eletroencefalográficos assinalam diferenças entre a atividade elétrica do cérebro na hipnose (transe) e no sono ⁷, mostrando, portanto, que são fenômenos distintos, apesar de semelhantes.*

3. DURAÇÃO DO TRANSE

(...) pode ser fugaz e imperceptível para os circunstantes — um súbito mergulho no inconsciente — ou prolongado, com visíveis alterações do estado psíquico. ⁸

4. MECANISMOS DO TRANSE

O mecanismo básico do transe consiste, possivelmente, numa onda inibitória que “varre” a superfície cerebral. ⁹ O transe pode colocar o indivíduo em contato mais íntimo consigo mesmo, com a sua personalidade integral subconsciente. ⁹ Não é muito fácil compreender o mecanismo básico do transe. Sabe-se, por exemplo, que sob qualquer forma e grau em que se manifeste, há sempre um conteúdo anímico da pessoa que está sob a sua ação. É o que ocorre quando o transe é de origem mediúnica. Mesmo quando o médium entra em transe profundo, não se recordando depois do conteúdo da mensagem espírita que ele transmitiu, percebe-se que o Espírito comunicante retira dos arquivos mentais do seu intermediário encarnado os elementos necessários para produzir a comunicação. A dificuldade está em entender de que forma o Espírito tem acesso aos arquivos da memória. Como tudo ocorre em nível mental, seja do Espírito comunicante, seja do médium, apenas hipóteses podem ser lançadas sobre a ocorrência do fenômeno. Esse acesso que os Espíritos fazem ao inconsciente do médium, naturalmente com permissão deste, é claramente observado nas comunicações mediúnicas em línguas estrangeiras, línguas em que, muitas vezes, o médium não sabe se expressar, na atual encarnação.

5. TIPOS DE TRANSE

Para fins do nosso estudo, vamos classificá-lo em três tipos:

- a) transe patológico;
- b) transe espontâneo;

c) transe provocado.

d) transe químico.

No transe patológico, o fator mórbido atua como desencadeante. Traumatismos, particularmente crânio-encefálicos, estado de coma, delírio febril, período pré-agônico são algumas condições [situações] em que, suprimidas ou modificadas as relações normais com o mundo exterior, surge eventualmente o transe [...].¹⁰ O caso mais elementar ocorre no chamado estado crepuscular dos epiléticos e histéricos. O indivíduo tem a crise convulsiva e depois fica longo tempo como que abobado ou desligado, falando coisas sem nexos, sem noção de espaço e tempo.¹⁵ Os transe espontâneos ocorrem em pessoas naturalmente predispostas: médiuns e sonâmbulos.¹⁶ As principais formas do transe provocado são: o hipnótico, o mediúnico, o anímico e o químico.

a) O transe hipnótico é uma variante do processo do sono. É um sono experimental, provocado, conduzido, que caminha e se aprofunda dentro dos mesmos processos do sono normal [...].¹⁷

A inibição ou bloqueio da atividade cerebral, no hipnotismo, leva a pessoa a dormir. No hipnotismo, usando-se, por exemplo, estímulos luminosos repetidos, os quais cansam a zona cerebral da visão¹⁷, produz-se uma área de inibição da atividade consciente da pessoa que está sendo hipnotizada e, então, ela entra em transe.¹⁷ Isto tudo dentro da relatividade que existe em todos os fatos da Natureza, porque embora a técnica do sono seja a mais corrente, existe o hipnotismo vígil, em que o “sujet” obedece às sugestões, plenamente acordado — o hipnotizador não pronuncia a palavra sono, ou equivalente, ao levá-lo à hipnose.¹¹ Na hipnose, o hipnotizador usa da sugestão magnética, com auxílio de objetos (pêndulo, diapasão, focos luminosos etc.). O paciente é chamado de “sujet” (sujeito, indivíduo, ser.) A sugestão consiste, afinal, em inocular na subconsciência de outrem uma representação, um sentimento, um impulso, que lhe escapa ao crivo racional e se cumpre automaticamente, desde que não se colida com seus princípios morais. Se o indivíduo sugestionado a si próprio, trata-se de auto-sugestão; se outro lhe sugere algo, dir-se-á hetero-sugestão.¹²

O fenômeno hipnótico é conhecido desde a Antigüidade. O Egito faraônico, através dos seus sacerdotes, que pesquisavam os mais variados fenômenos psíquicos com os recursos de que dispunham, dedicou diversos templos ao sono, nos quais se realizavam as experiências hipnológicas de expressivos resultados. Os taumaturgos caldeus praticavam-no com finalidades terapêuticas [...]. Deve-se, porém, a Frederico Antônio Mesmer o grande impulso que o trouxe aos tempos modernos. Todavia, merece considerado que Paracelso, autor do conceito e teoria do fluido, anteriormente já se interessara por experiências magnéticas, que seriam posteriormente desdobradas por Mesmer. Considerava Mesmer o fluido como sendo «o meio de uma influência

mútua entre os corpos celestes, a Terra e os astros», afirmando que esse fluido se encontra em toda parte e enche todos os espaços vazios, possuindo a propriedade de «receber, propagar e comunicar todas as impressões do movimento.»¹⁴

O cirurgião inglês James Braid foi quem introduziu a palavra hipnotismo, em substituição a magnetismo.

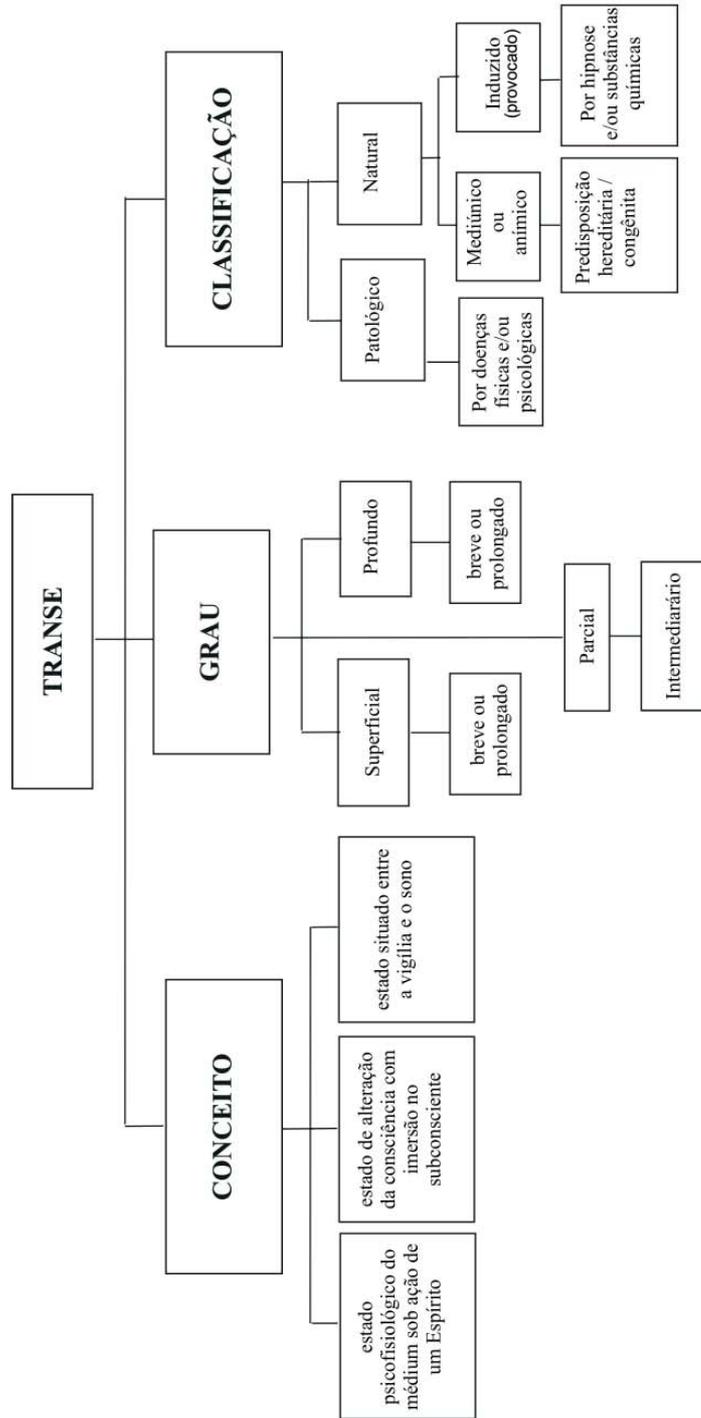
b) O *transe mediúnico*, provocado por um Espírito, oferece gradações, ora relacionadas ao gênero da mediunidade (na sonambúlica e na materialização, por exemplo, o transe é mais profundo), ora em decorrência da ação espiritual, isto é, há Espíritos cuja manifestação induz a transe mais profundos ou, ao contrário, mais superficiais. Na categoria de médiuns escreventes, por exemplo, há os *médiuns mecânicos*. *O que caracteriza esse fenômeno é que o médium não tem a menor consciência do que escreve.*¹ *Os médiuns intuitivos têm consciência do que escreve, embora não exprima o seu próprio pensamento.*² *E existe, também, o médium semimecânico que participa de ambos os gêneros. Sente que à sua mão uma impulsão é dada, mau grado seu, mas, ao mesmo tempo, tem consciência do que escreve, à medida que as palavras se formam. No primeiro o pensamento vem depois do ato da escrita; no segundo, precede-o; no terceiro, acompanha-o.*³

c) O *transe anímico, ou sonambúlico*, é provocado pela própria pessoa ao se desligar parcialmente do corpo físico. Este tipo de transe favorece a manifestação dos fenômenos de emancipação da alma, tais como: bicorporeidade, dupla vista, êxtase, catalepsia, letargia, sonambulismo, transfiguração etc.

d) O *transe químico* é o produzido pela ação de substâncias químicas.

Desde a Antigüidade recorreu-se ao uso de certas drogas, durante os rituais religiosos. No Brasil, o álcool é usado, associado ao transe, em alguns cultos africanistas, cultos esses que fazem parte do «continuum mediúnico.» Os mexicanos usavam o cactus sagrado, o mescal. Os indianos consumiam o «soma», bebida inebriante. [...]»¹⁸ Há, ainda, o transe provocado por narcóticos, psicotrópicos, excitantes, que levam a pessoa a estados de transe, conforme a dosagem e o tipo de substância utilizada.

O quadro, a seguir, apresenta uma sinopse deste assunto.



GLOSSÁRIO

Aideico (ou Anideísmo)	Incapacidade de associar idéias, em virtude de perturbações da memória e da atenção.
Amnésia lacunar	Lacunhas limitadas da memória. Estas limitações podem referir-se a fatos, situações ou acontecimentos vividos, ou a um lapso de tempo (a pessoa perderia a noção de tempo, hora ou períodos específicos). Perda da memória para eventos temporários. (*)
Congênito	Diz respeito a uma marca, sinal ou defeito existente no indivíduo desde o seu nascimento. Pode ser herdado, ou não, dos pais ou ascendentes. É importante assinalar que o médium traz disposição orgânica congênita para o exercício mediúnico.
Consciência	Ou consciente, representa o psiquismo de superfície com as costumeiras ações intelectivas do nosso dia-a-dia (Jorge Andréa — <i>Visão Espírita das Distonias Mentais</i>). Parte moral e autocrítica de si mesmo, onde existem os padrões de conduta e juízos de realizações e valor.
Estado crepuscular	Refere-se a um estreitamento transitório da consciência, seguido ou não de alucinações. A pessoa pode praticar atos não habituais, incompreensíveis, agressivos ou não; pode perambular ao léu, sem se dar conta. É um estado que pode ser breve ou durar dias, mas seguido de amnésia. É comum nos epilépticos e histéricos. O estado crepuscular pode também ser entendido como o de semi-inconsciência, que precede o sono. (*)
Excitantes	Substância, medicamentos que têm ação estimulante, isto é, que agem no organismo produzindo exacerbação das funções vitais. Por exemplo: taquicardia (aumento do ritmo cardíaco). Agente que estimula a atividade de um órgão. (*)

(*) Dicionário Médico BLAKISTON. Organização André Editora Ltda. São Paulo, SP.

- Hereditário** Diz respeito à herança de caracteres que os filhos ou os descendentes herdam de seus pais ou ascendentes. A herança genética pode ou não se manifestar congenitamente. Há uma certa tendência hereditária para a manifestação da faculdade mediúnica. Psicógrafos, por exemplo, são comuns numa mesma família.
- Inconsciente** Ou subconsciente, é a parte da mente, ou da personalidade, fora do campo imediato da consciência. Em psiquiatria, corresponde à conduta ou às experiências não governadas pelo ego consciente. É a zona da mente espiritual onde se encontram os arquivos e as potencialidades totais do ser. (Jorge Andréa - *Visão Espírita nas Distonias Mentais*).
- Mórbido** Que causa doença; relativo à doença. O fator mórbido é a causa ou o agente da doença. Mórbido pode ser entendido também como fator patológico, anormal ou insalubre.
- Metagnomo** *Meta*: além, acima; *gnome*: conhecimento, inteligência. Diz-se de pessoas que possuem a capacidade de apossar-se de conhecimento fora do alcance da sua inteligência. São os médiuns ou indivíduos paranormais, que captam as idéias dos Espíritos, em nível acima do seu conhecimento consciente.
- Narcóticos** Substâncias que provocam a narcose; que fazem dormir. Qualquer droga que entorpece os sentidos induz ao sono, reduz a sensibilidade, combate a dor e pode levar à dependência.
- Psicotrópicos** Substâncias medicamentosas que agem sobre o psiquismo, produzindo efeito calmante ou estimulante.

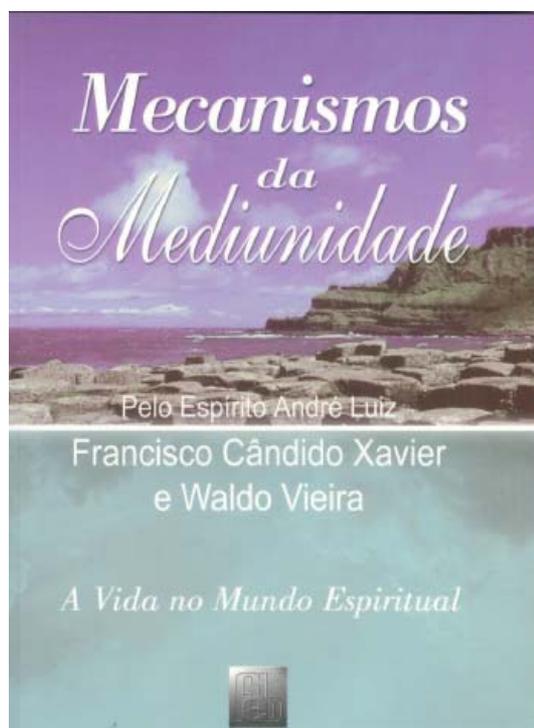
Taumaturgos Diz-se de pessoas que fazem milagres, ou fatos considerados excepcionais, maravilhosos, fora do comum, sobrenaturais. Os médiuns e os magnetizadores (hipnotizadores) já foram chamados de taumaturgos.

Vígil / vigília Que vela; que está acordado; vigilante; consciente, em estado alerta.



REFERÊNCIAS

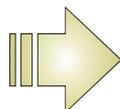
1. KARDEC, Allan. *Médiuns Mecânicos. O Livro dos Médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 73. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004 Segunda Parte. Cap. XV, item 179, p.222.
2. _____. Item 180, p. 222-223.
3. _____. Item 181, p. 223-224.
4. AKSAKOF, Alexandre. *Um Caso de Desmaterialização*. Tradução de João Lourenço de Souza. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994. Cap. V (História das Aparições de Katie King), item: Primeiras aparições de Katie King, p. 112.
5. CERVIÑO, Jayme. *Além do Inconsciente*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996, p. 17 (O Transe).
6. _____. p. 19.
7. _____. p. 20.
8. _____. p. 21.
9. _____. p. 22-23.
10. _____. p. 23.
11. _____. p. 24.
12. _____. p. 25.
13. DENIS, Léon. *No Invisível*. Tradução de Leopoldo Cirne. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Segunda parte (O Espiritismo Experimental: os fatos), cap. XIX (Trances e incorporações). p. 249.
14. FRANCO, Divaldo Pereira. *Nos Bastidores da Obsessão*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. 10. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 4 (Estudando o hipnotismo), p. 89.
15. LEX, Ary. *Do Sistema Nervoso à Mediunidade*. São Paulo: FEESP, 1993, p. 77-78 (Formas de transe).
16. _____. p. 78.
17. _____. p. 79.
18. _____. p. 81.



FUNDAMENTAÇÃO ESPÍRITA: A Prática Mediúnica

ROTEIRO 4

Concentração mediúnica

Objetivos
específicos

- Conceituar concentração mediúnica.
- Explicar os mecanismos da concentração mediúnica e dizer como obtê-la de forma eficiente.



SUBSÍDIOS

1. CONCENTRAÇÃO MEDIÚNICA

Concentrar significa reunir num centro. Fazer convergir ou tornar mais denso, mais ativo qualquer ato. Pode ainda dizer respeito a reunir as forças num ponto determinado, aplicar a atenção em algum assunto: meditar profundamente. Concentração seria o mesmo que união de forças.

Em termos de *concentração mediúnica*, podemos afirmar que constitui meio eficaz para se abrirem as portas que facultam o trânsito dos desencarnados, no incessante intercâmbio que documenta a sobrevivência e expressa a validade das aquisições morais intransferíveis.⁶ Nesse sentido, consideremos a concentração mental de modo diverso dos que a comparam a interruptor de fácil manejo que, acionado, oferece passagem à energia comunicante, sem mais cuidados... A concentração, por isso mesmo, deve ser um estado habitual da mente em Cristo e não uma situação passageira junto ao Cristo.⁷ A concentração mediúnica é a base das comunicações espíritas. Quando a concentração é deficiente, não há boa produção mediúnica e, em determinadas situações, é possível mesmo que não ocorra manifestação de Espíritos.

*Muitos estudiosos do Espiritismo se preocupam com o problema da concentração, em trabalhos de natureza espiritual. Não são poucos os que estabelecem padrão ao aspecto exterior da pessoa concentrada, os que exigem determinada atitude corporal e os que esperam resultados rápidos nas atividades dessa ordem. Entretanto, quem diz concentrar, forçosamente se refere ao ato de congregar alguma coisa. [...] Boa concentração exige vida reta.*¹⁴

2. MECANISMOS DA CONCENTRAÇÃO MEDIÚNICA

Como qualquer outra atividade, a concentração se desenvolve pelo exercício. Assim, o médium principiante deve armar-se de paciência e de perseverança, até que consiga praticá-la adequadamente. Para tanto, o médium deve aprender a utilizar duas ferramentas importantes: *o pensamento e a vontade*.

2.1 – O pensamento

*O Pensamento é força criativa, a exteriorizar-se, da criatura que o gera, por intermédio de ondas sutis, em circuitos de ação e reação no tempo, sendo tão mensurável como o fótonio que, arrojado pelo fulcro luminescente que o produz, percorre o espaço com velocidade determinada, sustentando o hausto fulgurante da Criação. A mente humana é um espelho de luz, emitindo raios e assimilando-os [...].*¹⁹

*É [...] a energia coagulante de nossas aspirações e desejos.*²¹ *O pensamento é um atributo do Espírito. É uma reflexão, ou um processo mental, criado ou refletido de outrem. Abrange o que sentimos e o que compreendemos. É o resultado de uma operação mental, seja como fruto de um exame, ou de uma reflexão, na meditação ou na imaginação, a respeito de alguma coisa física ou metafísica.*⁸ *Assim, quando a pessoa pensa, ela emite uma espécie de matéria sutil radiante, muito viva e com grande poder de plasticidade. Entretanto, ele [o pensamento] ainda é matéria — a matéria mental, em que as leis de formação das cargas magnéticas ou dos sistemas atômicos prevalecem noutro sentido, compondo o maravilhoso mar de energia sutil em que todos nos achamos submersos [...].*²³ *O pensamento, ou fluxo energético do campo espiritual de cada criatura, é graduado nos mais diversos tipos de oscilação, desde os raios super-ultra-curtos, em que se exprimem as legiões angélicas, através de processos ainda inacessíveis à nossa observação, passando pelas oscilações curtas, médias e longas em que se exterioriza a mente humana, até as ondas fragmentárias dos animais, cuja vida psíquica, ainda em germe, somente arroja de si determinados pensamentos ou raios descontínuos.*²²

É, pois, pelo pensamento que nos comunicamos com os Espíritos. É, igualmente, através do pensamento que eles captam as nossas idéias, os nossos desejos e nos respondem. O intercâmbio mediúnico está sempre fundamentado em entendimento mental.¹² *Assim, a mediação entre dois planos diferentes, sem elevação de nível moral é estagnação na inutilidade. [...] Indubitavelmente, divinas mensagens descerão do Céu à Terra. Entretanto, para isso, é imperioso construir canalização adequada. Jesus espera pela formação de mensageiros humanos capazes de projetar no mundo as maravilhas do seu Reino. Para atingir esse aprimoramento*

*ideal é imprescindível que o detentor de faculdades psíquicas não se detenha no simples intercâmbio. Ser-lhe-á indispensável a consagração de suas forças às mais altas formas de vida, buscando na educação de si mesmo e no serviço desinteressado a favor do próximo o material de pavimentação de sua própria senda.*¹¹

À medida que o ser humano evolui, aprende a controlar suas emissões mentais. Esse controle é administrado pela *vontade*.

2.2 – A vontade

Em todos os domínios do Universo vibra, pois, a influência recíproca.

*Tudo se desloca e renova sob os princípios de interdependência e repercussão. O reflexo esboça a emotividade. A emotividade plasma a idéia. A idéia determina a atitude e a palavra que comandam as ações.*¹⁵ Assim, a [...] *vontade é a gerência esclarecida e vigilante, governando todos os setores da ação mental [...]. Para considerar-lhe a importância, basta lembrar que ela é o leme de todos os tipos de força incorporados ao nosso conhecimento.*¹⁶

*O cérebro é o dínamo que produz e energia mental, segundo a capacidade de reflexão que lhe é própria; no entanto, na Vontade temos o controle que a dirige nesse ou naquele rumo, estabelecendo causas que comandam os problemas do destino.*¹⁷ *Sem ela, o Desejo pode comprar ao engano aflitivos séculos de reparação e sofrimento, a inteligência pode aprisionar-se na enxovia da criminalidade, a imaginação pode gerar perigosos monstros na sombra, e a Memória, não obstante fiel à sua função de registradora, conforme a destinação que a Natureza lhe assinala, pode cair em deplorável relaxamento. Só a vontade é suficientemente forte para sustentar a harmonia do espírito.*¹⁷

*Em verdade, ela não consegue impedir a reflexão mental, quando se trate da conexão entre os semelhantes, porque a sintonia constitui lei inderrogável, mas pode impor o jugo da disciplina sobre os elementos que administra, de modo a mantê-los coesos na corrente do bem.*¹⁸

Numa reunião mediúnica, faz-se necessário desenvolver o controle da emissão mental dos seus participantes, por meio da ação disciplinadora da vontade. Caso contrário, a reunião perde as características que lhes são próprias de funcionar como um todo harmônico, em que as pessoas vibram em uníssono, em torno de um mesmo propósito. A concentração mediúnica só é possível quando o médium aprende a controlar suas emanções mentais e a administrar as suas emoções, a partir do momento em que entra em sintonia com entidades espiri-

tuais. Quando ocorre a concentração mediúcnica, automaticamente se forma uma corrente mental, entre o médium e o Espírito comunicante, denominada *corrente mediúcnica*. É através da corrente mental que “ouvimos” os pensamentos dos Espíritos. É por ela que eles se aproximam e fazem as ligações necessárias para que ocorra o intercâmbio mediúcnico. *No homem a corrente mental assume feição mais elevada e complexa. No cérebro humano [...], ela não se exprime tão-só à maneira de impulso necessário à sustentação dos circuitos orgânicos, com base na nutrição e reprodução. É pensamento contínuo, fluxo energético incessante, revestido de poder criador inimaginável.* ²⁵ Estabelecida a corrente mental, ei-la, [...] *que se espraia sobre o cosmo celular em que se manifesta, mantendo a fábrica admirável das unidades orgânicas [...].* ²⁵

A corrente mental, segundo anotamos, vitaliza, particularmente, todos os centros da alma e, conseqüentemente, todos os núcleos endócrinos e juntas plexiformes da usina física, em cuja urdidura dispõe o Espírito de recursos para os serviços da emissão e recepção, ou exteriorização dos próprios pensamentos e assimilação dos pensamentos alheios. ²⁶ Instalada a corrente mental, o resultado será a geração de um circuito mediúcnico, que fornece campo propício à transmissão da mensagem do Espírito comunicante. Com a formação e manutenção do circuito mediúcnico, o médium registra o pensamento e os sentimentos do Espírito comunicante, dando-lhe a oportunidade de ser ouvido ou visto pelos encarnados.

Aplica-se o conceito de circuito mediúcnico à extensão do campo de integração magnética em que circula uma corrente mental, sempre que se mantenha a sintonia psíquica entre os seus extremos ou, mais propriamente, o emissor e o receptor. ²⁸ O emissor é, na reunião mediúcnica, o Espírito comunicante, sendo o médium o receptor da comunicação espírita. [...] *O circuito mediúcnico, dessa maneira, expressa uma «vontade-apelo» e uma «vontade-resposta», respectivamente, no trajeto ida e volta, definindo o comando da entidade comunicante e a concordância do médium, fenômeno esse exatamente aplicável tanto à esfera dos Espíritos desencarnados quanto à dos Espíritos encarnados, porquanto exprime conjugação natural ou provocada nos domínios da inteligência, totalizando os serviços de associação, assimilação, transformação e transmissão da energia mental. Para a realização dessas atividades, o emissor e o receptor guardam consigo possibilidades particulares nos recursos do cérebro, em cuja intimidade se processam circuitos elementares do campo nervoso, atendendo a trabalhos espontâneos do Espírito, como sejam, ideação, seleção, autocrítica e expressão.* ²⁴ A Doutrina Espírita nos esclarece que não basta a ocorrência de reuniões mediúnicas, nem Espíritos que se comuniquem com os encarnados. É fundamental que os trabalhos mediúnicos sejam pautados em clima

de equilíbrio, sobretudo quando o comunicante não revela a harmonia desejada. A seriedade e a produtividade de uma reunião estão relacionadas com uma série de fatores, que podem ou não favorecer o intercâmbio mediúnico.

3. CONDIÇÕES PROPÍCIAS PARA A OBTENÇÃO DE CONCENTRAÇÃO MEDIÚNICA

3.1 – Cada componente do grupo precisa controlar ou disciplinar sua emissão mental.

*O Espírito, chegando a um meio que lhe seja completamente simpático, aí se sentirá mais à vontade [...]. Se os pensamentos forem divergentes, resultará daí um choque de idéias desagradáveis ao Espírito e, por conseguinte, prejudicial à comunicação. O mesmo acontece com um homem que tenha de falar perante uma assembléia: se sente que todos os pensamentos lhe são simpáticos e benévolos, a impressão que recebe reage sobre as suas próprias idéias e lhe dá mais vivacidade. A unanimidade desse concurso exerce sobre ele uma espécie de ação magnética que lhe decuplica os recursos, ao passo que a indiferença, ou a hostilidade o perturbam e paralisam.*¹

3.2 – O médium precisa estar consciente do papel que desempenha na reunião.

*Mediação entre dois planos diferentes, sem elevação de nível moral, é estagnação na inutilidade. [...] Para atingir esse aprimoramento ideal é imprescindível que o detentor de faculdades psíquicas não se detenha no simples intercâmbio. Ser-lhe-á indispensável a consagração de suas forças às mais altas formas de vida, buscando na educação de si mesmo e no serviço desinteressado a favor do próximo o material de pavimentação de sua própria senda. [...] Não basta ver, ouvir ou incorporar Espíritos desencarnados, para que alguém seja conduzido à respeitabilidade.*¹¹

*Devemos ter consciência de que ser [...] médium é ser ajudante do Mundo Espiritual. E ser ajudante em determinado trabalho é ser alguém que auxilia espontaneamente [...]. Se não podemos entender isso, observemos o avião, por mais simples que seja. Tudo é amparo inteligente e ação maquinal do comboio aéreo. Torres de observação esclarecem-lhe a rota e vigorosos motores garantem-lhe a marcha. Mas tudo pode falhar, se falharem o entendimento e a disciplina no aviador que está dentro dele.*²¹

3.3 – A reunião deve ser a mais homogênea possível

O poder de associação dos pensamentos dos participantes da reunião produzirá uma corrente mental e um circuito mediúnico, propícios à manifestação dos Espíritos. *Desde que o Espírito é de certo modo atingido pelo pensamento, como nós somos pela voz, vinte pessoas, unindo-se com a mesma intenção, terão necessariamente mais força do que uma só; mas, a fim de que todos esses pensamentos concorram para o mesmo fim, preciso é que vibrem em uníssono; que se confundam, por assim dizer, em um só, o que não pode dar-se sem a concentração.*¹

*Toda reunião espírita deve, pois, tender para a maior homogeneidade possível. Está entendido que falamos das em que se deseja chegar a resultados sérios e verdadeiramente úteis.*² *Sendo o recolhimento e a comunhão dos pensamentos as condições essenciais a toda reunião séria, fácil é de compreender-se que o número excessivo dos assistentes constitui uma das causas mais contrárias à homogeneidade.*³ *Se os pensamentos divergentes dos circunstantes são uma causa de perturbação e insucesso, por um efeito contrário, os pensamentos dirigidos para um objetivo comum, sobretudo quando elevado, produzem vibrações harmônicas que difundem no ambiente uma impressão de calma, de serenidade, que penetra o médium e facilita a ação dos Espíritos.*⁴ *Devemos, pois, entender que uma [...] reunião mediúnica é um ser coletivo, cujas qualidades e propriedades são a resultante das de seus membros e formam como que um feixe. Ora, este feixe mais força terá, quanto mais homogêneo for.*¹ *Os mais secretos pensamentos se revelam e interferem nas experiências mediúnicas.*⁵

*Quando, às vezes, os membros de um grupo estão agitados por intensas preocupações, pode a linguagem do médium ressentir-se desse fato. O mesmo se dará com a ação dos Espíritos sobre o médium e reciprocamente.*⁵ *A concentração exige, pois, a harmonia do pensamento de todos os integrantes da reunião, porque achando-se [...] a mente na base de todas as manifestações mediúnicas, quaisquer que sejam as características em que se expressem, é imprescindível enriquecer o pensamento, incorporando-lhe os tesouros morais e culturais [...]. Procederam acertadamente aqueles que compararam nosso mundo mental a um espelho. Refletimos as imagens que nos cercam e arremessamos na direção dos outros as imagens que criamos. [9]*

3.4 – A equipe deve colaborar com os dirigentes espirituais em qualquer situação

Uma reunião mediúnica será produtiva, se ocorrer concentração mediú-

nica. A instabilidade do pensamento gera desarmonia na corrente vibratória. E esta desarmonia afeta o médium, propriamente dito, o qual, em determinados momentos, parece que perde “o fio das idéias”. Os colaboradores desencarnados geralmente procuram restabelecer o ritmo, o que nem sempre é possível, sobretudo quando os encarnados permanecem inquietos, deixando a mente vagar, criando imagens mentais alheias ao trabalho, preocupados com os afazeres domésticos ou impacientes com o desenrolar das atividades, na reunião.¹³

No exercício mediúnico, aceitemos o ato de servir por lição das mais altas do mundo. E lembremo-nos de que assim como a vida possui trabalhadores para todos os misteres, há médiuns, na obra do bem, para a execução de tarefas de todos os feitios. Nenhum existe maior que o outro. Nenhum está livre do erro. Todos, no entanto, guardam consigo a bendita possibilidade de auxiliar. Esse tem a palavra que educa, aquele a mão que alivia e aquele outro a pena que consola. Esse traz a oração que eleva, aquele transporta a mensagem que reanima e aquele outro mostra a força de restaurar.²⁰

A cooperação espontânea é o supremo ingrediente da ordem [...]. Cooperar significa obediência construtiva aos impositivos da frente e socorro implícito às privações da retaguarda. Quem ajuda é ajudado, encontrando, em silêncio, a mais segura fórmula de ajuste aos processos de evolução.¹⁹



GLOSSÁRIO

Córtex cerebral	Camada superficial ou externa do cérebro.
Endócrinos	Núcleos ou órgãos endócrinos são centros produtores de secreção interna. Os hormônios são produzidos pelas glândulas endócrinas
Fotônio	O mesmo que “quantum” de energia luminosa. (Quantum: unidade elementar da energia luminosa.)
Fulcro	Sustentáculo. Tudo o que serve para amparar alguma coisa.
Hausto	Gole, trago, porção, sorvo.
Junturas Plexiformes	Pontos de ligação dos plexos.
Plexos	Rede formada por muitos filetes nervosos, musculares e vasculares, caracterizando, respectivamente: plexos nervosos, plexos musculares e plexos vasculares. É, pois, o encadeamento de nervos, ou fibras musculares ou vasos (sangüíneos e linfáticos).
Sistema periódico	Ou tábua (tabela) periódica dos elementos químicos. Diz-se da classificação de átomos de mesmo número atômico (carga nuclear) formadores de substâncias simples ou compostas. A tabela periódica é formada de 103 elementos químicos, sendo o Hidrogênio o primeiro da tabela e o Laurêncio o último. Desse total de 103 elementos, 92 são considerados de ocorrência natural no Planeta.



REFERÊNCIAS

1. KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 73. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, Segunda Parte. Cap. XXIX, item 331, p. 427 - 428.
2. _____. p. 428.
3. _____. Item 332, p. 428.
4. DENIS, Léon. *No Invisível*. Tradução de Leopoldo Cirne. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Primeira parte (O Espiritismo Experimental: as leis), cap. IX (Condições de experimentação), p.99.
5. _____. p. 100.
6. FRANCO, Divaldo Pereira. *Repositório de Sabedoria*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. Salvador, BA: Alvorada, 1980, p. 99 (Concentração).
7. _____. *Sementeira da Fraternidade*. Por diversos Espíritos. 3 ed. Salvador [BA]: Alvorada, 1979, p. 123, cap.25 (Mediunidade e Viciação).
8. SOUZA, Juvanir Borges. *Tempo de Renovação*. Rio de Janeiro: FEB, 1990. Cap. 17 (Forças Espirituais), p. 140.
9. XAVIER, Francisco Cândido. *Encontro Marcado*. Pelo Espírito Emmanuel. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987. Cap.41 (Pensamento e Conduta), p. 127.
10. _____. *Nos Domínios da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 31. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 1 (Estudando a mediunidade), p. 17.
11. _____. Cap. 13 (Pensamento e mediunidade), p. 141-142.
12. _____. *Falando à Terra*. Por diversos Espíritos. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. Capítulo: Saúde, p. 147.
13. _____. *Os Mensageiros*. Pelo Espírito André Luiz. 40. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 47 (No trabalho ativo), p. 289.
14. _____. p. 290.
15. _____. *Pensamento e Vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 1 (O espelho da alma), p. 12.
16. _____. Cap. 2 (vontade), p. 16.
17. _____. p. 17.
18. _____. p. 17-18.
19. _____. Cap. 3 (Cooperação), p. 21-22.
20. _____. *Seara dos Médiuns*. Pelo Espírito Emmanuel. 15. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Capítulo: Em Serviço Mediúnico, p. 46.
21. _____. Capítulo: Ser médium, p. 138.
22. _____. *Vozes do Grande Além*. Por diversos Espíritos. 5. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Cap. 39 (Suicídio e Obsessão - mensagem do Espírito Hilda), p. 164.

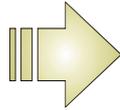
23. _____.e VIEIRA, Waldo. *Crepúsculos Mentais*. Mecanismos da Mediunidade. Pelo Espírito André Luiz. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, cap. 4 (matéria mental) item: Pensamento das criaturas, p.48.
24. _____. Cap. VI (Circuito elétrico e circuito mediúnico), item: conceito de circuito mediúnico), p. 56 - 60.
25. _____. Cap. X (Fluxo mental), item: Corrente mental humana, p. 88.
26. _____.p. 89.

FUNDAMENTAÇÃO ESPÍRITA: A Prática Mediúnica

ROTEIRO 5

A influência moral do médium e do meio ambiente nas comunicações mediúnicas

Objetivos específicos



- Esclarecer como a moralidade do médium e o ambiente espiritual das reuniões influenciam as comunicações mediúnicas.
- Analisar a importância da reforma moral na prática mediúnica.



SUBSÍDIOS

1. INFLUÊNCIA MORAL DOS MÉDIUNS NAS COMUNICAÇÕES DOS ESPÍRITOS

O desenvolvimento da faculdade mediúnica não guarda relação com a moralidade do médium. A faculdade, em si, [...] *independe do moral. O mesmo, porém, não se dá com seu uso, que poder ser bom, ou mau, conforme as qualidades do médium.* ¹ Expliquemos.

A mediunidade é um dom que Deus nos concedeu como auxílio ao nosso progresso espiritual. *Se há pessoas indignas que a possuem, é que disso precisam mais do que as outras, para se melhorarem.* ²

Os médiuns que fazem mau uso das suas faculdades responderão por isto. *Serão punidos duplamente, porque têm um meio a mais de se esclarecerem e o não aproveitam. Aquele que vê claro e tropeça é mais censurável do que o cego que cai no fosso.* ²

Apesar de determinado médium não possuir, ainda, moral elevada, não significa que ele esteja impedido de transmitir mensagem de um Espírito Superior. Isto pode acontecer em, pelo menos, três situações: a primeira, pela inexistência de um mediano que ofereça melhores condições para a transmissão da mensagem; a segunda, porque o Espírito comunicante pode ter a intenção de levar o médium a refletir sobre sua conduta moral e empenhar-se na corrigenda; e a terceira, pela necessidade do grupo no qual o médium atua. No entanto, *causam estranheza, não poucas vezes, as comunicações mediúnicas procedentes dos Espíritos nobres através de pessoas insensatas ou portadoras de conduta irregular. [...] Todavia, com objetivos elevados, as entidades superiores, por falta às vezes de médiuns que sintonizem*

com os seus relevantes propósitos, utilizam-se daqueles que encontram, com dupla finalidade: adverti-los através de orientações seguras e auxiliar as pessoas confiantes ou necessitadas que lhes buscam o socorro. Não se melhorando tais médiuns, mais agravam o seu estado espiritual, pois que não se podem justificar posteriormente [...], sob a primária alegação de que ignoravam a gravidade dos deveres de que se encontravam investidos. Ademais, a mediunidade é neutra em si mesma, qual telefone que pode ser utilizado por pessoas boas ou más, de conduta elevada como reprochável, ricas ou necessitadas [...].¹² Malbaratar o precioso talento da mediunidade, deixando-a enxovalhar-se sob o uso com finalidades pueris e frívolas, indignas e vulgares, acarreta penosas aflições que impõem renascimentos dolorosos [...].¹³

Outrossim, a incorreta utilização dos recursos mediúnicos entorpece os centros de registro [canais mediúnicos ou centros de força] e termina, quase sempre, por desarmonizar o psiquismo e a emoção, levando a patologias muito complexas. Médiuns cíumentos, imorais, simoníacos^(), exibicionistas, mentirosos e portadores de outras imperfeições morais pululam em toda parte, descuidados e levianos, acreditando-se ignorados pelas leis soberanas e supondo-se detentores de forças próprias, podendo-as utilizar a bel-prazer sem qualquer responsabilidade nem consequência moral. Mesmo estes, vez que outra, são visitados pelos mentores espirituais compadecidos, que deles se acercam para os auxiliar, tentando despertá-los para os deveres e os compromissos que lhes dizem respeito.¹³*

Se o médium, do ponto de vista da execução, não passa de um instrumento, exerce, todavia, influência muito grande, sob o aspecto moral. Pois que, para se comunicar, o Espírito desencarnado se identifica com o Espírito do médium, esta identificação não se pode verificar, senão havendo, entre um e outro, simpatia e, se assim é lícito dizer-se, afinidade. Ora, os bons têm afinidade com os bons e os maus com os maus, donde se segue que as qualidades morais do médium exercem influência capital sobre a natureza dos Espíritos que por ele se comunicam. Se o médium é vicioso, em torno dele se vêm grupar os Espíritos inferiores, sempre prontos a tomar o lugar aos bons Espíritos evocados. As qualidades que, de preferência, atraem os bons Espíritos são: A bondade a benevolência, a simplicidade do coração, o amor ao próximo, o desprendimento das coisas materiais. Os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões que escravizam o homem à matéria.³

Todas as imperfeições morais são outras tantas portas abertas ao acesso dos maus Espíritos. A que, porém, eles exploram com mais habilidade é o orgulho,

(*) SIMONÍACO: quem faz tráfico de coisas santas.

porque é a que a criatura menos confessa a si mesma. O orgulho tem perdido muitos médiuns dotados das mais belas faculdades e que, se não fora essa imperfeição, teriam podido tornar-se instrumentos notáveis e muito úteis, ao passo que, presas de Espíritos mentirosos, suas faculdades, depois de se haverem pervertido, aniquilaram-se e mais de um se viu humilhado por amaríssimas decepções. O orgulho, nos médiuns, traduz-se por sinais inequívocos, a cujo respeito tanto mais necessário é se insista, quanto constitui uma das causas mais fortes de suspeição, no tocante à veracidade de suas comunicações. Começa por uma confiança cega nessas mesmas comunicações e na infalibilidade do Espírito que lhas dá. Daí um certo desdém por tudo o que não venha deles: é que julgam ter o privilégio da verdade. O prestígio dos grandes nomes, com que se adornam os Espíritos tidos por seus protetores, os deslumbra e, como neles o amor próprio sofreria, se houvessem de confessar que são ludibriados, repelem todo e qualquer conselho; evitam-nos mesmo afastando-se de seus amigos e de quem quer que lhes possa abrir os olhos. Se condescendem em escutá-los, nenhum apreço lhes dão às opiniões, porquanto duvidar do Espírito que os assiste fora quase uma profanação. Aborrecem-se com a menor contradita, com uma simples observação crítica e vão às vezes ao ponto de tomar ódio às próprias pessoas que lhes têm prestado serviço. [...] Devemos também convir em que, muitas vezes, o orgulho é despertado no médium pelos que o cercam. Se ele tem faculdades um pouco transcendentais, é procurado e gabado e entra a julgar-se indispensável. Logo toma ares de importância e desdém, quando presta a alguém o seu concurso. ⁴ Os médiuns levianos e pouco sérios atraem, pois, Espíritos da mesma natureza; por isso é que suas comunicações se mostram cheias de banalidades, frivolidades, idéias truncadas e, não raro, muito heterodoxas, espiriticamente falando. Certamente, podem eles dizer, e às vezes dizem, coisas aproveitáveis [...]. Espíritos hipócritas insinuam, com habilidade e preconcebida perfídia, fatos de pura invencionice, asserções mentirosas, a fim de iludir a boa-fé dos que lhes dispensam atenção. ⁵

Há ainda os médiuns que se ligam a Espíritos cínicos, cujas comunicações são de natureza obscena. ⁵

2. INFLUÊNCIA DO MEIO AMBIENTE NAS COMUNICAÇÕES DOS ESPÍRITOS

Os médiuns que não possuem uma boa base de cultura doutrinária espírita, que trazem algumas imperfeições morais e não se esforçam em combatê-las, apresentam uma certa instabilidade nas comunicações que recebem dos Espíritos.

São médiuns que, por não se conscientizarem ainda da *gravidade de que o*

*exercício mediúnico se reveste, permanecem, levianos quão insensatos, vinculados às mentes ociosas e vulgares da erraticidade inferior, de onde igualmente procedem... Podem ser, às vezes, instrumentos de comunicações sérias, aproveitáveis; no entanto, em razão da condição vibratória que se lhes decorre da conduta, mais facilmente se deixam influenciar pelos Espíritos portadores de iguais condições evolutivas, com os quais convivem em acentuado comércio psíquico. Desse modo, constituem a grande mole de médiuns frívolos e instáveis. Estão sempre em conflito a respeito da legitimidade das comunicações de que se vêem objeto, ou, em caso contrário, tombando em terrível fascinação [...].*¹⁴

O meio ambiente em que se acha o médium pode exercer influência - boa ou má - na comunicação mediúnica, sendo este um fato perfeitamente normal: *Todos os espíritos que cercam o médium o auxiliam, para o bem ou para o mal.*⁶

*Os Espíritos superiores não vão às reuniões onde sabem que a presença deles é inútil.*⁷ Nos meios pouco instruídos, mas onde há sinceridade, onde os médiuns se esforçam para renovar-se moralmente, eles vão de muito boamente. Podem afastar-se das reuniões onde predominam pessoas instruídas, mas que são orgulhosas, irônicas ou egoístas.⁸ Por outro lado, os Espíritos inferiores (imperfeitos) não são impedidos de comparecer a reuniões sérias. Ao contrário, os bons Espíritos os encaminham a tais locais para que possam ser favorecidos pelos ensinamentos aí ministrados.⁹ A reunião caracterizada pela presença de pessoas levianas, inconseqüentes, ocupadas com seus próprios prazeres, é ambiente favorável, propício à manifestação de Espíritos do mesmo padrão vibratório.¹⁰

É possível que nessa assembléia fútil compareça um Espírito superior, mas este virá para pronunciar [...] *palavras ponderosas, como um bom pastor que acode ao chamamento de suas ovelhas desgarradas. Porém, desde que não se veja compreendido, nem ouvido, retira-se, como em seu lugar o faria qualquer de nós, ficando os outros com o campo livre.*¹¹

O médium que envida esforços com vistas ao seu aprimoramento moral, além de tornar-se instrumento preferido dos Espíritos superiores, aprende a auxiliar, com equilíbrio, os sofredores que buscam amparo e consolo, dentro e fora da Casa Espírita. Nas tarefas de atendimento a Espíritos sofredores por meio da psicofonia — que é a faculdade mais utilizada para essa finalidade —, mesmo que o médium se encontre numa situação moral-intelectual melhor do que a do Espírito comunicante, irá assenhorear-se da situação, agindo como se fora bondoso enfermeiro, que coloca os seus serviços à disposição de um doente caprichoso, desarmonizado.

REFERÊNCIAS

1. KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 68. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999. Cap. XX, item 226, pergunta nº 1, p. 283.
2. _____. Pergunta 2, p. 284.
3. _____. Item 227, p. 287-288.
4. _____. Item 228, p. 288-289.
5. _____. Item 230, p. 291.
6. _____. Cap. XXI. Item 231, p. 294.
7. _____. Pergunta 3, p. 294.
8. _____. p. 294-295.
9. _____. Pergunta 4, p. 294-295.
10. _____. Item 232, p. 295-296.
11. _____. p. 296.
12. FRANCO, Divaldo Pereira. *Médiuns e Mediunidades*. Pelo Espírito Vianna de Carvalho. 2. ed. Niterói [RJ]: Arte e Cultura, 1991, p.85.
13. _____. p. 86.
14. _____. p. 89.

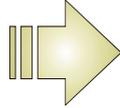


FUNDAMENTAÇÃO ESPÍRITA: A Prática Mediúnica

ROTEIRO 6

Educação e desenvolvimento do médium

Objetivo específico



- Explicar como se realiza a educação do médium.



SUBSÍDIOS

1. EDUCAÇÃO OU DESENVOLVIMENTO DO MÉDIUM

À [...] medida que o médium se torna mais hábil e aprimorado, melhores requisitos são colocados para a realização do ministério abraçado.¹⁷ Neste sentido, as orientações fornecidas pelo Espiritismo, o esforço e a dedicação são fatores preponderantes. O local mais adequado para a prática mediúnica é o Centro Espírita, que funciona como escola de formação espiritual e moral. O Centro Espírita é um núcleo de estudo, de fraternidade, de oração e de trabalho, com base no Evangelho de Jesus, à luz da Doutrina Espírita.¹⁴

Para o seu desenvolvimento o médium conta com o auxílio de benfeitores espirituais, sob a orientação de seu Espírito Protetor. *O Espírito protetor, anjo da guarda, ou bom gênio é o que tem por missão acompanhar o homem na vida e ajudá-lo a progredir. É sempre de natureza superior, com relação ao protegido.*⁶ A sua atuação, junto ao protegido, é sempre discreta, regulada de maneira a não tolher o livre-arbítrio do encarnado. O Espírito protetor pode delegar a tarefa de proteção a outros Espíritos, caso seja necessário. Esses Espíritos podem ser familiares do médium, com o qual têm laços mais ou menos duráveis, do qual se aproximam com o fim de lhe serem úteis, dentro dos limites do poder que possuem, na maioria das vezes bem restrito. Só atuam por ordem ou permissão dos protetores espirituais.⁵

O protetor pode permitir, também, auxílio de Espíritos *simpáticos*. Estes se sentem atraídos pelo médium, por afeições particulares, por uma certa semelhança de gostos e de sentimentos. Normalmente, a duração de suas relações é circunstancial.⁶ No plano físico, cabe aos instrutores de cursos de mediunidade e aos dirigentes de grupos mediúnicos a tarefa de orientar os médiuns. A equipe de encarnados, que atua nas tarefas de formação e educação do médium, deve permanecer muito atenta à natureza do trabalho, para dele obter bons frutos. A

formação de bons médiuns espíritas conta não apenas com os esforços do candidato à tarefa, mas exige segura orientação doutrinária e exemplos de moralidade cristã, dos orientadores dos Centros Espíritas. Fora disto é como querer malhar em ferro frio: não podemos prestar orientações ou esclarecimentos, se não estamos adequadamente orientados ou se nos mantemos distanciados do estudo. Não devemos exigir manifestações de paciência, tolerância ou respeito, se ainda não sabemos exemplificar tais virtudes.

A educação, ou desenvolvimento do médium, é um trabalho para toda a vida. Começa antes da reencarnação, continua nela, prossegue no além-túmulo. Considerando, porém, o trabalho educativo nos limites de uma encarnação, podemos definir algumas diretrizes básicas.

a) Necessidade de amparo espiritual, se a eclosão mediúnica se revela problemática

Ante a presença de problemas psíquicos, emocionais ou físicos, é necessário que o candidato ao mediunismo (*) receba assistência espiritual, à sua disposição na Casa Espírita. É preciso que primeiro ocorra uma certa harmonização espiritual, antes de se entregar ao exercício mediúnico. É o momento do atendimento espiritual: diálogo fraterno, recebimento do passe e da água fluidificada; da participação em atividades de assistência e promoção social e da frequência às reuniões públicas evangélico-doutrinárias. O atendimento espiritual mediante diálogo fraterno será de grande valia. A realização do culto do Evangelho no Lar, bem como a aquisição do hábito de orar complementarão o trabalho de atendimento espiritual, reequilibrando o médium e colocando-o em condições adequadas para o desenvolvimento mediúnico.

O médium, na fase de educação mediúnica, deve compreender que é natural o surgimento de um clima psicológico inconstante, de altos e baixos, isto porque a *mediunidade, propiciando a interferência dos desencarnados na vida humana, a princípio gera estados peculiares na área da emotividade como nos estados fisiológicos. Porque mais facilmente se registram as presenças de seres negativos ou perniciosos, a irradiação das suas energias produz esses estados anômalos, desagradáveis, que podem ser confundidos com problemas patológicos outros.*¹⁵

b) Necessidade de estudo

O médium tem obrigação de estudar muito, observar intensamente e tra-

(*) Mediunismo refere-se ao exercício mediúnico.

balhar em todos os instantes pela sua própria iluminação. Somente desse modo poderá habilitar-se para o desempenho da tarefa que lhe foi confiada, cooperando eficazmente com os Espíritos sinceros e devotados ao bem e à verdade. ¹⁹ O estudo proporcionará conhecimento ao médium, orientando-o a respeito da natureza dos Espíritos que utilizarão sua faculdade mediúnica, e elucidando-o quanto às bases dessas relações. *Uma multidão de Espíritos nos cerca, sempre ávidos de se comunicarem com os homens. Essa multidão é sobretudo composta de almas pouco adiantadas, de Espíritos levianos, algumas vezes maus, que a densidade de seus próprios fluidos conserva presos à Terra. As inteligências elevadas, animadas de nobres aspirações, revestidas de fluidos sutis, não permanecem escravizadas à nossa atmosfera depois da separação carnal: remontam mais alto, a regiões que o seu grau de adiantamento lhes indica. Daí baixam muitas vezes — é certo — para velar pelos seres que lhes são caros; imiscuem-se conosco, mas unicamente para um fim útil e em casos importantes [...].* ¹² O escolho com que topa a maioria dos médiuns principiantes é o de terem de haver-se com Espíritos inferiores e devem dar-se por felizes quando são apenas Espíritos levianos. Toda atenção precisam pôr em que tais Espíritos não assumam predomínio, porquanto, em acontecendo isso, nem sempre lhes será fácil desembaraçar-se deles. É ponto este de tal modo capital, sobretudo em começo, que, não sendo tomadas as precauções necessárias, podem perder-se os frutos das mais belas faculdades. ⁸

c) Necessidade de auto-conhecimento e de moralização

O empenho do médium em se moralizar, na verdade, deve fazer parte do processo global de sua auto-educação. Isto porque, *desenvolvida no homem a razão, ao ponto de lhe tornar possível julgar e discernir, chega ele ao período em que, pelo desenvolvimento do seu livre-arbítrio [...], assumindo a responsabilidade de seus atos, lhe cumpre tomar sobre si a tarefa da própria educação.* ⁹

A criatura humana deve procurar é conhecer-se a si mesma, para saber como orientar a sua auto-educação. [...] Cumpre-lhe, ao mesmo tempo, conhecer as qualidades que deve procurar desenvolver em si e os hábitos viciosos e os obstáculos que a poderiam embaraçar no desempenho da sua tarefa, hábitos e vícios que lhe importa destruir sem contemplações. ¹⁰ Para uma auto-educação esmerada, é preciso permanente exame de consciência, a fim de conhecer-se sempre, a todo momento, o estado da própria alma. Deste modo, resolvido a aperfeiçoar-se, o indivíduo não perde ocasião de estimular o desenvolvimento das virtudes nascentes em si e de afogar os vícios e maus hábitos que o prejudicaram. ¹¹

É tarefa plenamente realizável por meio do poder da vontade e da perseverança, auxiliada pela prática equilibrada e bem orientada da mediunidade.

d) Importância do trabalho contínuo no bem

Nada verdadeiramente importante se adquire sem trabalho. Uma lenta e laboriosa iniciação se impõe aos que buscam os bens superiores. Como todas as coisas, a formação e o exercício da mediunidade encontram dificuldades bastantes vezes assinaladas; convém insistirmos nisso, a fim de prevenir os médiuns contra as falsas interpretações, contra as causas de erros e de desânimo. ¹² Na educação do médium não existem regras fixas nem programas simples para uma orientação de resultados rápidos. ¹⁶ Assim, [...] *é imprescindível enriquecer o pensamento, incorporando-lhe os tesouros morais e culturais, os únicos que nos possibilitam fixar a luz que jorra para nós, das Esferas Mais Altas, através dos gênios as sabedoria e do amor que supervisionam nossas experiências.* ²⁰ O aprendiz da mediunidade deve render culto ao dever; trabalhar espontaneamente; não acreditar-se superior ou inferior a ninguém; não esperar recompensas no mundo; não centralizar as tarefas em sua pessoa; não se deixar conduzir pelas dúvidas; estudar sempre; evitar a irritação; desculpar incessantemente; não temer perseguidores quando nas tarefas de caridade e de amor em benefício do próximo. ¹⁸

Faculdades medianímicas e cooperação do mundo espiritual surgem por toda parte. Onde há pensamento, há correntes mentais e onde há correntes mentais existe associação. E toda associação é interdependência e influência recíproca. Daí concluímos quanto à necessidade de vida nobre, a fim de atrairmos pensamentos que nos enobreça. Trabalho digno, bondade, compreensão fraterna, serviço aos semelhantes, respeito à Natureza e oração constituem os meios mais puros de assimilar os princípios superiores da vida, porque damos e recebemos, em espírito, no plano das idéias, segundo leis universais que não conseguiremos iludir. ²²

O médium vigilante, mesmo quando no início de suas tarefas, procura estar atento às artimanhas e aos assaltos dos nossos irmãos retardatários que habitam o plano espiritual. Eles não têm escrúpulos de se aproveitarem das nossas imperfeições para nos ludibriar. Deve estar ciente de que o inspirador invisível, ainda preso a imperfeições, conhecendo-lhe os lados vulneráveis, lisonjeia-lhe o amor próprio e as opiniões, superexcita-lhe a vaidade, cumulando-o de elogios e prometendo-lhe maravilhas. Pouco a pouco, desviando-o de qualquer influência benéfica, de todo o exame esclarecido, leva-o a se insular em seus trabalhos. É o começo de uma obsessão, de um domínio exclusivista, que pode conduzir o

médium a sofrimentos maiores. *Esses perigos foram, desde os primórdios do Espiritismo, assinalados por Allan Kardec; mas todos os dias, estamos ainda vendo médiuns deixarem-se levar pelas sugestões de Espíritos embusteiros e serem vítimas de mistificações que os tornam ridículos e vêm a recair sobre a causa que eles julgam servir.*¹³

e) *Necessidade de aprender a relacionar-se com o mundo espiritual*

*Ninguém é realmente espírita à altura desse nome, tão-só porque haja conseguido a cura de uma escabiose renitente, com o amparo de entidades amigas, e se decida, por isso, a aceitar a intervenção do Além-Túmulo na sua existência; e ninguém é médium, na elevada conceituação do termo, somente porque se faça órgão de comunicação entre criaturas visíveis e invisíveis. Para conquistar a posição de trabalho a que nos destinamos, de conformidade com os princípios superiores que nos enaltecem o roteiro, é necessário concretizar-lhes a essência em nossa estrada, por intermédio do testemunho de nossa conversão ao amor santificante. [...] Mediação entre dois planos diferentes, sem elevação de nível moral, é estagnação na inutilidade. O pensamento é tão significativo na mediunidade, quanto o leito é importante para o rio. Ponde as águas puras sobre um leito de lama pútrida e não tereis senão a escura corrente da viciação. Indubitavelmente, divinas mensagens descerão do Céu à Terra. Entretanto, para isso, é imperioso construir canalização adequada.*²¹

*Portanto, precisamos compreender [...] que os nossos pensamentos são forças, imagens, coisas e criações visíveis e tangíveis no campo espiritual. Atraímos companheiros e recursos, de conformidade com a natureza de nossas idéias, aspirações e apelos. Energia viva, o pensamento desloca, em torno de nós, forças sutis, construindo paisagens ou formas e criando centros magnéticos ou ondas, com os quais emitimos a nossa atuação ou recebemos a atuação dos outros [...]. Comunicar-nos-emos com as entidades e núcleos de pensamentos, com os quais nos colocamos em sintonia.*²³

f) *A mediunidade não deve ser profissionalizada*

*O médium deve compreender que [...] a mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente.*⁴ *A mediunidade séria não pode ser e não o será nunca uma profissão, não só porque se desacredita moralmente, identificada para logo com a dos ledores da boa-sorte, como também porque um obstáculo a isso se opõe. É que se trata de uma faculdade essencialmente móvel, fugidia e mutável, com cuja perenidade, pois, ninguém pode contar. Constituiria, portanto, para o explorador, uma fonte absolutamente, incerta de receitas, de natu-*

reza a poder faltar-lhe no momento exato em que mais necessária lhe fosse. Coisa diversa é o talento adquirido pelo estudo, pelo trabalho e que, por essa razão mesma, representa uma propriedade da qual naturalmente lícito é, ao seu possuidor, tirar partido. A mediunidade, porém, não é uma arte, nem um talento, pelo que não pode torna-se uma profissão. Ela não existe sem o concurso dos Espíritos; faltando estes, já não há mediunidade. Pode subsistir a aptidão, mas o seu exercício se anula. [...] Explorar alguém a mediunidade é, conseqüentemente, dispor de uma coisa da qual não é realmente dono. ³

g) *Médiuns investidos de mandato mediúnico*

A mediunidade deve sempre ser entendida como um dos instrumentos que Deus nos concede para o nosso aperfeiçoamento espiritual. No entanto, a prática mediúnica pode ocorrer sob a forma de uma prova ou resgate de atos cometidos em existências passadas (mediunidade provacional), ou como missão. Pela mediunidade provacional, o médium aprende a se harmonizar com o bem, desenvolve virtudes morais, no contato com o sofrimento dos Espíritos que o utilizam nas suas manifestações. Fato diverso ocorre na mediunidade missionária. Nessa situação, o médium já está harmonizado com o bem. Revela-se um missionário, um instrumento de renovação social no seio de uma sociedade. O médium missionário — mesmo que não se dê conta da missão de que foi investido — é sempre um Espírito esclarecido, superior, cujos exemplo se assemelham aos de um pastor que conduz suas ovelhas. Isto não significa, porém, que não tenha provas ou mesmo expiações a vencer, uma vez que ainda não é um Espírito puro. *As missões dos Espíritos têm sempre por objetivo o bem. [...] São [eles], incumbidos de auxiliar o progresso da humanidade, dos povos ou dos indivíduos, dentro de um círculo de idéias mais ou menos amplas, mais ou menos especiais e de velar pela execução de determinadas coisas. Alguns desempenham missões mais restritas e, de certo modo, pessoais ou inteiramente locais, como sejam assistir os enfermos, os agonizantes, os aflitos, velar por aqueles de quem se constituíram guias e protetores, dirigi-los, dando-lhes conselhos ou inspirando-lhes bons pensamentos [...]. O Espírito se adianta conforme a maneira por que desempenha a sua tarefa.* ⁷

Allan Kardec, em *O Livro dos Médiuns, segunda parte*, capítulo XXXII – Vocabulário Espírita – denomina mediumato a missão providencial dos médiuns. É importante destacar que essa missão representa, de ordinário, uma renovação social, capaz de impulsionar o progresso, em uma determinada área do saber humano. Fato diverso ocorre com algumas pessoas, inclusive médiuns, que, apesar de promoverem uma certa movimentação de idéias, não são portadores de missão

superior. É importante, também, lembrar os caracteres do verdadeiro missionário, segundo palavras de Kardec: *Em todas as coisas, o mestre há de sempre saber mais do que o discípulo; para fazer que a Humanidade avance moralmente e intelectualmente, são precisos homens superiores em inteligência e em moralidade. Por isso, para essas missões são sempre escolhidos Espíritos já adiantados, que fizeram suas provas noutras existências, visto que, se não fossem superiores ao meio em que têm de atuar, nula lhes resultaria a ação.*¹ Isto posto, (...) *O verdadeiro missionário de Deus tem de justificar, pela sua superioridade, pelas suas virtudes, pela grandeza, pelo resultado e pela influência moralizadora de suas obras, a missão de que se diz portador.*¹ Outra consideração: *Os verdadeiros missionários de Deus ignoram-se a si mesmo, em sua maior parte; desempenham a missão a que foram chamados pela força do gênio que possuem, secundado pelo poder oculto que os inspira e dirige a seu mau grado, mas sem desígnio premeditado. Numa palavra: Os verdadeiros profetas se revelam por seus atos, são adivinhados, ao passo que os falsos profetas se dão, eles próprios, como enviados de Deus. O primeiro é humilde e modesto; o segundo, orgulhoso e cheio de si, fala com altivez e, como todos os mendazes, parece sempre*

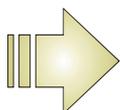


REFERÊNCIAS

1. KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. XXI. Item 9, p. 323.
2. _____. p. 324.
3. _____. Cap. XXVI, item 9, p. 366-367.
4. _____. Item 10, p. 367.
5. _____. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. Questão 508, p. 262.
6. _____. Questão 514, p. 263-264.
7. _____. Questão 569, p. 284 - 285.
8. _____. *O Livro dos Médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 73. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, segunda parte. Cap. XVII, item 211, p. 254.
9. AGUAROD, Angel. Auto-educação. *Grandes e Pequenos Problemas*. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002, Cap. X (Últimos problemas), p. 217, item I (Auto-educação).
10. _____. p. 218-219.
11. _____. p. 219-220.
12. DENIS, Léon. *No Invisível*. Tradução de Leopoldo Cirne. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Primeira parte (O Espiritismo Experimental: as leis), cap. VI (Educação e função dos médiuns), p. 60.
13. _____. p. 61.
14. FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA/CFN. *Orientação ao Centro Espírita*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996, p. 19 (Os Centros Espíritas).
15. FRANCO, Divaldo Pereira. *Médiuns e Mediunidades*. Pelo Espírito Vianna de Carvalho. 2. ed. Niterói [RJ]: Arte e Cultura, 1991, p. 61 (Educação das forças mediúnicas).
16. _____. p. 62.
17. _____. p. 63.
18. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *O Espírito da Verdade*. Diversos Espíritos. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002. p. 22-23 (Decálogo para médiuns).
19. XAVIER, Francisco Cândido. *O Consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Questão 392, p. 217-218.
20. _____. *Nos Domínios da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 31. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 1 (Estudando a mediunidade), p. 17.
21. _____. Cap. 15 (Forças viciadas), p. 140-141.
22. _____. p. 167-168.
23. _____. *Roteiro*. Pelo Espírito Emmanuel. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 28 (Sintonia), p. 120.

Conteúdo: Irradiação Mental

Objetivos específicos



- Conceituar irradiação mental.
- Destacar a sua importância na reunião mediúnica.
- Realizar exercícios de irradiação mental.



O exercício de irradiação mental, também denominado mentalização ou irradiação à distância, visa:

- a) estimular o estudante da mediunidade a fazer expansões do pensamento - fundamentadas nos princípios da ideoplastia, ensinados por Allan Kardec -, por meio da ação da vontade.
- b) destacar a importância dessas expansões mentais, para benefício próprio, e para a manutenção da harmonia da reunião mediúnica.



ANEXO

Estudo e Prática da Mediunidade Programa I - Módulo de Estudo nº 2 Prática: Irradiação Mental

SUGESTÕES DE EXERCÍCIOS DE IRRADIAÇÃO MENTAL

A finalidade do exercício de irradiação mental é desenvolver a expansão do pensamento e dos fluidos, produzindo ideoplastias (ou imagens mentais), base das irradiações mentais, sob o controle da vontade. É importante considerar o seguinte: a) se necessário, associar uma prece às irradiações mentais; b) pode-se colocar uma música suave, tocada em surdina, durante a irradiação. Não se trata, porém, de uma exigência, evitando-se, a propósito, a dependência de só se fazer irradiações mentais com música; c) evitar qualquer tipo de práticas divorciadas da orientação espírita (posições corporais, respiração intencionalmente ritmada ou ofegante, uso de incenso etc.); d) as irradiações não devem ser prolongadas: cinco minutos, no máximo; e) não realizar, em hipótese alguma, desdobramento da personalidade, ou entrar em transe mediúnico, uma vez que a finalidade do exercício é desenvolver a expansão mental e fluídica, em apoio à harmonização íntima; f) as irradiações, como a prece, podem ser feitas no lar, fora da Casa Espírita.

1. APRENDENDO A FAZER IRRADIAÇÕES MENTAIS ¹

ROTEIRO:

- Os participantes acompanham, mentalmente, as irradiações que o monitor propõe em benefício da paz mundial, por exemplo. Evitando qualquer tipo de dispersão visual, os participantes devem manter os olhos fechados, criando e irradiando as próprias imagens mentais.
- Ao final, o monitor ouve as impressões dos participantes, esclarecendo possíveis dúvidas.

2. APRENDENDO A FAZER IRRADIAÇÕES MENTAIS ²

ROTEIRO:

- Os participantes indicam um tema para a irradiação mental: paz mundial, regiões com conflitos bélicos, um doente etc.
- O monitor inicia a irradiação, fazendo-a por brevíssimo tempo. Em sequência, quatro ou cinco participantes (previamente selecionados), colaboram na

realização do exercício.

- Ao final, o monitor ouve as impressões dos participantes, esclarecendo possíveis dúvidas.

3. IRRADIAÇÕES APÓS OBSERVAÇÃO ATENTA DE UMA FIGURA

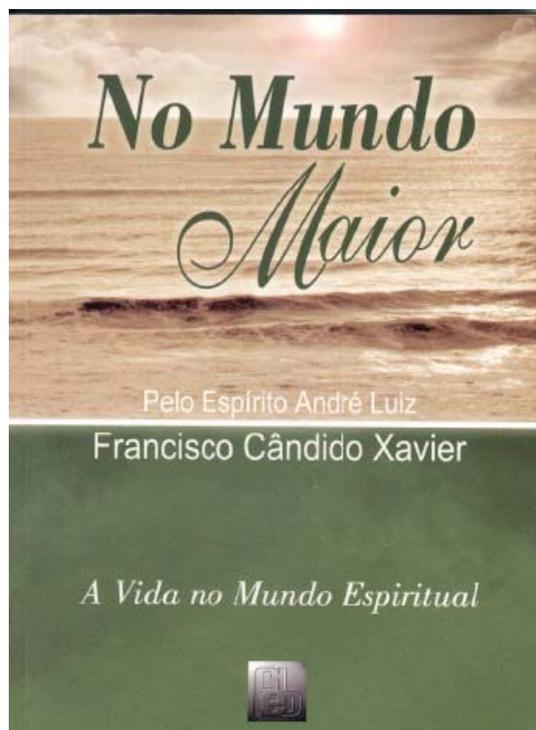
ROTEIRO:

- Os participantes observam atentamente uma figura projetada pelo monitor, por exemplo, uma paisagem.
- Em seguida, fecham os olhos, fazendo irradiações silenciosas, tendo como base a figura anteriormente observada.
- Concluído o exercício, os participantes relatam os sentimentos e os pensamentos projetados, suscitados pela figura.

4. IDENTIFICANDO IDEOPLASTIAS EM COMPOSIÇÕES MUSICAIS

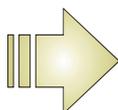
ROTEIRO:

- O monitor conta aos participantes a seguinte história, que estaria relacionada à composição *Sonata ao luar*, de Beethoven: “Beethoven teria composto esta sonata em homenagem a uma pessoa, cega desde a juventude. Conta-se que, durante uma viagem, o compositor e demais companheiros, foram surpreendidos por uma tempestade que causou estrago no eixo de uma das rodas da carruagem que os transportava. Sem condições de prosseguir, buscaram abrigo numa residência situada próxima ao local do acidente. A dona da casa, uma senhora cega, os acolheu com alimento e hospedagem. Beethoven, em especial, mostrou-se sensibilizado com a cegueira da gentil e distinta anfitriã, talvez porque ele mesmo possuísse severa deficiência auditiva. Sabendo que a grande tristeza daquela senhora não era a cegueira, propriamente dita, mas a incapacidade de não poder apreciar uma noite de luar, como fazia nos saudosos anos da infância, Beethoven, então, compôs a belíssima peça musical, em homenagem a ela. No entanto, há quem diga que Beethoven compôs essa poética melodia inspirando-se no luar sobre o lago Lucerna, na Suíça. Na verdade, trata-se de uma composição impregnada de ideoplastias positivas, que têm o poder de nos transportar para um recanto de paz e beleza.
- Após o relato da história, os participantes escutam a música *Sonata ao luar*, e, com os olhos fechados, procuram captar imagens e sentimentos que a bela composição musical transmite.
- O monitor ouve os relatos dos participantes sobre as ideoplastias captadas da música.



Resumo Informativo

Objetivos específicos



- Realizar resumo informativo das obras espíritas selecionadas.
- Fazer apresentação do resumo realizado em dia, hora e local pré-estabelecidos.



O resumo informativo das obras espíritas, abaixo relacionadas, deve seguir as *Considerações Gerais* para a realização das atividades complementares.

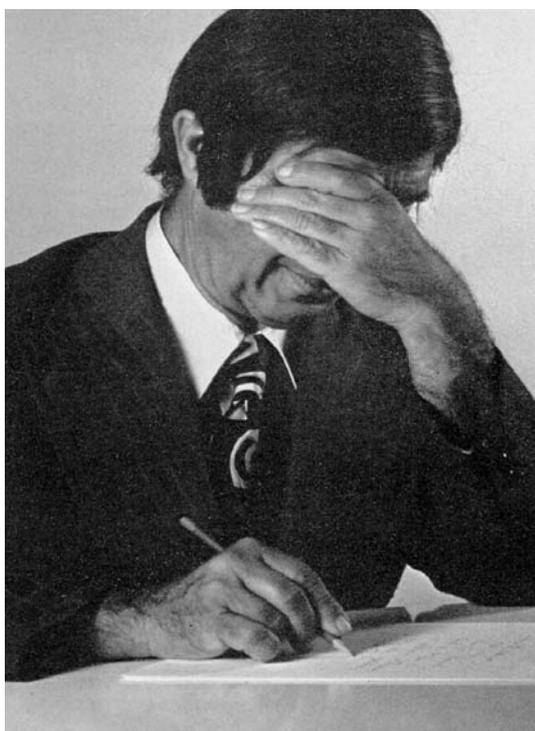
RESUMO INFORMATIVO DE:

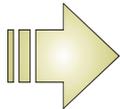
O que é o Espiritismo, de Allan Kardec. Edição FEB.

- *Capítulo II: Noções elementares de Espiritismo.*

O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec, Edição FEB. Segunda Parte

- Capítulo XIX: Do papel dos médiuns nas comunicações espíritas.
- Capítulo XX: Da influência moral do médium.
- Capítulo XXI: Da influência do meio.



Conduta Espírita: A prática da caridade e do perdão como normas de conduta espírita**Objetivo específico**

- Associar a prática da caridade e do perdão ao exercício da mediunidade.

**Sugestões ao instrutor para aplicação do Roteiro de Conduta Espírita**

- a) Entregar aos alunos os textos, em anexo, para leitura individual ou em grupo.
- b) Pedir-lhes, a seguir, que realizem os exercícios propostos.
- c) Fazer a correção dos exercícios.
- d) Realizar uma síntese de todos os assuntos estudados no Módulo, destacando a importância desses conhecimentos para a formação do médium espírita.



ANEXO

Estudo e Prática da Mediunidade Programa I - Módulo de Estudo nº 2 Culminância do Módulo: Conduta Espírita Textos para estudo individual ou em grupo

Roteiro: A prática da caridade e do perdão como normas de conduta espírita

TEXTO Nº 1

COMO TRATAR MÉDIUNS (*)

Você pergunta a mim, Espírito desencarnado, qual a maneira adequada de tratar os médiuns. Alega que muitos passaram por seu clima individual, sem que pudesse compreendê-los. Começam a tarefa, entusiásticos, e, lesto, abandonam a sementeira. Alguns sustentam o serviço por algum tempo; outros, contudo, não vão além de alguns meses. Muitos se afastam, discretos, recuando deliberadamente, ao passo que outros tantos resvalam, e monte abaixo, atraídos por fantasias tentadoras.

Afirmando seu amor à Doutrina que nos irmana agora, você indaga com franqueza: como tratar essa gente, para que o Espiritismo não sofra hiatos nas demonstrações da sobrevivência?

Não tenho pretensões a ensaísta de boas maneiras. Malcriado quanto tenho sido, falece-me recurso para escrever códigos de civilidade, mesmo no “outro mundo”.

Creio, todavia, que o médium deve receber tratamento análogo ao que proporcionamos a qualquer ser humano normal.

Trata-se de personalidade encarnada, com obrigações de render culto diário à refeição, ao banho e ao sono comum. Deve atender à vida em família, trabalhar e repousar, respeitar e ser respeitado. Não guardará o talento mediúnico, à maneira de enxada de luxo que a ferrugem carcome sempre, mas evitará a movimentação intempestiva de suas faculdades, tanto quanto o ferreiro preserva a bigorna. Cooperará, com satisfação, no esclarecimento dos problemas da vida, junto aos estudiosos sinceros; todavia, não entregará seus recursos psíquicos à curiosidade malsã dos investigadores sem consciência, detentores de leviandade incurável, a pretexto de colaborar com os cientistas do clube dançante, que vazam comentários acadêmicos, entre um sorriso de mulher bela e uma dose de aguardente rotulada de uísque.

Esta é uma definição sintética que me cumpre fornecer, de passagem; entretanto, já que você se refere ao amor que assegura consagrar ao Espiritismo

edificante, conviria sondar a própria consciência.

Realmente, são inúmeros os companheiros que se precipitam da tarefa mediúnica ao resvaladouro do desencanto e do sofrimento, como andorinhas de vôo alto, atiradas, semimortas, do firmamento ao bojo escuro do abismo. Vemos, no entanto, que se os pássaros, algumas vezes, descem ao círculo tenebroso, sob o fascínio de perigosa ilusão, na maioria dos casos caem mutilados sob golpes de caçadores inconscientes.

Doloroso é dizer; contudo, quase todos os médiuns são anulados pelos próprios amigos, sem maior consideração...

O plano superior traça o programa de trabalho, benéfico e renovador. O funcionário da instrumentalidade concorda com os seus itens e dispõe-se a executá-lo, mas, escancarada a porta do serviço, a chusma de ociosos adensa-se-lhe em torno.

Esqueçamos a fileira compacta dos investigadores e curiosos que transformam em cobaia o primeiro psíquico que lhe cai sob as unhas. As reclamações insaciáveis dos próprios irmãos de ideal são mais venenosas. Identificando-as, somos forçados a reconhecer que os espíritas modernos têm muito que aprender acerca do equilíbrio próprio, antes que o primeiro médium com tarefa definida possa cumprir integralmente sua missão.

O intermediário entre os dois planos move-se com extrema dificuldade para entregar às criaturas terrestre a mensagem de que é portador. Se os adversários gratuitos recebem-no a pedradas de ironia, os afeiçoados principiam por erigir-lhe pedestal envolto em grossas nuvens de incenso pernicioso. O servidor inicia o ministério, quase sempre às tontas, embriagado pelo aroma ardiloso do elogio desregrado. Dentro em pouco tempo, não sabe como situar-se. Os adeptos e simpatizantes da causa se incumbem de convertê-lo em permanente motivo de espetáculo. Quando o exibicionismo não se prende à tentação de convencer os vizinhos, fundamenta-se em supostas razões de caridade. Intensifica-se a luta entre a esfera superior, que deseja beneficiar o caminho coletivo com a projeção de nova luz sobre a noite dos homens, e a arena terrestre, onde os homens cuidam de manter, com desespero, os seus interesses imediatos na carne. O responsável direto, pela ação mediúnica, raramente segue marcha regular. Se permanece no serviço do ganha-pão digno, os companheiros se encarregam de perturbá-lo, chamando-o insistentemente para fora do reduto respeitável em que procura ganhar a vida com nobreza e honestidade. Se mostra alguma instabilidade na realização, improvisam-se tribunais acusadores, ao redor dele; mas se revela perseverança no bem, surge, com mais ímpeto, o assédio de elementos arrasadores, ansiosos por derrubá-lo. Se permanece no posto, é obrigado a respirar solidão quase absoluta, de vez que as

exigências do serviço se multiplicam, por parte dos companheiros de fé, enquanto seus domésticos e afins, em regra geral, dele se afastam, cautelosamente, por não haverem nascido com a vocação de renúncia. Passa a viver, compulsoriamente, as existências alheias, inibido de caminhar na própria rota. É compelido a ingerir, com o almoço, fluidos de desesperação e inquietude de pessoas revoltadas e intemperantes que o buscam, ostentando o título de sofredores. Debalde namora o banheiro com saudade de água salutar na pele suarenta, porque os legítimos e falsos necessitados da própria confraria lhe a absorvem as horas, reclamando atenção individual. Trabalha no setor cotidiano de ação sob preocupações e expectativas infundáveis da guerra nervosa. É quando consegue a estação de pouso noturno, alcança o leito de corpo esfalfado e a resistência em frangalhos.

Se o vanguardeiro não retrocede, fustigado pelos demônios da imprudência e da insensatez e se não se faz presa de entidades maliciosas que o conduzem ao palco da “triste figura”, cabe-lhe o destino da válvula gasta prematuramente.

Liga-se o aparelho radiofônico, entretanto, a mensagem chega rouquenha ou não pode enunciar-se. A máquina delicada estala e chia inutilmente. A eletricidade e a revelação sonora continuam existindo, mas o aparelho complicou-se, não pela lei do uso e, sim, pelos golpes do abuso.

Compreende, acaso, o que estou comentando?

A força espiritual e a contribuição renovadora dos missionários da sabedoria vibrarão junto de vocês, todavia, como se exprimirem convenientemente se os interessados perseguem os aparelhos registradores e os inutilizam, através da exaustão e do vampirismo, portadores de enfermidade e da morte?

Como somos forçados a reconhecer, meu caro, é tão difícil encontrar médiuns aptos a lidarem com os espiritistas do primeiro século de codificação kardeciana, como é raro encontrar espiritistas que saibam lidar com eles...

EXERCÍCIOS

1. Explique, em breves palavras, o significado da seguinte frase, constante do 11º parágrafo do texto lido:

O intermediário entre os dois planos move-se com extrema dificuldade para entregar às criaturas terrestres a mensagem de que é portador.

2. Relacione três maneiras adequadas de tratar os médiuns, segundo o entendimento do texto lido.

3. Justifique a sua resposta.

(*) XAVIER, Francisco Cândido. *Luz Acima*. Pelo Espírito Irmão X. 9 ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 13, p. 63-66.



ANEXO 2

Estudo e Prática da Mediunidade
Programa I - Módulo de Estudo nº 2
Culminância do Módulo: Conduta Espírita
Textos para estudo individual ou em grupo

Roteiro: A prática da caridade e do perdão como normas de conduta espírita

TEXTO Nº 2

NÃO PERDOAR (*)

Bezerra de Menezes, já devotado à Doutrina Espírita, almoçava, certa feita, em casa de Quintino Bocaiúva, o grande republicano, e o assunto era o Espiritismo, pelo qual o distinto jornalista passara a interessar-se.

Em meio da conversa, aproxima-se um serviçal e comunica ao dono da casa:

– Doutor, o rapaz do acidente está aí com um policial.

Quintino, que fora surpreendido no gabinete de trabalho com um tiro de raspão, que, por pouco, não lhe atingiu a cabeça, estava indignado com o servidor que inadvertidamente fizera o disparo.

– Manda-o entrar – ordenou o político.

– Doutor – roga o moço preso, em lágrimas –, perdoe o meu erro! Sou pai de dois filhos... Compadeça-se! não tinha qualquer má intenção... Se o senhor me processar, que será de mim? Sua desculpa me livrará! Prometo não mais brincar com armas de fogo! Mudarei de bairro, não incomodarei o senhor...

O notável político, cioso da própria tranqüilidade, respondeu:

– De modo algum. Mesmo que o seu ato tenha sido de mera imprudência, não ficará sem punição.

Percebendo que Bezerra se sentia mal, vendo-o assim encolerizado, considerou, à guisa de resposta indireta:

– Bezerra, eu não perdôo, definitivamente não perdôo...

Chamado nominalmente à questão, o amigo exclamou desapontado:

– Ah! Você não perdoa!

Sentindo-se intimamente desaprovado, Quintino falou, irritado:

– Não perdôo erro. E você acha que estou fora do meu direito?

O Dr. Bezerra cruzou os braços com humildade e respondeu:

– Meu amigo, você tem plenamente o direito de não perdoar, contanto que você não erre...

A observação penetrou Quintino como um raio.

O grande político tomou um lenço, enxugou o suor que lhe caía em bagas, tornou à cor natural, e, após refletir alguns momentos, disse ao policial:

– Solte o homem, o caso está liquidado.

E para o moço que mostrava profundo agradecimento:

– Volte ao serviço hoje mesmo, e ajude na copa.

Em seguida, lançou inteligente olhar para Bezerra, e continuou a conversação no ponto em que haviam ficado.

Exercício

Correlacione a lição que o Senador Quintino Bocaiúva recebeu de Bezerra de Menezes com a conduta do médium espírita.



(*) XAVIER, Francisco Cândido. Almas em Desfile. Pelo Espírito Hilário Silva. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998, segunda parte. Cap. 16, p. 163-165.



ANEXO 3

Estudo e Prática da Mediunidade Programa I - Módulo de Estudo nº 2 Culminância do Módulo: Conduta Espírita Textos para estudo individual ou em grupo

Roteiro: A prática da caridade e do perdão como normas de conduta espírita

TEXTO Nº 3

A Caridade, segundo o apóstolo Paulo (*)

Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como um bronze que soa ou como um címbalo(**) que tine. Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência, ainda que tivesse toda a fé, a ponto de transportar os montes, se não tivesse a caridade, eu nada seria. Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos famintos, ainda que entregasse o meu corpo às chamas, se não tivesse a caridade, isso nada me adiantaria.

A caridade é paciente, a caridade é prestativa, não é invejosa, não se ostenta, não se incha de orgulho. Nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita, não guarda rancor. Não se alegra com a injustiça, mas se regozija com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. A caridade jamais passará. Quanto às profecias, desaparecerão. Quanto às línguas, cessarão. Quanto à ciência, também desaparecerá. Pois o nosso conhecimento é limitado, e limitada é a nossa profecia. Mas quando vier a perfeição, o que é limitado desaparecerá. Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança, raciocinava como criança. Depois que me tornei homem, fiz desaparecer o que era próprio da criança. Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face. Agora o meu conhecimento é limitado, mas, depois, conhecerei como sou conhecido.

Agora, portanto, permanecem fé, esperança, caridade, estas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade.



(*) PAULO I Coríntios, 13: 1-7 e 13.

(**) Címbalo: Antigo instrumento musical, formado de duas meias esferas de metal sonoro, que se faziam bater contra a outra (lembram os modernos pratos das orquestras).

EXERCÍCIOS

Nas questões 1 e 2 assinale a única alternativa correta:

1. A caridade, segundo o apóstolo Paulo, é, sobretudo, sinônimo de:

- a. () beneficência
- b. () fé
- c. () amor
- d. () religiosidade

2. Segundo o texto, a caridade pode ser praticada

- a.() apenas pelos que têm fé
- b.() por toda gente, sem exceção
- c.() pelos virtuosos, exclusivamente
- d.() pelos ricos e poderosos

3. Marque FALSO (F) ou VERDADEIRO (V):

A frase: *Ainda quando eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como um bronze que soa ou como um címbalo que tine (...)* nos esclarece que:

- a.() a prática da caridade nos permite entender a linguagem de pessoas de nacionalidades diferentes;
- b.() a prática da caridade nos possibilita o desenvolvimento da mediunidade de xenoglossia;
- c.() sem a prática da caridade, mesmo para quem possua grande facilidade no relacionamento pessoal e desenvolvida capacidade de comunicação, o progresso espiritual é lento;
- d.() a prática da caridade tem por finalidade o aperfeiçoamento dos espíritos.

4. Faça uma associação entre os ensinamentos recebidos neste Módulo, que trata da prática mediúnica, e os ensinamentos constantes dos textos nº 1 e nº 2. A seguir, responda :

Qual a importância da prática da caridade e do perdão no desenvolvimento da mediunidade?

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE

MÓDULO III

OBJETIVO GERAL

Esclarecer-se a respeito das causas das más influências provocadas por Espíritos, orientando-se quanto ao modo de evitá-las. Reconhecer a importância do exercício gratuito e devotado da mediunidade, para o progresso espiritual.



PROGRAMA I

MÓDULO DE ESTUDO Nº 3

- * **Fundamentação espírita:** Mediunidade. Obsessão. Desobsessão.
- * **Prática:** Harmonização psíquica
- * **Atividade complementar:** resumo de *O Livro dos Médiuns* (capítulos VI, XIV, XXIII), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (capítulos XI, XII e XXVI) e *A Gênese* (capítulo XIV, itens 45 a 49).
- * **Culminância do módulo:** o exercício gratuito e devotado da mediunidade como instrumento de progresso espiritual.

OBJETIVOS GERAIS

- **Esclarecer-se a respeito das causas das más influências provocadas por Espíritos, orientando-se quanto ao modo de evitá-las. Reconhecer a importância do exercício gratuito e devotado da mediunidade, para o progresso espiritual.**

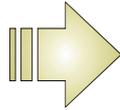
TOTAL DE AULAS PREVISTAS

Teóricas	6
Práticas	6
Atividade complementar	1
Culminância do módulo	1

TEMPO PARA APLICAÇÃO DAS AULAS

- Teóricas: até uma hora e trinta minutos.
- Práticas: até trinta minutos.

PLANO DE ESTUDO — MÓDULO Nº 3			
(1ª PARTE)	(2ª PARTE)	(3ª PARTE)	(4ª PARTE)
FUNDAMENTAÇÃO ESPÍRITA	PRÁTICA	ATIVIDADE COMPLEMENTAR	CULMINÂNCIA DO MÓDULO
<p>Mediunidade. Obsessão. Desobsessão.</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. As manifestações mediúnicas de efeitos físicos. 2. As manifestações mediúnicas de efeitos intelectuais. 3. As manifestações mediúnicas de efeitos visuais. 4. Obsessão: o obsessor, o obsidiado, o processo obsessivo. 5. Obsessão: tipos e graus. Mediunidade e loucura. 6. Desobsessão. 	<p>Harmonização Psíquica</p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ Explicar a importância da harmonização nas reuniões, bem como os meios de alcançá-la. ◆ Exercitar a harmonização psíquica em todas as reuniões, favorecendo a participação gradual dos componentes do grupo. ◆ Prosseguir com os exercícios de prece e de irradiação mental. 	<p>Resumo e apresentação</p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ <i>O Livro dos Médiuns</i>, de Allan Kardec, edição FEB, capítulos VI, XIV e XXIII. <i>O Evangelho segundo o Espiritismo</i>, de Allan Kardec, edição FEB, capítulos XI, XII e XXVI. <i>A Gênese</i>, de Allan Kardec, edição FEB, capítulo XIV, itens 45 a 49. ◆ Os alunos deverão elaborar e apresentar resumo do conteúdo doutrinário selecionado, em dia, hora e local preestabelecidos. ◆ A organização e a elaboração deste trabalho devem seguir as instruções dadas nas <i>considerações gerais</i>. 	<p>Conduta Espírita</p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ O exercício gratuito e devotado da mediunidade como instrumento de progresso espiritual. ◆ Os alunos deverão ler os textos sugeridos e fazer os exercícios propostos.

**Objetivos
específicos**

- Citar os principais tipos de mediunidade de efeitos físicos.
- Explicar sucintamente cada um deles.



SUBSÍDIOS

Dá-se o nome de manifestações físicas às que se traduzem por efeitos sensíveis, tais como ruídos, movimentos e deslocação de corpos sólidos. Umas são espontâneas, isto é, independentes da vontade de quem quer que seja; outras podem ser provocadas. O efeito mais simples, e um dos primeiros que foram observados, consiste no movimento circular impresso a uma mesa. Este efeito igualmente se produz com qualquer outro objeto, mas sendo a mesa o móvel com que, pelas sua comodidade, mais se tem procedido a tais experiências, a designação de mesas girantes prevaleceu, para indicar esta espécie de fenômenos. ¹ A variedade de manifestações mediúnicas de efeitos físicos é grande, indo desde as simples manifestações de ruídos e pancadas até as materializações de Espíritos, algumas das quais de grande beleza, por apresentarem efeitos luminosos. Vamos, a seguir, analisar as principais manifestações de efeitos físicos.

1. RUÍDOS, BARULHOS, PANCADAS E SINAIS

Como as pancadas e os ruídos são as manifestações de efeitos físicos mais simples, devemos nos conduzir com prudência para não sermos enganados. É [...] *que se deve temer a ilusão, porquanto uma infinidade de causas naturais pode produzi-los: o vento que sibila ou que agita um objeto, um corpo que se move por si mesmo sem que ninguém perceba, um efeito acústico, um animal escondido, um inseto etc., até mesmo a malícia dos brincalhões de mau gosto. Aliás, os ruídos espíritos [mediúnicos] apresentam um caráter especial, revelando intensidade e timbre muito variado, que os tornam facilmente reconhecíveis e não permitem sejam confundidos com os estalidos da maneira, com as crepitações do fogo, ou com o tique-taque monótono do relógio. São pancadas secas, ora surdas, fracas e leves, ora claras, distintas, às vezes retumbantes, que mudam de lugar e se repetem sem*

*nenhuma regularidade mecânica. De todos os meios de verificação, o mais eficaz, o que não pode deixar dúvida quanto à origem do fenômeno, é a obediência deste à vontade de quem o observa. Se as pancadas se fizerem ouvir num lugar determinado, se responderem, pelo seu número, ou pela sua intensidade, ao pensamento, não se lhes pode deixar de reconhecer uma causa inteligente.*²

A manifestação mediúnicamente produzida por meio de pancadas, chama-se *tiptologia*. Quando os Espíritos utilizam *sinais* para se comunicarem, denomina-se *sematologia*. Ambas são formas primitivas de comunicação mediúnicamente, em que se estabelece um número de sinais para as letras do alfabeto ou para as palavras, permitindo, assim, a manifestação morosa e cansativa dos Espíritos. *As manifestações de natureza acima indicada ocupam um lugar respeitável na origem das crenças anímicas dos povos primitivos. [...] é uma das principais causas que deram origem à religião fetichista entre os selvagens, [...].*¹⁹

2. DO ARREMESSO DE OBJETOS AO “POLTERGEIST”

*As manifestações espontâneas nem sempre se limitam a ruídos e pancadas. Degeneram, por vezes, em verdadeiro estardalhaço e em perturbações. Móveis e objetos diversos são derribados, projetis de toda sorte são atirados de fora para dentro, portas e janelas são abertas e fechadas por mãos invisíveis, ladrilhos são quebrados, o que não se pode levar à conta da ilusão. Muitas vezes o derribamento se dá, de fato; doutras, porém, só se dá na aparência. Ouvem-se vozerios em aposentos contíguos, barulho de louça que cai e se quebra com estrondo, cepos que rolam pelo assoalho. Acorrem as pessoas da casa e encontram tudo calmo e em ordem. Mal saem, recomeça o tumulto.*³ *Tais fatos assumem, não raro, o caráter de verdadeiras perseguições. Conhecemos seis irmãs que moravam juntas e que, durante muitos anos, todas as manhãs encontravam suas roupas espalhadas, rasgadas e cortadas em pedaços, por mais que tomassem a precaução de guardá-las à chave.*⁴ *Esses fatos são comumente denominados de Poltergeist, palavra de origem alemã e composta por dois vocábulos: poltern – fazer barulho; geist – Espírito. Assim, poltergeist significa: Espírito brincalhão, desordeiro, barulhento etc. Esta denominação é popular e nascida da imediata observação dos fenômenos [...]*¹⁷ *O poltergeist surge em uma casa ou local onde existe, supõe-se, uma pessoa capaz de fornecer uma dada ‘energia’ [fluidos ectoplásmicos] que propicia o movimento de objetos, produção de ruídos, combustões paranormais espontâneas (parapirogenia), fenômenos de ‘apport’, etc. À pessoa que propicia o funcionamento do poltergeist dá-se o nome de epicentro.*¹⁵ *Fato curioso é que, nos fenômenos de poltergeist, cerca de 35% das ocorrências mostram a queda de pedras, isto é, pedras são ativadas contra as paredes, janelas*

*e vitrôs, ora quebrando telhas, ora causando danos, estilhaçando vidros, atingindo pessoas etc.*¹⁸

Ernesto Bozzano, grande estudioso espírita do passado, nos informa que os fenômenos de *poltergeist* eram conhecidos pelos indígenas de diversas partes do mundo, como *fenômeno de infestação*. A palavra infestação diz respeito a lugares onde existem Espíritos que provocam batidas, quedas de objetos, estrondos fantasmagóricos e, como não poderia deixar de ser, as infalíveis «pedradas».²⁰

3. LUGARES ASSOMBRADOS E AS ASSOMBRAÇÕES

*As manifestações espontâneas, que em todos os tempos se não produzido, e a persistência de alguns Espíritos em darem mostras ostensivas de sua presença em certas localidades, constituem a fonte de origem da crença na existência de lugares mal-assombrados.*⁷ Na verdade, os Espíritos ainda muito presos a pessoas ou a coisas materiais permanecem em determinados locais por tempo variável, produzindo fenômenos de efeitos físicos, que causam medo. Nem sempre tais Espíritos são maus. Muitos deles, os [...] *que frequentam certos lugares, produzindo neles desordens, antes querem divertir-se à custa da credulidade e da poltronaria*^(*) *dos homens, do que lhes fazer mal.*⁸ A melhor maneira de afastar tais Espíritos e de dissuadi-los de provocar os dissabores que provocam consiste em atrair os bons. Praticando o bem, tendo paciência, orando por eles, aos poucos as *assombrações* deixarão de existir.⁹ O exorcismo e as práticas semelhantes nenhum efeito produzem.¹⁰

*Uma das características mais típicas da assombração é a manifestação de fantasmas visíveis e até fotografáveis. [...] O fantasma [Espírito] geralmente parece inconsciente e executa certos atos automáticos, como se fosse um sonâmbulo. Normalmente irradia frio e dá a impressão de estar rodeado por vapor de água condensado em forma de nevoeiro. Estas aparições na maioria das vezes são muito frias. [...] Quando o Espírito pode contar com suficiente dose de ectoplasma, é capaz de emitir sons vocais, gemer, chorar, falar e até comunicar-se [...].*¹⁶

4. FENÔMENOS DE TRANSPORTE DE OBJETOS

Estes fenômenos são também denominados de *apporto*, que corresponde a um objeto que vem de fora para dentro de um recinto, e de *asporti*, quando o objeto sai do recinto para fora. No fenômeno de transporte, o Espírito — para desintegrar o objeto — satura-o com fluido vital do médium, com os próprios flui-

(*) Poltronaria: covardia, medo.

dos e com outros existentes no plano espiritual. A seguir, os elementos atômicos que constituem o objeto são reintegrados e, então, o objeto é materializado num ambiente hermeticamente fechado.²¹

No fenômeno de transporte, os Espíritos que o provocam não são tão moralmente atrasados quanto aqueles que produzem *poltergeist*. Há sempre, no transporte de objetos, uma [...] *intenção benévola do Espírito que o produz, pela natureza dos objetos, quase sempre graciosos, de que ele se serve e pela maneira suave, delicada mesmo por que são trazidos. [...] São quase sempre flores, não raro frutos, confeitos, jóias, etc.*⁵

Os fenômenos de [...] *transporte são muito raros, porque muito difíceis de se realizar são as condições em que se produzem.*⁶ Quando o Espírito encontra um médium que lhe possa fornecer os fluidos necessários, os fenômenos quase sempre se realizam, na intimidade, à sós com o referido medianeiro. Isto porque as energias requeridas são tão especiais que praticamente inviabilizam sua execução em público, em cujo meio se encontram elementos energeticamente refratários, que paralisam os esforços do Espírito e, com mais forte razão, a ação do médium.^{6 (*)}

5. ESCRITA DIRETA E VOZ DIRETA

Dá-se o nome de *médiuns pneumatógrafos*, aos que [...] *têm aptidão para obter a escrita direta, o que não é possível a todos os médiuns escreventes. Esta faculdade, até agora, se mostra muito rara.*¹⁴ Conforme seja maior ou menor o grau de desenvolvimento da faculdade mediúnica, o médium obtém desde simples traços, sinais, letras, palavras, até frases completas ou páginas inteiras de escrita.

É importante diferenciar pneumatografia de psicografia, pois esta última é de ocorrência bem mais comum. A «*pneumatografia*» é a *escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem intermediário algum; difere da «psicografia», por ser esta a transmissão do pensamento do Espírito, mediante a escrita feita com a mão do médium*¹¹ A escrita direta é também denominada psicografia indireta, quando o Espírito transmite suas idéias por meio de objetos materiais, à distância do médium, tais como: cestas, pranchetas etc. Em qualquer situação (escrita direta ou indireta) o médium funciona como doador de fluidos ectoplásmicos, para que o Espírito possa registrar a sua mensagem.

A *pneumatofonia* ou *voz direta* é outro fenômeno mediúnico extraordi-

(*) Este assunto pode ser também estudado no livro *Fenômeno de Transporte*, de Ernesto Bozzano.

nário. *Dado que podem produzir ruídos e pancadas, os Espíritos podem igualmente fazer se ouçam gritos de toda espécie e sons vocais que imitam a voz humana, assim ao nosso lado, como nos ares.* ¹² Os sons espíritas, ou pneumatofônicos, se produzem de duas maneiras distintas: às vezes, é uma voz interior que repercute no nosso foro íntimo, nada tendo, porém, de material as palavras, conquanto sejam claramente perceptíveis; outras vezes, são exteriores e nitidamente articuladas, como se proviessem de uma pessoa que nos estivesse ao lado. De um modo, ou de outro, o fenômeno da pneumatofonia é quase sempre espontâneo e só muito raramente pode ser provocado. ¹³ Às vezes, os Espíritos utilizam algum instrumento ou outro veículo mais apropriado para que a voz direta se produza com mais precisão. É o que nos esclarece Arthur Conan Doyle, no seu livro *História do Espiritismo*, quando descreve o fenômeno da voz direta transmitida através de uma trombeta materializada pelo Espírito John King, na fazenda do americano Jonathan Koons, em Ohio, USA. ²²

André Luiz também descreve o fenômeno, este, porém, ocorrido no plano Espiritual, quando o Espírito Matilde faz vibrar sua voz cristalina em meio a uma assembléia de Espíritos, situados em plena região inferior, utilizando uma garganta improvisada. ²⁶

Os fenômenos da Voz Direta diferem da mera clarividência e da fala em transe, por isso que os sons não parecem vir do médium, mas de fora, às vezes de uma distância de alguns metros [...] e, outras vezes, se fazendo ouvir em duas ou três vozes simultâneas. ²³ Há indícios de que a materialização de trombetas, cordas vocais ou coisas parecidas se dá quando existe a necessidade de aumentar o tom da voz, ou torná-la mais nítida. ²³

6. MATERIALIZAÇÃO DE ESPÍRITOS

A materialização é um fenômeno de efeito físico em que os Espíritos tornam-se visíveis aos circunstantes de uma reunião, independente de eles possuírem mediunidade de vidência. Para se tornarem visíveis e tangíveis, os Espíritos utilizam fluidos específicos, sobretudo o denominado ectoplasma, que é liberado pelo médium. As materializações podem ser de objetos, como nos fenômenos de transporte, e de Espíritos. Entre estas últimas ocorrem as que causam medo, denominadas assombrações. Outras, estudadas pelos pesquisadores espíritas do passado e do presente, são mais comuns porque, em geral, o Espírito materializado apresenta as características do corpo físico que tinha quando encarnado. Há, ainda, as materializações luminosas, muito belas, produzidas por Espíritos mais

evoluídos.

Para a materialização de Espíritos ou de objetos, os Espíritos especialistas lançam mão de três tipos de fluidos, em trabalho que revela domínio de técnica especializada:

- Fluidos A – representam as forças superiores e sutis do plano espiritual.
- Fluidos B – ou ectoplasma, propriamente dito, são recursos do médium e das pessoas que o assistem.

O *ectoplasma* é uma [...] *substância fluídica que, em determinadas circunstâncias, emana do corpo de certos médiuns, pelos orifícios naturais, como as narinas e a boca, [...]* ²⁴

Ectoplasma (do grego *ektós* – fora, exterior; e *plasma* – dar forma); tem recebido denominações diversas, variando de autor para autor: *teleplasma* (Schrenck-Notzing), *substância da vitalidade* (Robert Crookall), *psicoplasma*, *éter vitalizado* (F. Melton), *fluido perispirítico* (Allan Kardec)... ²⁴

André Luiz, na obra *Nos Domínios da Mediunidade*, descreve o ectoplasma como sendo uma [...] *pasta flexível, à maneira de geléia viscosa e semilíquida, [saindo] através de todos os poros e, com mais abundância, pelos orifícios naturais, particularmente da boca, das narinas e dos ouvidos, com elevada percentagem a exteriorizar-se igualmente do tórax e das extremidades.* ²⁷ Ainda segundo André Luiz, esta substância — de cor leitosa-prateada — é caracterizada por um cheiro especialíssimo, difícil de ser descrito, que escorre em movimentos reptilianos, acumulando-se na parte inferior do organismo do médium, onde apresenta o aspecto de grande massa protoplásmica, viva e tremulante. ^{27, 28}

O *ectoplasma* assume aspectos extremamente variados, desde uma forma tão rarefeita que o mantém invisível [...] até o estado sólido e organizado em estruturas complexas, tais como os Espíritos materializados (agêneres ectoplásmicos). Entre estes dois extremos ele pode passar por estados diversos: gasoso, plasmático, floculoso, amorfo, leitoso, filamentosos, líquido etc. O *ectoplasma* serve não só para dar consistência ao perispírito, ou partes deste, mas também para, embora em forma vaporosa, torná-lo visível. Com ele são tecidas as vestes das entidades espirituais materializadas, apresentando diversas modalidades, como as da lã, do algodão, da seda, de véus pesados ou transparentes etc. ²⁵

- Fluidos C – constituem energias tomadas à natureza terrestre (vegetais, água, minerais etc.) ²⁹.

É importante saber definir os termos empregados, para entendimento do assunto: *materialização*: refere-se à ectoplasmia com tangibilidade ou solidificação de formas; *ectoplasmia*: termo genérico, voltado para as manifestações de efeitos físicos ou, ainda, quando as formas perispirituais tornam-se visíveis, porém, intangíveis.²¹

Recomendamos as seguintes obras para maiores estudos sobre este interessante assunto, tão pouco comum nos dias atuais:

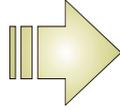
- *Fatos Espíritos* — William Crookes, ed. FEB;
- *O Trabalho dos Mortos* — Nogueira de Faria, ed. FEB;
- *Materializações de Espíritos* — Paul Gibier e Ernesto Bozzano, ed. Eco.



REFERÊNCIAS

1. KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 73. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, segunda parte. Cap. II, item 60, p. 82.
2. _____. Cap. V, item 83, p. 106.
3. _____. Item 87, p. 108.
4. _____. Item 89, p. 109-110.
5. _____. Item 96, p. 119.
6. _____. Item 98, p. 123.
7. _____. Cap. IX, item 132, p. 174.
8. _____. Item 132, pergunta 12, p. 178.
9. _____. Pergunta 13, p. 178-179.
10. _____. Pergunta 14, p.179.
11. _____. Cap. XII, item 146, p. 192.
12. _____. Item 150, p. 196.
13. _____. Item 151, p. 197.
14. _____. Cap. XIV, item 177, p. 219.
15. ANDRADE, Hernani Guimarães. *Espírito, Perispírito e Alma*. São Paulo: Pensamento, 1984. Cap. VIII (Ectoplasma e ectoplasmia), item: O Poltergeist, p. 190.
16. _____. p. 192-193.
17. _____. *A Transcomunicação Através dos Tempos*. São Paulo: Editora Jornalística FE, 1997. Cap. V (O Poltergeist na pré-história), p. 25.
18. _____. p. 26.
19. BOZZANO, Ernesto. *Povos Primitivos e Manifestações Supranormais*. Tradução de Eponina Mele Pereira da Silva. São Paulo: Editora Jornalística FE, 1997. Cap. I (Pancadas e Quedas. Movimentos de Objetos a Distância - telecinesia, levitação humana), p. 1.
20. _____. Cap. IV (Fenômenos de infestação), p. 169.
21. _____. Cap. V (Apporto e Asporti), p. 90.
22. DOYLE, Arthur Conan. *História do Espiritismo*. Trad. de Júlio de Abreu Filho. São Paulo: Pensamento, 1960, p. 381 (Vozes mediúnicas e moldagens).
23. _____. p. 417 (Grandes médiuns modernos).
24. NÁUFEL, José. *Do ABC ao Infinito*. Espiritismo Experimental. Vol.2. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999. Cap. X (Ectoplasmia e materialização). p. 81.
25. _____. p. 83.
26. XAVIER, Francisco Cândido. *Libertação*. Pelo Espírito André Luiz. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 20 (Reencontro), p. 321.
27. _____. *Nos Domínios da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 31. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. XXVIII (Efeitos físicos), p. 298.
28. _____. p. 298, 302 e 303.
29. _____. p. 302-303.

Objetivos específicos



- Citar as principais formas de mediunidade de efeitos intelectuais.
- Explicá-las sucintamente, destacando sua importância nas reuniões mediúnicas.



SUBSÍDIOS

Para uma manifestação ser inteligente, indispensável não é que seja eloquente, espirituosa, ou sábia; basta que prove ser um ato livre e voluntário, exprimindo uma intenção, ou respondendo a um pensamento.¹

A manifestação mediúnica de efeitos intelectuais produz efeitos ou repercussões em nível mental, isto é, o Espírito comunicante conduz o médium a uma certa elaboração mental-intelectual, ao transmitir a mensagem aos circunstantes. Nessa situação, o médium é um intérprete das idéias e dos sentimentos do Espírito comunicante. Vamos, a seguir, estudar algumas manifestações de efeitos intelectuais, reservando uma análise mais profunda dos seus diversos tipos para o Programa II deste Curso.

1. PSICOGRAFIA

De todos os meios de comunicação, a escrita manual é o mais simples, mais cômodo e, sobretudo, mais completo. Para ele devem tender todos os esforços, porquanto permite se estabeleçam, com os Espíritos, relações tão continuadas e regulares, como as que existem entre nós. Com tanto mais afincado deve ser empregado, quanto é por ele que os Espíritos revelam melhor sua natureza e o grau de seu aperfeiçoamento, ou da sua inferioridade. Pela facilidade que encontram em exprimir-se por esse meio, eles nos revelam seus mais íntimos pensamentos e nos facultam julgá-los e apreciar-lhes o valor. Para o médium, a faculdade de escrever é, além disso, a mais suscetível de desenvolver-se pelo exercício.²

Os médiuns psicógrafos estão classificados em três grupos básicos, de acordo com o grau de transe mediúnico e segundo a forma como a mensagem do Espírito comunicante é captada. Temos, portanto, os *médiuns mecânicos*, os *intuitivos* e os *semimecânicos*.

1.1. Médiuns psicógrafos mecânicos

Na psicografia mecânica, [...] *o que caracteriza o fenômeno é que o médium não tem a menor consciência do que escreve.*³ Nesse caso, o transe é mais profundo; a mão corre ágil sobre o papel, porque o Espírito a toma guiando-a. O fato de o médium estar inconsciente, não significa que ele está impedido de interferir no conteúdo da mensagem, pois, como já foi dito, ocorre uma ligação mental, efetiva e anterior, entre o médium e o Espírito comunicante. Mesmo que o médium não saiba com detalhes o conteúdo da mensagem a ser transmitida, tem dela uma idéia geral, e, além do mais, sempre tem condições de captar os sentimentos e as intenções do manifestante. Os Espíritos Superiores dão mostra de sentimentos afetuosos, transmitindo a mensagem com calma, dignidade e benevolência.³

1.2. Médiuns psicógrafos intuitivos

O Espírito comunicante, [...] *neste caso, não atua sobre a mão, para fazê-la escrever; não a toma, não a guia. Atua sobre a alma [do médium], com a qual se identifica. A alma [do médium] sob esse impulso, dirige a mão e esta dirige o lápis. [...] Nessa situação, o médium tem consciência do que escreve, embora não exprima o seu próprio pensamento. E' o que se chama médium intuitivo.*⁴

O médium mecânico age mais como uma máquina; já o intuitivo é o intérprete, propriamente dito, das idéias do Espírito comunicante. *Este, de fato, para transmitir o pensamento, precisa compreendê-lo, apropriar-se dele, de certo modo, para traduzi-lo fielmente e, no entanto, esse pensamento não é seu, apenas lhe atravessa o cérebro.*⁴ Esta é a forma de psicografia mais comum nos dias atuais e, para que o médium capte mensagens verdadeiramente superiores, é preciso que tenha condições intelectuais e morais.

1.3. Médiuns psicógrafos semimecânicos

*No médium puramente mecânico, o movimento da mão independe da vontade; no médium intuitivo, o movimento é voluntário e facultativo. O médium semimecânico participa de ambos esses gêneros. Sente que à sua mão uma impulsão é dada, mau grado seu, mas, ao mesmo tempo, tem consciência do que escreve, à medida que as palavras se formam. No primeiro o pensamento vem depois do ato da escrita; no segundo, precede-o; no terceiro, acompanha-o.*⁵

Os médiuns semimecânicos são tão comuns quanto os intuitivos.⁵

As comunicações transmitidas pela psicografia são mais ou menos extensas,

conforme o grau da faculdade mediadora. Alguns não obtêm senão palavras; em outros, a faculdade se desenvolve pelo exercício, escrevem frases completas e, freqüentemente, dissertações desenvolvidas sobre assuntos propostos ou tratados espontaneamente pelos Espíritos, sem que se lhes tenha feito qualquer pergunta. ⁷

Na psicografia o médium pode transmitir a mensagem do Espírito também em língua estrangeira. Neste caso ela é chamada de mediunidade poliglota ou xenografia. ⁶ É uma mediunidade rara, que não tem utilidade prática, sobretudo se os circunstantes desconhecem a língua em que o Espírito se exprime. Serve, no entanto, para comprovar a sobrevivência de um Espírito, quando isso se torna necessário.

2. PSICOFONIA

A psicofonia é o modo de transmissão da mensagem do Espírito comunicante por meio da palavra verbalizada. É a mediunidade de escolha, no atendimento aos Espíritos sofredores. Por ela, a comunicação é mais ágil, favorecendo o diálogo franco e direto com os desencarnados. Os benfeitores espirituais utilizam, com muita freqüência, a mediunidade de psicofonia para fazer exortações, promover incentivos, fornecer orientações ou esclarecimentos para um grupo ou para alguém, especificamente.

Certos médiuns recebem a influência dos Espíritos, diretamente nas cordas vocais, transmitindo, então, pela voz, o que outros o fazem pela escrita. ⁸ Neste caso, a psicofonia é mais inconsciente. Quando a ação dos desencarnados é menos direta, temos a psicofonia semiconsciente. Quando o médium transmite com as suas próprias palavras o pensamento do Espírito, temos a psicofonia intuitiva.

A mediunidade sonambúlica é uma variedade especial da psicofonia. Por ela o encarnado sai do corpo físico, tal como no sonambulismo ^(*), desdobrando-se, agindo e transmitindo informações que lhes são ditadas por um Espírito desencarnado.

No livro *Nos Domínios da Mediunidade*, o Espírito André Luiz exemplifica, do capítulo quinto ao décimo primeiro, aspectos da mediunidade psicofônica. Apresentamos, em seguida, alguns destaques.

2.1. Capítulo quinto

A perfeita assimilação das correntes mentais, pelo médium, [...] *preside*

(*) Sonambulismo: é um fenômeno anímico, de emancipação da alma. Nessa situação, o encarnado desliga-se parcialmente do corpo físico e passa a agir por conta própria, à distância deste.

habitualmente a quase todos os fatos mediúnicos. ⁹ O corpo físico do médium assemelha-se a um aparelho receptor radiofônico. A emissão mental do Espírito comunicante envolve o médium [...] *em profusão de raios que lhe alcançam o campo interior, primeiramente pelos poros, que são miríades de antenas sobre as quais essa emissão adquire o aspecto de impressões fracas e indecisas. Essas impressões apóiam-se nos centros do corpo espiritual, que funcionam à guisa de condensadores, atingem, de imediato, os cabos do sistema nervoso, [...] e reconstituindo-se, automaticamente, no cérebro, [...] em cujos fulcros dinâmicos se processam ações e reações mentais, que determinam vibrações criativas, através do pensamento ou da palavra, considerando o encéfalo como poderosa estação emissora e receptora e a boca por valioso alto-falante.* ⁹

2.2. Capítulo sexto

Na psicofonia consciente equilibrada, embora senhoreando as forças do médium, o Espírito enfermo permanece controlado por ele, médium, a quem se imana pela corrente nervosa. Desta forma, o medianeiro é informado de todas as palavras que o Espírito pretenda dizer. O comunicante apossa-se, temporariamente, do órgão vocal do médium, apropriando-se do seu mundo sensório, conseguindo enxergar, ouvir e raciocinar com algum equilíbrio. O médium, porém, comanda firme as rédeas da própria vontade, agindo qual se fora enfermeiro, concordando com os caprichos do doente, no objetivo de auxiliá-lo, corrigindo-o quando necessário. ¹⁰

2.3. Capítulo sétimo

É comum a utilização de equipamentos, pelos benfeitores espirituais, durante a manifestação de Espíritos, sobretudo de enfermos. O capítulo nos informa a respeito de um equipamento denominado «condensador ectoplásmico», cuja propriedade é a de [...] *concentrar em si os raios de força projetados pelos componentes da reunião, reproduzindo as imagens que fluem do pensamento da Entidade comunicante* [...] ¹¹

2.4. Capítulo oitavo

André Luiz nos fala de Celina, sonâmbula considerada perfeita: a [...] *psicofonia, em seu caso, se processa sem necessidade de ligação da corrente nervosa do cérebro mediúnicos à mente do hóspede que o ocupa. A espontaneidade dela é tamanha na cessão de seus recursos às entidades necessitadas de socorro e carinho, que não tem qualquer dificuldade para desligar-se de maneira automática*

*do campo sensório, perdendo provisoriamente o contato com os centro motores da vida cerebral.*¹²

2.5. Capítulo nono

Neste capítulo André Luiz nos traz informações sobre um caso de possessão (subjugação), revelando que, nessa situação, todas [...] *as células do córtex [cerebral] sofrem o bombardeio de emissões magnéticas de natureza tóxica. Os centros motores estão desorganizados. Todo o cerebelo está empastado de fluidos deletérios. As vias do equilíbrio aparecem completamente perturbadas.*¹³

2.6. Capítulo décimo

O processo obsessivo, manifestado por meio de psicofonia torturada, é analisado com profunda lucidez, indicando que as causas de tal sofrimento estão presas às sombras do passado.¹⁴

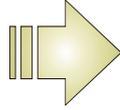
2.7. Capítulo décimo primeiro

André Luiz nos fornece elucidativas explicações sobre o fenômeno de desdobramento. Esclarece como se processa o afastamento do corpo físico, como o médium atua no plano espiritual, e de que forma os benfeitores auxiliam na realização desse gênero de atividade.¹⁵



REFERÊNCIAS

1. KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 73. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, segunda parte. Cap. III, item 66, p. 87.
2. _____. Cap. XV, item 178, p. 221
3. _____. Item 179, p. 222.
4. _____. Item 180, p. 223.
5. _____. Item 181, p. 223-224.
6. _____. Cap. XVI. Item 191, p. 235.
7. _____. *Revista Espírita — Jornal de Estudos psicológicos*. 1858. Tradução de Evandro Noleto Bezerra; poesias traduzidas por Inaldo Lacerda Lima. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Ano I, janeiro de 1858, nº 1 (Introdução). item: Diferentes Modos de Comunicação, p. 32.
8. _____. p. 33.
9. _____. XAVIER, Francisco Cândido. *Nos Domínios da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 31. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 5 (Assimilando correntes mentais), p. 56.
10. _____. Capítulo 6 (Psicofonia Consciente), p. 61-62
11. _____. Capítulo 7 (Socorro espiritual), p. 76.
12. _____. Capítulo 8 (Psicofonia sonambúlica), p. 85.
13. _____. Capítulo 9 (Possessão), p. 92.
14. _____. Capítulo 10 (Sonambulismo torturado), p. 107.
15. _____. Capítulo 11 (Desdobramento em serviço), p. 113-122.

Objetivos
específicos

- Esclarecer o que é mediunidade de vidência e de clarividência.
- Explicar como essas duas faculdades podem se manifestar.



SUBSÍDIOS

*Vidência é a faculdade mediúnica de ver Espíritos, estando o médium acordado em vigília. Realmente, de [...] todas as manifestações espíritas, as mais interessantes, sem contestação possível, são aquelas por meio das quais os Espíritos se tornam visíveis.*³

No entanto, os Espíritos nem sempre podem manifestar-se visivelmente, mesmo em sonho, apesar do desejo que se tenha de vê-los. O impedimento pode estar ligado a [...] *causas independentes da vontade deles. Frequentemente, é também uma prova, de que não consegue triunfar o mais ardente desejo.*⁴ É sabido, porém, que, em situações em que os laços materiais se afrouxam, em uma doença, por exemplo, é mais fácil ver Espíritos.⁵

Clarividência é a faculdade mediúnica de ver com detalhes não apenas os Espíritos, mas cenas do plano espiritual. A percepção, via clarividência, é mais aprofundada. A pessoa entra em transe, permanecendo, mesmo que por breve tempo, em estado sonambúlico. Nesse estado, parcialmente desprendida do corpo, ela adquire uma espécie de dupla vista, isto é, vê o que ocorre no plano espiritual e os acontecimentos à distância, no plano físico.

No [...] *caso de visão à distância, o sonambúlico não vê as coisas de onde está o seu corpo, como por meio de um telescópio. Vê-as presentes, como se se achasse no lugar onde elas existem, porque sua alma, em realidade, lá está. Por isso é que seu corpo fica como que aniquilado e privado de sensação, até que a alma volte a habitá-lo novamente.*^(*) Essa separação parcial da alma e do corpo constitui um estado anormal [incomum], suscetível de duração mais ou menos longa, porém não indefinida. Daí a fadiga que o corpo experimenta após certo tempo, mormente

(*) Na verdade, a alma não abandona totalmente o corpo.

quando aquela se entrega a um trabalho ativo [no plano espiritual]. A vista da alma ou do Espírito não é circunscrita e não tem sede determinada. Eis por que os sonâmbulos não lhe podem marcar órgão especial. Vêm porque vêem, sem saberem o motivo nem o modo, uma vez que, para eles, na condição de Espíritos, a vista carece de foco próprio. Se se reportam ao corpo, esse foco lhes parece estar nos centros onde maior é a atividade vital, principalmente no cérebro, na região do epigastro^(), ou no órgão que considerem o ponto de ligação mais forte entre o Espírito e o corpo. O poder da lucidez sonambúlica não é ilimitado. O Espírito, mesmo quando completamente livre, tem restringidos seus conhecimentos e faculdades, conforme ao grau de perfeição que haja alcançado. Ainda mais restringidos os tem quando ligado à matéria, a cuja influência está sujeito. É o que motiva não ser universal, nem infalível a clarividência sonambúlica.* ¹ Essas informações constituem regra geral, porque existem exceções que serão motivo de estudos posteriores.

Kardec nos explica que [...] *no estado de desprendimento em que fica colocado, o Espírito do sonâmbulo entra em comunicação mais fácil com o outros Espíritos encarnados, ou não encarnados, comunicação que se estabelece pelo contato dos fluidos que compõem os perispíritos e servem de transmissão ao pensamento, como o fio elétrico. O sonâmbulo não precisa, portanto, que se lhe exprimam os pensamentos por meio da palavra articulada. Ele os sente e adivinha. É o que o torna eminentemente impressionável e sujeito às influências da atmosfera moral que o envolva.* ²

Fato digno de nota é que o vidente e o clarividente, além de verem Espíritos e o mundo espiritual, também possuem, em geral, a faculdade de audiência. O Espírito André Luiz nos esclarece que [...] *os olhos e os ouvidos materiais estão para a vidência e para a audição como os óculos estão para os olhos e o amplificador de sons para os ouvidos — simples aparelhos de complementação. Toda percepção é mental, [...] o médium é sempre alguém dotado de possibilidades neuropsíquicas especiais que lhe estendem o horizonte dos sentidos.* ¹⁰ [...] *Ainda mesmo no campo de impressões comuns, embora a criatura empregue os ouvidos e os olhos, ela vê e ouve com o cérebro, e, apesar de o cérebro usar as células do córtex para selecionar os sons e imprimir as imagens, quem vê e ouve, na realidade, é a mente.* ¹¹ Assim, nos fenômenos de vidência, quem vê é a alma. É uma percepção além dos sentidos humanos. ⁶

Está entendido que a faculdade de ver Espíritos, como todas as faculdades mediúnicas, diz respeito às propriedades do perispírito. O médium dispõe de

(*) Epigástrio = região superior do abdome.

recursos físicos [*orgânicos*] para ver Espíritos porque esta disposição foi impressa pelo perispírito, que serviu de molde ao seu corpo físico.⁷

Como toda faculdade mediúcnica, a vidência é passível de desenvolvimento, se exercitada. Mas, segundo nos esclarecem os Espíritos da Codificação, [...] *ver Espíritos, em geral e permanentemente, é algo excepcional e não está nas condições normais do ser encarnado.*⁸ Um cuidado especial que se deve ter em relação à faculdade de vidência, sobretudo quando esta se manifesta inicialmente, diz respeito à imaginação que, por vezes, é bastante fértil.⁸ É importante considerar, também, que o médium pode estar vendo formas ideoplásticas projetadas do mundo físico ou do mundo espiritual. Por outro lado, se o desenvolvimento do médium ocorre de maneira equilibrada, se o médium principiante faz parte de um grupo sério, bem estruturado tanto do ponto de vista doutrinário quanto do da moral, os benfeitores espirituais não permitem que o iniciante nas tarefas mediúnicas tenha todas as potencialidades medianímicas desabrochadas. É que isso poderia conduzi-lo ao desequilíbrio psíquico, emocional e físico.⁹

Em síntese, podemos chegar à seguinte conclusão, com referência às faculdades mediúnicas de vidência e de clarividência:

1. Todas as pessoas encarnadas podem ver Espíritos por meio do sono.
2. Os médiuns videntes vêem Espíritos no estado de vigília ou sob transe superficial.
3. Os médiuns videntes podem ver imagens mentais.
4. Os médiuns clarividentes vêem os Espíritos encarnados e desencarnados, o mundo espiritual e acontecimentos diversos, sob forma de segunda vista, em estado de sonambulismo ou de desprendimento parcial do corpo físico.
5. Os Espíritos Superiores, ao promover o desenvolvimento das faculdades de vidência, de clarividência e de audiência dos médiuns, dosam suas percepções para não desequilibrá-los.



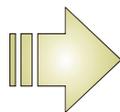
REFERÊNCIAS

1. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 84. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Questão 455, p. 240-241.
2. _____. p. 241.
3. _____. *O Livro dos Médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 73. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. VI, item 100, p. 130.
4. _____. Item 100. Pergunta 15, p. 134.
5. _____. Pergunta 16, p. 135.
6. _____. Pergunta 20, p. 136.
7. _____. Perguntas 21 a 23, p. 136-137.
8. _____. Pergunta 26, item a, p. 137.
9. XAVIER, Francisco Cândido. *Nos Domínios da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 31. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 12, (Clarividência e clarividência)p. 124-125.
10. _____. p. 126.
11. _____. p. 127.

FUNDAMENTAÇÃO ESPÍRITA: Mediunidade. Obsessão. Desobsessão.

ROTEIRO 4

Obsessão: o obsessor, o obsidiado, o processo obsessivo

Objetivos
específicos

- Conceituar obsessão.
- Explicar quem é o obsessor e quem é o obsidiado.
- Analisar como se estabelece o processo obsessivo.



SUBSÍDIOS

1. CONCEITO DE OBSESSÃO

Obsessão é o [...] domínio que alguns Espíritos logram adquirir sobre certas pessoas. Nunca é praticada senão pelos Espíritos inferiores, que procuram dominar. Os bons Espíritos nenhum constrangimento infligem. Aconselham, combatem a influência dos maus e, se não os ouvem, retiram-se. Os maus, ao contrário, se agarram àqueles de quem podem fazer suas presas. Se chegam a dominar algum, identificam-se com o Espírito deste e o conduzem como se fora verdadeira criança. ² Geralmente é distúrbio espiritual de longo curso, [...] com graves consequências, em forma de distonias mentais, emocionais e desequilíbrios fisiológicos. ³ Em casos mais graves, [...] a obsessão é enfermidade espiritual de erradicação demorada e difícil, pois que muito mais depende do encarnado perseguido do que do desencarnado perseguidor. ⁶

2. QUEM É O OBSESSOR

Obsessor — do latim *obsessore* — Aquele que causa a obsessão; que importuna [...] Não é um ser estranho a nós. Pelo contrário. É alguém que privou da nossa convivência, de nossa intimidade, por vezes com estreitos laços afetivos. ¹⁴ O Espírito perseguidor, genericamente denominado obsessor, em verdade é alguém colhido pela própria aflição. Ex-transeunte do veículo somático, experimentou injunções que o tornaram revel, fazendo que guardasse no recesso da alma as aflições acumuladas, de que não se conseguiu liberar sequer após o decesso celular. Sem dúvidas, vítima de si mesmo, da própria incúria e invigilância, transferiu a responsabilidade do seu insucesso a outra pessoa que, por circunstância qualquer, interferiu decerto negativamente na mecânica dos seus malogros. [...] ⁴

Há obsessores que não possuem vínculos cármicos com o encarnado e que,

no entanto, podem causar-lhe grandes transtornos. São Espíritos moralmente inferiores, geralmente agindo [...] *de preferência nas próprias paisagens invisíveis, em torno de entidades desencarnadas não devidamente moralizadas, mas também podendo interferir na vida dos encarnados, prejudicando-os e até os levando aos estados alucinatórios, ou mesmo ao estado de obsessão, pelo simples prazer de praticar o mal, divertindo-se.*⁸

2.1. Tipos de obsessores

a) Obsessores que não intencionam fazer o mal

Há obsessores que [...] *não são totalmente maus, é preciso que se diga. Como ninguém é absolutamente mau. São, antes, doentes da alma. Possuem sementes de bondade, recursos positivos que estão abafados, adormecidos. [...] Nem todo obsessor tem consciência do mal que está praticando. Existem aqueles que agem por amor, por zelo, pensando ajudar ou querendo apenas ficar junto do ser querido.*

¹⁵ São pessoas mais desajustadas em termos afetivos. Amam egoisticamente; exigem, igualmente, exclusividade nas relações afetivas. Outras vezes amam alguém de forma deturpada, com excessivo apego. É uma mãe ou um pai fortemente vinculados a um filho, tolhendo sua liberdade, restringindo-o ao campo da sua atuação. Não querem dividi-lo com ninguém. É um esposo ou esposa ciumentos, que desconfiam de tudo, que mantêm controle do cônjuge, fazendo-o prisioneiro nas garras de sua insegurança. Essas são as principais características do obsessor não propriamente vinculado ao mal, mas vinculado ao egoísmo, ao ciúme e ao sentimento de posse.

b) Obsessores vinculados ao mal

*Obsessores, sim, os há, transitoriamente, que se entregam à fascinação da maldade, de que se fazem cultores, enceguecidos e alucinados pelos tormentosos desesperos a que se permitiram, detendo-se nos eitos, de demorada loucura [...] — verdugo impiedoso de si mesmo — pois todo o mal sempre termina por infelicitar aquele que lhe presta culto de subserviência. Tais Entidades — que oportunamente são colhidas pelas sutis injunções da Lei Divina — governam redutos de sombra e viciação, com sede nas Regiões Tenebrosas da Erraticidade Inferior, donde se espriam na direção de muitos antros de sofrimento e perturbação na Terra, atingindo, também, vezes muitas, as mentes ociosas, os Espíritos calcetas, os renitentes, revoltados, [...] por cujo comércio dão início a processos muito graves de obsessão de longo curso. [...]*⁵ Tais obsessores são [...] *adeptos da revolta e do desespero.*

[...] São pobres desequilibrados que tentam induzir todas as situações à desarmonia em que vivem.²⁰ Eles se organizam em falanges cujos integrantes apresentam, no perispírito, aspectos [...] disformes, grotescos, extravagantes, e cujas configurações e ações pareceriam fruto de pesadelos àqueles que não se afinam com as blandícias da Espiritualidade. Provocam-nos, seduzem-nos, aterrorizam-nos, criando mil fantasmagorias que às pobres vítimas parecerão alucinações diabólicas, das mesmas se servindo, ainda, como joguetes para a realização de caprichos, maldades e até obscenidades. Comumente, queixam-se os suicidas de tais falanges, cujo assalto lhes agrava, no pélagos de males para onde o suicídio os atirou, o seu insuportável suplício.⁹

3. QUEM É O OBSIDIADO

*Obsidiado – Obsesso: Importunado, atormentado, perseguido. Indivíduo que se crê atormentado, perseguido pelo Demônio [...]. Obsidiados — todos nós, o fomos ou ainda somos.*¹³

3.1. Tipos de obsidiados

a) Psicopatas amorais

São Espíritos endividados, que contraíram débitos pesados em existências anteriores, após estágio mais ou menos prolongado nas regiões espirituais de sombras e de dor, e que voltam à reencarnação, quando se mostram inclinados à recuperação dos valores morais em si mesmos. *Transportados a novo berço, comumente entre aqueles que os induziram à queda, quando não se vêem objeto de amorosa ternura por parte de corações que por eles renunciam à imediata felicidade nas Esferas Superiores, são resguardados no recesso do lar. Contudo, renascem no corpo carnal espiritualmente jungidos às linhas inferiores de que são advindos, assimilando-lhes, facilmente, o influxo aviltante. Reaparecem, desse modo, na arena física. Mas, via de regra, quando não se mostram retardados mentais, desde a infância, são perfeitamente classificáveis entre os psicopatas amorais, segundo o conceito da ‘moral insanity’ [insanidade moral], vulgarizado pelos ingleses, demonstrando manifesta perversidade, na qual se revelam constantemente brutalizados e agressivos, petulantes e pérfidos, indiferentes a qualquer noção da dignidade e da honra, continuamente dispostos a mergulhar na criminalidade e no vício.*¹⁸

b) Doentes mentais

Reconhecemos, com os ensinamentos da Doutrina Espírita, que todos aqueles portadores de esquizofrenias, psicopatologias variadas, dentro de um processo

cármico, são Entidades normalmente vinculadas a graves débitos, a dívidas de delitos sociais, e, conforme nos achamos dentro desse quadro de compromissos, essas psicopatologias de multiplicada denominação assumem intensidade maior ou menor [...]. Nos casos de epilepsias, tudo nos leva a crer que as Entidades credoras em se aproximando do devedor diretamente, ou por meio do pensamento, promovem como um acordamento da culpa, e ele mergulha, então no chamado transe epilético.

7

Na [...] *retaguarda dos desequilíbrios mentais, sejam da ideação ou da afetividade, da atenção e da memória, tanto quanto por trás de enfermidades psíquicas clássicas, por exemplo, as esquizofrenias e as parafrenias, as oligofrenias e a paranoia, as psicoses e neuroses de multifária expressão, permanecem as perturbações da individualidade transviada do caminho que as Leis Divinas lhe assinalam à evolução moral.*¹⁷

c) *Psicopatas astênicos e abúlicos*

Aqueles Espíritos relativamente corrigidos nas escolas de reabilitação da Espiritualidade desenvolvem-se, no ambiente humano, enquadráveis entre os psicopatas astênicos e abúlicos, fanáticos e hipertímicos, ou identificáveis como representantes de várias doenças e delírios psíquicos, inclusive aberrações sexuais diversas.

¹⁸ As características predominantes destes obsidiados são as irresponsabilidade e a fraqueza perante a vida. Neles, o senso de honra ou de dever, é, praticamente, inexistente. Não sabem ou não conseguem tomar uma decisão, revelando uma terrível fraqueza moral.

4. O PROCESSO OBSESSIVO

O processo obsessivo não se instala de imediato: é gradual, de acordo com o grau ou a intensidade da obsessão, que Kardec classifica em simples, fascinação e subjugação, objeto de estudo do próximo roteiro. No início, o Espírito perseguidor localiza na sua vítima [...] *os condicionamentos, a predisposição e as defesas desguarnecidas, disso tudo se vale o obsessor para instalar a sua onda mental na mente da pessoa visada. A interferência se dá por processo análogo ao que acontece no rádio, quando uma emissora clandestina passa a utilizar determinada frequência [...], prejudicando-lhe a transmissão.*¹¹ O passo seguinte é a ação persistente do obsessor para que se estabeleça a sintonia mental, entre ele e o perseguido. Passa a enviar [...] *os seus pensamentos, numa repetição constante, hipnótica, à mente da vítima, que, incauta, invigilante, assimila-os e reflete-os, deixando-se dominar pelas idéias intrusas.*¹² Além da ação hipnótica, há também o envolvimento fluídico,

que torna o perseguido debilitado, favorecendo, assim, a ação do obsessor.

O Espírito perseguidor [...] *atua exteriormente, com a ajuda [por intermédio] do seu perispírito, que ele identifica com o do encarnado, ficando este afinal enlaçado por uma como teia e constringido a proceder contra a sua vontade.*¹

O obsessor não dá trégua ao obsidiado. Por ação própria e de outros Espíritos que são igualmente por ele dominados, mantém ação persistente junto ao objeto de sua perseguição. Durante o sono, sobretudo, age com mais intensidade. A pessoa [...] *deixa-se dominar por um inimigo invisível, durante o sono. Afina-se com o caráter deste e recebe as suas ordens ou sugestões, tal como o sonâmbulo às ordens do seu magnetizador. Ao despertar, reproduz, mais tarde, em ações da sua vida prática, as ordenações então recebidas, as quais poderão levá-lo até mesmo ao crime e ao suicídio. Será prudente que a oração e a vigilância sejam observadas com assiduidade, particularmente antes do sono corpóreo, a fim de proteger o médium contra esse terrível perigo, pois que isso favorecerá uma como harmonização de sua mente com as forças do Bem, o que evitará o desastre.*¹⁰ Em outras ocasiões, os obsessores agem sobre os perseguidos [...] *empolgando-lhes a imaginação com formas mentais monstruosas, operando perturbações que podemos classificar como 'infecções fluídicas' e que determinam o colapso cerebral com arrasadora loucura. E ainda muito outros, imobilizados nas paixões egoísticas desse ou daquele teor, descansam em pesado monoteísmo, ao pé dos encarnados, de cuja presença não se sentem capazes de afastar-se. Alguns, como os ectoparasitas temporários, procedem à semelhança dos mosquitos e dos ácaros, absorvendo as emanações vitais dos encarnados que com eles se harmonizam, aqui e ali; mas outros muitos, quais endoparasitas conscientes, após se inteirarem dos pontos vulneráveis de suas vítimas, segregam sobre elas determinados produtos, filiados ao quimismo do Espírito, e que podemos nomear como simpatinas, e aglutininas mentais, produtos esses que, subrepticamente, lhes modificam a essência dos próprios pensamentos.* [...] ¹⁶

Nos processos obsessivos mais intensos, em que o obsidiado já não se governa, tornando-se evidentes os distúrbios psíquicos e físicos, os obsessores mais distanciados do bem utilizam-se dos chamados *ovóides* para tornar ferrenha a perseguição. Esses Espíritos endurecidos implantam os ovóides na estrutura perispiritual do encarnado, em pontos estratégicos (medula nervosa, centros de força etc.) para estabelecerem maior controle. Os *ovóides* são entidades humanas desencarnadas que perderam a forma anatômica do perispírito, característica da espécie humana. O perispírito de tais criaturas sofreu uma espécie de transubstanciação, tendo adquirido uma morfologia anômala, de esferas escuras, pouco maiores que um crânio humano. Algumas dessas entidades apresentam movimentos

próprios, agindo como se fossem grandes amebas. Outras, no entanto, mantêm-se em repouso, aparentemente inertes *ligadas ao hato vital das personalidades em movimento*.¹⁹

Algumas condições espirituais favorecem a *ovoidização* — transformação do perispírito do desencarnado em ovóide —, por exemplo, sentimentos de vingança, de ódio ou perversão moral.



GLOSSÁRIO

Aberrações sexuais	Desvios, desarranjos ou anomalias que uma pessoa apresenta no campo sexual. Tara. Perversão sexual.
Antros	Cavernas, grutas, covas profundas e escuras. Abismos. Recintos escuros e profundos.
Aglutininas	Que juntam, que agregam. No corpo físico, representam um tipo de anticorpo que produz aglomerados na substância estranha que invadiu o organismo, facilitando, assim, as defesas orgânicas.
Blandícias	Afagos, carinhos, carícias.
Delírios Psíquicos	Transtornos graves do estado mental, geralmente de instalação brusca, caracterizados por desorientação, confusão, distorção de sensações, temores etc.
Eito	Seguimento ou série de coisas que estão na mesma carreira, direção ou linha. A fio, sem interrupção.
Epilepsia	Transtorno cerebral, caracterizado por uma descarga neuronal (do neurônio, isto é, da célula nervosa), exagerada, manifestada por episódios de disfunção motora, sensorial ou psíquica, acompanhada ou não por inconsciência ou movimentos convulsivos.
Esquizofrenia	Grupo de transtornos psicológicos, que começam, amiúde, após a adolescência, caracterizados por alterações mentais na formação de conceitos, com má interpretação da realidade, associados a perturbações afetivas, de conduta e intelectuais. A pessoa tende a fugir da realidade.

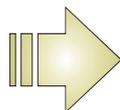
Fanático	Pessoa que apresenta perversão e excesso de sentimento religioso. Zelo absurdamente excessivo a respeito de qualquer assunto. Algumas vezes pode caracterizar início de doença mental.
Hipertímicos	Pessoas que revelam uma sensibilidade excessiva, com humor patologicamente lábil ou com instabilidade emocional acentuada. Emotividade excessiva.
Neurose	(Psiquiatria) uma das principais categorias de desajustes emocionais, classificados de acordo com o sintoma predominante. A angústia é o principal sintoma, embora não haja desorganização evidente da personalidade em relação à realidade exterior, mas pode haver certo comprometimento da ideação e do raciocínio.
Oligofrenia	Deficiência mental.
Parafrenia	Paranóia. Esquizofrenia.
Paranóia	Forma rara de psicose paranóide, caracterizada pela instalação lenta de um sistema complexo, internamente lógico, de alucinações persecutórias (isto é, perseguições) ou de grandeza, baseado, amiúde, na falsa interpretação de um fenômeno real. O doente geralmente considera-se superior e dotado de dons incomparáveis mesmo divinos.
Pélagos	Mar alto. Abismo.
Psicopata	O indivíduo que entra continuamente em conflito com a conduta aceita, com a lei e com os costumes.
Psicopata abúlico	O indivíduo moralmente irresponsável, que perdeu a capacidade de tomar decisões.

Psicopata amoral	O indivíduo moralmente irresponsável, que age assim por desconhecer os princípios da moral.
Psicopata astênico	O indivíduo moralmente irresponsável e fraco (astenia = fraqueza, perda ou ausência de força).
Psicopatologia	Ramo da ciência que estuda os processos mentais, especialmente quando manifestados por alterações cognitivas perceptuais e intelectuais, durante a evolução de desordens mentais.
Psicose	Transtorno mental caracterizado por desintegração da personalidade, no conflito com a realidade. Personalidade: a totalidade dos traços e dos tipos habituais de conduta do indivíduo, conforme impressionam os demais. Qualidades físicas e mentais (psicológicas) peculiares ao indivíduo e com conotações sociais.
Revel	Parte citada e que não comparece em juízo. Que não faz caso de ordem, citação ou mandato legítimo. Rebelde, insurgente. Esquivo.
Simpatina	Diz relação à simpatia, ou seja, relação mútua entre seres mais ou menos distantes, por meio da qual a alteração em um exerce um efeito sobre o outro. A palavra simpatina parece ser um neologismo, criado por André Luiz, para evidenciar ação mental de um Espírito sobre o outro, quando em sintonia espiritual.



REFERÊNCIAS

1. KARDEC, Allan. *A Gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 46. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. XIV, item 47, p. 306.
2. _____. *O Livro dos Médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 73. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, segunda parte. Cap. XXIII, Item 237, p. 306-307.
3. FRANCO, Divaldo Pereira. *Estudos Espíritas*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1995, p. 143.
4. _____. *Grilhões Partidos*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. 10. ed. Salvador [BA]: Livraria Espírita Alvorada, 1985, p. 17 (O Obsessor).
5. _____. p. 19.
6. _____. *Lampadário Espírita*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996, p. 124 (As Obsessões).
7. FRANCO, Divaldo Pereira & TEIXEIRA, J. Raul. *Diretrizes de Segurança*. 3. ed. Rio de Janeiro: FRÁTER, 1990. Pergunta 96, p. 86 (Escolhos da Mediunidade).
8. PEREIRA, Yvonne A. *Devassando o Invisível*. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, Cap. V (Mistificadores - Obsessores) p. 104.
9. _____. p. 106.
10. _____. p. 179.
11. SHUBERT, Suely Caldas. *Obsessão/Desobsessão*. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, Cap. 13 (O Processo Obsessivo), p. 50.
12. _____. p. 51.
13. _____. Cap. 11(O Obsidiado), p. 61.
14. _____. Cap. 13 (Quem é o Obsessor?), p. 67.
15. _____. p. 70.
16. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Evolução em Dois Mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, primeira parte. Cap. XV (Vampirismo Espiritual), item: Infecções Fluídicas, p. 145-146.
17. _____. *Mecanismos da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 24 (Obsessão), item: Perturbações Morais, p. 186.
18. _____. Item: Reencarnação de enfermos, p. 188-189.
19. XAVIER, Francisco Cândido. *Libertação*. Pelo Espírito André Luiz. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. VI (Observações e novidades), p. 104.
20. _____. *Obreiros da Vida Eterna*. Pelo Espírito André Luiz. 29. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. VIII (Treva e Sofrimento), p. 147.

Objetivos
específicos

- Classificar obsessão quanto a tipos e graus.
- Fazer breve análise dos tipos e dos graus da obsessão.
- Explicar por que a prática mediúnica não produz desequilíbrio mentais.



SUBSÍDIOS

1. TIPOS DE OBSESSÃO

A obsessão comporta vários tipos de expressão, em cujos limites nem sempre é possível estabelecer uma linha divisória. Analisaremos os tipos mais expressivos.

a) Obsessão de encarnado para encarnado

*Pessoas obsidiando pessoas existem em grande número. Estão entre nós. Caracterizam-se pela capacidade que têm de dominar mentalmente aqueles que elegem como vítimas. Este domínio mascara-se com os nomes de ciúme, inveja, paixão, desejo de poder, orgulho, ódio, e é exercido, às vezes, de maneira tão sutil que o dominado se julga extremamente amado. Até mesmo protegido.*¹⁹

*Essas obsessões ocorrem por conta de um amor que se torna tiranizante, demasiadamente possessivo, tolhendo e sufocando a liberdade do outro.*²⁴ *É, por exemplo, o marido que limita a liberdade da esposa, mantendo-a sob o jugo de sua vontade; é a mulher que tiraniza o companheiro, escravizado aos seus caprichos; são os pais que se julgam no direito de governar os filhos, cerceando-lhes toda e qualquer iniciativa; são aqueles que, em nome da amizade, influenciam o outro, mudando-lhe o modo de pensar, exercendo sempre a vontade mais forte, o domínio sobre a que se apresentar mais passiva.*²⁰

b) Obsessão de desencarnado para desencarnado

*São Espíritos que obsidiam Espíritos. Desencarnados que dominam outros desencarnados, são expressões de um mesmo drama que se desenrola tanto na Terra quanto no Plano Espiritual inferior.*²¹

Espíritos [...] endividados e compromissados entre si mesmos, através de as-

*sociedades tenebrosas, de idêntico padrão vibratório, se aglomeram em certas regiões do Espaço, obedecendo à sintonia e à lei de atração, formando hordas que erram sem destino ou se fixam temporariamente em cidades, colônias, núcleos, enfim, de sombras e trevas. Tais núcleos têm dirigentes, que se proclamam juizes, julgadores, chamando a si a tarefa de distribuir justiça aos Espíritos igualmente culpados e também devotados ao mal, ou endurecidos pela revolta e pela descrença.*²² A ação obsessiva manifestada entre desencarnados está claramente explicada em, pelo menos, duas obras espíritas da atualidade.

Na obra *Libertação* – psicografia de Francisco Cândido Xavier, ditada pelo Espírito André Luiz – temos oportunidade de conhecer a história de Gregório, ex-sacerdote católico que, atuando como poderoso dirigente das trevas, se auto-intitulava juiz e mandatário maior de governo estabelecido numa estranha cidade nas regiões inferiores do Plano Espiritual.²⁸ Gregório comandava com punho de ferro uma vasta região habitada por Espíritos que apresentavam as mais variadas expressões de distanciamento do bem, sobretudo os denominados *julgadores*. Estes tomavam conhecimento de ações praticadas por Espíritos desequilibrados, analisava-as e emitiam sentenças condenatórias, mantendo tais Espíritos subjogados.²⁷

Em outra obra espírita, intitulada *Nos Bastidores da Obsessão* – psicografia de Divaldo Pereira Franco e ditada pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda –, há o relato de ações produzidas por outro poderoso obsessivo – o doutor Teofrastus –, que comandava falanges de Espíritos obsidiados, sob o seu domínio, contra os Espíritos encarnados. A história deste infeliz dirigente das trevas – *insigne mago grego, quando na Terra, residente na França, queimado pela Inquisição por volta do ano de 1470, em Ruão, após perseguição impiedosa e nefanda*¹⁸ –, resume-se na sua incapacidade de perdoar àqueles que o perseguiram, deixando-se dominar por doloroso sentimento de vingança.¹⁸

c) *Obsessão de encarnado para desencarnado*

Expressões de amor egoísta e possessivo, por parte dos que ainda estão na carne, redundam em fixação mental daqueles que desencarnam, retendo-os às reminiscências terrestres. Essas emissões mentais constantes, de dor, revolta, remorso e desequilíbrio terminam por imantar o recém-desencarnado aos que ficaram na Terra, não lhe permitindo alcançar o equilíbrio de que carece para enfrentar a nova situação. A inconformação e o desespero, pois, advindos da perda de um ente querido, podem transformar-se em obsessão que irá afligi-lo e atormentá-lo.

Idêntico processo se verifica quando o sentimento que domina o encarnado é o do ódio, da revolta etc. ²³

As brigas e os desentendimentos nas disputas de herança entre herdeiros, fatores geradores de mágoas, podem atrair o Espírito desencarnado, diretamente relacionado com o problema, afligindo-o de tal forma que não consegue se desligar dos familiares. ^{23, 24} A incorformação pelo retorno ao plano espiritual de um ente querido, a saudade inconsolável ou a tristeza profunda após os funerais são outros fatores de fixação, capazes de manter prisioneiro o desencarnado.

d) Obsessão de desencarnado para encarnado

Sendo a mais conhecida, caracteriza-se pelo domínio de um desencarnado sobre alguém que vive no plano físico. As causas são várias. Citaremos algumas delas.

Amores exacerbados, ódios incoercíveis, dominação absolutista, fanatismo injustificável, avareza incontrolável, morbidez ciumentosa, abusos do direito como da força, má distribuição de valores e recursos financeiros, aquisição indigna da posse transitória, paixões políticas e guerreiras, ganância em relação aos bens perecíveis, orgulho e presunção, egoísmo nas suas múltiplas facetas são as fontes geratrizes desse funesto condutor de homens, que não cessa de atirá-los nos resvaladouros da loucura, das enfermidades portadoras de síndromes desconhecidas e perturbantes do suicídio direto ou indireto. ¹¹

e) Obsessão recíproca

Assim [...] como as almas afins e voltadas para o bem cultivam a convivência amigável e fraterna [...] sob outro aspecto, as criaturas se procuram para locupletar-se das vibrações que permutam e nas quais se comprazem. [...] Essa característica de reciprocidade transforma-se em verdadeira simbiose, quando dois seres passam a viver em regime de comunhão de pensamentos e vibrações. Isto ocorre até mesmo entre os encarnados que se unem através do amor desequilibrado, mantendo um relacionamento enervante. São as paixões avassaladoras que tornam os seres totalmente cegos a quaisquer outros acontecimentos e interesses, fechando-se ambos num egoísmo a dois, altamente perturbador. Esses relacionamentos, via de regra, terminam em tragédias se um dos parceiros modificar o seu comportamento em relação ao outro. ²⁵

f) *Auto-obsessão*

Amiúde [...] se atribuem aos Espíritos maldades de que eles são inocentes. Alguns estados doentios e certas aberrações que se lançam à conta de uma causa oculta, derivam do Espírito do próprio indivíduo [...]. O homem não raramente é obsessor de si mesmo. ⁷ É [...] incalculável o número de pessoas que comparecem aos consultórios, queixando-se dos mais diversos males — para os quais não existem medicamentos eficazes — e que são tipicamente portadores de auto-obsessão. São cultivadores de ‘moléstias fantasmas.’ Vivem voltadas para si mesmos, preocupando-se em excesso com a própria saúde [...], descobrindo sintomas, dramatizando as ocorrências do dia-a-dia, sofrendo por antecipação situações que jamais chegarão a se realizar, flagelando-se com o ciúme, a inveja, o egoísmo, o orgulho, o despotismo e transformando-se em doentes imaginários, vítimas de si próprios, atormentados por si mesmos. ²⁶

2. GRAUS DA OBSESSÃO

A obsessão apresenta caracteres diversos, que é preciso distinguir e que resultam do grau do constrangimento e da natureza dos efeitos que produz. A palavra obsessão é, de certo modo, um termo genérico, pelo qual se designa esta espécie de fenômeno, cujas principais variedades são: a obsessão simples, a fascinação e a subjugação. ³

a) *Obsessão simples*

Dá-se a obsessão simples quando um Espírito malfazejo se impõe a um médium, se imiscui, a seu mau grado, nas comunicações que ele recebe, o impede de se comunicar com outros Espíritos e se apresenta em lugar dos que são evocados. Ninguém está obsidiado pelo simples fato de ser enganado por um Espírito mentiroso. O melhor médium se acha exposto a isso, sobretudo, no começo, quando ainda lhe falta experiência necessária, do mesmo modo que, entre nós homens, os mais honestos podem ser enganados por velhacos. Pode-se, pois, ser enganado, sem estar obsidiado. A obsessão consiste na tenacidade de um Espírito, do qual não consegue desembaraçar-se a pessoa sobre quem ele atua.

Podem incluir-se nesta categoria os casos de obsessão física, isto é, a que consiste nas manifestações ruidosas e obstinadas de alguns Espíritos, que fazem se ouçam, espontaneamente, pancadas ou outros ruídos. ⁴

A obsessão simples é parasitose comum em quase todas as criaturas, em se considerando o natural intercurso psíquico vigente em todas as partes do Universo.

*Tendo-se em vista a infinita variedade das posições vibratórias em que se demoram os homens, estes sofrem, quanto influem em tais faixas, sintonizando, por processo normal, com os outros comensais aí situados.*¹²

No momento do sono, encarnados sob o jugo de obsessão simples [...] encontram-se com os seus afins — encarnados ou não —, com os quais se identificam, recebendo mais ampla carga de necessidades falsas [...].

Quando despertam, trazem a mente atribulada, tarda, sob incômodo cansaço físico e psíquico, encontrando dificuldade para fixar os compromissos e lições edificantes da vida.¹³

Na obsessão simples, pode-se instalar idéia fixa, que conduz ao intercâmbio mental com outros Espíritos afins. Surgem, como efeito natural, as síndromes da inquietação: as desconfianças, os estados de insegurança pessoal, as enfermidades de pequena monta, os insucessos em torno do obsidiado que soma as angústias, dando campo a incertezas, a mais ampla perturbação interior.¹³

b) Fascinação

A fascinação tem conseqüências muito mais graves. É uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium e que, de certa forma, lhe paralisa o raciocínio. [...] O médium fascinado não acredita que o estejam enganando: o Espírito tem a arte de lhe inspirar confiança cega, que o impede de ver o embuste [...], ainda quando esse absurdo salte aos olhos de toda gente [...]. Fora erro acreditar que a esse gênero de obsessão só estão sujeitas as pessoas simples, ignorantes e baldas de senso. Dela não se acham isentos nem os homens de mais espírito, os mais instruídos [...]. Compreende-se facilmente toda a diferença que existe entre a obsessão simples e a fascinação [...]. Na primeira, o Espírito que se agarra à pessoa não passa de um importuno pela sua tenacidade e de quem aquela se impacienta por desembaraçar-se. Na segunda, a coisa é muito diversa. Para chegar a tais fins, preciso é que o Espírito seja destro, artiloso e profundamente hipócrita, porquanto não pode operar a mudança e fazer-se acolhido, senão por meio da máscara que toma e de um falso aspecto de virtude [...]. Por isso mesmo, o que o fascinador mais teme são as pessoas que vêem claro. Daí consistir a sua tática, quase sempre, em inspirar ao seu intérprete o afastamento de quem quer que lhe possa abrir os olhos.⁵ À medida que o campo mental da vítima cede área, esta assimila não apenas a indução telepática, mas também as atitudes e formas de ser do seu hóspede.

c) Subjugação

Subjugação é uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a seu mau grado. Numa palavra: o paciente fica sob um verdadeiro jugo. ⁶ No painel das obsessões, à medida que se agrava o quadro da interferência, a vontade do hospedeiro perde os contatos de comando pessoal, na razão direta em que o invasor assume a governança. A [...] subjugação pode ser física, psíquica e, simultaneamente, físico-psíquica.

A primeira, não implica na perda da lucidez intelectual, porquanto a ação dá-se diretamente sobre os centros motores, obrigando o indivíduo, não obstante se negue à obediência, a ceder à violência que o oprime. Neste caso, podem irromper as enfermidades orgânicas, por se criarem condições celulares próprias para a contaminação por vírus e bactérias [...] ou perturbar-se o anabolismo como o catabolismo [...]. No segundo caso, o paciente vai sendo dominado mentalmente, tombando em estado de passividade, não raro sob tortura emocional, chegando a perder por completo a lucidez [...]. Perde temporária ou definitivamente durante a sua atual reencarnação a área da consciência, não se podendo livremente expressar [...]. Por fim, assenhoreia-se, simultaneamente, dos centros do comando motor e domina fisicamente a vítima, que lhe fica inerte, subjugada, cometendo atrocidades em seu nome. ¹⁴

A subjugação é também chamada de possessão, uma vez que há domínio mais severo do obsessor sobre o obsidiado. Se na obsessão o desencarnado age externamente, com o auxílio do seu perispírito, na possessão ele *se substitui, por assim dizer, ao Espírito encarnado; toma-lhe o corpo para domicílio, sem que este, no entanto, seja abandonado pelo seu dono.* [...] Agindo assim, o Espírito desencarnado constri o encarnado a ver, a falar e a agir, ao mesmo tempo que o sobrecarrega de problemas físicos e morais. Simula uma espécie de posse, daí, a expressão possessão.

Ouvindo a mensagem em caráter telepático, transmitida pela mente livre [desencarnado], começa por aceder ao apelo que lhe chega, transformando-se, por fim, em diálogos nos quais se deixa vencer pela pertinácia do tenaz vingador. Justapondo-se sutilmente cérebro a cérebro, mente a mente, vontade dominante sobre vontade que se deixa dominar, órgão a órgão, através do perispírito pelo qual se identifica com o encarnado, a cada cessão feita pelo hospedeiro, mais coercitiva se faz a presença do hóspede, que se transforma em parasita insidioso, [...] a simbiose esdrúxula, em que o poder da fixação da vontade dominadora consegue extinguir a lucidez do dominado, que se deixa apagar. [...] ¹⁷

3. LOUCURA E OBSESSÃO

Todas as grandes preocupações do Espírito podem ocasionar a loucura. [...] A loucura provém de um certo estado patológico do cérebro, instrumento do pensamento. Estando o instrumento desorganizado, o pensamento fica alterado. A loucura é, pois, um efeito consecutivo, cuja causa primária é uma predisposição orgânica, que torna o cérebro mais ou menos acessível a certas impressões. [...] ⁸ Esse fato é tão real que encontramos pessoas que desenvolvem grande atividade mental e nem por isso apresentam sintomas de loucura. Outras, porém, ao influxo da menor excitação nervosa, apresentam sinais de perturbação mental. Existindo uma predisposição para a loucura, toma esta o caráter de preocupação principal, que então se torna idéia fixa; esta poderá ser a dos Espíritos, num indivíduo que deles se tenha ocupado, como poderá ser a de Deus, dos anjos, do diabo, da fortuna, do poder, de uma ciência, da maternidade, de um sistema político ou social. É provável que o louco religioso se tivesse tornado um louco espírita, se o Espiritismo fosse a sua preocupação dominante. ⁹ É muito diáfana a linha divisória entre a sanidade e o desequilíbrio mental. Transita-se de um para outro lado com relativa facilidade, sem que haja, inicialmente, uma mudança expressiva no comportamento da criatura. Ligeira excitação, alguma ocorrência depressiva, uma ansiedade, ou um momento de mágoa, a escassez de recursos financeiros, o impedimento social, a ausência de um trabalho digno, entre muitos outros fatores, podem levar o homem a transferir-se para a outra faixa de saúde mental, alienando-se, temporariamente, e logo podendo retornar à posição regular, à de sanidade. ¹⁶

No aprofundado estudo da etiopatogenia da loucura, não se pode mais descartar as incidências da obsessão, ou o predomínio exercido pelos Espíritos desencarnados sobre os homens [...]. Tendo-se em vista o estágio atual de crescimento moral da Terra e daqueles que a habitam, o intercâmbio entre as mentes que se encontram na mesma faixa de interesse é muito maior do que um observador menos cuidadoso e menos preparado pode imaginar. Atraindo-se pelos gostos e aspirações, vinculando-se mediante afetos doentios, sustentando laços de desequilíbrio decorrente do ódio, assinalados pelas paixões inferiores, exercem constrição mental, e, às vezes, física naqueles que lhes concedem as respostas equivalentes, resultando variadíssimas alienações de natureza obsessiva. ¹⁵

4. MEDIUNIDADE E DESEQUILÍBRIOS MENTAIS

A prática mediúnica não produz loucura como supõem algumas pessoas que desconhecem os ensinamentos espíritas. [...] A mediunidade não produzirá a loucura, quando esta já não exista em germen; porém, existindo este, o bom-senso

está a dizer que se deve usar de cautelas sob todos os pontos de vista, portanto qualquer abalo pode ser prejudicial. ²

Devemos, porém, analisar que a prática mediúnica pode oferecer perigos às pessoas imprudentes, que não têm preparo doutrinário e não possuem certo equilíbrio moral, necessários à neutralização das influências obsessivas. Daí ser necessário investir no preparo doutrinário do trabalhador do grupo mediúnico, promovendo melhor seleção de participantes que deverão compor a equipe da reunião. *Esses perigos, entretanto, têm sido muito exagerados. Em todas as coisas há precauções a adotar. A Física, a Química e a Medicina exigem também prolongados estudos, e o ignorante que pretendesse manipular substâncias químicas, explosivos ou tóxicos, poria em risco a saúde e a própria vida. Não há uma só coisa, conforme o uso que dela fizermos, que não seja boa ou má. É sempre injusto salientar o lado mau das práticas espíritas, sem assinalar os benefícios que delas resultam e que sobrepujam consideravelmente os abusos e as decepções.* ¹⁰



GLOSSÁRIO

Anabolismo	É o metabolismo de síntese ou construtivo, isto é, transformação do material nutritivo em matéria viva, complexa, que será assimilada pelo organismo.
Catabolismo	Desintegração de compostos (substâncias complexas) pelo organismo, separando-se o que lhe é útil e o que será excretado.
Complexos	(Psicanálise) representa um grupo de idéias associadas, com forte tonalidade emocional, transferidas pela mente consciente para o inconsciente e que influenciam a personalidade. Por exemplo: no complexo de inferioridade, a pessoa é tomada por temores e por sentimentos, inconscientes e reprimidos, de incapacidade ou de inadequação, física ou social, ou ambas. Esse estado pode levar à timidez ou à agressividade.
Epidemiológico	Estado ampliado de uma doença. <i>Epidemiologia</i> : ciência que estuda a distribuição e a ocorrência de uma doença.
Esdrúxula	Extravagante, extraordinária.
Etiopatogenia	Causa e evolução (desenrolar, desenvolvimento) de uma doença ou lesão.
Hordas	Tribos nômades, selvagens, que vivem nos campos, nas florestas etc. Podem ser, também, bandos indisciplinados, fora da lei.
Impostergável	Inadiável.

Insidioso	Que surge gradualmente ou quase imperceptivelmente, como uma doença cuja instalação é gradual ou de difícil avaliação quanto ao seu início.
Parasitose	Diz-se de <i>infestação</i> ou <i>infecção</i> por <i>parasitas</i> . <i>Parasito</i> : ser que vive sobre ou no interior de um outro ser, denominado hospedeiro, do qual obtém alimento durante toda ou parte de sua existência. <i>Infestação</i> : presença de parasitas animais na superfície do corpo (p. ex.: o piolho causa infestação). <i>Infecção</i> : invasão — e as consequências desta invasão — de um hospedeiro por microorganismos (bactérias, fungos, vírus etc.).
Simbiose	Associação, mais ou menos íntima, entre organismos (seres) de espécies diferentes, com beneficiamento mútuo.
Sequela	Anomalia consequente a uma moléstia, da qual deriva direta ou indiretamente. Complicação de uma moléstia.



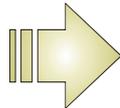
REFERÊNCIAS

1. KARDEC, Allan. *O Livro dos Médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 73. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Segunda parte. Cap. XVIII, item 221, pergunta 5, p. 265.
2. _____. Cap. XXIII, item 237, p. 306-307.
3. _____. Item 238, p. 307.
4. _____. Item 239, p. 307-308.
5. _____. Item 240, p. 309.
6. _____. *Obras Póstumas*. 34. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Primeira parte, item 58 (Da obsessão e da possessão), p. 72.
7. _____. *O Que é o Espiritismo*. 50. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. I, item: Loucuras, suicídio e obsessão, p. 111-112.
8. _____. p. 112.
9. DENIS, Léon. *No Invisível*. Tradução de Leopoldo Cirne. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Terceira parte (Grandezas e misérias de mediunidade), cap. XXII (Prática e perigos da mediunidade), p. 339.
10. FRANCO, Divaldo Pereira. *Obsessão. Estudos Espíritas*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999, Cap. 19 (Obsessão), p. 143.
11. _____. *Nas Fronteiras da Loucura*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. Salvador [BA]: Alvorada, 1982, p. 11 (Análise das obsessões).
12. _____. p. 12.
13. _____. p. 15-16.
14. _____. *Loucura e Obsessão*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998, p. 11.
15. _____. *Nas Fronteiras da Loucura*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. Salvador [BA]: Alvorada, 1982, p. 1.
16. _____. *Nos Bastidores da Obsessão*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. 31. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999, p. 31. (Examinando a obsessão).
17. _____. Cap. 3 (Técnica de obsessão), p. 83-84.
18. SCHUBERT, Suely Caldas. *Obsessão/Desobsessão*. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 5 (As várias expressões de um mesmo problema), p. 34-35 (Encarnado para encarnado).

19. _____. p. 35.
20. _____. p. 36 (Desencarnado para desencarnado).
21. _____. p. 36-37.
22. _____. p. 37 (De encarnado para desencarnado).
23. _____. p. 38 (De desencarnado para encarnado).
24. _____. p. 39 (Obsessão recíproca).
25. _____. p. 40-41 (Auto-obsessão).
26. XAVIER, Francisco Cândido. *Libertação*. Pelo Espírito André Luiz. 27. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, cap. IV (Numa cidade estranha), p. 63-78.
27. _____. Cap. VIII (Inesperada intercessão), p. 125- 127.

ROTEIRO 6

Desobsessão

Objetivos
específicos

- Explicar como se realiza a desobsessão, segundo os fundamentos do Espiritismo.
- Relacionar os requisitos necessários para a melhoria do trabalho de desobsessão no Centro Espírita.



SUBSÍDIOS

*Desobsessão, em sentido amplo, é o processo de regeneração da Humanidade. É o ser humano desvinculando-se do passado sombrio e vencendo a si mesmo. Em sentido restrito, é o tratamento das obsessões, orientado pela Doutrina Espírita.*¹⁶ Trata-se de [...] um processo de libertação, tanto para o algoz [obsessor] quanto para sua vítima [obsidiado].¹⁸ Deve ser entendida, ainda, como [...] remédio moral específico, arejando os caminhos mentais em que nos cabe agir, imunizando-nos contra os perigos da alienação e estabelecendo vantagens ocultas em nós, para nós e em torno de nós, numa extensão que, por enquanto, não somos capazes de calcular. Através dela, desaparecem doenças-fantasmas, empecos obscuros, insucessos, além de obtermos com o seu apoio espiritual mais amplos horizontes ao entendimento da vida e recursos morais inapreciáveis para agir, diante do próximo, com desapego e compreensão.²⁸

1. PREVENÇÃO DAS OBSESSÕES

É importante considerar que em todo processo patológico, seja do corpo físico ou da alma, a prevenção, ou profilaxia, é a base de uma vida sadia. *Profilaxia é o conjunto de medidas preventivas que evitam o aparecimento de doenças. No caso da obsessão — sendo esta doença da alma —, a profilaxia é de vital importância.*¹⁷ A prevenção de qualquer mal se faz pela prática do bem.

Sendo assim, o [...] verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza. Se ele interroga a consciência sobre os seus próprios atos, a si mesmo perguntará se violou essa lei, se não praticou o mal, se fez todo o bem que podia, se desprezou voluntariamente alguma ocasião de ser útil, se ninguém tem qualquer queixa dele; enfim, se fez a outrem tudo o que desejara lhe fizessem. Deposita fé em Deus, na Sua bondade, na Sua justiça e na Sua sabedoria.

Sabe que sem a Sua permissão nada acontece e se Lhe submete à vontade em todas as coisas. [...] Sabe que todas as vicissitudes da vida, todas as dores, todas as decepções são provas ou expiações e as aceita sem murmurar. Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperar paga alguma; retribui o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte, e sacrifica sempre seus interesses à justiça. Encontra satisfação nos benefícios que espalha, nos serviços que presta, no fazer ditosos os outros, nas lágrimas que enxuga, nas consolações que prodigaliza aos aflitos. [...] O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças, nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus [...]. Em todas as circunstâncias, toma por guia a caridade [...]. Não alimenta ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; a exemplo de Jesus, perdoa e esquece as ofensas e só dos benefícios se lembra, por saber que perdoado lhe será conforme houver perdoado. ² Estuda suas próprias imperfeições e trabalha incessantemente em combatê-las. Todos os esforços emprega para poder dizer, no dia seguinte, que alguma coisa traz em si de melhor do que na véspera. ³

2. TRATAMENTO DAS OBSESSÕES

Tratamento difere de prevenção. Deve ser entendido como *aplicação de medidas terapêuticas; terapia*. ⁵ Tratamento pressupõe doação de medidas para combater uma doença em curso. *A doutrina que estuda as obsessões, as suas causas preponderantes e predisponentes — o Espiritismo —, possui recursos excepcionais capazes de vencer essa epidemia cruel que, generalizada, invade hoje todos os seus pontos. São eles: o conhecimento das leis da reencarnação, haurido no Evangelho de Jesus Cristo, e nas revelações espíritas, a oração e a humildade, a paciência e a resignação mediante os quais elabora pela iluminação interior a prática da caridade em todas as expressões — meios enobrecedores capazes de poupar o homem das sortidas do seu pretérito culposo, no qual se encontram as causas da sua aflição, retidas nas mãos infelizes dos Espíritos desavisados e perversos que pululam nas regiões inferiores da Erraticidade.* ¹⁵

É fundamental, na análise desse processo, compreender o papel que obsidiado e obsessão desempenham. Eis algumas características importantes, a serem observadas com relação ao *obsidiado*:

a) Todo obsidiado é um médium em desequilíbrio, por ser uma pessoa enferma.

Por isto mesmo, constitui, em todas as circunstâncias, um caso especial, exigindo muita atenção, prudência e carinho. ²⁹

b) O obsidiado é o principal responsável pela sua cura, a despeito do auxílio recebido.

O obsidiado, além de enfermo, representante de outros enfermos, quase sempre é também uma criatura repleta de torturantes problemas espirituais. Se lhe falta vontade firme para a auto-educação, para a disciplina de si mesma, é quase certo que prolongará sua condição dolorosa além da morte. Que acontece a um homem indiferente ao governo do próprio lar? Indubitavelmente será assediado por mil e uma questões, no curso de cada dia, e acabará vencido, convertendo-se em joguete das circunstâncias. Imagine agora que esse homem indiferente esteja cercado de inimigos que ele mesmo criou, adversários que lhe espreitam os menores gestos, tomados de sinistros propósitos, na maioria das vezes... Se não desperta para as realidades da situação, empunhando as armas da resistência e valendo-se do auxílio exterior que lhe é prestado pelos amigos, é razoável que permaneça esmagado. [...] Em todos os acontecimentos dessa espécie, porém, não se pode prescindir da adesão dos interessados diretos na cura. Se o obsidiado está satisfeito na posição de desequilíbrio, há que esperar o término de sua cegueira, a redução da rebeldia que lhe é própria ou o afastamento da ignorância que lhe oculta a compreensão da verdade. Ante obstáculos dessa natureza, embora sejamos chamados com fervor por aqueles que amam particularmente os enfermos, nada podemos fazer, senão semear o bem para a colheita do futuro, sem qualquer expectativa de proveito imediato.³⁰

Em relação ao obsessor, devemos compreender que se trata de um [...] ser que pensa e age movido por uma razão que lhe parece justa. [...] O principal mister deve ser o de concentrar no enfermo desencarnado as atenções, tratando-o com bondade e respeito, mesmo que se não esteja de acordo com o que faz. Conquistar para íntima renovação o agente infeliz, porquanto toda ação má procede de quem não está bem, por mais escamoteie e disfarce os sentimentos e o próprio estado [...]. Evitar-se a discussão inoperante, forrado de humildade real, na qual transpareça o interesse amoroso pelo bem-estar do outro, que terminará por envolver-se em ondas de confiança e harmonia, de que se beneficiará, mudando de atitude em relação aos propósitos mantidos até então.¹³

O enfermo espiritual geralmente se comunica nas reuniões mediúnicas por meio da psicofonia, forma de mediunidade mais objetiva e produtiva para estabelecimento de diálogo entre os dois planos da vida. Na manifestação dos enfermos espirituais de qualquer natureza, inclusive os obsessores, alguns detalhes merecem ser destacados:

- O manifestante apresenta sempre [...] as deficiências e angústias de que é

*portador, exigindo a conjugação de bondade e segurança, humildade e vigilância no companheiro que lhe dirige a palavra.*²⁰

- [...] *Natural venhamos a compreender no visitante dessa qualidade um doente, para quem cada frase precisa ser medicamento e bálsamo. Claro que não será possível concordar com todas as exigências que formule; no entanto, não é justo reclamar-lhe entendimento normal de que se acha ainda talvez longe de possuir.*²¹

- Deve ser anulado [...] *qualquer intento de discussão ou desafio com entidades comunicantes, dando mesmo razão, algumas vezes, aos Espíritos infelizes e obsessores, reconhecendo que nem sempre a desobsessão real consiste em desfazer o processo obsessivo, de imediato, de vez que, em casos diversos, a separação de obsidiado e obsessor deve ser praticada lentamente [...].*²²

- Quando a tentativa do diálogo revelar-se inoperante, deve ser praticada [...] *a hipnose construtiva [...], no ânimo dos Espíritos sofredores comunicantes, quer usando a sonoterapia para entregá-los à direção e ao tratamento dos instrutores espirituais presentes, efetuando a projeção de quadros mentais proveitosos aos esclarecimentos, improvisando idéias providenciais do ponto de vista de reeducação, quer sugerindo a produção e ministração de medicamentos ou recursos de contenção em favor dos desencarnados que se mostrem menos acessíveis à enfermagem do grupo.*²³

- A escolha do médium que intermediará a manifestação do enfermo espiritual deve ficar a cargo dos orientadores espirituais, uma vez que conhecem o Espírito comunicante e as possibilidades psíquicas de cada médium. Assim, os esclarecedores encarnados [...] *não devem constranger os médiuns psicofônicos a receberem os desencarnados presentes, repetindo ordens e sugestões nesse sentido, atentos ao preceito de espontaneidade, fator essencial ao êxito do intercâmbio.*²⁴

- A reunião mediúnica de atendimento a sofredores assemelha-se à psicoterapia: deve ser vista como tratamento em grupo.²⁵

- Todo trabalho de esclarecimento com o desencarnado deve ser conduzido para a parte essencial do entendimento, que é atingir o centro de interesse do Espírito preso a idéias fixas, para que se lhe descongestione o campo mental.²⁵

- Os integrantes da reunião, sobretudo os médiuns, deverão estar atentos aos problemas característicos dos Espíritos sofredores manifestantes: os desorientados — devido à recém-desencarnação —; os suicidas, os homicidas, os perseguidores e vingadores implacáveis; os que apresentam zoantropia, os vampirizadores etc.²⁶ *Desobsessão não se realiza sem a luz do raciocínio, mas não atinge os fins a*

que se propõe, sem as fontes profundas do sentimento. ²⁷

3. O TRABALHO DESOBSESSIVO NOS GRUPOS MEDIÚNICOS

Toda e qualquer tarefa, especialmente a que se destina ao socorro, exige equipe hábil adredemente preparada para o ministério a que se dedica. ⁶ A equipe que se dedica à desobsessão — e tal ministério somente é credor de fé, possuidor de valor, quando realizado em equipe —, que a seu turno se submete à orientação das Equipes Espirituais Superiores, deve estribar-se numa série incontroversa de itens, de cuja observância decorrem os resultados da tarefa a desenvolver-se. ⁷ Estes itens são os seguintes:

- *harmonia de conjunto, que se consegue pelo exercício da cordialidade entre os diversos membros que se conhecem e se ajudam na esfera do cotidiano;*

- *elevação de propósitos, a cujo programa cada um se entrega, em regime de abnegação, [...] do que decorrem os resultados de natureza espiritual, moral e física dos encarnados e dos desencarnados em socorro;* ⁷

- *conhecimento doutrinário, que capacita os médiuns e os doutrinadores, assistentes e participantes do grupo a uma perfeita identificação, mediante a qual se podem resolver os problemas e dificuldades que surgem, a cada instante, no exercício das tarefas desobsessivas;*

- *concentração, por meio de cujo comportamento se dilatam os registros dos instrumentos mediúnicos, facultando a sintonia com os comunicantes [...];*

- *conduta moral sadia, em cujas bases estejam insculpidas as instruções evangélicas [...];*

- *equilíbrio interior dos médiuns e doutrinadores, uma vez que, somente aqueles que se encontram com a saúde equilibrada estão capacitados para o trabalho em equipe. Pessoas nervosas, versáteis, susceptíveis, bem se depreende, são carentes de auxílio, não se encontrando habilitadas para mais altas realizações, quais as que exigem recolhimento, paciência, afetividade, clima de prece, em esfera de lucidez mental. Não raro, em pleno serviço de socorro aos desencarnados, soam alarmes solicitando atendimento aos membros da esfera física, que se desequilibram facilmente, deixando-se anestésiar pelos tóxicos do sono fisiológico ou pelas interferências da hipnose espiritual inferior.* ⁸

Não é recomendável permitir a participação do enfermo encarnado nas reuniões mediúnicas, evitando o confronto com seu perseguidor, o que, por certo, lhe trará maiores transtornos. No entanto, se o obsidiado comparece

subitamente à reunião, sem aviso prévio, é necessário que o discernimento do conjunto funcione, ativo.

*Na maioria dos acontecimentos dessa ordem, o doente e os acompanhantes podem ser admitidos por momentos rápidos, na fase preparatória dos serviços programados, recebendo passes e orientação para que se dirijam a órgãos de assistência ou doutrinação competentes. [...] Findo o socorro, breve, retirar-se-ão do recinto.*¹⁹

O obsidiado, de qualquer natureza, deve receber o auxílio magnético-espiritual do passe e da água fluidificada. *É necessária a aplicação dos recursos fluidicos, seja através do passe ou da água fluidificada, da oração intercessória com que se vitalizem os núcleos geradores de forças.*¹³

- Solicitar a frequência do irmão às reuniões públicas de estudo doutrinário para iluminação da sua consciência. Ouvindo essas explicações, criará um clima adequado à atuação dos benfeitores espirituais, em benefício próprio e no do seu perseguidor.

- Atender ao obsidiado em dia e hora previamente especificados para que, por meio do diálogo fraterno, ele seja esclarecido sobre a necessidade de educar-se à luz do Evangelho.

- *Insistir junto a ele com afabilidade, pela transformação moral criando em torno de si condições psíquicas harmônicas, com o que se refará emocionalmente, estimulando-se a contribuir com a parte que lhe diz respeito.*¹³

- Orientá-lo a participar das atividades de assistência social do Centro Espírita.

Atraí-lo a ações dignificantes e de beneficência, com o que granjeará simpatias e vibrações positivas, que o fortalecerão, mudando o seu campo psíquico.

- *Estimular-lhe o hábito da oração e da leitura edificante, ao mesmo tempo trabalhando-lhe o caráter, que se deve tornar maleável ao bem e refratário ao vício.*

*As mentes viciosas encharcam-se de vibriões e parasitas extravagantes, dementados pelo desdobrar dos excessos perniciosos.*¹⁴ *Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso meio de que se dispõe para demover de seus propósitos maléficos o obsessor.*¹ *Para [...] assegurar a libertação da vítima, indispensável se torna que o Espírito perverso seja levado a renunciar aos seus maus desígnios; que se faça que o arrependimento desponte nele, assim como o desejo do bem [...]. Pode-*

*se então ter a grata satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito. O trabalho se torna mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, para ele concorre com a vontade e a prece.*¹

- A equipe de socorro espiritual do Centro Espírita deve avaliar se o obsidiado necessita ou não de trabalho profissional médico ou psicológico, concomitante ao atendimento espírita. Se a avaliação for favorável, esta deve ser sugerida ao doente. Caso já exista atendimento médico prévio, a equipe do Centro Espírita não deve alterar ou suprimir os medicamentos receitados, em nenhuma hipótese.

Basicamente, este é o trabalho desobsessivo espírita; no entanto, sabemos que *as imperfeições morais do obsidiado constituem, frequentemente, um obstáculo à sua libertação.*⁴

4. A FAMÍLIA DO OBSIDIADO

*Vinculados aos Espíritos no agrupamento familiar pelas necessidades da evolução em reajustamentos recíprocos, no problema da obsessão, os que acompanham o paciente estão fortemente ligados ao fator predisponente, caso não hajam sido os responsáveis pelo insucesso do passado, agora convocados à cooperação no ajustamento de contas.*⁹ *Por isso, torna-se imprescindível, nos processos de desobsessão, seja a família do paciente alertada para as responsabilidades que lhes dizem respeito, de modo a não transferir ao enfermo toda a culpa ou dele não se desejar libertar, como se a Sabedoria Celeste, ao convocar o calceta ao refazimento, estivesse laborando em erro, produzindo sofrimento naqueles que nada teriam a ver com a problemática do que padece. Tudo é muito sábio nos Códigos Superiores da Vida. Ninguém os desrespeitará impunemente.*¹⁰

A família e os amigos do obsidiado poderão colaborar, por exemplo, da seguinte forma:

- cercar o enfermo com manifestações de carinho, atenção e amor;
- acompanhá-lo durante o atendimento espírita e, se for o caso, durante o tratamento médico ou psicológico;
- envolvê-lo em vibrações harmônicas de prece;
- fazer o culto do Evangelho no Lar, favorecendo a participação do enfermo.

O conhecimento da problemática obsessão/desobsessão exige tempo, dedicação e estudo. Nem sempre conseguiremos resultados imediatos. *Mister se faz*

confiar na Divina Providência e insistir. ¹¹ É uma tarefa sacrificial que demanda paciência e humildade como normativas disciplinantes. Considerando, pois, toda essa complexidade que a desobsessão envolve, devemos confiar na misericórdia de Jesus, lembrando que *Ele não se impôs a ninguém. Não pretendeu transformar ninguém num só golpe. Semeou sua mensagem de amor, amando sem queixas e sem imposições de qualquer natureza, espalhando, através da renúncia aos gozos terrenos, as bases da felicidade e da paz. E diante dos obsidiados, amando perseguidos e perseguidores, lecionou misericórdia, libertando os obsessos dos seus obsessores, dizendo-lhes, porém, com segurança e sem qualquer retórica: «Não tornes a pecar», como a afirmar que a saúde é bem que nasce no coração e se expande estuante por toda a parte.* ¹²

Como a desobsessão é um trabalho árduo, que exige dos dirigentes e da equipe devotada a este gênero de atividade no Centro Espírita muita paciência e amor ao próximo, bem como conhecimento doutrinário espírita e experiência no assunto, é importante que alguns requisitos sejam destacados, a fim de que a tarefa produza bons frutos:

- dirigentes, médiuns e colaboradores dessa tarefa devem ser pessoas experientes tanto quanto conhecedoras e estudiosas da Doutrina Espírita;
- os responsáveis diretos pelo trabalho da desobsessão devem conhecer o processo obsessivo e saber analisá-lo com lucidez, para entenderem a trama em que obsessor e obsidiado estão envolvidos. É importante que remontem às causas que geraram a obsessão;
- a família ou os amigos próximos do obsidiado devem ser envolvidos no processo de desobsessão;
- os responsáveis por essa tarefa, após análise cuidadosa do caso, podem sugerir atendimento médico-psicológico, concomitante à desobsessão.



GLOSSÁRIO

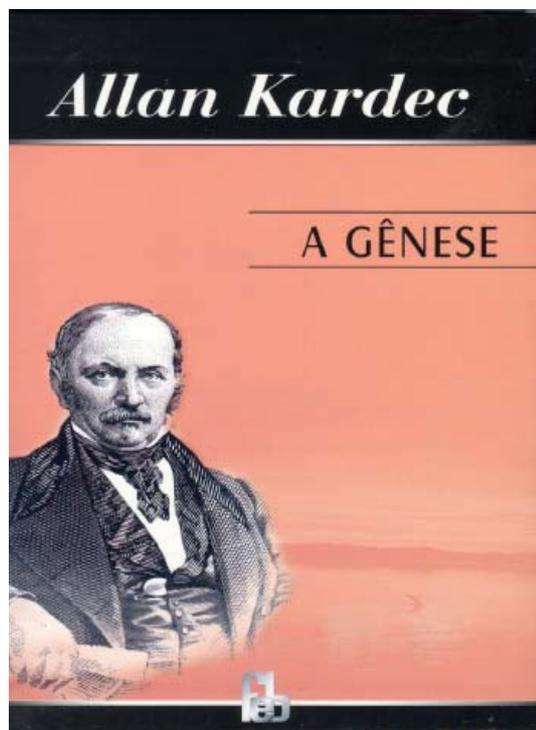
Calceta	Condenado a trabalhos forçados.
Escamoteia	Que faz desaparecer; que faz levar sumiço; que encobre com subterfúgios.
Psicoterapia	Tratamento de qualquer moléstia, especialmente de desajustes emotivos e transtornos mentais, por meios psicológicos, isto é, pela comunicação verbal ou não com os pacientes, em contraste com a terapêutica baseada em meios físicos ou medicamentos.



REFERÊNCIAS

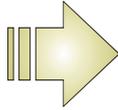
1. KARDEC, Allan. *A Gênese*. Tradução de Guillon Ribeiro. 46. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. XIV, item 46, p. 305-306.
2. _____. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 124. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. XVII, item 3, p. 272-273.
3. _____. p. 274.
4. _____. *O Livro dos Médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 73. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Segunda Parte. Cap. XXIII, item 252, p. 318.
5. DICIONÁRIO MÉDICO BLAKISTON. Diversos tradutores. 25 ed. São Paulo: Editora Andrei, 1997, p.1046.
6. FRANCO, Divaldo Pereira. *Grilhões Partidos*. Pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda. 3. ed. Salvador [BA]: Alvorada, 1981, p. 13 (A equipe de trabalho).
7. _____. p. 14.
8. _____. p. 15.
9. _____. p. 23.
10. _____. p. 24.
11. _____. *Lampadário Espírita*. Pelo Espírito Joanna de Ângelis. 7. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005, Cap. 19 (Desobsessão), p. 83.
12. _____. p. 85-86.
13. _____. *Nas Fronteiras da Loucura*. Pelo Espírito Manoel P. de Miranda. Salvador [BA]: Alvorada, 1982, p. 17 (Terapia desobsessiva).
14. _____. p. 18.
15. _____. *Sementes de Vida Eterna*. Por diversos Espíritos. Salvador [BA]: Livraria Espírita Alvorada, 1978, p.189 (Mensagem de Eurípedes Barsanulfo).
16. SCHUBERT, Suely Caldas. *Obsessão/Desobsessão*. 17. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Terceira parte (Reunião de desobsessão), cap. 1 (A Desobsessão), p. 125.
17. _____. Quarta parte (A desobsessão natural), cap. 1 (Profilaxia das obsessões) p. 187.

18. _____. *Testemunhos de Chico Xavier*. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998. Item: Libertação. _____. Referência ao «Voltei», p. 261.
19. XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo. *Desobsessão*. Pelo Espírito André Luiz. 25. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, cap. 23 (Chegada Inesperada do doente), p. 95.
20. _____. Cap. 32 (Manifestação do enfermo espiritual - 1), p. 125.
21. _____. p. 125-126.
22. _____. Cap. 33 (Manifestação do enfermo espiritual - 2), p. 129-130.
23. _____. p. 130.
24. _____. Cap. 34 (Manifestação do enfermo espiritual - 3), p. 133.
25. _____. p. 134.
26. _____. Cap. 36 (Manifestação do enfermo espiritual - 5), p. 139.
27. _____. p. 140.
28. _____. Cap. 64 (Benefícios da desobsessão), p. 222.
29. XAVIER, Francisco Cândido. *Missionários da Luz*. Pelo Espírito André Luiz. 39. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 18 (Obsessão), p. 275.
30. _____. p. 379-380.



Conteúdo: Harmonização Psíquica

Objetivos específicos



- Identificar, na harmonização psíquica, um meio que conduz ao autoconhecimento e ao equilíbrio espiritual.
- Destacar a importância da harmonização nas reuniões de intercâmbio mediúnico.



A harmonização psíquica permite à pessoa raciocinar sobre a importância de seu autoconhecimento, para que possa ser mais feliz ou, pelo menos, mais integrada em um mundo, como o em que estamos vivendo, sujeito a transformações constantes e rápidas. O ser humano que se empenha em buscar a paz íntima, mesmo que viva sob o peso de grandes responsabilidades, às voltas com dificuldades dolorosas ou estressantes, aprende a encarar a vida de frente, sem medos ou angústias, que tanto têm desarmonizado as pessoas.

TRABALHO PRÁTICO DE HARMONIZAÇÃO PSÍQUICA

- 1º) Na primeira reunião prática introdutória do tema, deve-se explicar o que é harmonização psíquica, a que fins se propõe e qual o meio de obtê-la. Esclarecer que em todas as reuniões, a partir desta introdutória, serão reservados alguns minutos para que o participante aprenda a buscar recursos íntimos de harmonização psíquica, o que irá favorecer sua atuação equilibrada no trabalho mediúnico.
- 2º) Explicar, com ênfase, que a harmonização psíquica é um trabalho de toda hora, de todos os dias. Logo, os exercícios de relaxamento ou os de meditação, bem como os da prática da prece, aqui indicados, devem estar associados à aquisição de hábitos de vida saudáveis.
- 3º) Destinar alguns minutos da reunião, de preferência no início, para fazer exercícios que favorecem a harmonização psíquica.
- 4º) Observar se todos os alunos estão participando dos exercícios, caso contrário, analisar em conjunto as causas e buscar soluções. É importante que os participantes aprendam a ver o grupo como um todo coletivo, em que cada um possa contribuir para o seu próprio equilíbrio e para o equilíbrio geral.
- 5º) Os exercícios de prece e de irradiação mental devem vir após os exercícios de harmonização psíquica.



ANEXO

Estudo e Prática da Mediunidade
Programa I
Prática
Conteúdo: Harmonização Psíquica

HARMONIZAÇÃO PSÍQUICA

O termo harmonização psíquica está relacionado ao substantivo harmonia, no sentido de paz. O Espiritismo entende a harmonização psíquica como sendo a capacidade de alguém obter paz ou equilíbrio espiritual. Falar em paz ou equilíbrio espiritual para quem vive num mundo atribulado como o nosso pode parecer utopia, uma irrealdade. De fato a vida não é fácil aqui, uma vez que habitamos um mundo de expiações e provas. Viver sob o guante da dor, mas entendendo a sua razão de ser, nos permite desenvolver esforços para atenuá-la ou tomá-la suportável. Situação oposta acontece quando desconhecemos a causa do sofrimento: somos arrastados pela dor, nos entregando, desesperançados, aos seus braços, triplicando, assim o mal-estar. Neste sentido, esclarece a Doutrina Espírita que a paz de espírito é possível de ser conseguida pelo desenvolvimento do autoconhecimento e pela transformação moral.

Sobre o autoconhecimento nos informa Santo Agostinho, em *O Livro dos Espíritos*, questão 919: *Um sábio da antiguidade vo-lo disse: Conhece-te a ti mesmo. Conhecemos toda a sabedoria desta máxima, porém a dificuldade está precisamente em cada um conhecer-se a si mesmo. Qual o meio de consegui-lo? Fazei o que eu fazia, quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava revista ao que fizera e perguntava a mim mesmo se não faltara a algum dever, se ninguém tivera motivo para de mim se queixar. Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver o que em mim precisava de reforma. Aquele que, todas as noites, evocasse todas as ações que praticara durante o dia e inquirisse de si mesmo o bem ou o mal que houvera feito, rogando a Deus e ao seu anjo de guarda que o esclarecessem, grande força adquiriria para se aperfeiçoar, porque, crede-me, Deus o assistiria. [...] O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do progresso individual. [...] Examinai o que pudestes ter obrado contra Deus, depois contra o vosso próximo e, finalmente, contra vós mesmos. As respostas vos darão, ou o descanso para a vossa consciência, ou a indicação de um mal que precise ser curado. [...] Quando estiverdes indecisos sobre o valor de uma de vossas ações, inquiri como a qualificaríeis, se praticada por outra pessoa. Se a censurais noutrem, não na poder eis ter por legítima quando fordes o seu autor, pois que Deus não usa de duas medidas na aplicação de sua justiça. Procurai também saber o que dela pensam os vossos semelhantes e não*

desprezeis a opinião dos vossos inimigos, porquanto esses nenhum interesse têm em mascarar a verdade e Deus muitas vezes os coloca ao vosso lado como um espelho, a fim de que sejais advertidos com mais franqueza do que o faria um amigo.

O autoconhecimento conduz, naturalmente, à necessidade de nos transformarmos moralmente, como condição de felicidade. Assim, o primeiro passo para que a nossa reforma moral ocorra consiste em identificar os vícios ou más tendências que possuímos e, em seguida, procurar combatê-los. Reforma ou transformação moral é a busca de virtudes, o que se faz combatendo vícios e paixões inferiores. O maior de todos os vícios é o egoísmo, esclarecem-nos os Espíritos Superiores. [...] *Daí deriva todo mal. Estudai todos os vícios e vereis que no fundo de todos há egoísmo. Por mais que Ihes deis combate, não chegareis a extirpá-los, enquanto não atacardes o mal pela raiz, enquanto não lhe houverdes destruído a causa. Tendão, pois, todos os esforços para esse efeito, porquanto aí é que está a verdadeira chaga da sociedade. Quem quiser, desde esta vida, ir aproximando-se da perfeição moral, deve expurgar o seu, coração de todo sentimento de egoísmo, visto ser o egoísmo incompatível com a justiça, o amor e a caridade. Ele neutraliza todas as outras qualidades.* (O Livro dos Espíritos, questão 913). Outro vício, causa de grandes sofrimentos, é o orgulho. Segundo mensagem de um Espírito Protetor, constante em *O Evangelho segundo o Espiritismo* (capítulo IX, item 9), o orgulho nos induz a julgar-nos mais do que somos; a não suportarmos uma comparação que nos possa rebaixar; a considerarmo-nos, ao contrário, tão acima dos nossos irmãos, quer em espírito, quer em posição social, quer mesmo em vantagens pessoais, que o menor paralelo nos irrita e aborrece. Dessa forma, devemos elaborar um programa de melhoria moral, procurando exercitar, cotidianamente, a nossa incessante busca pela paz, por harmonização psíquica.

A finalidade dos exercícios de harmonização psíquica é oferecer condições para que os participantes desenvolvam a conscientização sobre a necessidade da transformação moral, regra básica para a conquista da paz espiritual, aprendendo a domar as paixões inferiores ou as más inclinações, e a aperfeiçoar virtudes, por meio do autoconhecimento e do conhecimento do próximo.

1. PLANO DE MELHORIA MORAL (1)

ROTEIRO

- Os participantes, organizados em grupos, recebem cópias do texto O Anjo Consertador, colocado abaixo, para leitura e troca de idéias.

- Em seguida, elabora um plano de melhoria moral, utilizando como referência o formulário “Plano de melhoria moral”, inserido após o texto de leitura.
- Os representantes dos grupos apresentam, em plenária, os planos de melhoria moral.
- O dinamizador analisa as apresentações, esclarecendo possíveis dúvidas.

TEXTO: O Anjo Consertador (Irmão X/Francisco Cândido Xavier: *Luz Acima*, cap. 12, editora FEB).

Quando o crente enfermo conseguiu encontrar, após longas súplicas, o Anjo Consertador, prosternou-se, reverente, e falou, banhado em lágrimas:

— Benfeitor Celeste, socorre-me, por piedade! Trago o estigma do fracasso. Sou profundamente infeliz!... Contra mim permanecem associadas todas as forças do mal. [...] Meus negócios falham, meus interesses sofrem prejuízo infindáveis, minha saúde perece... Vivo coberto de preocupações e sofrimentos... Em balde busco o auxílio da prece... Deteve-se o emissário angélico e auscultou delicadamente o desventurado. Mirou-o, compadecido, e considerou:

— Meu amigo, você tem fé?

— Sim — respondeu o sofredor —, minha confiança em Jesus é ilimitada.

— E deseja restabelecer sua paz, aplainar seu caminho?

— Suspiro por semelhantes realizações.

O instrutor fez pequena pausa e acrescentou:

— Você sabe que o homem é peça viva, dono de uma consciência própria, senhor de uma razão pessoal e herdeiro de Deus....

PLANO DE MELHORIA MORAL					
Vícios / Imperfeições a Vencer	Virtudes / Qualidades a Conquistar	Plano Diário de Ação		Execução do Plano	Superação de Obstáculos
		No Combate aos Vícios	Na Conquista das Qualidades		
Avaliação dos Resultados:					

2. PLANO DE MELHORIA MORAL (2)

ROTEIRO (trabalho em grupo ou individual)

- Destacar, na mensagem *Siga Feliz* idéias consideradas fundamentais para se obter a harmonização espiritual. Em seguida, preencher o formulário, orientando-se pelo exemplo ali existente.
- Pedir aos participantes que apresentem os resultados do trabalho, esclarecendo possíveis dúvidas.

PLANO BÁSICO DE HARMONIZAÇÃO PSÍQUICA		
IDÉIAS DO TEXTO	O QUE FAZER DIARIAMENTE	COMO SUPERAR OBSTÁCULOS
1. Viver em paz.	Orar; ouvir mais/falar menos; participar de serviço gratuito ao próximo, etc.	Disciplinar: horários, atividades, atitudes. Cumprir o prometido, etc.

Siga Feliz (*)

André Luiz

Viva em paz com a sua consciência.

Sempre que você se compare com alguém, evite o orgulho e desprezo, reconhecendo que em todos os lugares existem criaturas acima e abaixo de sua posição.

Consagre-se ao trabalho que abraçou, realizando com ele o melhor que você possa, no apoio ao bem comum.

Trate o seu corpo na condição de primoroso instrumento, qual se deve a maior atenção no desempenho da própria tarefa.

Ainda que se veja sob graves ofensas, não guarde ressentimento, observando que somos todos — os Espíritos em evolução na Terra — suscetíveis de errar.

Cultive sinceridade com bondade para que a franqueza agressiva não lhe estrague belos momentos no mundo. Procure companhias que lhe possam doar melhoria de espírito e nobreza de sentimentos.

Converse humanizando ou elevando aquilo que se fala.

Não exija da vida aquilo que a vida ainda não lhe deu, mas siga em frente no esforço de merecer a realização dos seus ideais.

E, trabalhando e servindo sempre, você obterá prodígios, no tempo, com a bênção de Deus.

(*) XAVIER, Francisco Cândido. *Momentos de Ouro*. Diversos Espíritos. 1.ed. São Bernardo do Campo [SP]: GEEM, 1977, p. 131-134.

3. CONHECENDO OS MEUS COLEGAS

DINÂMICA: *Sinta a minha dificuldade!*

ROTEIRO

- Cada participante registra numa tira de papel um defeito ou uma dificuldade que acredita possuir. Este registro deve ser feito em letra de forma (caixa alta) com o intuito de manter em segredo a identidade de quem fez o registro.
- Em sequência, dobrar a tira de papel e a colocá-la numa caixa.

- Os participantes devem retirar uma tira de papel da caixa (é importante que nenhum retire o próprio registro. Caso isto aconteça, substituí-lo por outro); ler o que está escrito no papel e dramatizar, por palavras, gestos, ou ambos, a dificuldade ali registrada, procurando vivenciá-la como se tivesse este defeito.
- Ao final, os participantes opinam sobre as atividades desenvolvidas, fazendo uma apreciação geral sobre as dificuldades dramatizadas.

4. VISÃO DO FUTURO

DINÂMICA: *refletindo na própria desencarnação*

ROTEIRO

- Participantes sentados em círculo, com lápis e papel na mão.
- Escrevem um pseudônimo no canto superior direito da folha, como identificação (os colegas nada devem saber a respeito desta identificação).
- A um sinal do dinamizador, cada participante registra no papel, de forma legível, a frase: *Quando eu desencarnar....*
- Em seguida, completar, de forma objetiva, a frase escrita. O tempo disponível é de 60 segundos, (caso não consiga, não tem importância).
- Terminado o tempo, passar, imediatamente, a folha para o colega sentado à direita. Este, por sua vez, completa por escrito as idéias registradas pelo colega. O tempo para esta atividade é, também, de 60 segundos.
- Continuar o rodízio até que cada um receba, de volta, a própria folha de papel.
- Ao final, cada participante faz a leitura da programação desencarnatória que lhe foi estabelecida, opinando a respeito.
- O dinamizador propõe a escolha da melhor programação desencarnatória, oferecendo ao vencedor uma página doutrinária sobre o assunto.

5. AUTOCONHECIMENTO (I)

DINÂMICA: *Quem sou eu?*

ROTEIRO

- Participantes sentados em círculo recebem do dinamizador um cartão contendo três perguntas: *Quais são as minhas raízes? Que tipo de pessoa eu sou?*

Quais são as minhas expectativas de vida?

- Os participantes fazem a leitura das perguntas, dando as respostas, de forma objetiva, no verso do cartão.
- Terminada essa etapa, o dinamizador recolhe, embaralha e redistribui os cartões. É importante que nenhum dos participantes receba o próprio cartão.
- Em seguida, os participantes devem ler o conteúdo do cartão recebido, procurando descobrir quem é o autor das respostas. Não ocorrendo a identificação, solicitar o auxílio dos colegas e do dinamizador, ou, caso haja consenso, pedir ao dono do cartão que se identifique.

6. AUTOCONHECIMENTO (II)

DINÂMICA: *Estimulando a inteligência verbal ou linguística*

ROTEIRO

- Pedir aos participantes que apresentem, sob a forma de prosa, a seguinte poesia de André Luiz, constante do livro *Agenda Cristã*, psicografia de Francisco C. Xavier. Editora FEB, item 5.

Medicamentos Evangélicos

Ajude sempre.	Discuta serenamente.
Faça luz.	Semeie paz.
Jamais desespere.	Espalhe bênçãos.
Aprenda incessantemente.	Lute, elevando.
Pense muito.	Seja alegre.
Medite mais.	Viva desassombrado.
Fale pouco.	Demonstre coragem.
Retifique, amando.	Revele calma.
Trabalhe feliz.	Respeite tudo.
Dirija, equilibrado.	Ore, confiante.
Obedeça, contente.	Vigie, benevolente.
Não se queixe.	Caminhe, melhorando.
Siga adiante.	Sirva hoje.
Repare além.	Espere o amanhã.
Veja longe.	

7. AUTOCONHECIMENTO (III)

DINÂMICA: *Código evolutivo* (estimulando a inteligência lógico-matemática)

ROTEIRO

- Os participantes devem elaborar, em grupo, uma linha ascensional do ser humano, tendo como base a escala espírita existente em *O Livro dos Espíritos*, questões 100 a 113. A dinâmica fica mais interessante se cada grupo trabalhar um nível de classificação da escala espírita (grupo um: ordem dos *Espíritos Imperfeitos*; grupo dois: ordem dos *Bons Espíritos*; grupo três: ordem dos *Espíritos Puros*). Os passos para a construção do código evolutivo são os seguintes: a) seleção dos tipos evolutivos que fazem parte de um agrupamento geral; b) registro das características básicas de cada tipo evolutivo em tiras de cartolina; c) montagem da linha ascensional dos tipos evolutivos, em quadro mural; d) apresentação do mural, em plenária, destacando as características dos tipos evolutivos.
- O monitor avalia o quadro-mural organizado pelos grupos.

8. AUTOCONHECIMENTO (IV)

DINÂMICA: *Álbum de família* (estimulando a inteligência espacial)

ROTEIRO

- Os participantes recebem vários recortes, contendo figuras ou fotos de pessoas nas várias etapas da vida, do nascimento à velhice. O trabalho grupal prevê: a) seriação das figuras de acordo com a evolução etária; b) construção de um quadro-mural, denominado *álbum de família*, especialmente organizado em função das diferentes etapas da vida das pessoas identificadas nas gravuras.

9. AUTOCONHECIMENTO (V)

DINÂMICA: *Musicalizando* (estimulando a inteligência musical)

ROTEIRO

- Os participantes são convidados a formarem um conjunto musical (banda, coral, grupo de dança, orquestra etc), de acordo com os seguintes passos: a) seleção de uma música que servirá de base para a construção do conjunto musical; b) utilização de tampas de panela, panela, apito, colheres, caixa de fósforos, fósforos, castanholas, cornetas etc., como “instrumentos musicais”; c) apresentação do conjunto musical, em plenária.

- O monitor pede aos participantes para relatar as dificuldades e as facilidades na realização da dinâmica.
- Em seguida, avalia o trabalho (música selecionada, ritmo ou cadência, harmonia etc).

10. AUTOCONHECIMENTO (VI)

DINÂMICA: *Construindo um móbile* (estimulando a inteligência cinestésico-corporal).

ROTEIRO

- Os participantes são convidados a formarem grupos para a construção de um móbile, por meio do *jogo dos cabides*. Na construção do móbile, é necessário obedecer a estas etapas: a) a turma deve ser organizada em 3 mini-grupos; b) o móbile deve ter 30 cabides, tendo como referência 1 cabide-guia, de cor vermelha; c) em cada nível do móbile deve predominar apenas uma cor de cabides; d) os cabides devem ter o mesmo tamanho para manter o equilíbrio do móbile; e) não deve ocorrer troca de cabides após a distribuição dos mesmos.

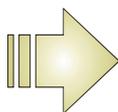
O quadro seguinte mostra a distribuição dos cabides, tendo em vista a realização adequada da dinâmica:

CORES	GRUPO 1	GRUPO 2	GRUPO 3
Amarela	1 cabide	1 cabide	Nenhum cabide
Azul	1 cabide	1 cabide	2 cabides
Branca	3 cabides	3 cabides	2 cabides
Preta	5 cabides	5 cabides	6 cabides
Total	10 cabides	10 cabides	10 cabides
1 cabide-guia de cor vermelha.			

- O monitor pede aos participantes que relatem as dificuldades e as facilidades encontradas na realização da dinâmica.
- Em seguida, avalia o trabalho.

Resumo Informativo

Objetivos específicos



- Elaborar resumo informativo das obras espíritas selecionadas.
- Fazer apresentação do resumo realizado.



O resumo informativo das obras espíritas abaixo relacionadas deve seguir as *Considerações Gerais*, para a realização das atividades complementares.

RESUMO INFORMATIVO DE:

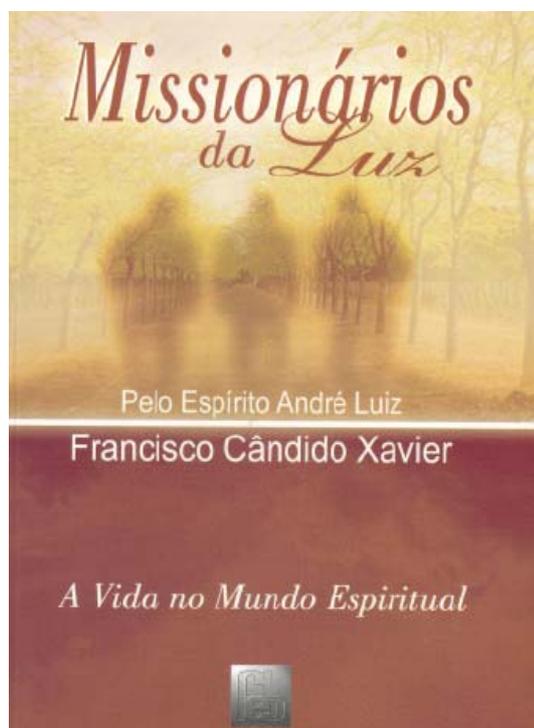
O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec. Edição FEB.

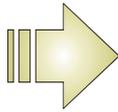
- Capítulo VI: *Das manifestações visuais*. (Segunda parte)
- Capítulo XIV: *Dos médiuns*. (Segunda parte)
- Capítulo XXIII: *Da obsessão*. (Segunda parte)

O Evangelho segundo o Espiritismo, de Allan Kardec. Edição FEB.

- Capítulo XI: *Amar o próximo como a si mesmo*.
- Capítulo XII: *Amai os vossos inimigos*.
- Capítulo XXVI: *Dai gratuitamente o que gratuitamente recebestes*.

A Gênese, de Allan Kardec. Edição FEB.



Conduta Espírita: O exercício gratuito e devotado da mediunidade como instrumento de progresso espiritual.**Objetivos específicos**

- Fazer estudo de caso, tendo como fundamento o referencial teórico e prático transmitido nas reuniões.
- Estabelecer correlação entre conhecimento de mediunidade, obsessão, desobsessão e a importância da prática gratuita e devotada da mediunidade.

**Sugestões ao instrutor para aplicação do roteiro de conduta espírita**

- a) No início da reunião, explicar aos alunos que a culminância do Módulo 3 será feita por meio de estudo de um caso, extraído da obra *Os Mensageiros*, psicografia de Francisco C. Xavier, ditada pelo Espírito André Luiz, edição FEB.
- b) Apresentar, com clareza, todas as etapas para a realização do estudo de caso (anexo 3).
- c) Distribuir o texto que contém o relato escrito do caso a ser estudado (anexo 1). O caso pode ser apresentado verbalmente; no entanto, exige do professor boa capacidade de narração e redobrada atenção dos alunos.
- d) Pedir aos participantes que leiam, individualmente, o texto, realizando anotações à margem do mesmo, sublinhando ou destacando frases.

e) Solicitar aos alunos que, individualmente ou reunidos em grupos, façam o exercício proposto. O objetivo deste exercício é facilitar a resolução do assunto, uma vez que as conclusões deverão ser apresentadas no espaço de tempo da aula.

f) Solicitar aos alunos a elaboração das conclusões que o estudo do caso suscita.

Obs.: As conclusões ou apreciações sobre o caso podem ser sistematizadas de forma lógica e metódica, por meio de uma *ficha de estudo de caso*. No anexo 4 está inserido um modelo dessa ficha, a título de sugestão.

g) Pedir aos alunos que apresentem, em plenária, as conclusões a que chegaram, anotando-as em quadro-de-giz ou *flip-chart*.

h) O instrutor deve apresentar, em seguida, a solução, a apreciação ou a crítica que o caso já tenha recebido, para a devida comparação com as soluções apresentadas pela classe. (Veja anexo 2 - Solução do Caso Acelino)

i) Promover ampla discussão do assunto, comparando as conclusões do grupo com a solução já dada ao caso.



ANEXO 1

Estudo e Prática da Mediunidade
Programa I - Módulo III
Culminância do Módulo
Textos para estudo individual ou em grupo

O DESASTRE DE ACELINO

O Espírito André Luiz nos relata o caso de Acelino, um companheiro que ele conheceu na colônia espiritual *Nosso Lar*.

Acelino era um Espírito proveniente de *Nosso Lar*, reencarnado, no início do século atual, em uma das grandes cidades brasileiras, após ter recebido valioso patrimônio instrutivo no plano espiritual, necessário ao trabalho que ele deveria realizar no plano físico.

A preparação para os encargos que deveria assumir na experiência terrestre foi diretamente presidida por uma das ministras dessa Colônia.

No seu planejamento reencarnatório geral, estavam previstos:

- a) casamento com Ruth, devotada companheira, que o auxiliaria no desempenho das tarefas;
- b) eclosão da mediunidade, com a idade de vinte anos;
- c) garantia de amparo espiritual dos benfeitores, nas tarefas mediúnicas, para o exercício equilibrado das faculdades de vidência, audição e psicografia.

As manifestações mediúnicas de Acelino aconteceram em época oportuna, representando motivo de sincera satisfação dos companheiros encarnados do grupo mediúnico a que ele estava filiado, uma vez que as atividades de intercâmbio espiritual tomaram novo impulso, ao beneficiar um grande número de sofredores que buscavam consolo e esclarecimento no grupo.

As coisas estavam caminhando dessa forma, quando Acelino passou a albergar idéias de transformar o exercício mediúnico numa fonte de renda financeira. Para tanto, estipulou um valor monetário para as suas tarefas mediúnicas.

Os argumentos que ele usou para justificar a profissionalização da mediunidade foram:

- o serviço mediúnico era um serviço igual a outro qualquer;
- tanto era verdade, afirmava, que os sacerdotes católicos e os pastores

evangélicos recebiam remuneração;

– convenceu-se de que, se as pessoas pagam para curar os males do corpo, deveriam, com mais razão, pagar para obter benefícios espirituais;

– concluiu que, apesar das soluções dos problemas serem, originalmente, dadas pelos Espíritos, estes contavam, no entanto, com o concurso dos médiuns, caso contrário as orientações não poderiam chegar até os necessitados;

– reconheceu, finalmente, que a decisão de cobrar pelos serviços mediúnicos não era de todo incorreta, uma vez que amigos não só concordaram com a medida, como passaram a apoiá-lo.

Debalde movimentaram-se os protetores espirituais, aconselhando-o a tomar melhor caminho; chamando-o ao esclarecimento; lembrando-lhe as legítimas finalidades da mediunidade, os ensinamentos espíritas e os evangélicos.

Acelino arbitrou um preço para as consultas, com bonificações especiais aos pobres e desvalidos da sorte e, de repente, o seu consultório estava cheio de gente.

Muitos o procuravam para resolver problemas de males físicos e para a resolução de negócios materiais. Tornou-se consultor habitual de grande número de famílias abastadas, que o procuravam para a resolução de todos os problemas que surgiam na vida delas.

Transformou sua mediunidade em mera transação comercial, compartilhando de comportamentos ilegais ou criminosos, de caprichos e paixões de muitos, distanciando-se, assim, da escola da virtude, do amor fraternal, da edificação superior, das lições do Evangelho, das quais zombou muitas vezes.

Pode-se dizer, no entanto, que, de uma maneira geral, Acelino não cometeu nenhum delito, segundo a interpretação dos seus familiares e dos membros da sociedade onde estava inserido. Era apenas alguém que vivia financeiramente dos dons que Deus lhe concedeu.

Os benfeitores espirituais, não sendo mais ouvidos, após inúmeras tentativas, de forma direta ou indireta, resolveram afastar-se do médium — submetido que estava às injunções do seu livre-arbítrio — deixando-o ligado às entidades péfidas, ávidas de poder e sensações materiais.

Essas atividades fizeram de Acelino uma ponte para localizar os seus cúmplices encarnados, por meio dos quais agiam inescrupulosamente no mundo físico.

Foi nessas condições que a morte do corpo físico colheu Acelino, fazendo-o retornar ao plano espiritual, de onde saíra há alguns decênios antes com o propósito de se melhorar espiritualmente, por meio da prática mediúnica equilibrada.

Fonte de Consulta: XAVIER, Francisco Cândido. *Os Mensageiros*. Pelo Espírito André Luiz. 41. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 8, p. 47-51.



Exercício

Em face dos ensinamentos espíritas que lhe estão sendo transmitidos, responda:

1. Os argumentos de Acelino para a profissionalização da mediunidade estão corretos? Por quê?
2. Em função dos fatos relatados, qual deverá ser a situação de Acelino no plano espiritual, após a sua desencarnação?



ANEXO 2

Estudo e Prática da Mediunidade
Programa I - Módulo III
Culminância do Módulo
Textos para estudo individual ou em grupo

SOLUÇÃO DO CASO ACELINO (*)

Acelino retornou ao plano espiritual como um médium fracassado que, apesar de toda a preparação intelectual a que fora submetido, antes da última reencarnação, apesar do aval recebido de dirigentes de *Nosso Lar* para o cumprimento da tarefa a ser realizada e, finalmente, não obstante o auxílio sistemático, direto e indireto, que recebeu dos benfeitores espirituais, utilizou desastrosamente aquilo que deveria ser usado como instrumento de melhoria espiritual.

Relata-nos o Espírito André Luiz que, após a desencarnação do médium, este se viu presa dos consulentes criminosos que lhe precederam ao túmulo, envolvendo-o nas suas vibrações inferiores, a reclamar-lhe notícias de cúmplices encarnados, de resultados comerciais, de soluções atinentes a ligações clandestinas.

Em vão Acelino gritava, chorava, implorava, mas estava algemado a eles por sinistros elos mentais, em virtude da imprevidência na defesa do seu patrimônio espiritual.

Acelino permaneceu longos e dolorosos onze anos preso a esses Espíritos, nas regiões inferiores do plano espiritual, onde expiou a falta cometida, trazendo a alma amargurada e cheia de remorso.

Acelino, é verdade, não cometeu nenhum assassinato, nem alimentou a intenção deliberada de espalhar o mal. Foi alguém que se ludibriou, movido pela ganância e pela avidez do ganho fácil. Não foi, portanto, homicida ou ladrão vulgar, não manteve o propósito íntimo de ferir qualquer pessoa, nem desrespeitou os lares alheios. Mas foi alguém que recebeu a tarefa de servir o próximo, auxiliá-lo no seu crescimento espiritual com Jesus.

Pelo uso indevido do seu livre-arbítrio, transformou muitas pessoas viciadas na crença religiosa em delinquentes ocultos, mutilados da fé e em aleijados do pensamento.

Finalmente, o erro de Acelino é entendido como um desastre moral, porque ele detinha o esclarecimento necessário à sua tarefa e nunca lhe faltou assistência divina à realização do trabalho.



(*) XAVIER, Francisco Cândido. *Os Mensageiros*. Pelo Espírito André Luiz. 35. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001. Cap. 8, p. 47-51.



ANEXO 3

Estudo e Prática da Mediunidade
Programa I - Módulo III
Culminância do Módulo
Textos para estudo individual ou em grupo

TÉCNICA DE ESTUDO DE CASO

Conceito:

*A técnica de casos consiste em propor à classe, com base em matéria já estudada, uma situação real que já tenha sido solucionada, criticada ou apreciada para, de novo, voltar a ser focalizada sem, no entanto, o instrutor fornecer quaisquer indícios de orientação para o andamento do trabalho. * O caso pode ser apresentado sob forma de relato escrito ou verbal, trazendo a característica de um documentário, em que o aluno fica com a iniciativa de desenvolver os passos para chegar a uma solução (ou soluções), ou fazer julgamentos.*

Objetivos:

- aplicar conhecimentos teóricos em situações reais, com base em assuntos estudados previamente;
- fazer revisão e culminância de assunto estudado, visando à fixação da aprendizagem;
- dar condições ao educando para estabelecer correlação entre um referencial teórico e fatos da realidade;
- conduzir o aluno à análise dos pontos negativos e positivos de um acontecimento, ajudando-o a emitir juízos de valor.

Desenvolvimento da técnica:

1ª fase: aberta ou exploratória

- o aluno lê ou ouve com atenção o relato do caso;
- faz anotações ou destaques que possam ajudar a sua compreensão;
- consulta anotações ou fontes bibliográficas relacionadas ao problema que o caso revele.

2ª fase: sistematização dos dados

- com ou sem auxílio de uma *ficha de estudo do caso*, o participante organiza, de forma metódica e lógica, o conteúdo lido ou ouvido;
- a sistematização do conteúdo pode ser feita de várias maneiras; o comum, no entanto é:
 - a) fazer breve resumo do caso, sob forma de sinopse ou de esquema;
 - b) destacar pontos favoráveis e desfavoráveis que o caso aponta;
 - c) indicar possíveis soluções para a situação;
 - d) fazer a conclusão final.

3ª fase: relatório do estudo

- Apresentação e conclusão final do estudo do caso em plenária, pelos alunos.
- Apresentação, pelo instrutor, da solução, apreciação ou crítica que o caso em estudo já tenha recebido para a devida conferência. (*)

Obs.: O instrutor apresenta a solução em cartaz, em transparência ou em *flip-chart*, num texto digitado ou datilografado etc. Essa solução deve, no entanto, estar previamente preparada. O instrutor deve evitar improvisar ou transcrevê-la na hora da aula.

- Discussão ampla do assunto, após a apresentação da solução que o caso já tenha recebido (anexo 2) e correlação entre as soluções apresentadas pelo grupo e a solução já dada ao caso.

Obs.: O instrutor, durante todo o processo de estudo do caso, evita dar suas próprias opiniões, já que essa técnica visa a desenvolver atitudes e habilidades dos alunos em face de uma situação, tendo como base o referencial teórico e prático estudado.



(*) NERICE, Imídio. *Metodologia de Ensino. Uma Introdução*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1981, p. 134-135.



ANEXO 4

**Estudo e Prática da Mediunidade
Programa I - Módulo III
Culminância do Módulo**

TÉCNICA DE ESTUDO DE CASO

Grupo: _____ **Data:** _____

Assunto: _____

1. Resumo do Caso: _____

2. Condições ou dados favoráveis: _____

3. Condições ou dados desfavoráveis: _____

4. Possíveis soluções: _____

5. Conclusão: _____

ESTUDO E PRÁTICA DA MEDIUNIDADE

MÓDULO IV

OBJETIVO GERAL

Reconhecer que, por meio da transformação moral, podemos rejeitar as influências negativas dos Espíritos e atrair o amparo dos benfeitores espirituais.



PROGRAMA I

 **MÓDULO DE ESTUDO Nº 4**

- * **Fundamentação espírita:** A Vida no Mundo Espiritual.
- * **Prática:** Percepção psíquica
- * **Atividade complementar:** Resumo de *O Céu e o Inferno*, de Allan Kardec, primeira parte (capítulos 1 e 2) e segunda parte (capítulo 1). *Voltei*, de Francisco Cândido Xavier, pelo Espírito Irmão Jacob.
- * **Culminância do módulo:** O médium e a sua reforma moral.

 **OBJETIVOS GERAIS**

- **Reconhecer que, por meio da transformação moral, podemos rejeitar as influências negativas dos Espíritos e atrair o amparo dos benfeitores espirituais.**

 **TOTAL DE AULAS PREVISTAS**

Teóricas	4
Práticas	4
Atividade complementar	1
Culminância do Módulo	1

TEMPO PARA APLICAÇÃO DAS AULAS

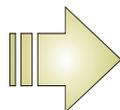
- Teóricas: até uma hora e trinta minutos.
- Práticas: até trinta minutos.

PLANO DE ESTUDO — MÓDULO Nº 4			
(1ª PARTE)	(2ª PARTE)	(3ª PARTE)	(4ª PARTE)
FUNDAMENTAÇÃO ESPÍRITA	PRÁTICA	ATIVIDADE COMPLEMENTAR	CULMINÂNCIA DO MÓDULO
<p>A Vida no Mundo Espiritual</p> <p>1. A desencarnação.</p> <p>2. A Vida no além-túmulo: os Espíritos errantes.</p> <p>3. As regiões de sofrimento no plano espiritual.</p> <p>4. As comunidades espirituais devotadas ao bem.</p>	<p>Percepção Psíquica</p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ Explicar a importância da percepção psíquica e identificar os meios de alcançá-la. ◆ Exercitar a percepção psíquica nas reuniões, favorecendo a participação gradual dos componentes do grupo. ◆ Prosseguir com os exercícios de prece, de irradiação mental e de harmonização psíquica. 	<p>Resumo e apresentação</p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ <i>O Céu e o Inferno</i>, de Allan Kardec, primeira parte (capítulos 1 e 2) e segunda parte (capítulo 1). <i>Voltei</i>, de Francisco Cândido Xavier, ditado pelo Espírito Irmão Jacob. ◆ Os alunos deverão elaborar e apresentar um resumo do conteúdo doutrinário selecionado em dia, hora e local preestabelecidos. ◆ A organização e a elaboração desse trabalho devem seguir as instruções dadas nas <i>Considerações Gerais</i>. 	<p>Conduta Espírita</p> <ul style="list-style-type: none"> ◆ O médium e a sua reforma moral. ◆ Os alunos deverão ler os textos selecionados e fazer os exercícios propostos.

FUNDAMENTAÇÃO ESPÍRITA: A Vida no Mundo Espiritual

ROTEIRO 1

A desencarnação

Objetivos
específicos

- Explicar o fenômeno da morte à luz da Doutrina Espírita.
- Esclarecer quais são as principais causas de temor da desencarnação.
- Dizer como se processa a separação do corpo e do Espírito, na desencarnação.



SUBSÍDIOS

1. O FENÔMENO DA MORTE OU DESENCARNAÇÃO

A morte é uma simples mudança de estado, a destruição de uma forma frágil que já não proporciona à vida as condições necessárias ao seu funcionamento e à sua evolução. Para além da campa, abre-se uma nova fase de existência.¹⁴ A extinção da vida orgânica acarreta a separação da alma em consequência do rompimento do laço fluídico que a une ao corpo, mas essa separação nunca é brusca. O fluido perispiritual só pouco a pouco se desprende de todos os órgãos, de sorte que a separação só é completa e absoluta quando não mais reste um átomo do perispírito ligado a uma molécula do corpo.⁴

2. CAUSAS DO TEMOR DA DESENCARNAÇÃO

A morte é um fenômeno natural e inexorável, no entanto, é temida. O considerável número de pessoas que temem a morte decorre da ignorância que elas têm da vida no além-túmulo. À proporção que o homem compreende melhor a vida futura, o temor da morte diminui; uma vez esclarecida a sua missão terrena, aguarda-lhe o fim calma, resignada e serenamente. A certeza da vida futura dá-lhe outro curso às idéias, outro fito ao trabalho; antes dela nada que se não prenda ao presente; depois dela tudo pelo futuro sem desprezo do presente, porque sabe que aquele depende da boa ou má direção deste.

A certeza de reencontrar seus amigos depois da morte, de reatar as relações que tivera na Terra, de não perder um só fruto do seu trabalho, de engrandecer-se incessantemente em inteligência, perfeição, dá-lhe paciência para esperar e coragem para suportar as fadigas transitórias da vida terrestre. A solidariedade entre vivos e mortos faz-lhe compreender a que deve existir na Terra, onde a fraternidade e a

caridade têm desde então um fim e uma razão de ser, no presente como no futuro. ¹ Para libertar-se do temor da morte é mister poder encará-la sob o seu verdadeiro ponto de vista, isto é, ter penetrado pelo pensamento no mundo espiritual, fazendo dele uma idéia tão exata quanto possível, o que denota da parte do Espírito encarnado um tal ou qual desenvolvimento e aptidão para desprender-se da matéria. No Espírito atrasado a vida material prevalece sobre a espiritual. Apegando-se às aparências, o homem não distingue a vida além do corpo, esteja embora na alma a vida real; aniquilado aquele, tudo se lhe afigura perdido, desesperador. Se, ao contrário, concentrarmos o pensamento, não no corpo, mas na alma, fonte da vida, ser real a tudo sobrevivente, lastimaremos menos a perda do corpo, antes fonte de misérias e dores. Para isso, porém, necessita o Espírito de uma força só adquirível na madureza. O temor da morte decorre, portanto, da noção insuficiente da vida futura, embora denote também a necessidade de viver e o receio da destruição total; igualmente o estimula secreto anseio pela sobrevivência da alma, velado ainda pela incerteza. Esse temor decresce, à proporção que a certeza aumenta, e desaparece quando esta é completa. ²

A certeza da vida futura não exclui as apreensões quanto à passagem desta para a outra vida. Há muita gente que teme não a morte, em si, mas o momento da transição. Sofremos ou não nessa passagem? Por isso se inquietam, e com razão, visto que ninguém foge à lei fatal dessa transição. Podemos dispensar-nos de uma viagem neste mundo, menos essa. Ricos e pobres, devem todos fazê-la, e, por dolorosa que seja a franquia, nem posição nem fortuna poderiam suavizá-la. ³

3. A SEPARAÇÃO DA ALMA E DO CORPO NA DESENCARNAÇÃO

Quando encarnado, [...] o Espírito se acha preso ao corpo pelo seu envoltório semimaterial ou perispírito. A morte é a destruição do corpo somente, não a desse outro invólucro, que do corpo se separa quando cessa neste a vida orgânica. A observação demonstra que, no instante da morte, o desprendimento do perispírito não se completa subitamente; que, ao contrário, se opera gradualmente e com uma lentidão muito variável conforme os indivíduos. Em uns é bastante rápido, podendo dizer-se que o momento da morte é mais ou menos o da libertação. Em outros, naqueles sobretudo cuja vida foi toda material e sensual, o desprendimento é muito menos rápido, durando algumas vezes dias, semanas e até meses, o que não implica existir, no corpo, a menor vitalidade, nem a possibilidade de volver à vida [...]. É, com efeito, racional conceber-se que, quanto mais o Espírito se haja identificado com a matéria, tanto mais penoso lhe seja separar-se dela; ao passo que a atividade intelectual e moral, a elevação dos pensamentos operam um começo

*de desprendimento, mesmo durante a vida do corpo, de modo que, em chegando a morte, ele é quase instantâneo.*⁸

*A rigor, não é dolorosa a separação da alma e do corpo.⁷ Na morte natural, a que sobrevém pelo esgotamento dos órgãos, em consequência da idade, o homem deixa a vida sem o perceber: é uma lâmpada que se apaga por falta de óleo.⁷ Assim, [...] a alma se desprende gradualmente, não se escapa como um pássaro cativo a que se restitua subitamente a liberdade. Aqueles dois estados se tocam e confundem, de sorte que o Espírito se solta pouco a pouco dos laços que o prendiam. Estes laços se desatam, não se quebram.*⁸

*Segundo a Doutrina Espírita, há sensações que precedem e se sucedem à morte, bem como a duração do processo de rompimento dos laços fluídicos que unem a alma ao corpo físico, variam de caso para caso, dependendo das circunstâncias do trespasse e da maior ou menor elevação moral do trespassado. Via de regra, nas mortes repentinas e violentas, o desprendimento da alma é tanto mais prolongado e penoso quanto mais fortes sejam aqueles liames, ou, em outras palavras, quanto mais vitalidade exista no organismo, sendo que os suicidas se mantêm presos ao corpo por muito tempo, às vezes até à sua decomposição completa, sentindo, horrorizados, ‘os vermes lhes corroerem as carnes’. Depois de longa enfermidade, ou quando a velhice tenha debilitado as forças orgânicas, o desprendimento, em geral, se efetua fácil e suavemente, semelhando-se a um sono muito agradável. Para os que só cuidaram de si mesmos, os que se deixaram empolgar pelos gozos deste mundo, os que se empenharam apenas em amontoar bens materiais, os malfeitores e os criminosos, a hora de separação é angustiosa e cruel; agarram-se, desesperados, à vida que se lhes esvai, porque a própria consciência lhes grita que nada de bom podem esperar no futuro.¹² De todas as mortes a pior é a morte pelo suicídio. Nesta não existe a suave quietação da morte comum nos indivíduos normais. Muito pelo contrário, as agonias se prolongam pela morte a dentro e continuam numa seqüência de horrores talvez até nova prova terrena.*¹⁵

Este assunto da separação do corpo e da alma leva-nos a dois outros, não menos importantes: o da cremação de cadáveres e o da doação de órgãos.

*Na cremação, faz-se mister exercer a piedade com os cadáveres, procrastinando-se por mais horas o ato da destruição das vísceras materiais, pois, de certo modo, existem sempre muitos ecos de sensibilidade entre o Espírito desencarnado e o corpo onde se extinguiu o ‘tônus vital’, nas primeiras horas subsequentes ao desenlace, em vista dos fluidos orgânicos que ainda solicitam a alma para as sensações da existência material.*¹³

Na doação de órgãos é importante avaliar se não haveria a possibilidade de o doador ficar preso às vísceras. Perguntando a Chico Xavier a respeito, ele nos responde por meio das seguintes considerações: *Sempre que a pessoa cultiva desinteresse absoluto por tudo aquilo que ela cede para alguém, sem perguntar ao beneficiado o que fez da dádiva recebida, sem desejar qualquer remuneração, nem mesmo aquela que a pessoa humana habitualmente espera com o nome de compreensão, sem aguardar gratidão alguma, isto é, se a pessoa chegou a um ponto de evolução em que a noção da posse não mais a preocupa, esta criatura está em condições de doar, porque não vai afetar o perispírito em coisa alguma.*¹⁶ *Quando o doador é pessoa habituada ao desprendimento da posse [...], a doação prévia de órgãos que lhe pertenciam, por ocasião da morte física, não afeta o corpo espiritual do doador.*¹⁷

4. A TRANSIÇÃO DO PLANO FÍSICO PARA O ESPIRITUAL

A transição se inicia quando os últimos laços que mantêm o Espírito preso ao corpo se desfazem. A pessoa entra num estado de total inconsciência.

*O último alento quase nunca é doloroso, uma vez que ordinariamente ocorre em momento de inconsciência, mas a alma sofre antes dele a desagregação da matéria, nos estertores da agonia, e, depois, as angústias da perturbação. Demo-nos pressa em afirmar que esse estado não é geral, porquanto a intensidade e duração do sofrimento estão na razão direta da afinidade existente entre corpo e perispírito. Assim, quanto maior for essa afinidade, tanto mais penosos e prolongados serão os esforços da alma para desprender-se. Há pessoas nas quais a coesão é tão fraca que o desprendimento se opera por si mesmo, como que naturalmente; é como se um fruto maduro se desprendesse do seu caule, e é o caso das mortes calmas, de pacífico despertar.*⁶ *Na transição da vida corporal para a espiritual, produz-se ainda um outro fenômeno de importância capital — a perturbação. Nesse instante a alma experimenta um torpor que paralisa momentaneamente as suas faculdades, neutralizando, ao menos em parte, as sensações. É como se disséssemos um estado de catalepsia, de modo que a alma quase nunca testemunha conscientemente o derradeiro suspiro. Dizemos quase nunca, porque há casos em que a alma pode contemplar conscientemente o desprendimento [...]. A perturbação pode, pois, ser considerada o estado normal no instante da morte e perdurar por tempo indeterminado, variando de algumas horas a alguns anos. À proporção que se liberta, a alma encontra-se numa situação comparável à de um homem que desperta de profundo sono; as idéias são confusas, vagas e incertas; a vista apenas distingue como que através de um nevoeiro, mas pouco a pouco se aclara, desperta-se-lhe a memória e*

*o conhecimento de si mesma. Bem diverso é, contudo, esse despertar; calmo, para uns, acorda-lhes sensações deliciosas; tétrico, aterrador e ansioso, para outros, é qual horrendo pesadelo.*⁵

Imediatamente após a morte do corpo físico, é comum a criatura não ter consciência do seu estado, visto que, nesse momento, [...] *tudo se apresenta confuso; é-lhe preciso algum tempo para se reconhecer; ela conserva-se tonta, no estado do homem que sai de profundo sono e que procura compreender a sua situação. A lucidez das idéias e a memória do passado lhe voltam, à medida que se destrói a influência da matéria de que ela acaba de separar-se, e que se dissipa o nevoeiro que lhe obscurece os pensamentos.*⁹

O tempo de duração e a intensidade desse estado variam de acordo com o grau de evolução do recém-desencarnado. *Para aquele cuja consciência não é pura e amou mais a vida corporal que a espiritual, esse momento é cheio de ansiedade e de angústias, que vão aumentando à medida que ele se reconhece, porque então sente medo e certo terror diante do que vê e sobretudo do que entrevê [...]. Em sua nova situação, a alma vê e ouve ainda outras coisas que escapam à grosseria dos órgãos corporais. Tem, então, sensações e percepções que nos são desconhecidas.*¹⁰

5. MECANISMOS DA DESENCARNAÇÃO

Os Espíritos nos relatam algumas características inerentes ao processo desencarnatório, o que nos leva a supor que existe um certo padrão no processo de desligamento do perispírito do corpo físico. Analisemos algumas delas:

a) A presença de Espíritos

Na desencarnação a criatura nunca está a sós. Entes queridos, que se antecederam a ela no além-túmulo, podem ali se encontrar, aguardando ou auxiliando o processo de desligamento final. Os benfeitores espirituais, familiares ou não, e os especialistas nas operações de desencarnação auxiliam o Espírito nessa grande transição. É possível, porém, que o desencarnado se defronte com entidades malévolas, direta ou indiretamente ligadas a ele, causando-lhe transtornos, dos mais variáveis e intensos. *O esforço e abnegação dos Mentores Espirituais, na desencarnação de determinadas criaturas, é realmente digno de menção. Cooperadores especializados aglutinam esforços no afã de desligarem, sem incidentes, o Espírito eterno do aparelho físico terrestre. Verdadeiras operações magnéticas são efetuadas nas regiões orgânicas fundamentais, ou seja, nos centros vegetativo, emocional e mental.*¹⁸

Tal como ocorre no plano físico, onde o renascimento na carne é mediado

por profissionais da Medicina e da Enfermagem, no plano espiritual a desencarnação é executada por Espíritos especializados nessa tarefa.

b) A desencarnação é feita por especialistas desencarnados

Há indicações de que o processo desencarnatório, operado por Espíritos especialistas, segue um determinado método, devendo haver, é natural, algumas variações, conforme as necessidades do Espírito desencarnante, as circunstâncias e, talvez, o tipo de morte (suicídio, morte natural etc.). O padrão geral, poderia ser assim expresso:

- Rompimento dos *ligamentos perispíricos*, na altura do ventre (abdômen), por meio de operações magnéticas realizadas pelos Espíritos especialistas; a ação magnética na região abdominal visa atingir o *centro vegetativo* do corpo humano, que é a sede das manifestações fisiológicas do encarnado. *Com essa providência, o moribundo começa a esticar os membros inferiores, sobrevivendo, logo após, o esfriamento do corpo.*¹⁹

- Atuação no *centro emocional*, situado no tórax, região de manifestação dos desejos e dos sentimentos. A operação magnética nesse centro conduz à desregularidade dos batimentos e das funções cardíacas. Surgem, então, sentimentos de aflição, de angústia, de melancolia, conforme o grau evolutivo do desencarnante. O pulso fica cada vez mais fraco.¹⁹

- O passo seguinte é a operação no *cérebro*, onde está situado o *centro mental*, região muito importante, sede de recepção e transmissão dos impulsos, comandos e respostas do Espírito. O trabalho dos obreiros dedicados é feito em pontos específicos, começando na fossa romboidal, assoalho do quarto ventrículo cerebral, que é uma cavidade situada na face posterior de outras estruturas nervosas, denominadas bulbo e protuberância.²¹ Essas estruturas (bulbo e protuberância) estão localizadas na parte posterior do cérebro. A atuação na fossa romboidal provoca efeitos imediatos na respiração e no sistema vasomotor, conduzindo a pessoa ao estado de coma.²⁰

- A última ação é o desatamento do principal *laço fluídico-períspiritual*, que mantém mais intimamente ligados o perispírito e o corpo físico. Esse laço fica também no Sistema Nervoso Central, na parte posterior do cérebro.^{20, 24} Com o desatamento do laço fluídico, o processo da desencarnação está concluído.

No livro *Voltei*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, ditado pelo Espírito Irmão Jacob e editado pela FEB, o autor espiritual da obra relata a sua

desencarnação, revelando-nos seqüencialmente todas as etapas desse processo, que perdurou por mais de trinta horas seguidas, até o desligamento final.^{23, 24}

A sua desencarnação teve início com a perda da força física, alterações no sistema respiratório, emoções descontroladas, assinaladas por sinais de aflição.²³ No aprofundamento do processo de desligamento perispiritual, conduzido por devotos benfeitores espirituais e sob a direção do venerável Bezerra de Menezes, Jacob percebe, nitidamente, o colapso do corpo físico, em oposição à harmonia reinante nos órgãos do perispírito. O Espírito nos relata que, em determinado momento do seu processo desencarnatório, teve a impressão de possuir dois corações, que lhe batiam no peito. Um, em ritmo descompassado, na iminência de silenciar para sempre; o outro, pulsante, vivo, equilibrado.²³ Ocorrências similares produziam-se em outros órgãos do seu organismo, revelando-lhe sempre a dualidade: desarmonia do corpo físico *versus* harmonia do perispírito.²³ No momento final, após duas horas de operações magnéticas na cabeça, o último laço, que o mantinha preso ao corpo físico, se desfaz. Ele nos registra a sua percepção desse momento: [...] *experimentei abalo indescritível na parte posterior do crânio. Não era pancada. Semelhava-se a um choque elétrico, de vastas proporções, no íntimo da substância cerebral.*²⁴

Naturalmente, nem todas as pessoas, em processo desencarnatório, podem registrar as impressões relatadas por Jacob. Tudo está relacionado ao grau evolutivo do Espírito: seu maior ou menor apego à matéria; seu estado de equilíbrio, conforme já foi assinalado. Alguns Espíritos nem percebem que estão desencarnando; outros, tendo desse processo vaga intuição, deixam-se conduzir pelo pânico, porque não querem se afastar das pessoas ou das coisas pertencentes ao mundo material. Nessa situação, o sofrimento é marca registrada.²²

Há, no entanto, Espíritos que, mesmo tendo uma visão imprecisa da vida espiritual, são beneficiados por uma atuação precisa dos benfeitores espirituais, no momento da desencarnação. Isso acontece porque essas almas conquistaram valores morais, facilitadores da atuação dos Espíritos benfeitores. Há, na literatura espírita, relatos sobre pessoas que, no momento da desencarnação, auxiliam os benfeitores no trabalho de desligamento perispiritual. A esse respeito, o Espírito André Luiz relata-nos a desencarnação de Adelaide, no livro *Obreiros da Vida Eterna*, psicografia de Francisco Cândido Xavier, edição, FEB, capítulo XIX.

Adelaide colaborou na sua desencarnação, auxiliando a ação dos trabalhadores nos serviços preliminares em seus centros vitais. Apenas o rompimento do último laço fluídico foi feito por um técnico, o benfeitor Jerônimo.

Sabemos que Espíritos muito presos à matéria física oferecem grandes dificuldades aos trabalhadores do bem. Entendemos, por fim, que nos casos de suicídio, a desencarnação pode até seguir este padrão, no entanto, deve ser de forma muito violenta, brusca, à revelia dos benfeitores, traduzindo-se em grande sofrimento ao suicida. De qualquer forma, é preciso considerar que o suicídio não é um acontecimento natural, pode até ser comum entre as criaturas imperfeitas, mas representa sempre um atentado às leis divinas.

c) A visão panorâmica e retrospectiva da existência corporal

Outro padrão, geral nos mecanismos da desencarnação diz respeito à visão retrospectiva de tudo o que o Espírito pensou e fez na última existência.

É uma visão panorâmica de todos os acontecimentos ocorridos nessa existência. O Espírito, logo que toma consciência da sua desencarnação, como que aciona algum mecanismo mental que lhe permite reviver, com detalhes, todas as fases da sua última experiência carnal.¹¹ O Espírito se vê diante de tudo que sonhou, arquitetou e realizou na vida que ora se esgota. Idéias insignificantes que tivera, os atos mínimos, desfilam, absolutamente precisos, revelados de roldão, como se existisse uma câmara ultrarápida instalada no seu interior, projetando na mente um filme cinematográfico que, inopinadamente, vai se desenrolando.²⁴ Por meio dessa visão panorâmica, a criatura tem oportunidade de avaliar, julgar os próprios atos. Isso lhe permite fazer um balanço geral de suas ações, arrepender-se das oportunidades perdidas de melhoria espiritual e confiar na bondade superior, que lhe propiciará novas ocasiões de reparar os erros cometidos.



GLOSSÁRIO

Abiótico	Em que não há vida. Contrário à vida. Morto.
Bulbo	Localizado entre o cérebro e a medula espinhal, na altura da nuca. Comanda a respiração, os batimentos cardíacos e a pressão sanguínea.
Fossa romboidal	Depressão em forma de losango existente no assoalho (base) do 4º ventrículo cerebral.
Procrastinando	Adiando, demorando, delongando, espaçando.
Protuberância	Também chamada de ponte, fica à frente do cérebro, e é formada de fibras nervosas, que vão de um a outro hemisfério cerebelar e ao cérebro. (cerebelo: parecido com o cérebro, fica na base do crânio, responsável pela coordenação motora do corpo).
Roldão	Atropelo, precipitação (de roldão = precipitadamente).
Trespasse	Variante de transpasse, ou seja, o ato de transpor, de passar além, de atravessar. Morte.
Trespasado	O mesmo que transpassado. Atravessado ou passado além. Morto.
Ventrículo cerebral	Pequena cavidade em qualquer um dos hemisférios cerebrais. (O cérebro possui 5 ventrículos). Desvios, desarranjos ou anomalias que uma pessoa apresenta no campo sexual. Tara. Perversão sexual.

REFERÊNCIAS

1. KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno*. Tradução de Manuel Justiniano Quintão. 45. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000. Primeira Parte, cap. II, item 3, p. 21.
2. _____. Item 4, p. 21-22.
3. _____. Segunda Parte, cap. I, item 1, p. 166.
4. _____. Item 4, p. 167.
5. _____. Item 6, p. 168-169.
6. _____. Item 7, p. 169.
7. _____. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998. Questão 154, p. 114.
8. _____. Questão 155, p. 114-115.
9. _____. *O que é o Espiritismo*. 42. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000. Cap. III, pergunta 145, p. 207-208.
10. _____. p. 208.
11. BOZANNO, Ernesto. *A Crise da Morte*. Tradução de Guillon Ribeiro. 8. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996, p. 23-37.
12. CALLIGARIS, Rodolfo. *Páginas de Espiritismo Cristão*. 2. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1983, p. 73.
13. CARDOSO, Gilberto Perez. *Cremação de cadáveres*. Reformador. Ano 97, nº 1.802. Rio de Janeiro: maio de 1979, p.32.
14. DENIS, Léon. *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*. 23. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000. Primeira Parte (O Problema do Ser), cap. X (A morte), p.129.
15. IMBASSAHY, Carlos. *O Que é a Morte?* 2. ed. São Paulo: EDICEL, 1979, p. 22 (Suicídio).
16. NOBRE, Marlene S. *Lições de Sabedoria: Chico Xavier nos 23 anos da Folha Espírita*. São Paulo: Editora Jornalística Fé, 1997, p. 47 (Doações de órgãos).
17. _____. p. 47-48.
18. PERALVA, Martins. *Estudando a Mediunidade*. 20. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998. Cap. XXXIV (Desencarnação), p. 177.
19. _____. p. 178.

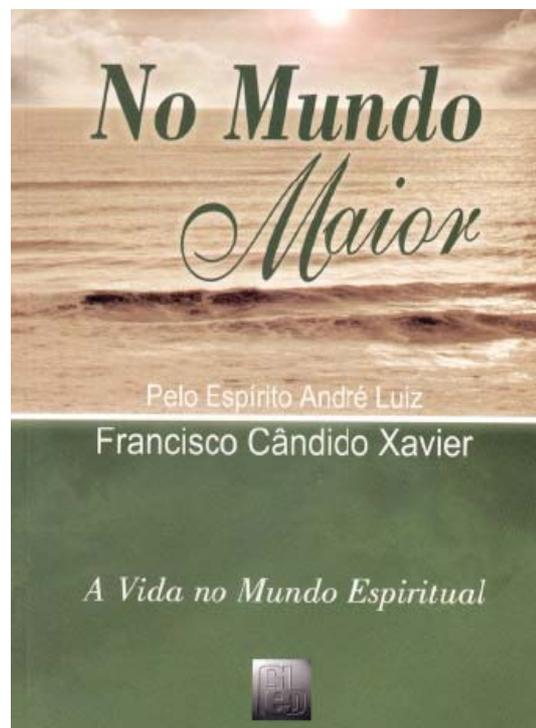
20. _____. p. 178 -179.

21. XAVIER, Francisco Cândido. *Nos Domínios da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 24. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997. Cap. 21 (Mediunidade no leito da morte), p. 233-242.

22. _____. *Voltei*. Pelo Espírito Irmão Jacob. 19. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999. Cap. 2 (À frente da morte.), p. 25-33.

23. _____. p. 31.

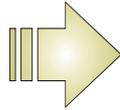
24. _____. p. 31.



FUNDAMENTAÇÃO ESPÍRITA: A Vida no Mundo Espiritual

ROTEIRO 2

A vida no além-túmulo: os Espíritos errantes

Objetivos
específicos

- Esclarecer-se a respeito da vida e da organização social dos Espíritos no plano espiritual.
- Explicar o que são Espíritos errantes e por que eles recebem essa denominação.



SUBSÍDIOS

O Espírito retorna ao mundo espiritual, após a morte do corpo físico. Apesar das surpresas, boas ou más, que lhe caracterizam o regresso, este assemelha-se à volta do exilado à sua pátria de origem, ao *mundo espírita, que preexiste e sobrevive a tudo*.¹ É a fase de reintegração do Espírito a uma nova forma de vida, em outro plano vibratório. O perispírito, liberto do corpo físico, revela com mais intensidade as suas propriedades plásticas e sutis que, sob o comando do pensamento e da vontade do Espírito, proporcionam-lhe as transformações necessárias à sua adaptação nos plano Espiritual. Por meio de produção de substâncias mentais específicas, o desencarnado realiza *o trabalho histogenético pelo qual desliga as células sutis do seu veículo perispiritual dos remanescentes celulares do veículo físico, arrojado à queda irreversível, agindo agora com eficiência e segurança que as longas e reiteradas recapitulações lhe conferiram*.¹¹

1. A VIDA ESPIRITUAL DO HOMEM PRIMITIVO

Os Espíritos primitivos, ao desencarnar, voltam-se para a grei donde pertenceram, buscando uma espécie de segurança, devido às saudades do lar. É bem possível que as repetições desse processo forjassem, o nascimento do culto aos antepassados, observado em determinadas civilizações. O homem selvagem [...] *desperta, fora do corpo denso, qual menino aterrado, que, em se sentindo incapaz da separação para arrostar o desconhecido, permanece, tímido, ao pé dos seus, em cuja companhia passa a viver, noutras condições vibratórias, em processos multifários de simbiose, ansioso por retornar à vida física que lhe surge à imaginação como sendo a única abordável à própria mente. Não dispõe, nessa fase, de suprimento espiritual que o ajude a pensar em termos diferentes da vida tribal em que se apóia. [...]* O homem primitivo que desencarnou [...] *não tem outro pensamento*

senão voltar – voltar ao convívio revitalizante daqueles que lhe usam a linguagem e lhe comungam os interesses. ¹⁴ Ressurgir na própria taba e renascer na carne [...] constituem aspiração incessante do selvagem desencarnado. ¹³

2. A VIDA ESPIRITUAL DO HOMEM NÃO-PRIMITIVO

Os desencarnados, não primitivos, representam uma gama de seres em diversos graus evolutivos. Quanto menos evoluído o ser, menores serão as percepções na dimensão onde se encontra. *Encetando, pois, a sua iniciação no plano espiritual, de consciência desperta e responsável, o homem começa a penetrar na essência da lei de causa e efeito, encontrando em si mesmo os resultados enobrecedores ou deprimentes das próprias ações. Quando dilacerado e desditoso, grita a própria aflição, ao longo dos largos continentes do Espaço Cósmico, reunindo-se a outros culpados do mesmo jaez, com os quais permuta os quadros inquietantes da imaginação em desvario, tecendo, com o plasma sutil do pensamento contínuo e atormentado, as telas infernais em que as conseqüências de suas faltas se desenvolvem, mediante as profundas e estranhas fecundações de loucura e sofrimento que antecedem as reencarnações reparadoras [...]. ¹⁴*

2.1 A Ação do Pensamento

O desencarnado, [...] *em se adaptando aos continentes da esfera extrafísica, passa a manobrar com os fenômenos de mentação e reflexão, de que o pensamento é a base fundamental. ¹⁵ No plano espiritual, o homem desencarnado vai lidar, mais diretamente, com um fluido vivo e multiforme, estuante e inestancável, a nascer-lhe da própria alma, de vez que podemos defini-lo, até certo ponto, por subproduto do fluido cósmico, absorvido pela mente humana, em processo vitalista semelhante à respiração, pelo qual a criatura assimila a força emanante do Criador, esparsa em todo o Cosmo, transubstanciando-a, sob a própria responsabilidade, para influenciar na Criação, a partir de si mesma. Esse fluido é o seu próprio pensamento contínuo, gerando potenciais energéticos com que não havia sonhado. ¹⁶ Decerto que na esfera nova de ação, a que se vê arrebatado pela morte, encontra a matéria conhecida no mundo, em nova escala vibratória. ¹⁷*

3. A VIDA NA ESPIRITUALIDADE

3.1 A natureza no plano espiritual

Na moradia de continuidade para a qual se transfere, encontra, pois, o homem as mesmas leis de gravitação que controlam a Terra, com os dias e as noites

marcando a conta do tempo, embora os rigores das estações estejam suprimidos pelos fatores de ambiente que asseguram a harmonia da Natureza, estabelecendo clima quase constante e quase uniforme. [...] Plantas e animais domesticados pela inteligência humana, durante milênios, podem ser aí aclimatados e aprimorados, por determinados períodos de existência, ao fim dos quais regressam aos seus núcleos de origem no solo terrestre. [...] As plantas, pela configuração celular mais simples, atendem, no plano extrafísico, à reprodução limitada [...].¹⁸ Ao longo dessas vastíssimas regiões de matéria sutil que circundam o corpo ciclópico do Planeta, com extensas zonas cavitárias, [...] a estender-se da superfície continental até o leito dos oceanos, começam as povoações felizes e menos felizes, tanto quanto as aglomerações infernais de criaturas desencarnadas que, por temerem as formações dos próprios pensamentos, se refugiam nas sombras, receando ou detestando a presença da luz.¹⁹

3.2 As linhas morfológicas e fisiológicas do perispírito

As linhas morfológicas das entidades desencarnadas, no conjunto social a que se integram, são comumente aquelas que trouxeram do mundo, a evoluírem, contudo, constantemente para melhor apresentação, toda vez que esse conjunto social se demore em esfera de sentimentos elevados. A forma individual em si obedece ao reflexo mental dominante, notadamente no que se reporta ao sexo, mantendo-se a criatura com distintivos psicossomáticos de homem ou de mulher, segundo a vida íntima, através da qual se mostra com qualidades espirituais acentuadamente ativas ou passivas.²⁶ Supondo-se que um Espírito possua reflexo mental predominantemente masculino, mas que, por motivos cármicos, nasceu num corpo feminino, após a sua desencarnação poderá retornar àquela forma anterior, ou seja, à forma masculina. [...] Fácil observar, assim, que a desencarnação libera todos os Espíritos de feição masculina ou feminina que estejam na reencarnação em condição inversiva atendendo a provação necessária ou a tarefa específica, porquanto, fora do arcabouço físico, a mente se exterioriza no veículo espiritual com admirável precisão de controle espontâneo sobre as células sutis que o constituem.²⁶

Ainda assim, releva observar que se o progresso mental não é positivamente acentuado, mantém a personalidade desencarnada nos planos inferiores, por tempo indefinível, a plástica que lhe era própria entre os homens. E, nos planos relativamente superiores, sofre processos de metamorfose, mais lentos ou mais rápidos, conforme as suas disposições íntimas. Se a alma desenleada do envoltório físico foi transferida para a moradia espiritual, em adiantada senectude, gastará algum tempo para desfazer-se dos sinais de ancianidade corpórea, se deseja remoçar o próprio aspecto, e, na hipótese de haver partido da Terra, na juventude primeira,

*deverá igualmente esperar que o tempo a auxilie, caso se proponha a obtenção de traços da madureza. Cabe, entretanto, considerar que isso ocorre apenas com os Espíritos, aliás em maioria esmagadora, que ainda não dispõem de bastante aperfeiçoamento moral e intelectual, pois quanto mais elevado se lhes descortine o degrau de progresso, mais amplo se lhes revela o poder plástico sobre as células que lhes entretecem o instrumento de manifestação. Em alto nível, a Inteligência opera em minutos certas alterações que as entidades de cultura mediana gastam, por vezes, alguns anos a efetuar.*²⁸

O [...] corpo espiritual, com alguma provisão de substância específica ou simplesmente sem ela, quando já consiga valer-se apenas da difusão cutânea para refazer seus potenciais energéticos, conta com os processos da assimilação e da desassimilação dos recursos que lhe são peculiares, não prescindindo do trabalho de exsudação dos resíduos, pela epiderme ou pelos emunctórios normais, compreendendo-se, no entanto, que pela harmonia de nível, nas operações nutritivas, e pela essencialização dos elementos absorvidos, não existem para o veículo psicossomático determinados excessos e inconveniências dos sólidos e líquidos da excreta comum. (22)

Com relação à alimentação dos Espíritos desencarnados, sabemos que [...] desde a experiência carnal o homem se alimenta muito mais pela respiração, colhendo o alimento de volume simplesmente como recurso complementar de fornecimento plástico e energético, para o setor das calorias necessárias à massa corpórea e à distribuição dos potenciais de força nos variados departamentos orgânicos. Abandonado o envoltório físico na desencarnação, se o psicossoma está profundamente arraigado às sensações terrestres, sobrevém ao Espírito a necessidade inquietante de prosseguir atrelado ao mundo biológico que lhe é familiar, e, quando não a supera ao preço do próprio esforço, no auto-reajustamento, provoca os fenômenos da simbiose psíquica, que o levam a conviver, temporariamente, no halo vital daqueles encarnados com os quais se afine, quando não promove a obsessão espetacular. Na maioria das vezes, os desencarnados em crise dessa ordem são conduzidos pelos agentes da Bondade Divina aos centros de reeducação do Plano Espiritual, onde encontram alimentação semelhante à da Terra, porém fluídica, recebendo-a em porções adequadas até que se adaptem aos sistemas de sustentação da Esfera Superior, em cujos círculos a tomada de substância é tanto menor e tanto mais leve quanto maior se evidencie o enobrecimento da alma [...].²⁰

É interessante a questão da alimentação entre os desencarnados. Não há dúvidas de que eles se alimentam, mas o processo não ocorre da maneira como fazemos aqui, no plano físico, visto que o aparelho digestivo do corpo perispiritual

sofre modificações e o alimento é fluídico. A alimentação no mundo espiritual segue o seguinte processo: [...] *pela difusão cutânea, o corpo espiritual, através de sua extrema porosidade, nutre-se de produtos utilizados ou sínteses quimioeletromagnéticas, hauridas no reservatório da Natureza e no intercâmbio de raios vitalizantes e reconstituintes do amor com que os seres se sustentam entre si. Essa alimentação psíquica, por intermédio das projeções magnéticas trocadas entre aqueles que se amam, é muito mais importante do que o nutricionista do mundo possa imaginar, de vez que, por ela, se origina a ideal euforia orgânica e mental da personalidade. Daí porque toda criatura tem necessidade de amar e receber amor para que se lhe mantenha o equilíbrio geral.*²¹ *Os Espíritos podem se alimentar por [...] inalação de princípios vitais da atmosfera, através da respiração, e água misturada a elementos solares, elétricos e magnéticos.*³¹ A fome (ou sensação de fome) pode ser igualmente saciada pela absorção perispiritual de elementos fluídicos líquidos, extraídos de plantas, sob a forma de sucos de sabor agradável.³³

Quanto a questão sexual parece que esta não desaparece totalmente. Expressa-se de forma elevada nos Espíritos mais moralizados. Existem, no entanto, na espiritualidade inferior, regiões de licenciosidade. São lugares *extremamente afins com a poligamia embrutecente.* [...] ²⁹

Nas regiões superiores, *realiza-se também o casamento das almas, conjugados ao amor puro, verdadeira união esponsalícia de caráter santificante, gerando obras admiráveis de progresso e beleza, na edificação coletiva.*²⁹ Os Espíritos encarnados relacionam-se por meio dos órgãos dos sentidos (audição, paladar, olfato, tato e visão), órgãos estes circunscritos ao corpo físico. A capacidade de ver (ou de ouvir), nos desencarnados, não está localizada em um órgão específico do perispírito. *No Espírito, a faculdade de ver é uma propriedade inerente à sua natureza e que reside em todo o seu ser, como a luz reside em todas as partes de um corpo luminoso. É uma espécie de lucidez universal que se estende a tudo, que abrange simultaneamente o espaço, os tempos e as coisas, lucidez para a qual não há trevas, nem obstáculos materiais. Compreende-se que deva ser assim. No homem, a visão se dá pelo funcionamento de um órgão que a luz impressiona. Daí se segue que, não havendo luz, o homem fica na obscuridade. No Espírito, como a faculdade de ver constitui um atributo seu, abstração feita de qualquer agente exterior, a visão independe da luz.*⁶ O mesmo ocorre com a audição. O Espírito desencarnado [...] *percebe mesmo sons imperceptíveis [...]*⁷, no entanto, a audição não está localizada em um órgão específico do perispírito. *Todas as percepções constituem atributos do Espírito e lhe são inerentes ao ser. Quando o reveste um corpo material, elas só lhes chegam pelo conduto dos órgãos. Deixam, porém, de estar localizadas, em se*

*achando ele na condição de Espírito livre.*⁷

3.3 Locomoção dos Espíritos

*Após [...] a transfiguração ocorrida na morte, a individualidade ressurge com naturais alterações na massa muscular e no sistema digestivo, mas sem maiores inovações na constituição geral, munindo-se de aquisições diferentes para o novo campo de equilíbrio a que se transfere, com possibilidades de condução e movimento efetivamente não sonhados, já que o pensamento contínuo e a atração, nessas circunstâncias, não mais encontram certas resistências peculiares ao envoltório físico.*²⁵

Excetuando-se as entidades que vivem nas regiões inferiores, fortemente vinculadas à crosta planetária, os Espíritos se locomovem através da *volitação* do corpo espiritual. Volitar tem o mesmo significado de esvoaçar. É locomover-se acima do solo, sem auxílio de instrumentos ou de veículos. Isso é possível porque os desencarnados, não possuindo veículo físico, de maior peso específico, podem elevar-se na atmosfera. Evidentemente, os Espíritos mais materializados utilizam normalmente as pernas como o fazem os encarnados. Em algumas cidades da espiritualidade, os seus habitantes utilizam veículos que os transportam de um local para outro, mesmo que possam voitar. O *aeróbus* é um desses veículos. Trata-se de um carro que se desloca no ar, desce até o solo, à semelhança de um helicóptero, tendo capacidade para transportar um número maior de Espíritos, de uma só vez.³²

A volitação rápida é característica dos Espíritos evoluídos. Eles podem-se locomover com incrível velocidade e *fazem-no com a rapidez do pensamento.*²

3.4 A comunicação entre os espíritos desencarnados

Os Espíritos se entendem por meio da comunicação mental que mantêm entre si, no entanto, podem utilizar a linguagem articulada dos encarnados. *Incontestavelmente, a linguagem do Espírito é, acima de tudo, a imagem que exterioriza de si próprio. [...] Círculos espirituais existem, em planos de grande sublimação, nos quais os desencarnados, sustentando consigo mais elevados recursos de riqueza interior, pela cultura e pela grandeza moral, conseguem plasmar, com as próprias idéias, quadros vivos que lhes confirmem a mensagem ou o ensinamento, seja em silêncio, seja com a despesa mínima de suprimento verbal, em livres circuitos mentais de arte e beleza, tanto quanto muitas Inteligências infelizes, treinadas na*

*ciência da reflexão, conseguem formar telas aflitivas em circuitos mentais fechados e obsessivos, sobre as mentes que magneticamente jugulam.*²³

Os Espíritos de mediana evolução não se desvinculam, de imediato, dos ditames linguísticos que lhes caracterizavam o idioma pátrio da última encarnação. [...] *é forçoso observar que a linguagem articulada, no chamado espaço das nações, ainda possui fundamental importância nas regiões a que o homem comum será transferido imediatamente após desligar-se do corpo físico.*²⁴

3.5 Vestimentas dos desencarnados

Comumente [...] os Espíritos se apresentam vestidos de túnicas, envoltos em largos panos, ou mesmo com os trajes que usavam em vida. O envolvimento em panos parece costume geral no mundo dos Espíritos.⁸ O vestuário dos Espíritos pouco evoluídos varia enormemente. Está sempre relacionado ao gosto pessoal, às lembranças que guardam da vida corpórea. Entidades espirituais são vistas envergando vestimentas, desde as mais simples às mais principescas. As cores das roupas podem ser escuras, opacas ou claras e brilhantes. Podem ser pesadas ou vaporosas; comuns, isto é, simples traje que caracteriza uma vestimenta feminina ou masculina; exóticas ou típicas, lembrando regiões do Planeta ou seitas religiosas. Há Espíritos que se apresentam usando uniformes ou vestuários específicos de certas profissões.⁹ Acompanhando os trajes, podem-se ver acessórios, como jóias, óculos, bengalas, leques etc. Como é sabido, tudo isso é criação mental do Espírito.⁹

Os [...] *Espíritos se trajam e modificam a aparência das vestes que usam conforme lhes apraz, exclusão feita de alguns inferiores e criminosos, geralmente obsessores da mais ínfima espécie, cuja mente não possui vibrações à altura de efetuar a admirável 'operação plástica' requerida. Por isso mesmo, a aparência destes últimos costuma ser chocante para o vidente, pela fealdade, ou simplesmente pela miséria, pois se apresentam cobertos de andrajos e farrapos, como que empapados de lama, ou embuçados em longos sudários negros, com mantos ou capas que lhes envolvem os ombros e a cabeça, e, não raro, mascarados por um saco negro enfiado na cabeça, com duas aberturas à altura dos olhos. [...] Longos chapéus costumam trazer também, assim como botas de canos altos. [...]*¹⁰ Os Espíritos Superiores, ao contrário, apresentam-se aureolados de luminosidade safirina ou esbranquiçada. Suas vestes são brilhantes e vaporosas. É o caso de Matilde, citado no livro *Liber-tação*, de André Luiz, e de Bittencourt Sampaio, registrado no livro *Voltei*, do Irmão Jacob. Ambos se apresentam luminosos e resplandcentes.^{30, 34, 35, 36}

4. OS ESPÍRITOS ERRANTES

A palavra errante (em francês *errant*) traz os significados de: nômade, vagabundo, desvairado, alucinado. Ou seja, alguém que não se mantém em lugar mais ou menos fixo porque não conquistou determinadas habilidades, ou algum conhecimento ou mesmo recursos que lhe capacitem a fixação. Em português, errante pode ser *quem erra*, isto é, ignorante; e também diz respeito a nômade, pessoa sem destino fixo. Sabemos que, quanto mais evoluído, menos necessidade tem o Espírito de reencarnar, a ponto de essa necessidade cessar quando ele se torna espírito puro. Não é mais Espírito errante, visto que chegou à perfeição, seu estado definitivo.⁴ O intervalo entre uma encarnação e outra pode ser de *algumas horas até alguns milhares de séculos*.³

Os Espíritos que necessitam de melhoria intelectual e moral retornam inúmeras vezes à experiência reencarnatória. No espaço de tempo compreendido entre uma e outra reencarnação eles não se fixam numa determinada localidade no plano espiritual, em decorrência do aprendizado que necessitam desenvolver. Nessa situação, recebem a denominação de *Espíritos errantes*. Ainda que se encontrem na categoria de errantes, os Espíritos têm oportunidade de progredir. O estudo, o aconselhamento de Espíritos que lhes são superiores, a observação, as experiências vivenciadas, entre outros, lhes facultam os meios de melhoria espiritual.⁵ Assim, a expressão *Espírito errante* diz respeito aos Espíritos que não possuem um corpo material e aguardam uma nova encarnação para se melhorarem.⁴

Situação diversa ocorre com os Espíritos evoluídos que, por não possuírem maiores necessidades de reencarnar, conforme o grau de perfeição que tenham alcançado, permanecem ligados a determinadas colônias na espiritualidade. Nessas regiões elevadas do plano espiritual atuam como orientadores, promovendo o progresso da humanidade terrestre. As sociedades espirituais, fora do mundo físico, [...] *aglutinam-se em verdadeiras cidades e vilarejos, com estilos variados, como acontece aos burgos terrestres, característicos da metrópole ou do campo, edificando largos empreendimentos de educação e progresso, em favor de si mesmas e a benefício dos outros. As regiões purgativas ou simplesmente infernais são por elas amparadas, quanto possível, organizando-se aí, sob o seu patrocínio, extensa obra assistencial.*

No plano físico, a equipe doméstica atende à consanguinidade em que o vínculo é obrigatório, mas, no plano extrafísico, o grupo familiar obedece à afinidade em que o liame é espontâneo. Por isso mesmo, na esfera seguinte à condição humana, temos o espaço das nações, com as suas comunidades, idiomas, experiên-

*cias e inclinações, inclusive organizações religiosas típicas, junto das quais funcionam missionários de libertação mental, operando com caridade e discrição para que as idéias renovadoras se expandam sem dilacerarão e sem choque. Com esses dois terços de criaturas ainda ligadas desse ou daquele modo, aos núcleos terrenos, encontramos um terço de Espíritos relativamente enobrecidos que se transformam em condutores da marcha ascensional dos companheiros, pelos méritos com que se fazem segura instrumentação das Esferas Superiores.*²⁸



GLOSSÁRIO

Desenleada	Desprendida, solta, desemaranhada. Livre de dificuldades ou embaraços.
Emunctorio	Abertura ou canal de um órgão destinado a evacuar excreções ou humores.
Histogênese	Formação, organização de tecidos, células e órgãos.
Safirina	Que tem cor e luminosidade de safira (pedra preciosa azulada muito brilhante).
Senectude	Senilidade, velhice, idade propecta.



REFERÊNCIAS

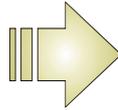
1. KARDEC, *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998. Parte Segunda, questão 85, p. 83.
2. _____. Questão 89, p. 84.
3. _____. Da vida espírita, questão 224, p. 154.
4. _____. Questão 226, p. 155.
5. _____. Questão 227, p. 155-156.
6. _____. Questão 247, p. 162.
7. _____. Questão 249, p. 162-163.
8. _____. *O Livro dos Médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 68. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2001, segunda parte. Cap. VIII, item 126, p. 164.
9. _____. Itens 126 a 131, p. 164-173.
10. PEREIRA, Yvonne. A. *Devassando o Invisível*. 13. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, Cap. II (Como se trajam os Espíritos), p. 47.
11. XAVIER, Francisco Cândido. e VIEIRA, Waldo. *Evolução em dois Mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999, primeira parte. Cap. XII, (Alma e desencarnação), p. 89.
12. _____. p. 90.
13. _____. Item: Lei de causa e efeito, p. 94.
14. _____. Cap. XIII (Alma e fluidos), Item: Fluidos em geral, p. 95.
15. _____. Item: Fluido vivo, p. 95.
16. _____. p. 95-96.
17. _____. Item: Vida na Espiritualidade, p. 96-97.
18. _____. p. 97.
19. _____. Segunda Parte, Cap. I (Alimentação dos Desencarnados), p. 168-169.
20. _____. p. 169.
21. _____. p. 169-170.
22. _____. Cap. II (Linguagem dos desencarnados), p. 171.
23. _____. p. 172.
24. _____. Cap. III (Corpo espiritual e volitação), p. 173.

- 25._____. Cap. IV (Linhas Morfológicas dos desencarnados), p. 176.
- 26._____. p. 177.
- 27._____. Cap. X (Disciplina afetiva), p. 189-190.
- 28._____. *Libertação*. Pelo Espírito André Luiz. 28. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 20 (Reencontro), p. 325.
- 29._____. *Nosso Lar*. Pelo Espírito André Luiz. 55. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. 9 (Problema de alimentação), p. 64-65.
- 30._____. Cap.10 (No bosque das águas), p. 67.
- 31._____. *Voltei*. Pelo Espírito Irmão Jacob. 23. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, Cap. 9 (Esclarecimentos), item: Reanimado, p. 90.
- 32._____. Cap. 15 (No templo), item: Momentos divinos, p. 144.
- 33._____. p. 145-146.
- 34._____. Cap. 16 (A palavra do companheiro), p. 147-148.

FUNDAMENTAÇÃO ESPÍRITA: A Vida no Mundo Espiritual

ROTEIRO 3

As regiões de sofrimento no plano espiritual

Objetivos
específicos

- Relacionar as principais características das comunidades de sofrimento, situadas no plano espiritual.
- Informar-se a respeito da condição espiritual dos habitantes de tais comunidades.



SUBSÍDIOS

1. A DESTINAÇÃO DO SER HUMANO APÓS A MORTE DO CORPO FÍSICO

Vivemos, pensamos e operamos — eis o que é positivo. E que morremos, não é menos certo. Mas, deixando a Terra, para onde vamos? Que seremos após a morte? Estaremos melhor ou pior? Existiremos ou não? Ser ou não ser, tal a alternativa. Para sempre ou para nunca mais; ou tudo ou nada: Vivemos eternamente, ou tudo se aniquilará de vez? É uma tese, essa, que se impõe. Todo homem experimenta a necessidade de viver, de gozar, de amar e de ser feliz. Dizei ao moribundo que ele viverá ainda; que a sua hora é retardada; dizei-lhe sobretudo que será mais feliz do que porventura o tenha sido, e o seu coração rejubilará. [...] Haverá algo de mais desesperador do que esse pensamento da destruição absoluta? Afeições caras, inteligência, progresso, saber laboriosamente adquiridos, tudo despedaçado, tudo perdido! De nada nos serviria, portanto, qualquer esforço no sofreamento das paixões, de fadiga para nos ilustrarmos, de devotamento à causa do progresso, desde que de tudo isso nada aproveitássemos, predominando o pensamento de que amanhã mesmo, talvez, de nada nos serviria tudo isso. Se assim fora, a sorte do homem seria cem vezes pior que a do bruto, porque este vive inteiramente do presente, na satisfação dos seus apetites materiais, sem aspiração para o futuro. Diz-nos uma secreta intuição, porém, que isso não é possível.¹

Para as doutrinas materialistas não existe a possibilidade de vida após a morte do corpo físico. Mesmo para algumas escolas espiritualistas, a idéia da destinação do ser humano após a morte é apresentada de forma incompleta e bastante confusa.

A despeito da propagação desses conceitos, em [...] todos os tempos, o homem se preocupou com o seu futuro para lá do túmulo e isso é muito natural. Qualquer que seja a importância que ligue à vida presente, não pode ele furta-se

*a considerar quanto essa vida é curta e, sobretudo, precária, pois que a cada instante está sujeita a interromper-se, nenhuma certeza lhe sendo permitida acerca do dia seguinte.*¹¹

*Na verdade, a [...] idéia do nada tem qualquer coisa que repugna à razão. O homem que mais despreocupado seja durante a vida, em chegando o momento supremo, pergunta a si mesmo o que vai ser dele e, sem o querer, espera. Crer em Deus, sem admitir a vida futura, fora um contra-senso. O sentimento de uma existência melhor reside no foro íntimo de todos os homens e não é possível que Deus aí o tenha colocado em vão. A vida futura implica a conservação da nossa individualidade, após a morte. Com efeito, que nos importaria sobreviver ao corpo, se a nossa essência moral houvesse de perder-se no oceano do infinito? As conseqüências, para nós, seriam as mesmas que se tivéssemos de nos sumir no nada.*¹¹

Apesar de existirem escolas espiritualistas que ensinam que o ser humano não conserva a sua individualidade após a desencarnação, a maioria admite o contrário.

A Doutrina Espírita entende este assunto da seguinte forma: desde [...] *que se admita a existência da alma e sua individualidade após a morte, forçoso é também se admita: 1º, que a sua natureza difere da do corpo, visto que, separada deste, deixa de ter as propriedades peculiares ao corpo; 2º, que goza da consciência de si mesma, pois que é passível de alegria, ou de sofrimento, sem o que seria um ser inerte, caso em que possuí-la de nada nos valeria. Admitido isso, tem-se que admitir que essa alma vai para alguma parte. Que vem a ser feito dela e para onde vai?*¹³

As comunicações mediúnicas, usuais nas Casas Espíritas, não apenas atestam a sobrevivência dos Espíritos, mas revelam seu estado de felicidade ou infelicidade, conforme a utilização boa ou má do seu livre-arbítrio quando encarnados. Essas comunicações nos esclarecem, igualmente, a respeito da vida no além-túmulo. A destinação do ser humano após a morte do corpo físico pode ser entendida segundo os seguintes esclarecimentos espíritas:

a) *No espaço, os Espíritos formam grupos ou famílias entrelaçados pela afeição, pela simpatia e pela semelhança das inclinações. Ditosos por se encontrarem juntos, esses Espíritos se buscam uns aos outros.*²

b) *As comunidades espirituais do plano extrafísico são formadas por Espíritos da mesma categoria que [...] se reúnem por uma espécie de afinidade e formam grupos ou famílias, unidos pelos laços da simpatia e pelos fins a que visam: os bons, pelo desejo de fazerem o bem; os maus, pelo de fazerem o mal, pela vergonha de suas*

faltas e pela necessidade de se acharem entre os que se lhes assemelham. Tal uma grande cidade onde os homens de todas as classes e de todas as condições se vêem e se encontram, sem se confundirem; onde as sociedades se formam pela analogia dos gostos; onde a virtude e o vício se acotovelam, sem trocarem palavra. ⁸

c) Entre os Espíritos há hierarquia de poder, níveis de subordinação e autoridade, tal como ocorre numa sociedade organizada. ⁷ O resultado das relações entre os Espíritos estabelece a existência de [...] *diferentes ordens, conforme o grau de perfeição que tenham alcançado.* ³ Essas ordens revelam as qualidades que os Espíritos já adquiriram e as imperfeições contra as quais terão que lutar. ⁴

d) A autoridade que um Espírito tem sobre o outro está fundamentada na ascendência moral ⁷. Entre os Espíritos Superiores essa ascendência é natural, sempre benéfica, respeitando o livre-arbítrio de cada um ⁶. Tal já não ocorre nas relações entre certos Espíritos inferiores que usam da inteligência ou da força (poder) para subjuguem outros Espíritos, encarnados ou não. ^{5, 9, 10}

e) O mundo espiritual comporta vários níveis, ou regiões, caracterizados pela sombra e pela dor; pela ventura e pela alegria, conforme o patamar evolutivo dos seus habitantes. Há entre os dois extremos extensa região que apresenta sub-níveis ou subplanos evolutivos, revelando a gradação de progresso atingido pelos Espíritos aí residentes. Antes mesmo da Codificação do Espiritismo, o vidente sueco Emmanuel Swedenborg nos informava que [...] *o outro mundo, para onde vamos após a morte, consiste de várias esferas, representando outros tantos graus de luminosidade e de felicidade; cada um de nós irá para aquela a que se adapta a nossa condição espiritual.* ¹⁴

f) O Plano espiritual comporta verdadeiras cidades, de pequeno, médio ou grande porte, genericamente denominadas *colônias espirituais*. Os Espíritos ali se agrupam, estabelecendo regras de vida em sociedade, de acordo com a sua moralidade e com os seus conhecimentos. Espalhados pelas vastas regiões espirituais existem pequenos agrupamentos humanos, geralmente ligados a uma colônia espiritual. Tais agrupamentos, à semelhança das cidades espirituais, representam redutos de paz, de amor, de trabalho ou de sofrimento e criminalidade, conforme a natureza dos seus habitantes.

g) Nas cidades espirituais há residências, onde vivem juntos os membros de uma mesma família. Há também templos religiosos, hospitais, escolas, bibliotecas, academias, recintos para encontros sociais etc. Vêem-se parques, jardins, rios, mares, extensas áreas plantadas, montanhas, planícies etc.

A literatura espírita é rica a esse respeito, revelando detalhes das comunidades espirituais e características dos seus habitantes. A série de livros ditada pelo Espírito André Luiz, por meio da psicografia de Francisco Cândido Xavier, merece destaque pelas elucidações lógicas e pela coerência com a Codificação Espírita. Merecem destaque, igualmente, as obras de Manoel Philomeno de Miranda, psicografia de Divaldo Pereira Franco, dentre as quais *Nos Tormentos da Obsessão*. Essa obra nos relata episódios cotidianos de um nosocômio fundado e dirigido por Eurípedes Barsanulfo, que atende a desencarnados em sofrimento, sobretudo espíritas que faliram em seus compromissos espirituais.

2. CARACTERÍSTICAS DAS COMUNIDADES ESPIRITUAIS DE SOFRIMENTO E DE DOR

Essas comunidades podem ser classificadas em duas grandes categorias, conforme a localização e a gradação do sofrimento: comunidades de regiões abismais e comunidades do umbral.

As características gerais que ambas as categorias apresentam são as seguintes:

- Predomínio de paixões e ações negativas. O mal, as brigas, as desarmonias, as perturbações generalizadas campeiam nessas localidades.
- Ociosidade marcante entre seus habitantes. Muitos destes dominam outros habitantes, subjugando-os ao trabalho escravo ou ao domínio da sua vontade autoritária e perturbadora (obsessão).
- Os habitantes se comunicam pelo uso das palavras articuladas, como se estivessem encarnados. Os obsessores e dominadores mantêm controle mental sobre aqueles a quem subjugam, por meio dos recursos da hipnose e das chantagens emocionais.
- A volitação é restrita e, quando ocorre, não há deslocamentos significativos, permanecendo a entidade próxima ao solo. O mais comum é a caminhada, utilizando-se das pernas e dos pés.
- O trânsito está temporariamente interdito às regiões mais elevadas.
- A natureza não oferece beleza. Há predomínio de cores fortes e sombrias. Uma espécie de névoa envolve as regiões. As árvores e os animais são estranhos, feios, sem viço.

- As cidades possuem edificações bizarras, pintadas de tons berrantes. As músicas são exóticas e irritantes.
- O relevo é árido, áspero, sem verdura e sem paisagens tranquilas. Há muitos vales, permeados de cavernas, grutas, abismos e pântanos.
- Essas comunidades exercem influência direta nos encarnados.

Apesar da desolação e do desequilíbrio reinantes, tais comunidades são constantemente visitadas por benfeitores espirituais, que ali realizam missões de auxílio. Muitos desses benfeitores estão instalados em plenas regiões abismais, em construções genericamente denominadas de *núcleos ou postos de auxílio*. Eles ali se encontram em missão sacrificial.

3. EXEMPLOS DE COMUNIDADES ESPIRITUAIS CARACTERIZADAS PELO SOFRIMENTO E PELA DOR

3.1 O Vale dos Suicidas

- *Fonte*: Essa comunidade está descrita no livro *Memórias de um Suicida*, recebido mediunicamente por Yvone A. Pereira, edição FEB.
- *Tipos de habitantes*: Suicidas.
- *Características da localidade*:
 - há pouca luz solar, que é constantemente filtrada por uma névoa densa;
 - a vegetação é sinistra, seca, contorcida; as árvores possuem pouca folhagem; muitas plantas exóticas;
 - ouvem-se muitos gemidos, súplicas, choros humanos. O desespero, a dor profunda, a mágoa e o remorso são sentimentos dominantes.

Eis a descrição amarga e dolorosa que um ex-suicida faz do local onde habitou por algum tempo.

[...] fora eu surpreendido com meu aprisionamento em região do Mundo Invisível cujo desolador panorama era composto por vales profundos, a que as sombras presidiam: gargantas sinuosas e cavernas sinistras, no interior das quais uivavam, quais maltas de demônios enfurecidos, Espíritos que foram homens, dementados pela intensidade e estranheza, verdadeiramente inconcebíveis, dos sofrimentos que os martirizavam.

Nessa paragem aflitiva a vista torturada do grilheta não distinguiria sequer o doce vulto de um arvoredado que testemunhasse suas horas de desesperação [...]

O solo, coberto de matérias enegrecidas e fétidas, lembrando a fuligem, era imundo, pastoso, escorregadio, repugnante! O ar pesadíssimo, asfixiante, gelado, enoitado por bulções ameaçadores como se eternas tempestades rugissem em torno; e, ao respirarem-no, os Espíritos ali ergastulados sufocavam-se como se matérias pulverizadas, nocivas, mais do que a cinza e a cal, lhes invadissem as vias respiratórias, martirizando-os com suplício inconcebível ao cérebro humano habituado às gloriosas claridades do Sol — dádiva celeste que diariamente abençoa a Terra — e às correntes vivificadoras dos ventos sadios que tonificam a organização física dos seus habitantes.

Não havia então ali, como não haverá jamais, nem paz, nem consolo, nem esperança: tudo em seu âmbito marcado pela desgraça era miséria, assombro, desespero e horror [...]

O vale dos leprosos, lugar repulsivo da antiga Jerusalém [...] que no orbe terráqueo evoca o último grau da abjeção e do sofrimento humano, seria consolador estágio de repouso comparado ao local que tento descrever.¹⁵

Aqui, era a dor que nada consola, a desgraça que nenhum favor ameniza, a tragédia que idéia alguma tranqüilizadora vem orvalhar de esperança! Não há céu, não há luz, não há sol, não há perfume, não há tréguas!

O que há é o choro convulso e inconsolável dos condenados que nunca se harmonizam! O assombroso ‘ranger de dentes’ da advertência prudente e sábia do sábio Mestre de Nazaré! A blasfêmia acintosa do réprobo e se acusar a cada novo rebate da mente flagelada pelas recordações penosas! A loucura inalterável de consciências contundidas pelo vergastar infame dos remorsos! O que há é a raiva envenenada daquele que já não pode chorar, porque ficou exausto sob o excesso das lágrimas! O que há é o desaponto, a surpresa aterradora daquele que se sente vivo a despeito de se haver arrojado da morte! É a revolta, a praga, o insulto, o ulular de corações que o percutir monstruoso da expiação transformou em feras! O que há é a consciência conflagrada, a alma ofendida pela imprudência das ações cometidas, a mente revolucionada, as faculdades espirituais envolvidas nas trevas oriundas de si mesma! [...]

Quem ali temporariamente estaciona, como eu estacionei, são grandes vultos do crime! É a escória do mundo espiritual — falanges de suicidas que periodicamente para os seus canais afluem [...].¹⁶

3.2 Uma cidade estranha

- *Fonte:* Esta cidade está descrita no livro *Libertação*, psicografia de Francisco Cândido Xavier, ditado pelo Espírito André Luiz, edição FEB.
- *Tipos de habitantes:* Espíritos imperfeitos, vinculados ao mal.
- *Características da localidade:*

A cidade que André Luiz chama de estranha, estava (ou está) situada em vasto domínio das sombras e pode ser assim descrita:

A claridade solar jazia diferenciada.

Fumo cinzento cobria o céu em todas a sua extensão.

A volitação fácil se fizera impossível.

A vegetação exhibia aspecto sinistro e angustiado. As árvores não se vestiam de folhagem farta e os galhos, quase secos, davam a idéia de braços erguidos em súplicas dolorosas.

*Aves agoureiras, de grande tamanho, de uma espécie que poderá ser situada entre os corvídeos, crocitavam em surdina, semelhando-se a pequenos monstros alados espiando presas ocultas.*¹⁷

*O que mais contristava, porém, não era o quadro desolador, mais ou menos semelhante a outros [...] e, sim, os apelos cortantes que provinham dos charcos. Gemidos tipicamente humanos eram pronunciados em todos os tons.*¹⁸

Observando as características ambientais daquela cidade, André Luiz faz as seguintes indagações íntimas:

*Aquelas árvores estranhas, de frondes ressecadas, mas vivas, seriam almas convertidas em silenciosas sentinelas de dor, qual a mulher de Lot, transformada simbolicamente em estátua de sal? E aquelas grandes corujas diferentes, cujos olhos brilhavam desagradavelmente nas sombras, seriam homens desencarnados sob tremendo castigo da forma? Quem chorava nos vales extensos da lama? Criaturas que houvessem vivido na Terra que recordávamos, ou duendes desconhecidos para nós?*¹⁹

Continuando no seu pungente relato, André Luiz nos informa que de [...] quando em quando, grupos hostis de entidades espirituais em desequilíbrio nos de-frontavam, seguindo adiante, indiferentes, incapazes de registrar-nos a presença.

Falavam em voz alta, em português degradado, mas inteligível, evidenciando,

pelas gargalhadas, deploráveis condições de ignorância. Apresentavam-se em trajes bisonhos e conduziam apetrechos de lutar e ferir. ¹⁹

A certa altura, à medida que se vai aproximando da cidade, o ar parece impregnado de fluidos viscosos, provando mal-estar, asfixiante opressão e respiração ofegante. Assinala André Luiz: *de quando em quando grupos hostis de entidades espíritas em desequilíbrio nos defrontavam, seguindo adiantes, indiferentes, incapazes de nos registrar a presença. Falavam em voz alta, em português degradado, mas inteligível [...]* ¹⁹

A cidade era dirigida pelo sacerdote Gregório, [...] *um sátrapa de inqualificável impiedade, que aliciou para si próprio o pomposo título de Grande Juiz, assistido por assessores políticos e religiosos, tão frios e perversos quanto ele mesmo.* ⁽²²⁾

Ali se encontrava aristocracia de gênios implacáveis, senhoreando milhares de mentes preguiçosas, delinquentes e enfermias. ²⁰

André Luiz continua nos transmitindo, com matizes fortes, os panoramas dessa cidade umbralina:

Música exótica fazia-se ouvir não distante. [...]

Em minutos breves, penetramos vastíssima aglomeração de vielas, reunindo casario decadente e sórdido [...]

Rostos horrendos contemplava-nos furtivamente, a princípio, mas, à medida que varávamos o terreno, éramos observados, com atitude agressiva, por transeuntes de miserável aspecto [...]

Mutilados às centenas, aleijados de todos os matizes, entidades visceralmente desequilibradas, ofereciam-nos paisagens de arrepiar. ²¹

[...] *vestiam-se de roupagens de matéria francamente imunda. Lombroso e Freud encontrariam aí extenso material de observação. Incontáveis tipos que interessariam, de perto, à criminologia e à psicanálise vagueavam absortos, sem rumo. Exemplos inúmeros de pigmeus, cuja natureza em si ainda não posso precisar, passavam por nós, aos magotes. Plantas exóticas, desagradáveis ao nosso olhar, ali proliferam, e animais em cópia abundante, embora monstruosos, se movimentavam a esmo [...]. Becos e despenhadeiros escuros se multiplicavam em derredor [...].* ²²

[...] *Milhares de criaturas, utilizadas nos serviços mais rudes da natureza, movimentam-se nestes sítios em posição infraterrestre [...]. Situam-se entre o raciocínio fragmentário do macacóide e a idéia simples do homem primitivo na floresta. Afeiçoam-se a personalidades encarnadas ou obedecem, cegamente, aos espíritos*

prepotentes que dominam em paisagens como esta. Guardam, enfim, a ingenuidade do selvagem e a fidelidade do cão. ²³

O orientador Gúbio, dirigente do grupo em trabalho de auxílio nessa cidade, esclarece:

Quase todas as almas humanas, situadas nestas furnas, sugam as energias dos encarnados e lhes vampirizam a vida, qual se fossem lampreias insaciáveis no oceano de oxigênio terrestre. Suspiram pelo retorno ao corpo físico, de vez que não aperfeiçoaram a mente para a ascensão, e perseguem as emoções do campo carnal com o desvario dos sedentos no deserto. Quais fetos adiantados absorvendo as energias do seio materno, consomem altas reservas de força dos seres encarnados que as acalentam, desprevenidos de conhecimento superior. Daí, esse desespero com que defendem no mundo os poderes da inércia e essa aversão com que interpretam qualquer progresso espiritual ou qualquer avanço do homem na montanha da santificação. No fundo, as bases econômicas de toda essa gente residem, ainda, na esfera dos homens comuns e, por isto, preservam, apaixonadamente, o sistema de furto psíquico, dentro do qual se sustentam, junto às comunidades da Terra. ²⁴

Essas palavras de Gúbio merecem profunda reflexão de nossa parte, porque a morte do corpo físico não opera milagres e cada um colhe, no Além, aquilo que houver semeado. Devemos, porém, acreditar em dias melhores, pois [...] *o bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que a vêm habitar, os bons predominarem, porque, então, farão que aí reinem o amor e a justiça, fonte do bem e da felicidade. Por meio do progresso moral e praticando as leis de Deus é que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos e dela afastará os maus. Estes, porém, não a deixarão, senão quando daí estejam banidos o orgulho e o egoísmo.* ¹²

A Cidade Estranha está situada em uma vasta região do plano espiritual denominada *Umbral*. Esta região está citada no livro *Nosso Lar*, psicografado por Francisco Cândido Xavier, ditado pelo Espírito André Luiz, edição FEB.

Vamos apresentar, em seguida, as características gerais do Umbral e dos seus habitantes.

Os habitantes das regiões umbralinas podem ser classificados em dois grandes grupos, assim especificados:

- Espíritos imperfeitos – presos às paixões e às sensações da vida material.
- Espíritos benfeitores – que vivem nos chamados *postos de auxílio*, realizando trabalho sacrificial de auxílio aos Espíritos necessitados.

O Umbral é uma zona obscura que se inicia na crosta terrestre, uma espécie de região purgatorial, caracterizada por grandes perturbações decorrentes da presença de compactas legiões de almas irresolutas, ignorantes e desesperadas, em graus variáveis.

Vamos, em seguida, acompanhar a descrição que o Espírito André Luiz faz desta localidade espiritual.

*O Umbral é uma região espiritual que [...] começa na crosta terrestre. É a zona obscura de quantos no mundo não se resolveram a atravessar as portas dos deveres sagrados, a fim de cumpri-los, demorando-se no vale da indecisão ou no pântano dos erros numerosos [...] Pois bem: todas as multidões de desequilibrados permanecem nas regiões nevoentas, que se seguem aos fluidos carnaís.*²⁵

*O Umbral funciona, portanto, como região destinada a esgotamento de resíduos mentais; uma espécie de zona purgatorial, onde se queima a prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma existência terrena.*²⁶

*O Umbral é região de profundo interesse para quem esteja na Terra. Concentra-se, aí, tudo que não tem finalidade para a vida superior [...]. Há legiões compactas de almas irresolutas e ignorantes, que não são suficientemente perversas para serem enviadas a colônias de reparação mais dolorosa, nem bastante nobres para serem conduzidas a planos de elevação. Representam fileiras de habitantes do Umbral, companheiros imediatos dos homens encarnados, separados deles apenas por leis vibratórias. Não é de estranhar, portanto, que semelhantes lugares se caracterizem por grandes perturbações. Lá vivem, agrupam-se, os revoltados de toda espécie. Formam, igualmente, núcleos invisíveis de notável poder, pela concentração das tendências e desejos gerais [...] O Umbral está repleto de desesperados.*²⁷

O Umbral possui núcleos onde há *infelizes, malfeitores e vagabundos de várias categorias. É zona de verdegos e vítimas, de exploradores e explorados.*²⁸

*[...] A zona inferior a que nos referimos é qual a casa onde não há pão: todos gritam e ninguém tem razão. O viajante distraído perde o comboio, o agricultor que não semeou não pode colher [...]: — não obstante as sombras e angústias do Umbral, nunca faltou lá a proteção divina. Cada Espírito lá permanece o tempo que se faça necessário.*²⁹

Das colônias espirituais, situadas acima do Umbral, partem missões consagradas ao trabalho e ao socorro espiritual³¹ aos Espíritos que ali se situam.

O trabalho dos benfeitores espirituais nessas localidades é de muita co-

ragem e de renúncia, porque os [...] *missionários do Umbral encontram fluidos pesadíssimos emitidos sem cessar, por milhares de mentes desequilibradas, na prática do mal, ou terrivelmente flageladas nos sofrimentos retificadores.* ³⁰

É importante que pensemos mais detidamente a respeito dessas informações transmitidas por André Luiz, a fim de que, sabendo aproveitar de forma equilibrada as experiências vivenciadas na vida física possamos desfrutar de momentos de paz no plano espiritual. O que vale é perseverarmos no bem, porque dia virá em que as cidades de sofrimento, tanto no plano espiritual quanto no material, existirão apenas nos arquivos da história do planeta, porque a Terra será um mundo de regeneração, habitada por Espíritos melhores; e então, nesse instante, estará sendo cumprida a promessa da Cristo: *bem-aventurados os mansos porque herdarão a Terra* (Mateus, 5:4).



GLOSSÁRIO

Abjeção	Aviltamento, último grau de baixaza.
Bulções	Nevoeiros densos e negros que precedem uma tempestade.
Ergastulados	Encarcerados, prisioneiros.
Grilheta	Condenado às galés ou aos trabalhos forçados.
Maltas	Grupos ou reuniões de pessoas de baixa condição. Vagabundos.
Nilismo	Em Filosofia significa ausência de toda crença. Doutrina política que justifica a destruição de qualquer organização social, porque todas são más. Negação de tudo. É a doutrina do nada.
Pigmeus	De pequeníssima estatura, anões.
Réprobo	Reprovado, condenado.
Sátrapa	Título dos antigos governadores persas. Grande Senhor. Déspota.
Vergastar	Bater com vergasta (chibata, chicote). Açoitar.



REFERÊNCIAS

1. KARDEC, Allan. *O Céu e o Inferno*. Tradução de Manoel Justiniano Quintão. 45. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000. Primeira Parte, cap. I, item 1, p. 11-12.
2. _____. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Tradução de Guillon Ribeiro. 116. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999. Cap. IV, item 18, p. 90.
3. _____. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003, questão 96, p. 86.
4. _____. Questão 100, p. 87-89.
5. _____. Questão 101, p. 89-92.
6. _____. Questão 107, p. 92-93.
7. _____. Questão 274, p.179.
8. _____. Questão 278, p. 180.
9. _____. Questão 829, p. 384.
10. _____. Questões 836-837, p. 386.
11. _____. Questão 959, p. 445-446.
12. _____. Questão 1019, p. 475-476.
13. _____. *O Livro dos Médiuns*. Tradução de Guillon Ribeiro. 66. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000, primeira parte. Cap. I, item 2, p. 20.
14. DOYLE, Arthur Conan. A História de Swedenborg. *História do Espiritismo*. Tradução de Júlio Abreu Filho. São Paulo: Pensamento, 1960, p. 38.
15. PEREIRA, Yvone A. *Memórias de um Suicida*. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000, p. 15-16.
16. _____. p. 17.
17. XAVIER, Francisco Cândido. *Libertação*. Pelo Espírito André Luiz. 18. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 4 (Numa cidade estranha), p. 63-64.
18. _____. p. 64.
19. _____. p. 65.
20. _____. p. 67.

21._____. p. 70.

22._____. p. 73.

23._____. p. 74.

24._____. p. 76.

25._____. *Nosso Lar*. Pelo Espírito André Luiz. 55. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005.
Cap. 12 (O umbral), p. 79-80.

26._____. p. 81.

27._____. p. 81-82.

28._____. p. 82.

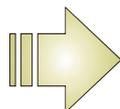
29._____. p. 83.

30._____. p. 84.

FUNDAMENTAÇÃO ESPÍRITA: A Vida no Mundo Espiritual

ROTEIRO 4

As comunidades espirituais devotadas ao bem

Objetivos
específicos

- Dar as principais características das comunidades espirituais devotadas ao bem, existentes no além-túmulo.
- Destacar o trabalho dos benfeitores espirituais em prol dos sofredores.



SUBSÍDIOS

O Espírito São Luís, na questão 1019 de *O Livro dos Espíritos* nos diz: [...] *Predita foi a transformação da Humanidade e vos avizinhais do momento em que se dará, momento cuja chegada apressam todos os homens que auxiliam o progresso. Essa transformação se verificará por meio da encarnação de Espíritos melhores, que constituirão na Terra, uma geração nova.*¹

*O progresso da Humanidade tem seu princípio na aplicação da lei de justiça, de amor e de caridade, lei que se funda na certeza do futuro. [...] Dessa lei derivam todas as outras, porque ela encerra todas as condições da felicidade do homem. Só ela pode curar as chagas da sociedade.*²

1. AS ESFERAS ESPIRITUAIS

*Muitos comunicantes da Vida Espiritual têm afirmado, em diversos países, que o plano imediato à residência dos homens jaz subdividido em várias esferas. Assim é com efeito, não só do ponto de vista do espaço, mas sim sob o prisma de condições, qual ocorre no globo de matéria mais densa, cujo dorso o homem pisa orgulhosamente.*²⁰

Uma explicação se faz necessária a essa informação do Espírito André Luiz.

Quando os Espíritos nos informam que o mundo espiritual é formado de esferas, a idéia que primeiramente captamos é a de que a *espiritualidade é constituída por camadas dispostas verticalmente, ou seja, da superfície da Terra elevando-se para a Atmosfera, como se fosse um empilhamento de planos.*

Todavia, esclarece André Luiz que essas esferas realmente existem, mas no mesmo plano horizontal, ou, pelo menos, podendo ser no mesmo nível, variando

*apenas as condições de vida de um núcleo para o outro. Ficamos, dessa forma, com a idéia de que podemos comparar as várias esferas espirituais à maneira como estão organizadas nossas cidades, num mesmo plano e não umas sobre as outras. O que vai variar é o tipo de vida em cada núcleo.*³

Para justificar suas afirmativas, o autor espiritual faz uma comparação com a Terra. [...] *a crosta terrestre, na maior parte dos elementos que a constituem, é sólida, mas conservando, aqui e ali, vastas cavidades repletas de líquido quente ou de material plástico. Guarda o orbe grande núcleo no seio, e que podemos considerar como sendo plasmado num aço de níquel natural, revestido por grossa camada de rocha basáltica, medindo dois mil quilômetros, aproximadamente, de raio, no tope da qual, ali e acolá, surgem finas superfícies de rocha granítica, entre as quais a face basáltica está recoberta de água. Mais ou menos nessa superfície, reside a zona mais apropriada para indicar o limite do solo que é, conseqüentemente, o leito do oceano. Temos, desse modo, os continentes do mundo, como ligeira película, com a propriedade de flutuar, à maneira de barcaças imensas, sobre o maciço basáltico, película essa que mantém a espessura de cinqüenta quilômetros em média.*²⁰

Muitas são as atividades encontradas no ar, nas águas e nos continentes.

*Encontramos, assim, na constituição material do planeta, desde a barisfera à ionosfera, múltiplos círculos de força e atividade da Terra, na água e no ar, tanto quanto nos continentes identificamos as esferas de civilização e nas civilizações, as esferas de classe, a se totalizarem numa só faixa do espaço.*³

O grande vidente sueco do passado, Swedenborg, nos informa que [...] *o outro mundo, para onde vamos após a morte, consiste de várias esferas, representando outros tantos graus de luminosidade e de felicidade; cada um de nós irá para aquela a que se adapta a nossa condição espiritual.*⁴

Arthur Conan Doyle entendia que, do outro lado da vida, os Espíritos estariam situados em três níveis, segundo o grau evolutivo de cada um. *Há os que se acham presos à Terra e que trocaram os seus corpos mortais por corpos etéricos, mas que são mantidos na superfície deste mundo, ou próximos dela, pela grosseria de sua natureza ou pela intensidade de seu interesse mundano. Tão áspera deve ser a contextura de sua forma extraterrena, que devem ser reconhecidos mesmo por aqueles que não possuem o dom especial da clarividência. Nessa infeliz classe errante está a explicação de todos aqueles fantasmas, espectros e aparições, as casas assombradas que têm chamado a atenção da Humanidade em todas as épocas.*⁵

Estes Espíritos nem conseguem perceber que estão desencarnados, uma vez

que se mantêm presos a pessoas, objetos e locais situados no plano físico. Em consequência, participam ativamente da vida cotidiana dos encarnados, produzindo distúrbios e perturbações variáveis segundo os tipos e graus que os caracterizam.

*Essa situação, entretanto, não é permanente. [...] Os (Espíritos) que não fizeram um esforço ascensional, entretanto, ficarão aí indefinidamente, enquanto outros que dão ouvidos ao ensino dos Espíritos auxiliares, [...] aprendem a lutar para subir a zonas mais brilhantes.*⁵

O segundo nível, ou esfera de vida dos desencarnados, seria representado pela que Doyle denomina de *o além normal*.⁷

São localidades onde o ar, as casas, o meio ambiente, as ocupações, o céu seriam uma sublimada e etérea reprodução da Terra e da vida terrena, em condições melhores e mais elevadas. [...] No além normal há, de fato, uma sociedade muito complexa, na qual cada um encontra o trabalho a que mais se adapta e que lhe causa maior satisfação.⁷

O terceiro nível, apesar de não estar claramente especificado pelo autor do livro, foi descrito por um Espírito, em uma reunião familiar, como um plano em que a felicidade, a beleza, a paz são características básicas. Ninguém se aborrece, porque todos são muito felizes.⁸

O Espírito André Luiz fornece-nos detalhes preciosos nos seus relatos a respeito das comunidades espirituais e dos seus habitantes.

Informa-nos que as comunidades devotadas à prática do bem não estão, necessariamente, situadas em planos ou regiões mais elevadas. Muitas delas estão encravadas em regiões de sombras e de dor, representando verdadeiros oásis para o viajor cansado e perdido nessas paragens.

Essas comunidades, genericamente denominadas Postos de Auxílio, são pequenos agrupamentos de Espíritos, normalmente vinculados a uma colônia situada em planos mais elevados, de onde recebem instruções, orientações e cuidados, recebendo trabalhadores que ali estagiam em tarefas de devotamento, sacrifício e amor ao próximo.

Uma dessas colônias chama-se *Nosso Lar*. É de mediana evolução, visto que seus habitantes, ainda que vinculados ao bem, são portadores de imperfeições. *Nosso Lar* está situado no limite superior do Umbral, abaixo das regiões evoluídas. É uma colônia de transição.

2. AS COLÔNIAS E OS NÚCLEOS ESPIRITUAIS DEVOTADOS AO BEM

2.1 Características gerais

a) Organizacionais:

- as pessoas estão reunidas em grupos ou em famílias, ligadas entre si por simpatias mútuas ou interesses comuns;
- há hierarquização de poder ou níveis de autoridade, assim estabelecidos por uma ascendência intelecto-moral;
- é uma sociedade heterogênea em níveis de saber e de moralidade, a partir de um patamar mínimo onde as atividades, os estudos, os trabalhos as atividades estão comprometidos com o bem.

b) Dos seus habitantes:

- prática do bem em qualquer atividade;
- labor intenso;
- livre trânsito às esferas inferiores e aos limites da colônia;
- locomoção por levitação ou motora (pernas e pés). Há locomoção por meio de veículos ou máquinas;
- há comunicação mental, mas ainda se utiliza a palavra articulada.
- influência sutil sobre os encarnados, havendo a preocupação de se respeitar o livre-arbítrio destes.

c) Do ambiente:

- a natureza é rica e bela, contendo colorido e luminosidade próprios;
- há rios, lagos, oceanos, cascatas d'água, montanhas, campos, planícies;
- árvores, plantas, flores, arbustos retratam o equilíbrio mental dos seus habitantes;
- as edificações primam pelo bom gosto e utilidade;
- há escolas, hospitais, ministérios, centros de estudos e pesquisa, bibliotecas, bem como torres, setores de recuperação ou de reequilíbrio

(sobretudo nos postos de auxílio), templos religiosos, setores de lazer e recreação etc.

- os animais compartilham a companhia dos humanos, sendo por estes estimados, e participam das tarefas beneméritas de, por exemplo, resgate, vigilância etc.

2.2 Exemplos de colônias espirituais

Nosso Lar

Fonte: Livro *Nosso Lar*, ditado pelo Espírito André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, edição FEB. Nas demais obras da série André Luiz, há referências diretas e indiretas a respeito das atividades desta Colônia Espiritual.

Nosso Lar é o exemplo de uma comunidade espiritual, situada na parte superior do Umbral e abaixo das regiões superiores. É, portanto, uma colônia de transição.

Ali ainda existe sofrimento, mas os seus habitantes, sendo de mediana evolução, são mais esclarecidos. Essa posição espiritual favorece a natureza, caracterizada por belezas e harmonias inexistentes nos planos inferiores.

A colônia possui vastas avenidas, enfeitadas de árvores frondosas. Ar puro, atmosfera de profunda tranquilidade espiritual. Não há, porém, qualquer sinal de inércia ou de ociosidade, visto que as vias públicas estão sempre repletas de entidades numerosas em constantes atividades, indo e vindo.²²

Há também um bosque, em floração maravilhosa, que embalsama [...] *o vento fresco de inebriante perfume. Tudo em prodígio de cores e luzes cariciosas. Entre margens bordadas de grama viçosa, toda esmaltada de azulíneas flores, deslizava um rio de grandes proporções. A corrente rolava tranqüila, mas tão cristalina que parecia tonalizada em matiz celeste, em vista dos reflexos do firmamento. Estradas largas cortavam a verdura da paisagem. Plantadas a espaços regulares, árvores frondosas ofereciam sombra amiga, à maneira de pousos deliciosos, na claridade do Sol confortador. Bancos de caprichosos formatos convidavam ao descanso.*²⁶

A Colônia, que é essencialmente de trabalho e realização, divide-se administrativamente em seis Ministérios, orientados, cada qual, por dozes ministros. São os Ministérios da Regeneração, do Auxílio, da Comunicação, do Esclarecimento, da Elevação e da União Divina. Os quatro primeiros aproximam-se das esferas terrestres, e os dois últimos ligam-se ao plano Superior, visto que a cidade espiri-

tual é zona de transição. Os serviços mais grosseiros localizam-se no Ministério da Regeneração, e os mais sublimes, no da União Divina. ²²

A Colônia é dirigida por um governador e por setenta e dois colaboradores diretos, ou ministros ²², aos quais estão vinculados cerca de 3.000 funcionários.²⁴

A alimentação é algo diferente da que comumente ingerimos na Crosta. Conta-se que, em determinado momento da história de Nosso Lar, [...] *a pedido do governador, vieram duzentos instrutores de uma esfera muito elevada, a fim de espalharem novos conhecimentos, relativos à ciência da respiração e da absorção de princípios vitais da atmosfera.* ²⁴

O alimento sacia a fome, ou a sensação desta, mas os seus habitantes se alimentam, basicamente, pela inalação dos princípios vitais contidos na atmosfera, por meio da respiração e da água misturada a elementos solares, elétricos e magnéticos. ²⁶

No entanto, existe fornecimento de alimentos, semelhantes aos nossos, destinados ao grande número de necessitados, que estão vinculados aos ministérios da Regeneração e do Auxílio. ²⁵

Vinculados a cada ministério, existem os edifícios — onde os trabalhadores executam os trabalhos que lhes competem — e as unidades residenciais onde habitam. Aí vivem as pessoas que recebem auxílio ou prestam serviços; há instituições e abrigos, ligados à jurisdição ou à área de atuação de cada ministério. ²²

No Ministério do Auxílio há, por exemplo, edificações e moradias que representam a infra-estrutura física para o trabalho de atendimento aos doentes; ao serviço de prece; à preparação das reencarnações terrestres; à organização de turmas de socorro aos habitantes do Umbral ou aos encarnados; à solução dos processos que se prendem ao sofrimento em geral. ²²

Alvorada Nova

Fonte: Livro *Conversando sobre a mediunidade*, ditado pelo Espírito Cairbar Schutel, pela mediunidade de Abel Glaser.

Esta Colônia espiritual abrange, do ponto de vista geográfico, área equivalente às das cidades de Santos, São Vicente, Praia Grande e Cubatão, no litoral do Estado de São Paulo, em cujo ângulo de inclinação se situa, [a Colônia] não obstante a sua abrangência tender a se expandir progressivamente, como consequência direta

*da higienização das localidades umbralinas que lhe são vizinhas.*⁹

É uma colônia devotada ao estudo da Doutrina Espírita, segundo a ótica do Evangelho de Jesus, possuindo, para tanto, centros de estudo e de cultura. O estudo da mediunidade aí merece destaque, por propiciar a preparação de médiuns para futuros trabalhos na crosta, o acompanhamento e o auxílio a encarnados e a formação de trabalhadores que atuarão no campo da desobsessão.¹⁰

A cidade de Castrel

Fonte: Livro *A Vida Além do Véu*, ditado por vários Espíritos, recebido pela escrita mediúnica mecânica do reverendo inglês G. Vale Owen, edição FEB, tradução de Carlos Imbassahy.

Esta Colônia espiritual, cujas informações nos chegaram com a primeira edição do livro acima citado (1920), tem como tarefa básica o atendimento à infância.

Recebe Espíritos desencarnados na infância, prepara-os para a nova realidade da vida, reintegra-os aos planos que lhes são destinados após terem retornado à forma adulta, ou prepara Espíritos para reencarnação, acompanhando-os na fase infantil.

Apesar de a linguagem predominante no livro não ser atual, é uma obra de leitura agradável, que muito nos esclarece.

A Colônia, situada entre montanhas, possui uma cúpula dourada no centro, cercada por um terraço cheio de colunas.¹²

Uma longa rua corta a cidade de um extremo ao outro, formando uma alameda, onde estão localizadas as residências dos seus dirigentes.

Há muitos terrenos, espaçosos edifícios e construções para o atendimento à criança.¹²

Vivem aí muitos trabalhadores do campo, dedicados à horticultura, e muitos da cidade, dedicados a tarefas juntos à infância.

É uma localidade muito bela e iluminada; há muitas fontes de água e predominância de ambiente harmônico. O desejo do bem é a nota reinante.¹³

O Lar da Bênção

Fonte: Livro *Entre a Terra e o Céu*, ditado pelo Espírito André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, edição FEB.

É uma [...] *importante Colônia educativa, misto de escola de mães e domicílio dos pequeninos que regressam da esfera carnal.*¹⁷

Essa Colônia, situada no espaço espiritual correspondente às terras brasileiras, tem como objetivo preparar mães para a maternidade responsável e atender às crianças que desencarnam e encarnam. Tais crianças encontram aí o apoio necessário ao seu reajustamento espiritual. Assim é que, nos primeiros momentos como libertas do corpo físico, ou enquanto lhes dure o equilíbrio, são abençoadas pela assistência superior e amiga dos benfeitores espirituais do Lar da Bênção e pelo afeto inesquecível daquelas que foram suas genitoras, as quais, ainda presas aos liames da carne, são, no entanto, levadas à Colônia para auxiliar e acompanhar o reerguimento dos filhos.¹⁸

Mansão Paz

Fonte: Livro *Ação e reação*, ditado pelo Espírito André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, edição FEB.

A Mansão Paz é uma escola de reajuste espiritual, sob a jurisdição de Nosso Lar. O Espírito André Luiz assim se expressa sobre ela:

*O estabelecimento, situado nas regiões inferiores, era bem uma espécie de ‘mosteiro São Bernardo’, em zona castigada por natureza hostil, com a diferença de que a neve, quase constante em torno do célebre convento encravado nos desfiladeiros entre a Suíça e a Itália, era ali substituída pela sombra espessa, que [...] se adensava, movimentada e terrível, ao redor da instituição, como que se tocada por ventania incessante.*¹⁶

É uma instituição destinada [...] *a receber Espíritos infelizes ou enfermos, [mas] decididos a trabalhar pela própria regeneração, criaturas essas que se elevam a colônias de aprimoramento na Vida Superior ou que retornam à esfera dos homens para a reencarnação retificadora.*¹⁶

3. OS POSTOS DE AUXÍLIO

Os Postos, ou Núcleos de Auxílio, estão situados nas esferas inferiores da região espiritual. Representam um *campus avançado* de uma colônia espiritual.

Segundo nos informa Conan Doyle, os Espíritos esclarecidos e devotados ao bem realizam nessas localidades trabalhos missionários, caracterizados por grandes dificuldades e perigos, semelhantes aos *que rodeariam o homem que tentasse evangelizar as mais selvagens raças da Terra.* ⁶

Os Espíritos missionários travam lutas árduas com os habitantes das regiões tenebrosas, principalmente com os seus dirigentes, verdadeiros *príncipes do mal que são formidáveis em seus próprios reinos.* [...]

Essas esferas são as salas de espera — hospitais para almas doentes — onde a experiência punitiva é intentada para trazer o sofredor à saúde e à felicidade. ⁶

Os postos de auxílio representam a grande expressão de amor ao próximo. Algumas dessas organizações são fixas; outras são móveis, deslocando-se de um local para outro, quando se faz necessário.

Alguns exemplos servirão para ilustrar, ainda que imperfeitamente, a dimensão dos trabalhos realizados pelos *obreiros da vida eterna.*

Posto de Socorro da colônia Campo da Paz

Fonte: Livro *Os Mensageiros*, ditado pelo Espírito André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, edição FEB.

Campo da Paz, localizada em pleno Umbral, tem como missão receber Espíritos enfermos, mais desequilibrados do que maus, pelo choque da morte física, pelo apego relativo que ainda demonstram ter a pessoas e coisas deixadas na Crosta. ^{20, 21}

Neste Posto, os desencarnados são recebidos, tratados, reajustados e depois encaminhados a outros planos. Muitos desses Espíritos chegam ao Núcleo de Auxílio completamente dementados, alheios à realidade do lugar onde estão inseridos ²¹. Muitos permanecem em estado de profundo sono. ²¹

A Casa Transitória de Fabiano

Fonte: Livro *Obreiros da Vida Eterna*, ditado pelo Espírito André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, edição FEB.

A Casa Transitória de Fabiano é um Posto de Auxílio móvel, que se desloca quando se faz necessário, ao longo das regiões umbralinas.

*Trata-se de grande instituição piedosa, no campo de sofrimentos mais duros em que se reúnem almas recém-desencarnadas, nas cercanias da Crosta Terrestre, a qual [...] fora fundada por Fabiano de Cristo, devotado servo da caridade entre antigos religiosos do Rio de Janeiro, desencarnado há muitos anos. Organizada por ele, era confiada, periodicamente, a outros benfeitores de elevada condição, em tarefa de assistência evangélica, junto aos Espíritos recém-desligados do plano carnal.*²⁸

A finalidade essencial da Casa Transitória é prestar auxílio urgente e, devido a sua localização, em plena região trevosa, sofre [...] permanente cerco de Espíritos desesperados e sofrendores, condenados pela própria consciência à revolta e à dor.²⁹

É um asilo móvel que, para garantir suas defesas magnéticas, exige grande número de servidores e de amigos piedosos, que aí permanecem, dia e noite, ao lado do sofrimento. [...] *Todavia, o trabalho desta Casa é dos mais dignos e edificantes. Neste edifício de benemerência cristã, centralizam-se numerosas expedições de irmãos leais ao bem, que se dirigem à Crosta Planetária ou às esferas escuras, onde se debatem na dor seres angustiados e ignorantes, em trânsito prolongado nos abismos tenebrosos.*³⁰

Colônia Correccional da Legião dos Servos de Maria

Fonte: Livro *Memórias de um suicida*, relatado pelo Espírito Camilo Cândido Botelho, pela mediunidade de Yvone A. Pereira.

A *Colônia Correccional da Legião dos Servos de Maria* é uma obra evangélica assistencial, que atende aos suicidas. Os seus dirigentes e servidores agem em nome de Maria Santíssima, sua mentora e orientadora maior.

A Colônia é representada por uma fortaleza, cercada por um conjunto de muralhas fortificadas, situada em [...] *região triste e desolada, envolvida em neblinas como se toda a paisagem fora recoberta pelo sudário de continuadas nevadas, conquanto oferecendo possibilidades de visão.*¹⁴

Esta fortaleza lembra os castelos medievais, com fosso, torres e ponte movediça¹⁵. Dentro da fortaleza há inúmeros edifícios com seus respectivos departamentos de serviços, que se desdobram, constituindo uma verdadeira cidade nas regiões trevosas, oferecendo ao réprobo a assistência necessária ao começo do seu reerguimento moral.¹⁵

4. OS POSTOS DE TRABALHO

Finalmente, é importante lembrar que os trabalhadores do mundo espiritual contam com outros núcleos de auxílio ou socorro aos Espíritos sofredores encarnados e desencarnados. Estes núcleos ou postos de trabalho são os *Centros Espíritas*, localizados no plano material e que podem estar vinculados diretamente a Postos de Auxílio Espiritual, ou a uma Colônia. É importante acrescentar que todos os agrupamentos orientados para o bem são postos de trabalho da Espiritualidade Superior aqui na Terra.

O Espírito Cairbar Schutel nos informa que a *Colônia Alvorada Nova*, a qual dirige, possui na Crosta Terrestre cerca de *1060 Unidades espalhadas pelo Globo, sendo duzentas delas apenas em nosso país*¹¹. Muitas colônias espirituais devem possuir, igualmente, inúmeras unidades na Terra.

Compreendendo, assim, a importância do Centro Espírita como educandário das almas, lembramos que o [...] *Espiritismo começou o inapreciável trabalho de positivar a continuação da vida além da morte, fenômeno natural do caminho de ascensão. Esferas múltiplas de atividade espiritual interpenetram-se nos diversos setores da existência. A morte não extingue a colaboração amiga, o amparo mútuo, a intercessão confortadora, o serviço evolutivo. As dimensões vibratórias do Universo são infinitas, como infinitos são os mundos que povoam a Imensidade.*

Ninguém morre. O aperfeiçoamento prossegue em toda parte.

*A vida renova, purifica e eleva os quadros múltiplos de seus servidores, conduzindo-os, vitoriosa e bela, à União Suprema com a Divindade.*²⁷



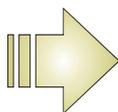
GLOSSÁRIO

- Barisfera** (Geologia) Núcleo central rígido do Planeta, formado de rochas.
- Ionosfera** Região da alta atmosfera, formada de camadas em que o ar é fortemente ionizado. *Ar ionizado*: saturado de íons ou de átomos que perderam ou ganharam elétrons adquirindo, respectivamente, carga elétrica positiva ou negativa. O Planeta Terra possui um invólucro gasoso chamado *atmosfera*. Abaixo da atmosfera, situada logo acima da chamada camada gasosa respirável, está a *estratosfera* (entre 11 a 70 quilômetros do nível do mar, segundo as condições atmosféricas, a latitude e a estação). A *troposfera* é a parte da estratosfera em contato com a vida reinante na Terra; representa uma camada de apenas 10 ou 12 quilômetros.
- Rocha basáltica** (Geologia) Rocha magmática, efusiva, muito dura, ordinariamente negra ou parda e em cuja composição entram o pirogênio e o feldspato. A decomposição do basalto forma solos férteis, como a chamada *terra roxa* da Região Sul do Brasil. É chamada *pedra de toque* pelos ourives porque sobre ela é detectada a pureza do ouro e da prata. *Pirogênio*: qualquer substância que produz calor. *Feldspato*: mineral composto de sílica, alumínio e de soda, cal ou potássio.
- Rocha magmática** (Geologia) Rocha ígnea (vulcânica) originária do magma terrestre. *Magma*: material ou pasta ígnea e fluídica que está no interior da crosta terrestre.
- Rocha granítica** (Geologia) Rocha granular e cristalina formada de feldspato, quartzo e mica em cristais mais ou menos volumosos e agregados.

REFERÊNCIAS

1. KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Tradução de Guillon Ribeiro. 80. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998. Parte Quarta, questão 1019, p 476.
- 2._____. Conclusão IV, p. 480-481.
3. BEARZOTI, Paulo. *Ciclo de Estudos Sobre a Obra Evolução em Dois Mundos*. 3. ed. São Paulo: Associação Médico Espírita de São Paulo, 1997. Cap. XIII (Evolução em dois mundos), p. 141.
4. DOYLE, Arthur Conan. A História de Swedenborg. *História do Espiritismo*. Tradução de Júlio Abreu Filho. São Paulo: Pensamento, 1960, p. 38.
- 5._____. O depois da morte visto pelos Espíritos, p. 474-475.
- 6._____. p. 476.
- 7._____. p.476-477.
- 8._____. p. 479.
9. GLASER, Abel. Retratos de Alvorada Nova. *Conversando Sobre Mediunidade*. Pelo Espírito Cairbar Schutel. Matão [SP]: O Clarim, 1993, p.28.
- 10._____. p. 28-43.
- 11._____. Os postos de trabalho, p. 73.
12. OWEN, Vale G. A . cidade e os domínios de Castrel. *A Vida Além do Véu*. Tradução de Carlos Imbassahy. 6. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998. Cap. IV, p. 127.
- 13._____. p. 127 - 142.
14. PEREIRA, Yvone A . No Hospital “Maria de Nazaré”. *Memórias de um Suicida*. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000. Cap. III, p. 54.
- 15._____. p. 55.
16. XAVIER, Francisco Cândido. *Ação e Reação*. Pelo Espírito André Luiz. 26. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004 Cap. 1 (Luz nas sombras), p. 14.
- 17._____. *Entre a Terra e o Céu*. Pelo Espírito André Luiz. 21. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap. IX (No Lar da Benção), p. 71.
- 18._____. Cap. IX-XI, p. 71-94.

19. XAVIER, Francisco Cândido & VIEIRA, Waldo. *Evolução em Dois Mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 22. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Primeira parte, Cap. XIII (Alma e fluidos), item: Esferas Espirituais, p. 97.
20. _____. *Os Mensageiros*. Pelo Espírito André Luiz. 40. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. Cap. 21 (Espíritos dementados), p. 132.
21. _____. cap. 22, p. 134-138.
22. _____. *Nosso Lar*. Pelo Espírito André Luiz. 55. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. Cap.8 (Organização de serviços), p. 55-59.
23. _____. p. 56.
24. _____. cap. 9 (Problema de Alimentação), p. 62.
25. _____. p. 65.
26. _____. cap. 10 (No Bosque das águas), p. 68.
27. _____. *Obreiros da Vida Eterna*. Pelo Espírito André Luiz. 29. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005 (Rasgando véus - palavras introdutórias de Emmanuel), p. 9.
28. _____. cap. IV (A Casa Transitória), p. 63.
29. _____. p. 64-65.
30. _____. p. 65.

Conteúdo: Percepção Psíquica**Objetivos específicos**

- Possibilitar condições favoráveis ao desenvolvimento harmônico de percepções psíquicas.
- Destacar a importância do pensamento e da intuição na percepções espirituais.

**ESCLARECIMENTOS**

- Realizar os exercícios em clima descontraído e harmônico.
- Incentivar a participação de todos.
- Reservar, necessariamente, um espaço de tempo para a troca de idéias sobre os exercícios, em plenária.

PERCEPÇÃO PSÍQUICA

Percepção origina-se do [...] *latim (perceptio-onis), com o significado de fazer colheita, ato de adquirir, de aprender, de conhecer; ou, do verbo latino percipere, que se traduz por tomar, apoderar-se de algo, adquirir através ou por meio de. A percepção, em Psicologia, refere-se ao processo cognitivo através do qual se conhecem objetos e situações próximos no tempo e no espaço [...]. A tarefa perceptiva é sempre de natureza complexa porque pressupõe a entrada de uma energia física pelo ou ao longo dos órgãos sensoriais, a conversão dessa energia ou impulso físico, que define estímulo, em impulso nervoso, em nível dos receptores sensoriais. O impulso nervoso chegando ao cérebro pode gerar uma resposta imediata ou, conforme o grau de elaboração deste impulso, pode exigir correlações intrincadas nas estruturas psíquicas, que podem conduzir a um excitação e/ou projeção mental, antes de ocorrer a conversão da resposta [...]. O estudioso Donal Olding Hebb caracteriza a percepção como expressão de atividades mediadoras diretamente desencadeadas pelas sensações [...]. Jerome Seymour Bruner, define-a como processo de categorização de estímulos, isto é, como processo através do qual os estímulos são identificados e classificados, atribuindo-lhes, assim, a dimensão abstrata, aproximando-a dos processos do pensamento*¹. A Parapsicologia denomina *percepção-extra-sensorial (PES)* a percepção de pessoas ou de coisas, situadas fora do espaço-tempo que caracteriza o plano de ação dos sentidos. O Espiritismo entende que a percepção é feita pela mente, pelo Espírito, utilizando o perispírito como mediador do processo, e os órgãos físicos como executores, respectivamente.

*É no mundo mental que se processa a gênese de todos os trabalhos da comunhão Espírito a Espírito. Daí procede a necessidade da renovação idealística, de estudo, de bondade operante e de fé viva, se pretendemos conservar contacto com os Espíritos da Grande Luz*². *Isto porque os [...] nossos pensamentos são forças, imagens, coisas e criações visíveis e tangíveis no campo espiritual. [...] Energia viva, o pensamento, desloca, em torno de nós, forças sutis, construindo paisagens ou forma e criando centros magnéticos ou ondas, com as quais emitimos a nossa atuação ou recebemos a atuação dos outros.*³ *Desse modo é que os mais secretos movimentos da alma repercutem no envoltório fluídico; que uma alma pode ler noutra alma como num livro e ver o que não é perceptível aos olhos do corpo. Contudo, vendo a intenção, pode ela pressentir a execução do ato que lhe será a consequência, mas não pode determinar o instante em que o mesmo ato será executado, nem lhe assinalar os pormenores, nem, ainda, afirmar que ele se dê, porque circunstâncias ulteriores poderão modificar os planos assentados e mudar as disposições. Ele não pode ver*

*o que ainda não esteja no pensamento do outro; o que vê é a preocupação habitual do indivíduo, seus desejos, seus projetos, seus desígnios bons ou maus.*⁴



1. ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL - volume 16. Verbete: Percepção. Britânica do Brasil.
2. XAVIER, Francisco Cândido. *Roteiro*. Espírito Emmanuel. 11. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004, p. 119 (Sintonia).
3. p. 120.
4. KARDEC, Allan. *A Gênese*, Tradução de Guillon Ribeiro. 46. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2006, Cap. XIV, item 15, p. 283.



ANEXO

Estudo e Prática da Mediunidade
Programa I
Prática
Conteúdo: Percepção Psíquica

SUGESTÃO DE EXERCÍCIO DE PERCEPÇÃO PSÍQUICA

1. PERCEPÇÃO DA VIDA NO ALÉM-TÚMULO

ROTEIRO

- O monitor divide a turma em dois grupos, entregando a cada um deles diferentes textos que tratam da situação espiritual de desencarnados.
- Os grupos devem fazer o seguinte: a) leitura atenta do texto que recebido; b) trocar idéias; c) escrever, numa folha de cartolina, as principais características da situação espiritual do personagem, citado no texto; d) apresentar, em plenária, um resumo do texto e as conclusões do trabalho.
- O monitor ouve o relatos, promovendo um debate sobre o assunto.

Observação: O livro *Os Mensageiros* (de André Luiz, psicografia de Francisco Cândido Xavier, edição FEB) traz vários relatos sobre a situação espiritual de desencarnados.

2. DIVERSIDADE DE SERES HUMANOS

ROTEIRO

- O dinamizador entrega ao grupo recortes de revistas e gravuras variadas, representando os seres humanos. Os participantes devem identificar, nesses recortes e gravuras, os atributos raciais e culturais das pessoas retratadas.
- Em seguida, promover uma discussão, em plenária, sobre a importância da diversidade de características existentes na humanidade terrestre; a necessidade de fugir dos estereótipos; c) a importância de se combater os preconceitos.

3. EU PERGUNTO, VOCÊ RESPONDE

ROTEIRO

- O dinamizador entrega ao grupo uma folha de papel com perguntas sobre o tema emoção.
- Concluído o exercício, deve haver troca de opiniões entre os participantes. É necessário que o aspecto moral, conforme ensinado pelo Espiritismo, seja destacado na conclusão do trabalho.

Observação: O número de perguntas é variável, tendo em vista o tamanho do grupo ou o interesse dos participantes.

Exemplo de perguntas:

Como você reage quando uma pessoa perder a calma?

Qual é o seu comportamento em situações de grande tensão ou *stress*?

Em que circunstâncias você fica “fora de si”?

Quando, verdadeiramente, você tem medo?

O que você faz para desenvolver a esperança (ou perseverança, felicidade, entusiasmo etc.) em você mesmo, ou em alguém?

Que tipo de preocupação faz com que você perca o sono?

A quem você consegue expressar, sem temores, os seus sentimentos?

Tem dificuldade para dizer não? Justifique.

Como você reage às críticas?

Você sabe ouvir as pessoas? Justifique.

4. OS TALENTOS

ROTEIRO

- O monitor entrega a cada participante um “talento” ou virtude.
- Explica que o exercício será realizado em dois momentos: no primeiro, a pessoa descreve resumidamente, numa folha de papel, o que pretende fazer com o talento recebido.
- No segundo momento, os participantes formam duplas para análise das descrições.

- O monitor pede, então, às duplas que, um a uma, registrem no quadro de giz ou de pincel, o nome do talento e as análises.
- Em sequência, promove uma discussão sobre os benefícios adquiridos como a utilização dos talentos.
- O monitor fecha o assunto com a leitura e comentários da *Parábola dos Talentos* (Mateus 25.14-30).

5. CONSTRUINDO O BEM

ROTEIRO

- O Monitor propõe a realização da atividade em quatro momentos: a) os participantes são divididos em quatro grupos; b) durante dez minutos, devem chegar a um consenso sobre cada um dos temas que se seguem; c) anotar numa folha de cartolina a solução que o grupo deu para cada tema; d) apresentar as conclusões do trabalho em plenária.
- O monitor ouve as conclusões, promovendo troca de idéias com a turma, de forma que, no final, seja definida, por consenso, uma única resposta para cada tema.

TEMAS

Para alcançar a paz é essencial...

Para que exista lei e ordem é necessário...

Para unir todos em torno de um mesmo objetivo é preciso...

Para que a liberdade seja exercida, precisamos...

6. SOLUÇÃO PARA UMA SITUAÇÃO DIFÍCIL

ROTEIRO

- O dinamizador apresenta aos participantes uma situação difícil, pedindo-lhes que indiquem uma solução. Por exemplo: uma pessoa ficou presa num prédio (ou sala, ou banheiro), sabendo que dentro de 30 minutos o local vai ficar vazio.
- O dinamizador concede um tempo para, individualmente, os participantes pensarem numa solução. Esgotado o tempo, decidem – em grupo ou em plenária – a forma de resolver o problema.

7. OUVINDO A NATUREZA (percepção auditiva)

DINÂMICA: *Os sons da Natureza.*

ROTEIRO:

- Os participantes escutam sons da natureza, reproduzidos num CD, procurando identificá-los.
- Em seguida, são convidados pelo monitor a relatarem sentimentos, imagens ou emoções neles foram despertados durante a audição dos sons.

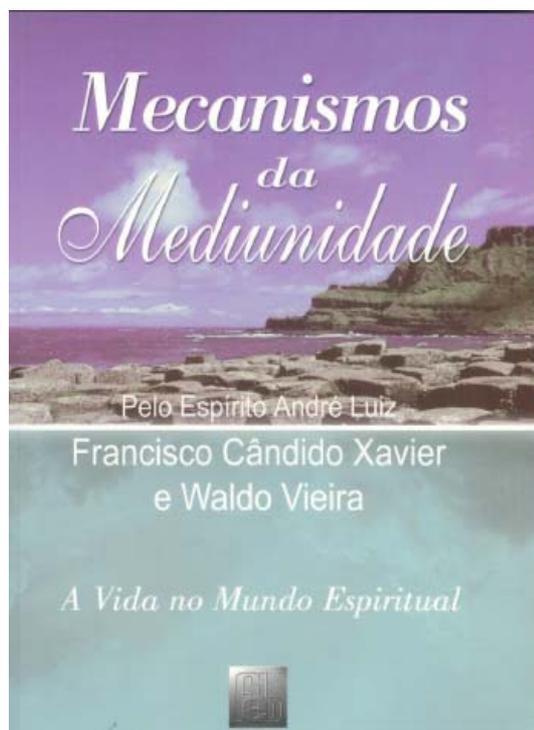
8. PERCEPÇÃO DE QUALIDADES/HABILIDADES

DINÂMICA: *Descobrimo qualidades.*

ROTEIRO:

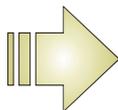
- Os participantes sentam-se em semicírculo, recebem uma folha de papel e lápis para escreverem o nome e duas qualidades do colega sentado à sua esquerda.
- O dinamizador recolhe os papéis, depositando-os numa caixa ou envelope.
- Em seguida, divide o quadro de giz/pincel ou *flip chart* em duas colunas. Solicita, então, o auxílio de dois voluntários para a montagem de um diagrama, cujas etapas são as seguintes: a) um dos voluntários escreve, na primeira coluna do quadro, o nome dos colegas da turma presentes; b) o outro voluntário escreve, na segunda coluna, as qualidades/habilidades que foram registradas pelos participantes.
- O dinamizador analisa o diagrama em conjunto com a turma.





Resumo Informativo

Objetivos específicos



- Elaborar resumo das obras espíritas selecionadas.
- Fazer apresentação do resumo realizado.



O resumo informativo das obras espíritas abaixo relacionadas deve seguir as *Considerações Gerais*, para a realização das atividades complementares.

RESUMO INFORMATIVO DE:

O Céu e o Inferno, de Allan Kardec. Edição FEB.

- Parte Primeira:

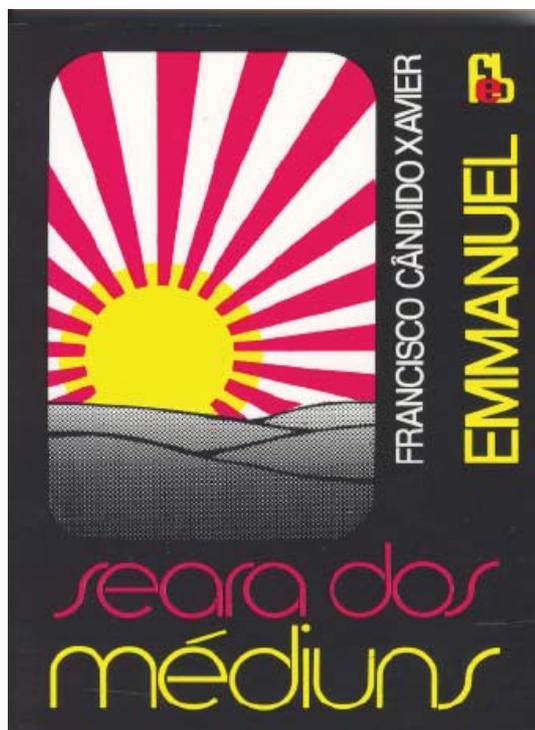
Capítulo I: *O Porvir e o Nada*.

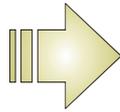
Capítulo II: *Temor da Morte*.

- Parte Segunda:

Capítulo I: *O Passamento*.

Voltei, de Francisco Cândido Xavier, ditado pelo Espírito Irmão Jacob. Edição FEB.



Conduta Espírita: O médium e a sua reforma moral**Objetivo específico**

- Reconhecer a importância da melhoria moral na prática mediúnica.
- Elaborar um plano de melhoria moral, visando a combater os vícios e desenvolver as virtudes.

Sugestões para aplicação desta culminância

- a) Pedir aos alunos que leiam as instruções a eles destinadas (anexo 1).
- b) Solicitar a realização dos exercícios propostos, após a leitura das instruções.
- c) Permitir que o aluno decida se deseja fazer o trabalho em grupo ou individualmente; lembrar que o trabalho em equipe é sempre mais enriquecedor.
- d) Incentivar a apresentação de um ou outro plano de ação de reforma moral, elaborado pelos alunos, respeitando-lhes a liberdade de querer ou não apresentá-los.
- e) O instrutor deve, ao final, apresentar uma sugestão de plano de melhoria moral, tendo como subsídios os assuntos transmitidos em sala de aula e os textos constantes deste roteiro.

Atenção: Esse plano deve ser preparado previamente e pode ser apresentado em cartaz, em fotocópias ou em transparências de retroprojektor (anexo 2).



ANEXO 1

Estudo e Prática da Mediunidade
Programa I - Módulo IV
Culminância do Módulo
Textos para estudo individual ou em grupo

TEXTO Nº 1

Treino para a morte

Preocupado com a sobrevivência além túmulo, você pergunta, espantado, como deveria ser levado a efeito o treinamento de um homem para as surpresas da morte.

A indagação é curiosa e realmente dá que pensar.

Creia, contudo, que, por enquanto, não é muito fácil preparar tecnicamente um companheiro à frente da peregrinação infalível.

Os turistas que procedem da Ásia ou da Europa habilitam futuros viajantes com eficiência, por lhes não faltarem os termos analógicos necessários. Mas nós, os desencarnados, esbarramos com obstáculos intransponíveis.

A rigor, a Religião deve orientar as realizações do Espírito, assim como a Ciência dirige todos os assuntos pertinentes à vida material. Entretanto, a Religião, até certo ponto, permanece jungida ao superficialismo do sacerdócio, sem tocar a profundez da alma.

Importa considerar também que a sua consulta, ao invés de ser encaminhada a grandes teólogos da Terra, hoje domiciliados na Espiritualidade, foi endereçada justamente a mim, pobre noticiarista sem méritos para tratar de semelhantes inquirição.

Pode acreditar que não obstante achar-me aqui de novo, há quase vinte anos de contato, sinto-me ainda no assombro de um xavante, repentinamente trazido da selva matogrossense para alguma de nossas Universidades, com a obrigação de filiar-se, de inopino, aos mais elevados estudos e às mais complicadas disciplinas.

Em razão disso, não posso reportar-me senão ao meu próprio ponto de vista, com as deficiências do selvagem surpreendido junto à coroa da Civilização.

Preliminarmente, admito deva referir-me aos nossos antigos maus hábitos. A cristalização deles, aqui, é uma praga tiranizante.

Comece a renovação de seus costumes pelo prato de cada dia. Diminua gradativamente a volúpia de comer a carne dos animais. O cemitério na barriga é um tormento, depois da grande transição. O lombo de porco ou o bife de vitela, temperados com sal e pimenta, não nos situam muito longe dos nossos antepassados, os tamoios e os ciapós, que se devoram uns aos outros.

Os excitantes largamente ingeridos constituem outra perigosa obsessão. Tenho visto muitas almas de origem aparentemente primorosa, dispostas a trocar o próprio Céu pelo uísque aristocrático ou pela nossa cachaça brasileira.

Tanto quanto lhe seja possível, evite os abusos do fumo. Infunde pena a angústia dos desencarnados amantes da nicotina.

Não se renda à tentação dos narcóticos. Por mais aflitivas lhe pareçam as crises do estágio no corpo, aguente firme os golpes da luta. As vítimas da cocaína, da morfina e dos barbitúricos demoram-se largo tempo na cela escura da sede e da inércia.

E o sexo? Guarde muito cuidado na preservação do seu equilíbrio emotivo. Temos aqui muita gente boa carregando consigo o inferno rotulado de “amor”.

Se você possui algum dinheiro ou detém alguma posse terrestre, não adie doações, caso esteja realmente inclinado a fazê-las. Grandes homens, que admirávamos no mundo pela habilidade e poder com que concretizavam importantes negócios, aparecem, junto de nós, em muitas ocasiões, à maneira de crianças desesperadas por não mais conseguirem manobrar os talões de cheque.

Em família, observe cautela com testamentos. As doenças fulminatórias chegam de assalto, e, se a sua papelada não estiver em ordem, você padecerá muitas humilhações, através de tribunais e cartórios.

Sobretudo, não se apegue demasiado aos laços consangüíneos. Ame sua esposa, seus filhos e seus parentes com moderação, na certeza de que, um dia, você estará ausente deles e de que por isso mesmo, agirão quase sempre em desacordo com a sua vontade, embora lhe respeitem a memória. Não se esqueça de que, no estado presente da educação terrestre, se alguns afeiçoados lhe registrem a presença extraterrena, depois dos funerais, na certa intimá-lo-ão a descer aos infernos, receando-lhe a volta inoportuna.

Se você já possui o tesouro de uma fé religiosa, viva de acordo com os preceitos que abraça. É horrível a responsabilidade moral de quem já conhece o caminho, sem equilibrar-se dentro dele.

Faça o bem que puder, sem a preocupação de satisfazer a todos. Convença-se de que se você não experimenta simpatia por determinadas criaturas, há muita gente que suporta você com muito esforço.

Por essa razão, em qualquer circunstância, conserve o seu nobre sorriso.

Trabalhe sempre, trabalhe sem cessar.

O serviço é o melhor dissolvente de nossas mágoas.

Ajude-se, através do leal cumprimento de seus deveres.

Quanto ao mais, não se canse nem indague em excesso, porque com mais tempo ou menos tempo, a morte lhe oferecerá o seu cartão de visita, impondo-lhe ao conhecimento tudo aquilo que, por agora, não lhe posso dizer.



TEXTO Nº 2

Como não?

Espíritas generosos visitavam a grande colônia de alienados mentais, em tarefa de assistência.

Manhã fria, muito fria.

Aqui, era alguém distribuindo cobertores.

Adiante, senhoras entregavam agasalhos.

Avelino Penedo, velho pregador dos princípios Kardequianos, muito ligado aos aperitivos, entra na pequena farmácia do instituto, retira certa quantidade de conhaque de alcatrão e, esfregando os dedos, volta à intimidade dos companheiros.

— Minha gente! — diz ele — a casa parece sorvete! Quem quer uma tagada?

Todos os circunstantes agradecem e recusam.

Percebendo-se só, diante do cálice já servido, Avelino, sem graça, aproxima-se de um dos internados e indaga:

— Você quer, meu irmão?

— Como não? — responde o enfermo.

E estendendo a mão ossuda na direção do copo, acentuou, sorrindo, de modo estranho:

— Todo louco bebe.



TEXTO Nº 3

Mensagem Breve

Realmente você tem razão quando afirma que o mundo parece modificado e que precisamos imenso desassombro para viver dentro dele.

Os últimos cinqüenta anos operaram gigantesca reviravolta nos costumes da Terra. A casa patriarcal que havíamos herdado do século XIX transformou-se no apartamento a dependurar-se nos arranha-céus; a locomotiva enfumaçada é quase uma jóia rara de museu à frente do avião que elimina distâncias; a gazeta provinciana foi substituída pelos jornais da grande imprensa; e os saraus caseiros desapareceram, ante a invasão do rádio, cuja programação domina o mundo.

O automóvel, o transatlântico, o cinema e a televisão constituem outros tantos fatores de informe rápido, alterando a mente do povo em todos os climas.

E a garantia dos cidadãos? Em quase todos os países, há leis de segurança para empregados e patrões, homens e mulheres, jovens e crianças.

Há direitos de greve, litígio e descanso remunerado.

Existem capitães da indústria e comércio, acumulando riquezas mágicas de um dia para outro, desde que não sonquem o imposto relativo aos monopólios que dirigem contra a harmonia econômica.

Temos operários desfrutando inexplicável impunidade, da destruição das casas em que trabalham, com a indisciplina protegida em fundamentos legais.

Há jovens amparados na difusão da leviandade e da mentira, sem qualquer constrangimento por parte das forças que administram a vida pública.

Não estamos fazendo pessimismo.

Sabemos que o mundo permanece sob o governo místico das rédeas divinas e não ignoramos que qualquer perturbação é fenômeno passageiro, em função de reajuste da própria região onde surge o desequilíbrio.

Com as nossas observações, tão-somente nos propomos reconhecer que a criatura humana de nossa época está mais livre e, por isso, mais destacada em si mesma.

Nos grandes períodos de transição, qual o que estamos atravessando, so-

mos como que chamados pela Sabedoria Divina a provar nossa maturidade interior, nossa capacidade de autodireção.

Daí resulta a desordem aparente, em que somos compelidos à revelação da própria individualidade.

Na organização coletiva, no grupo social, na equipe de trabalho ou no reduto doméstico, vê-se o homem de hoje obrigado a mostrar-se tal qual é, classificando-se, de imediato, pela própria conduta.

As dissensões, os conflitos, as lutas e os embates de todas as procedências oferecem a impressão de caos, provocando a gritaria dos profetas da decadência, e, por isso mesmo, as almas que não se armaram de fé e que não se sustentarem fiéis às raízes simples da vida sofrem pavorosos desastres psíquicos, que as situam nos escuros domínios da alienação mental.

Cresce a loucura em todas as direções.

O hospício é a última fronteira dos enfermos do Espírito, de vez que se agitam eles em todos os setores de nosso tempo, à maneira de consciências que, impelidas ao auto-exame, tentam fugir de si mesmas, humilhadas e estarecidas.

Em razão disso, creia que o melhor caminho para não cair nas mãos dos psiquiatras é o ajustamento real de nossa personalidade aos princípios cristãos que abraçamos, porque o problema é da alma e não da carne.

Não precisaremos discutir.

A hora atual da Terra é inegavelmente dolorosa, mas a tempestade de hoje passará, como as de ontem.

Refugiemo-nos em Cristo.

O Senhor é a nossa fortaleza.

Se tivermos bastante coragem de viver o Cristianismo em sua feição pura, na condição de solitários carregadores de nossa cruz, poderemos encarar valerosamente a crise e dizer-lhe num sorriso confiante: — “vamos ver quem pode mais”.



XAVIER, Francisco Cândido. *Cartas e Crônicas*. Pelo Espírito Irmão X. 9. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1996, p. 167-169.



ANEXO 2

Ficha para elaboração do Plano de Melhoria Moral

PLANO DE MELHORIA MORAL						
Vícios/Im- perfeições a vencer (ordem priori- tária)	Virtudes/ Qualidades a conquistar (ordem priori- tária)	Plano Diário de Ação		Execução do Plano		Avaliação dos Resultados
		no combate aos vícios/im- perfeições	na aquisição de virtudes/ qualidades	obstáculos	fatores fa- voráveis	